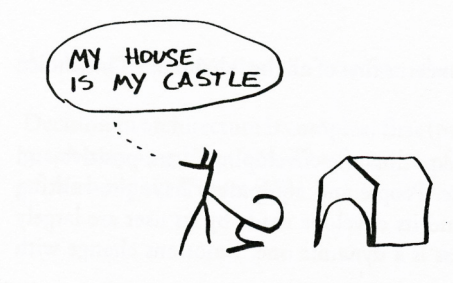



"Rationalism is also a kind of emotion"
(Yona Friedman)

Aos meus pais, irmã e família pelo apoio, motivação e contribuição preciosa.
À Catarina pela "estranha" paciência, pela presença constante e por me ajudar a ver tudo de outra forma.
Aos colegas que partilharam e apoiaram esta experiência.
Aos amigos que atrasaram a entrega.
Ao professor Nuno Grande pela disponibilidade e pela inestimável ajuda.
E a todos aqueles que me esclareceram sobre o tema.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Vitório Ribeiro Tavares de Vasconcelos Leite

Docente orientador: Professor Doutor Arquitecto Nuno Alberto Leite Rodrigues Grande
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto 2009/2010 ©

# Resumo

A presente dissertação analisa o tema da participação na arquitectura e a sua importância na definição do habitat, quer no Primeiro, quer no Terceiro Mundo, como uma forma de responder aos problemas habitacionais e às novas necessidades sociais e culturais dos habitantes.

Contextualiza-se a origem das ideias de participação na década de 1960, tendo em conta as profundas mudanças nas formas de vida e o debate ideológico sobre a postura social do arquitecto, e sintetizam-se quatro distintos ambientes do Primeiro Mundo: *a Europa central e a força urbana das Ciências Sociais; os EUA suburbanos e "gentrificados"; a Grã-Bretanha e o Norte utópico e reformista; e a Itália da "Tendenza" Mediterrânica;* que contribuíram para a reforma do pensamento arquitectónico e proporcionaram uma nova visão sobre a arquitectura vernacular e a realidade terceiro-mundista.
A análise ao debate português considera o imobilismo do Estado Novo ao nível das políticas sociais, definindo o acompanhamento e a absorção das novas orientações exteriores, e confirma, já no pós-revolução, a difusão universal de uma nova postura arquitectónica, do qual o SAAL se tornou paradigma.
As três realidades latino-americanas estudadas, Peru, Brasil e Chile, evidenciam diferentes formas de actuação perante a necessidade habitacional extrema, que proporcionaram teorias, modelos e técnicas de participação e auto-construção, alimentando o debate no Primeiro Mundo.

O trabalho pretende demonstrar a leitura universal do tema da participação na arquitectura e comprovar a importância das posturas arquitectónicas, desenvolvidas durante as décadas de 1960 e de 1970, as quais, aparentemente, emergem agora em novos actores, pela reminiscência de práticas antigas, enfatizadas pela actual crise económica e financeira.

# Abstract

The following dissertation analyzes the subject matter of participation in architecture and its importance in defining the habitat, both in the First and Third World, as a way of responding to the housing issues and to the new social and cultural inhabitants' necessities.

The origin of participation ideas is contextualized in the decade of 1960, having in account the deep changes in the ways of life and the ideological discussion on the social posture of the architect; and four distinct environments of the First World are synthesized: Cen*tral Europe and the urban task of Social Sciences; The suburban and "gentrificated" USA; The United Kingdom and the utopian and reformer North; and Italy and the Mediterranean "Tendenza";* which contributed to the reformation of the architectonic thinking and allowed a new point of view on vernacular architecture and the Third World's reality.
The Portuguese discussion is analyzed, considering the immobilized social politics of the Estado Novo' administration, explaining the accompaniment and the absorption of the new exterior guide lines and demonstrating, already in the post-revolution period, the universal diffusion of a new architectonic posture, which SAAL became a paradigm.
The three Latin-American realities under study, Peru, Brazil and Chile, confirm the different forms of acting to face the extreme housing needs, which proportionate theories, models and techniques of participation and self-building, feeding the discussion in the First World.

The work pretends to demonstrate the universal lecture of the issue: participation in architecture, and to prove the importance of the architectonic postures developed during the decades of 1960 and 1970, which, apparently, are now emerging in new characters, thanks to the comprehension of antiques practices and emphasized by the present financial and economical crisis.

# Arquitectura da Participação
O debate sobre o habitat participado
entre o Primeiro e o Terceiro Mundo
1960-2010


Introdução 11

1. A década de 60,
arquitectura da participação cívica

1.1. O debate sobre a Participação no Primeiro Mundo 23
1.1.1. A Europa central e a força urbana das Ciências Sociais 27
1.1.2. Os EUA suburbanos e "gentrificados" 33
1.1.3. A Grã-Bretanha e o Norte utópico e reformista 39
1.1.4. Itália e a "Tendenza" Mediterrânica 63

1.2. A Participação no Terceiro Mundo, vista do Primeiro Mundo 69
1.2.1. "Architecture Without architects" 69
1.2.2. Duas realidades = Duas tecnologias 75

1.3. O debate português 81
1.3.1. Portugal: 1969-1974 83
1.3.2. A "participação" portuguesa – O SAAL 87

2. A América Latina como fomento da participação,
debate no Terceiro Mundo

2.1. O Peru e o aparecimento de John F.C. Turner 93
2.1.1. O peruano John Turner 94
2.1.2. A experiência do PREVI 101

2.2. O Brasil orgânico e puxadinho 109
2.2.1. Carlos Nelson dos Santos e a integração urbana da favela 111
2.2.2. O programa Favela-bairro (1993-2000-20...) 121

2.3. Chile: 50 anos de participação 129
2.3.1. Las viviendas progresivas 133
2.3.2. Habitação ELEMENTAL 138

3. Conclusão,
como participar hoje?

3.1. A participação na actualidade 151

3.2. Participação ideológica vs Participação desenhada 155

3.3. Participação na cidade consolidada 165

Considerações Finais 175

# Introdução

*"O mundo já passou nesse momento a marca de 50% de pessoas que moram na cidade. Na América Latina, 75% das pessoas moram em cidades. Os problemas gerados são a falta de planeamento dessas cidades, que se reflectem em uma demanda não satisfeita por serviços básicos: água, esgotos e lixo. No caso da América Latina, agora o problema central é a regularização das propriedades e o serviço de estrutura das nossas cidades"* [1]

Na actualidade, vivemos um período de recessão económica e de escassez de recursos e, pela primeira vez na História, o número de habitantes das cidades é maior que o número de pessoas em áreas rurais.[2] Chegamos a um momento simbólico marcante para a nossa sociedade, talvez seja a hora de repensar as urbes que habitamos e os nossos modos de vida.
Se é verdade que a cidade foi factor essencial para o desenvolvimento humano e que continua a ser fundamental para o continuado crescer cognitivo e social das pessoas, também é verdade que está doente e necessitada de outro tipo de valores, que não os vigentes.

É hoje fundamental a participação das pessoas nas decisões, na construção e na vida da cidade, não se podendo permitir que se torne o problema ou o caso de estudo de apenas alguns.
As esferas das disciplinas arquitectura e urbanística podem ter um papel importante nesta necessária mudança de mentalidades, enquanto matérias específicas e complementares a outras, que se revelaram tão ou mais importantes no desenho do território em que hoje vivemos.

Contudo, motivação para este trabalho não surge apenas pela sensibilidade para o tema da participação, nasceu também de uma experiência pessoal de intercâmbio académica, intensa e bastante proveitosa.
O ano passado na América Latina permitiu-me uma visão crítica e uma postura diferente perante as problemáticas que encontrava habitualmente em Portugal, fosse no âmbito da arquitectura ou de outras disciplinas. Agora, de volta ao mundo em que até agora vivi, tento adaptar-me, reflectindo, estabelecendo uma conexão e simultaneamente percebendo as diferenças entre as duas realidades que tive a oportunidade de viver, experienciar e estudar.

Durante os conturbados *sixties,* o mundo mudou radicalmente. As visões anti-capitalistas e libertárias demonstraram a sua força e presença no epicentro europeu do conhecimento, Paris. O Maio de 68 foi a expressão de um novo pensamento, contra as instituições, os estados deterministas e liberais e contra as políticas vigentes, fossem elas provenientes do domínio militar dos Estados Unidos da América ou do Comunismo Soviético.

[1] Jorge Gavidia, discurso para a Rádio ONU durante o encontro do UN-Habitat em Nairobi, Abril de 2007. (disponível em http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/155399.html).

[2] Segundo Anna Tibaijuka, directora executiva do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos – UN-Habitat (disponível em http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/155399.html).

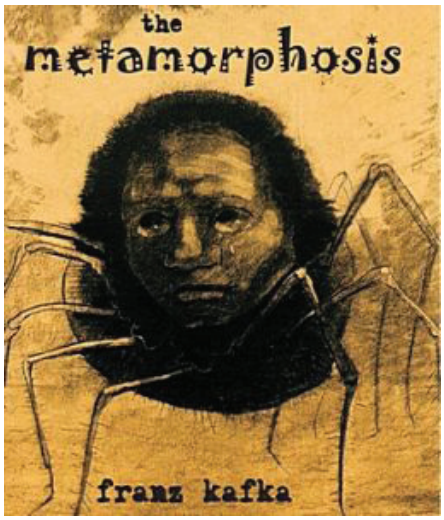
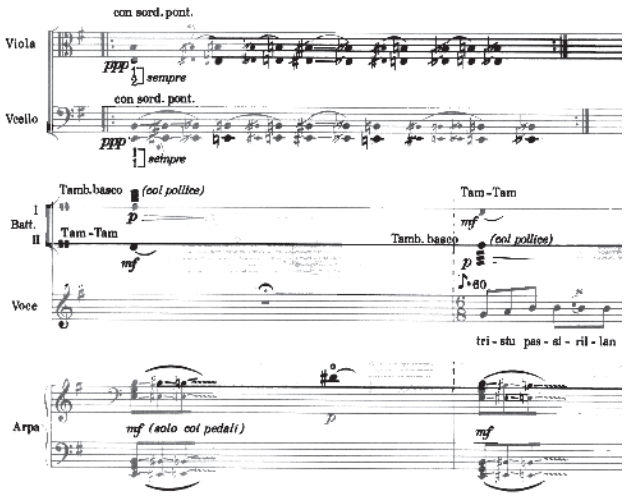


fig.1 Franz Kafka: capa do livro "A Metamorfose"
fig.2 Luciano Berio: extracto de partitura das "Folk Songs"

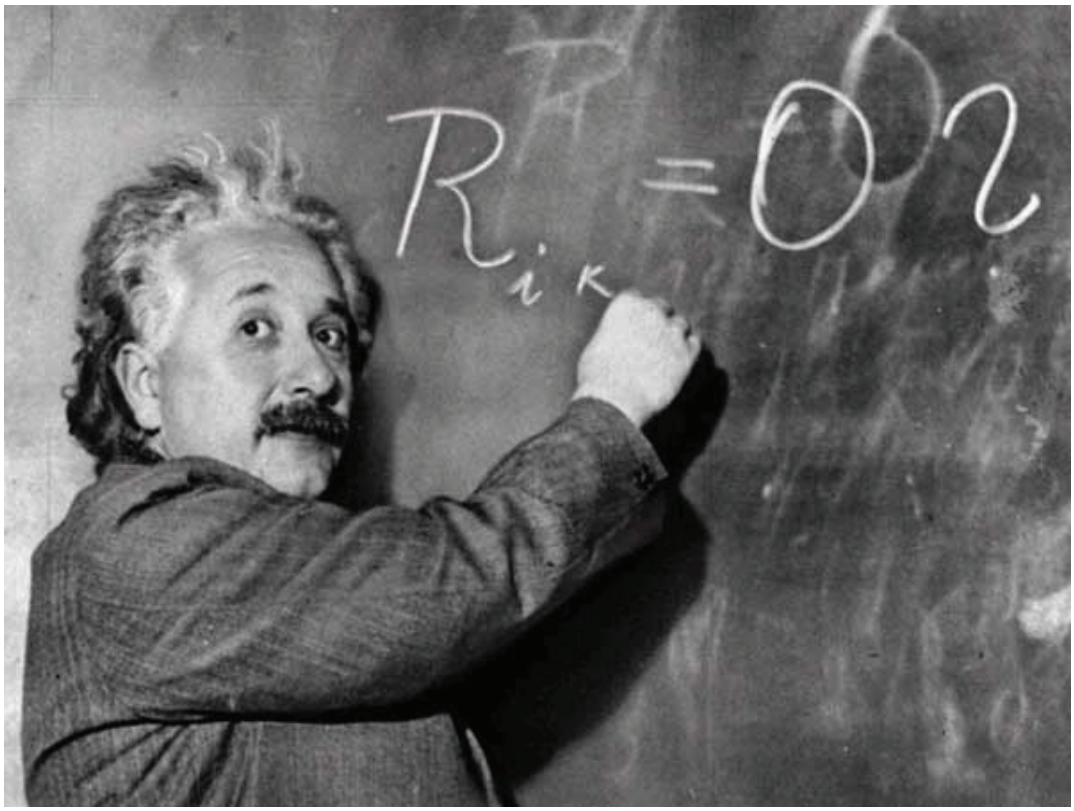


fig.3 Albert Einstein: autor da Teoria da Relatividade

*"A retórica espontaneísta do «contra» deixou marcas profundas e a actual paisagem humana e social seria bem diferente sem ela: contra o Estado e os seus mecanismos de enquadramento; contra a família convencional e o recalcamento sexual; contra o racismo e a subordinação das mulheres e crianças; contra a escola disciplinadora e reprodutora das desigualdades; contra o trabalho penoso e o consumo alienante, etc.. Tudo isto é irreversível, tendo sido absorvido e massificado até ao limite do relativismo ante a falência das crenças autoritárias."*[3]

Esta importante alteração das mentalidades colocou em questão o "Homem moderno", e a relação deste com a arte alterou-se fortemente. E foi a partir da crítica feita a escolas como a Bauhaus e correntes como o Abstraccionismo, que a arte como ideia ganhou adeptos, enquanto a arte como forma ou objecto foi perdendo.
A esta abertura ideológica, juntou-se uma vontade de intervenção e representação cívica, e o campo da criação abriu-se à liberdade e à massificação que a conjuntura exigia. Os artistas começaram a manifestar interesse pelo mundano e o quotidiano e as ciências sociais a marcar presença constante no meio artístico, o que proporcionou uma maior e mais directa interacção com a vida das pessoas.
Neste período a arte transformou-se, poderia ser também algo efémero, com um limite, um artista e um utente/espectador que começou a poder fazer parte da obra, tornando a dimensão temporal desta muito importante. A importância do fazer, da flexibilidade e das diferentes formas de ver a mesma realidade, ganham nesta altura grande preponderância nos pensamentos artísticos. Já não se valoriza apenas o resultado final, mas também o *modus operandi*.
Ao abrigo deste impulso artístico, a participação do usuário, que antes não passava de um espectador da obra de arte, começava a ser determinante.

Umberto Eco, quando escreve sobre " a obra aberta"[4], tenta expressar esta consolidação de uma nova dialéctica entre a obra de arte e o intérprete, identificando alguns autores e obras que ele vê como os precursores de uma mudança radical na arte e no pensamento humanista.
Eco parte do princípio que cada um observa a obra de arte com um olhar crítico e que cada usuário tem uma sensibilidade particular, condicionada pelo gosto, cultura e pré-juízos que formou, viveu e experienciou até à data.
Na colectânea de textos teóricos da *"indeterminação da forma poética"*[5], o filósofo defende que a obra de arte não se deve esgotar a cada execução e a cada interpretação, e que deve ser paralela e complementada por todas as outras. Esta total abertura ao novo e ao desconhecido é a grande possibilidade fundamental do usuário e do artista. Desta forma, qualquer obra teria movimento, seria dinâmica e permitiria mutações. Logo, para haver arte, a obra teria que ser aberta.[6]

Esta transformação artística, científica e social é, naturalmente, contemporânea da crise do Movimento Moderno e da reforma dos CIAM[7]. Todas as linhas de orientação, pensadas e descritas até aqui, como necessárias para uma boa e inovadora arquitectura foram profundamente

[3] **Villaverde Cabral,** Manuel (2008).

[4] **Eco,** Umberto (1962).

[5] Idem. p.6

[6] Segundo Eco, é no período Romântico, que os autores começam a estar conscientes da "obra aberta" e do seu poder simbólico e metafórico, mais exactamente através do livro *"Le Livre,"* de Mallarmé. Mais tarde, a "abertura" espalha-se nas mais diversas artes, tais como a música, com *Luciano Berio* ou *Karlheinz Stockhausen*, na literatura, com *Franz Kafka* ou no teatro com *Bertolt Brecht*. Um pouco mais tarde, chega mesmo a outras disciplinas como a Filosofia, a Física, a Psicologia e até mesmo à Física Quântica de Albert Einstein.

[7] Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (*Congrès internationaux d'architecture moderne*), organização fundada em 1928 e desmantelada em 1959 que promoveu a Arquitectura do Movimento Moderno.

alteradas, o pensar arquitectónico voltou-se, assim, para uma vertente mais exploratório de temas como a história, a envolvente e participação social.
O grupo saído do último CIAM, o *Team X*[8], apareceu assim como um dos principais motores desta alteração, levando a arquitectura e o urbanismo a acompanhar paralelamente a realidade social e artística que se fazia sentir, determinadas por um espírito contracultural, marcado pelos ideais políticos e sociais do Maio de 68 e pela intervenção urbana e provocação social produzidas por movimentos e pensadores como a Internacional Situacionista[9].
Após esta reforma critica, o *International Style* deu lugar a uma divisão regional de formas de ver e usar a arquitectura. Enquanto os arquitectos do norte da Europa apresentavam um pensamento de pesquisa e de exploração espacial e social, como é visível no caso do emblemático casal Smithson, os arquitectos do sul do continente europeu voltaram-se para o reviver da cidade histórica e o repensar de signos e tipos que conformam a arquitectura e a cidade, ideias sintetizados por Aldo Rossi e difundidas e praticadas pela *Tendenza* italiana.
Na sequência deste pensamento de valorização do processo dá-se uma maior relevância ao factor tempo na arquitectura e no urbanismo, que, apresentada pelo arquitecto Fernando Távora como a "quarta dimensão",[10] vai ter um papel fundamental para o repensar do projecto arquitectónico, reflectindo-se nos ideais de uma arquitectura mais participada pelo utente, relacionada directamente com as novas necessidades e formas de pensar do Homem.

*"Deslocando o seu corpo, construindo a sua casa, arroteando um campo, escrevendo uma carta, vestindo-se, pintando, conduzindo o seu automóvel, levantando uma ponte, poderíamos dizer – vivendo – o homem organiza o espaço que o cerca, criando formas, umas aparentemente estáticas, outras claramente dinâmicas."*[11]

Na Inglaterra, este espírito reformista motiva o Ministro da Habitação e Governo Local Inglês, em 1968, a encomendar a Arthur M. Skeffington, um "Report" dos melhores métodos para publicitar e garantir a participação dos cidadãos nas etapas iniciais dos planos urbanísticos.
Este pedido foi formalizado, já em 1969, na publicação do *Skeffington Report*, documento que contrariava a soberania requerida pelos arquitectos e projectistas modernos, dando voz e poder à vontade pública.
O pensamento ideológico de participação pública formado até aí, e registado neste primeiro *"Report",* vai servir de base para todos processos de participação da população nos planos, projectos e regulamentos. No entanto, esta vontade não deu lugar a um desejo uno de civismo ideológico e a participação pública ficou aquém da imaginada, acabando por se tornar demasiado formalizada e burocratizada, tal como a encontramos neste momento em Portugal e em grande parte no dito "Primeiro Mundo"[12].

[8] O *Team X* era um grupo de arquitectos e outros participantes formado em Julho de 1953, durante o 9º Congresso do CIAM, que começou por refutar a urbanística Moderna defendida por Le Corbusier. *"The term "Equipe X" and "Team X" appeared for the first time in documents authored by CIAM Alger and Candilis in preparation for the Paris meeting, for their role in preparing for the CIAM X congress."* (**Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den - 2005). p.44

[9] Internacional Situacionista, ou *Internationale situationniste*, era um movimento de artistas e intelectuais revolucionários, que a partir de 1957 criticam a sociedade de classes e o que acreditavam ser o sistema opressivo da civilização, a sociedade capitalista. Eram defensores de ideais Marxistas e acompanhavam os movimentos artísticos de vanguarda.

[10] No mesmo ano que Umberto Eco publica a "Obra Aberta", Fernando Távora publica o "Da organização do Espaço. Ambos declaram a importância da *Teoria da Relatividade,* de Albert Einstein e a sua nova noção *"do espaço-tempo,"* (**Távora,** Fernando – 1962. p.12) fundamental para entender a renovação contínua, a indeterminação e a relatividade das múltiplas experiências, inerentes à arquitectura e à vida.

[11] **Távora,** Fernando (1962). p.14

[12] Esta designação é baseada na Teoria dos Mundos, que consistiu numa subdivisão mundial por grandeza económica, entre os anos 1945 e 1990: no Primeiro Mundo estavam as nações desenvolvidas (EUA, Inglaterra...), no Segundo Mundo as nações do bloco socialista (União Soviética e aliados) e no Terceiro Mundo as restantes.

A participação na arquitectura surgiu, assim, como alternativa a um arquitecto passivo, acontecendo de forma mais veemente em países menos desenvolvidos, onde as pessoas lutavam com maior intensidade para ultrapassarem situações de pobreza extrema. Apareceu, assim, uma nova forma de pensar a arquitectura, motivada pela necessidade de habitação e apoiada em teorias de participação e auto-construção de pensadores como John Turner, John Habraken e Christopher Alexander, que defendiam uma arquitectura de carácter pedagógico e praticável por todos os interessados em construir a sua própria casa.
Segundo o arquitecto e crítico Josep Maria Montaner, Christopher Alexander[13] foi o autor da metodologia *"mais transcendente,"*[14] pois através da investigação matemática dos padrões de vida das pessoas e de símbolos urbanos e arquitectónicos, tentou encontrar um processo mecânico, que sem "a arquitectura" ou os desejos do arquitecto, mostrasse todas as possibilidades construtivas, estéticas e simbólicas.
Estas possibilidades eram apresentadas ao usuário sob a forma de um "manual de padrões", mais que uma obra directamente influente em práticas de participação, revelou-se um ensaio crítico ao determinismo e funcionalismo do pensamento moderno.

Neste ambiente de libertação ideológica e participação cívica, o Arquitecto revelou alguma dificuldade como decisor e desenhador das formas de vida das pessoas, deixando grande parte destas tarefas para as ciências sociais e políticas, não conseguindo acompanhar a relevância social destas.
Mais tarde, influenciado pelo espírito consumista e pop da época, o que o tornou socialmente menos preponderante, o arquitecto deixou de lado grande parte da sua génese crítica e prática, ganhando no entanto reconhecimento pela autoria de obras cada vez mais emblemáticas, tecnológicas e identitárias.

*"Para os arquitectos, a descoberta do seu declínio como ideólogos activos, a constatação das enormes possibilidades tecnológicas utilizáveis para racionalizar as cidades e os territórios, juntamente com a constatação diária da sua dissipação, o envelhecimento dos métodos específicos do projectar, mesmo antes de poder verificar as suas hipóteses na realidade, geram um clima de ansiedade que deixa entrever no horizonte um panorama muito concreto e temido como o pior dos males: o declínio do "profissionalismo" do arquitecto e a sua inserção, já sem obstáculos tardo-humanísticos, em programas onde o papel ideológico da arquitectura é mínimo."*[15]

Era principalmente, nos países mais necessitados, como é o caso concreto da América do Sul, que o trabalho do arquitecto se confundia com o do político e que a obra de arquitectura se misturava, de forma eficaz, com o trabalho artesanal de alguns utentes, conferindo assim, à cidade, ao bairro, à rua ou à casa, uma maior identidade.
Nesta zona do globo os movimentos sociais e revolucionários dos anos 60 tiveram uma importância fundamental na definição política do continente: se em Cuba Fidel Castro e Che Guevara orientaram revolucionariamente o regime governativo, influenciados pelos ideais Marxistas da União Soviética, já no Chile, um governo socialista chegou ao poder por via democrática.
Motivados pelos acontecimentos sociais no velho continente e pela revolta contra o que se dizia uma exploração colonialista dos países desenvolvidos, os países Latino Americanos procuravam e esforçavam-se por alcançar a independência económica, política e até mesmo social.
No entanto, este esforço nem sempre foi bem canalizado, o que resultou em conflictos, inde-

[13] Christopher Alexander (1936) é um matemático e arquitecto austríaco, autor do influente livro "*Patronos y Synthesis da Forma"* e mais recentemente, do *"Patternlanguage.com."*

[14] **Montaner**, Josep Maria (2001). p.132

[15] **Tafuri,** Manfredo (1985). P.115

finições fronteiriças e problemas sociais graves, que levaram a um aumento exponencial da população urbana e, consequentemente, a défices de habitação e a problemas de ocupação de territórios alheios.
Na América Latina actual, a realidade tornou-se ligeiramente diferente, mas os problemas mantêm-se. No entanto, alguns países já conseguiram vencer grande parte dos desafios a que se propuseram e hoje são potenciais centros económicos e de decisão global.
É neste contexto, que a personagem do arquitecto sul-americano ganha outra dimensão. Ao contrário do que acontece nos ditos países capitalistas, a relevância social do arquitecto manteve-se determinante durante os últimos 50 anos, enquanto actor primordial no desenho de decisões urbanas e sociais.
Enquanto os principais arquitectos do Primeiro Mundo, das últimas três décadas, são criticados pela sua fraca preponderância social, os que trabalham na América Latina, como John F.C. Turner ou Carlos Nelson dos Santos, vão-se especializando noutros campos, como a sociologia, a antropologia ou a economia, deixando um pouco de lado a sua disciplina e a ferramenta básica do desenho, como se comprova no percurso de ambos.
Ainda hoje, o arquitecto sul-americano tem uma postura de participação diferente das visões mais estabelecidas na nossa realidade próxima, seja perante os problemas urbanos mais minuciosos ou até mesmo perante questões macroeconómicas.

Neste contexto, de forma a clarificar o estudo, o trabalho divide-se em três fases distintas.
Na primeira fase, contextualiza-se a origem das ideias de participação procurando-se perceber os movimentos e as personagens que protagonizaram esta mudança radical na forma de entender a arquitectura, a cidade, o mundo e a vida.
Tenta-se sintetizar e articular todos os parâmetros, que ao mesmo tempo que formavam uma sociedade participativa e de massificação cultural, levaram a uma crise ideológica e lançaram, no Primeiro Mundo, o debate sobre a arquitectura da participação, demonstrando que não se tratava apenas de uma procura de soluções para o Terceiro Mundo, mas uma tentativa de resolver os problemas habitacionais de uma realidade global.

Na segunda fase reflecte-se sobre as problemáticas criadas por três casos distintos de políticas e projectos de participação, todos eles referentes a países da América do Sul.
Revisita-se esta parte do globo, não como apenas um continente necessitado e com falta de habitação, mas como uma realidade favorável e propícia à inspiração de muitas teorias, modelos ou técnicas de participação e auto-construção.
O primeiro é o caso Peruano, em que o personagem incontornável de John F.C. Turner inicia os seus estudos das *barriadas* e os seus primeiros trabalhos de *site&service*.
O segundo, é o caso Brasileiro, em que a complexidade da cidade informal ganha dimensões diferentes de todas as outras. A realidade das favelas e das cidades brasileiras torna impensável ver a cidade como um todo igual e regrado, pelo que foi necessário pensar *"caso a caso"*.[16]
O terceiro caso, e talvez o mais exponencial no panorama actual, é o Chileno, por ser também o mais reflexivo em arquitectos e políticas habitacionais correntes. Trata-se de um país em que as emblemáticas políticas de participação já têm mais de 50 anos e que apenas foram interrompidas por um "lapso" de modernismo excêntrico e pouco ligado a questões urbanas, mais vocacionado para deveres políticos.

16 *"Nas favelas do Rio não se pode jogar à estrutura, deve jogar-se ao caso (...) cada caso é um caso e necessita de uma avaliação própria, semelhante ao que deveria acontecer no casco histórico do Porto."* (**Fernandes Sá**, Manuel, comunicação pessoal, 18/11/2010)

No Chile existe mesmo o conceito de *"participacionismo"*[17], palavra castelhana usada principalmente por arquitectos e sociólogos, quando querem definir políticas tomadas para soluções de habitação rápidas e com participação pública, o que é uma exigência actual do próprio governo e das organizações que promovem e realizam a *"vivienda social"*.

Na terceira e última parte, elabora-se uma concretização ou conclusão, procurando encontrar uma conexão entre as diferentes realidades estudadas e estabelecer uma ponte ideológica desde os anos 60 até à actualidade e entre a realidade sul americana e a nossa.
Apoiado nesta conexão e em duas experiências pessoais que tive a oportunidade de viver durante o desenvolvimento deste trabalho: as actividades do grupo GRUA[18] e a participação no concurso académico de reabilitação da Cova da Moura. para a Trienal de arquitectura: Falemos de Casas,[19] tento constituir um  pensamento sobre duas situações paradigmáticas muito próximas de mim.
Esta conclusão fundamenta-se em ideias e teorias que vieram sendo desenvolvidas, abandonadas e retomadas desde os anos 60 até aos dias de hoje.

Na Europa, se alguns arquitectos e críticos têm tido algumas posições consequentes socialmente, muitos passaram as últimas décadas projectando e pensando a arquitectura como um luxo, como um fim com um valor acrescentado e dificilmente como um meio essencial para alcançar algo.
Na América do Sul, o pensamento é um pouco distinto. Apesar de alguma falência de bases teóricas e da, por vezes escassa, crítica ao que é importado de países mais ricos, os arquitectos desenvolveram apetências variadas e são hoje personagens importantes no meio onde vivem. Conseguem assim articular disciplinas como a arquitectura e a urbanística com a sociedade e a economia, de uma forma válida e interessante para toda a população. Grupos emergentes como os Supersudaca ou o Elemental, são exemplos flagrantes de uma continuada provocação que demora a aparecer no nosso mundo capitalista em crise.

Devido ao âmbito alargado e à actualidade do tema tratado, as três partes foram organizadas a partir de uma recolha e revisita das mais variadas fontes bibliográficas e experiências vividas, sejam elas livros, artigos, documentos, jornais, conversas ou mesmo diários de viagens.
Não me proponho apenas a fazer uma mera reflexão de um tema arquitectónico ou urbano, mas sim um exercício de articulação de ideologias, correntes filosóficas ou pensamentos, que foram reflectidas nos últimos anos e integradas aqui num discurso que tentei o mais estruturado e conciso possível.

[17] Conceito, em castelhano, que define uma forma de governação semelhante ao da democracia participativa.

[18] G.R.U.A. (Grupo para a Revitalização Urbana Agora!) é um grupo formado por alguns alunos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, que pretende: estudar formas de revitalização urbana e social de áreas problemáticas; promover a participação da populução nos programas de revitalização onde esta é deficiente ou inexistente; promover a comunicação entre os agentes directamente envolvidos nos programas em estudo; e desenvolver acções recreativas e culturais de clara beneficiação e contacto próximo com as populações envolvidas.
Durante o ano lectivo de 2009/2010 o grupo organizou algumas actividades, como workshops de desenho para crianças e um colóquio sobre a reabilitação urbana da cidade do Porto, o "*Report: Colóquio sobre reabilitação urbana e impacto social",* que promoveu o debate sobre as transformações que ocorrem na cidade e visou proporcionar e amplificar um desejado encontro entre esta e a própria Universidade.

[19] Este ano a Trienal de Arquitectura, que tem como título, "Falemos de Casas", promoveu um concurso académico que sugeria uma intervenção de reabilitação e melhoramento do Bairro da Cova da Moura, no qual tive a oportunidade de participar.

# 1. A década de 60,
## a arquitectura da participação cívica

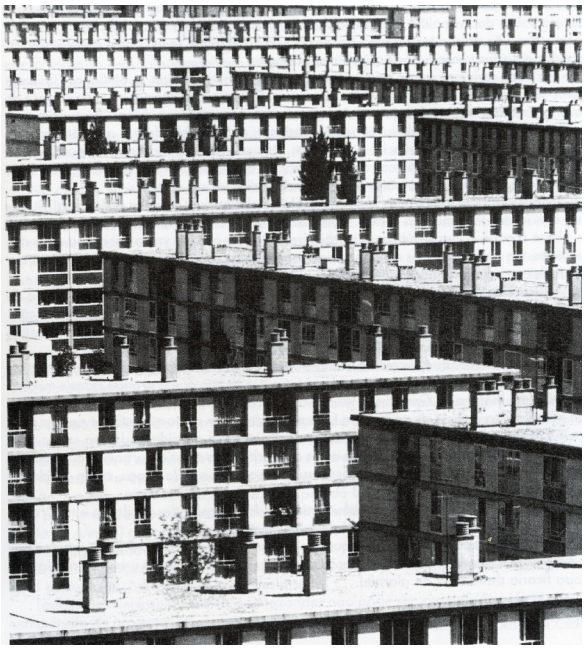


fig.4 (dir. cima) Manifestação contra o governo de Charles De Gaulle (Paris, Maio de 1968)
fig.5 (dir. baixo) Revolucionário durante o Maio de 1968
fig.6 (esq) Sarcelles: "Grand Ensemble" mítico da região de Paris, um dos focos da revolta

# 1. A década de 60,
## a arquitectura da participação cívica

### 1.1. O debate sobre a Participação no Primeiro Mundo

No final do Movimento do Moderno, com a evolução provocada pelo pós-guerra e pelas melhorias económicas nos países de sistema liberal, verifica-se uma grande transformação do habitat urbano, o que proporcionou profundas mudanças sociais. Chegou-se a um período de viragem: da "cidade moderna" passamos para o que hoje consideramos a "cidade contemporânea", noção que apenas é consolidada nos finais da década de 70. Esta viragem foi fruto da revolta ideológica e contracultural contra os sistemas de vida referenciados pela modernidade.

Apesar da reacção humanista imediata do pós-guerra, a sociedade cedo se voltou para um quotidiano tecnocrata e uniforme, criado por um clima socioeconómico baseado no Fordismo[1], na massificação e no conformismo generalizado. Nesta altura, a fábrica surgiu como o símbolo que melhor representava o que era a sociedade, um conjunto de fazeres mecânicos e um Homem quase idealizado segundo uma racionalidade robótica: diariamente e repetidamente realizava as mesmas tarefas, para conseguir ganhar condições económicas que lhe facultassem credibilidade para pertencer à sociedade consumista estabelecida.

*"The sense of exclusion, from decision-making and thus from power, reflected another dimension of the Sixties whose implications were not fully appreciated at the time."*[2]

Maio de 68

O controlo exercido por esta sociedade e pelos regimes e líderes autoritários fomentou o sentimento de exclusão, que proporcionou o clima revolutivo da década 60, mais tarde desvendado nas diversas erupções que aconteceram pelo mundo. Na Checoslováquia e na Polónia, a revolta anti-comunista apenas foi travada pelos tanques soviéticos, na Inglaterra e nos EUA multiplicaram-se os protestos contra a guerra na Indochina e em Paris originário dos Campus Universitários e dos suburbanos *Grands Ensembles* surgiu o *Maio de 68*[3], uma revolta estudantil, intelectual e ideológica, de jovens cansados do paternalismo estatal e da cidade que lhes fora imposta que lançaram uma nova forma de olhar o mundo.

*"The following May Paris exploded. Students and workers took to the streets, barricades were erected, cars overturned, and institutions occupied."*[4]

Torna-se complexo definir este momento singular e as transformações que provocou: se por um lado foi o volte-face para uma nova forma de olhar o quotidiano e as novas ideologias sociais,

[1] Fordismo é o termo referente ao modo de produção em cadeia iniciado por Henry Ford, fabricante de automóveis americano que produziu o famoso Ford T.

[2] **Judt,** Tony (2005) p.407

[3] No dia 10 de Maio saíram, da Universidade de Nanterre (periferia de Paris), para a cidade e para a Sorbonne estudantes insatisfeitos com a politica e a sociedade daquele momento. Mais tarde, já na cidade juntaram-se a eles trabalhadores, professores, estudantes de outras Universidades e até jogadores de futebol, todos com o mesmo sentimento de revolta contra o autoritarismo estabelecido. Os manifestantes ocuparam todo o tipo de instituições, provocando greves e revoltas em Universidades, fábricas, estações de rádio e televisão (naquele momento sujeitas a censura) e a própria federação de futebol, etc, gritando lemas como "*sous les pavés, la plage*".

[4] **Highmore**, Ben (2000). *The Death of the Planner*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.159

já fomentadas durante a década de 60, verificando-se a massificação do ensino superior e o acesso da classe média à vida intelectual e cultural; por outro lado identificou-se a contradição da génese da sua revolta política,[5] balizando-se entre o anarquismo, uma *"retórica marxista"*[6] e a luta contra qualquer tipo de instituição representativa, fosse ele regido por socialistas, Maoístas[7] ou liberais e capitalistas.
O próprio contexto geopolítico europeu pressupunha diferenças. Em Inglaterra, com uma sociedade mais repressiva, conservadora e voltada para as influências *pop* que a vida americana já exercia, a mudança teve um cariz mais cultural e filosófico, com o movimento Hippie[8] em evidência. Em França, a revolução teve uma génese de carácter mais ideológico e intelectual, sendo projectada pelos estudantes e intelectuais. E na ex-URSS[9] os ideais da esquerda marxista iam caindo e os países dominados pela onda vermelha, como a Hungria, a Polónia e a Checoslováquia, iam tentando abandonar os ideais socialistas soviéticos impostos.

*"At the end of May, De Gaulle announced a snap election, calling upon the French to choose between legitimate government and revolutionary anarchy."*[10]

No entanto, esta tentativa utópica de pluralização da democracia falhou, e em França, epicentro dos novos ideais participativos, Charles de Gaulle[11] regressou e ganhou as eleições. A ideia da democracia participativa e aristotélica desvaneceu-se, a nível político, sendo preterida pela estrutura representativa do Estado Providência[12], que continuava a governar, convencionando-se que a ideia da sociedade burocrática estabelecida era a única solução para ultrapassar problemas demográficos que foram surgindo, sendo a única forma possível de organizar e redistribuir funções e fundos.
Do final da década de 1960, ficou um legado ideológico que provocou uma realidade sociocultural difusa. A troca óbvia e capitalista, da liberdade pela adesão a uma sociedade estandardizada e uniformizada, foi abalada e o Maio de 68 visto como uma possível fuga a esse acordo instituído, uma ruptura na qual conceitos como a materialidade e a economia foram separados de outros, como a qualidade de vida, e na qual se alcançou o "direito" à diferença.



[5] Esta contradição é revelada pela imprecisão dos historiadores, não se conseguindo confirmar se foi uma revolta festiva de uns poucos *"flis à papa" (George Marchais,* presidente do Partido Comunista Francês) ou uma revolução com profundo impacto na politica e na cultura da época. Tony Judt, recorrendo ao céptico pensador Raymond Aron, fala num psicodrama enfatizado pela antiga imagem da Revolução Francesa (1789), e apesar de afirmar que considera o acontecimento da *Primavera de Praga* como a genuína revolução da época, menos mediática, mas mais ideológica e violentamente reprimida, remata satiricamente*: "The thing that seemed most to annoy Aron was that everyone was having fun —for all his brilliance he could not see that even though having fun is not the same as making a revolution, many revolutions really did begin playfully and with laughter."* (**Judt,** Tony-2010)

[6] Judt, em *Post War,* defende que os ideias de esquerda marxista da revolução de 68 não foram mais que uma máscara para o espírito anarquista, em que o único objectivo era de remoção da autoridade estabelecida.

[7] Maoísmo ou pensamento de Mao Tse-Tung é a teoria desenvolvida por Mao Zedong, que na China se tornou a doutrina do Partido Comunista. Distancia-se do Leninismo e Socialismo Soviético pela tendência voluntarista, em que é fundamental a vontade revolucionária do povo, contra as normas vigentes sociais. É também conhecido por Marxismo-Leninismo-Maoísmo.

[8] Movimento Hippie é parte de um movimento de contracultura dos anos 60, que propiciava a adopção de um estilo de vida hedonista e comunitário, tendencialmente com influências políticas socialistas e anarquistas. Grande parte das vezes eram nómadas ou "ocupas" e viviam com uma relação muito forte com a Natureza.

[9] URSS ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, também conhecida por União Soviética, foi um pais de proporções continentais que existiu na Eurásia de 1922 a 1991.

[10] **Judt,** Tony (2005) p.411

[11] Charles de Gaulle foi o fundador da Quinta República Francesa, em 1958, e foi o seu presidente de 1959 a 1969. De Gaulle tornou-se um dos presidentes Franceses mais conhecidos por acabar com o caos politico que precedeu o seu regresso ao poder. A sua ideologia política: o gaullismo, ainda tem uma grande influência na politica francesa actual.

[12] Estado Providência, ou em Inglês *Wellfare State*, é um modelo de governação em que o Estado tem um papel central na protecção e promoção na economia e no bem estar dos cidadãos.

O Maio de 68 revelou-se, então, uma imagem de um combate eternizado de quem lutava contra todas as formas de imperialismo cultural ou económico, na tentativa de alterar os conceitos de democracia e de cultura vigentes por todo o mundo. A lição mais importante desta batalha não foi o resultado politico, o que ficou comprovado pelo triunfo de De Gaulle e pela integração tecnocrática de alguns dos *soixante-huitard*[13], mas a espontaneidade, a determinação social e a participação cívica que evidenciou.

*"Até então, nenhum outro ano tinha vivido, de forma tão abrupta e simultânea, os lados mais perversos e mais profícuos do engenho politico, social, científico e tecnológico criado pelo Ocidente. Também por isso, 1968 foi o "ano-clímax" para uma "contracultura" que se vinha opondo, em muitos campos do pensamento e da criação artística, ao que então se denominava como "cultura dominante" – o paradigma Modernista -, presente nas sociedades ocidentais, pelo menos, desde o II pós-guerra."*[14]

Não obstante a falência da intervenção ao nível politico e económico, esta mudança efectuou-se sobretudo na cultura e na forma de vida das pessoas, onde imperavam as posturas activistas e hedonistas, do prazer, das relações individuais, do *sex, drugs and rock'n roll...* Este verdadeiro pluralismo contracultural não poderia acontecer numa simples sala de espectáculos ou num museu, teria que acontecer nas ruas, praças ou bairros, no dia a dia das pessoas.

## Em prol do Homo-Ludens

Como indica o historiador Manuel Villaverde Cabral[15], o mundo controlado e entediado foi substituído por um mundo onde a contracultura se tornou a cultura dominante. A libertação sexual, o direito a dizer não e o direito a desobedecer tiveram uma grande expressão no comportamento das pessoas, mudaram as relações familiares, a arte e a comunicação. O objectivo era mudar o quotidiano das pessoas, para algo mais criativo, inspirativo e humano.
Estas novas ideologias que se iam estabelecendo já tinham sido previstas e teorizadas no livro "Homo Ludens" (1938) de Johan Huizinga[16]. Neste ensaio, o "Homo Ludens" superiorizou-se ao anterior modernista "Homo Faber" e o historiador e filósofo relatou este triunfo como uma profunda alteração da vida urbana e quotidiana, em que a vertente lúdica e cultural se sobrepuseram ao consumismo maquinal e burguês do Homem Moderno.

"*Seja como for, para o indivíduo adulto e responsável o jogo é uma função que facilmente poderia ser dispensada, é algo supérfluo. Só se torna uma necessidade urgente na medida em que o prazer por ele provocado o transforma numa necessidade. É possível, em qualquer momento, adiar ou suspender o jogo. Jamais é imposto pela necessidade física ou pelo dever moral, e nunca constitui uma tarefa, sendo sempre praticado nas "horas de ócio".*
*Liga-se a noções de obrigação e dever apenas quando constitui uma função cultural reconhecida, como no culto e no ritual."*[17]

Esta mudança social paradigmática, prevista por Huizinga, reflecte-se nas alterações que se realizavam paralelamente em várias artes e até nas ciências, que se abriram à participação, à interacção e a interpretação das pessoas. Neste contexto, esta "abertura", que nos é anunciada por

[13] *"Some of the prominent crowd pleasers of May went on to conventional political careers: Alain Krivine, the charismatic graduate leader of the Trotskyist students is today, forty years on, the sexagenarian leader of France's oldest Trotskyist party. Dany Cohn-Bendit, expelled from France in May, went on to become a respected municipal councilor in Frankfurt and then a Green Party representative in the European Parliament."* **Judt,** Tony (2005) p.413

[14] **Grande,** Nuno (2008) p.32

[15] **Villaverde Cabral**, Manuel (2008).

[16] Johan Huizinga (1872-1945) historiador holandês, uma referência fundamental da História da cultura moderna.

[17] **Huizinga**, Johan (1938) p.11

Umberto Eco,[18] levou artistas, arquitectos, urbanistas, cientistas e outros, a desejar a participação das pessoas, prevendo que só com uma interacção crítica é que se conseguiriam resultados que iriam para além de uma visão individualista e determinista do mundo.
A contra-cultura, o novo estilo pop, o "ludens", a *abertura* à participação cívica e o triunfo do estado neo-liberal, proporcionaram uma mistura social extrema entre o hedonismo Hippie, o radicalismo de esquerda, o anarquismo e o imperialismo burocrata e uma sociedade liberal e populista. Este novo espírito foi o mote necessário para a realização do famoso festival *Woodstock* (1969)[19], que reflectiu bem o paradigma social fomentando no ano anterior.
Mais tarde, já no final da década de 70 e apesar das mudanças culturais, o voltar atrás nos planos político e económico vai estabilizar uma sociedade ocidental neo-liberal em que ainda hoje vivemos, onde a cultura de massas, o populismo e o "aqui e agora" são predominantes.

## Tirania Temporal

Desde a vitória de De Gaulle que caminhamos até hoje para o que o filósofo Daniel Innerarity[20] apelidou de tirania do tempo. Segundo este filósofo, a consequência desta tirania é que o futuro é esquecido, por obrigações politicas ou económicas ou pela mera necessidade de satisfação imediata, ninguém pensa no porvir, o que revela a incerteza da democracia, ser um sistema suficiente para criar uma consciência capaz de evitar situações de perigo que ainda nos parecem distantes, confirmando as "dúvidas" de Sir Winston Churchill durante o pós-guerra.[21]

*"Una de las cosas que la crisis económica ha puesto de manifiesto es que tenemos, en tanto que sociedades, grandes dificultades para relacionarnos con nuestro propio futuro, que estamos insistentemente distraídos con el corto plazo. Vivimos en la tiranía del presente, es decir, de la actual legislatura, el corto plazo, el consumo, nuestra generación, la proximidad... Es la economía que privilegia la lógica financiera, el beneficio frente a la inversión, la reducción de costes frente a la cohesión de la empresa. Practicamos un imperialismo que ya no es espacial sino temporal, del tiempo presente, que lo coloniza todo."*[22]

Como nos revela Innerarity, o consumismo contestado na década de 60 foi substituído por um individualismo, ainda que frequentemente hedonista, mais consumista e imediato, que provocou esta tirania temporal anunciada pelos sistemas económicos em crise, uma democracia representativa de escassa participação social e uns *opinions makers*[23] afastados dos seus campos de estudo. Talvez a previsão de Judt esteja certa, talvez o *futuro* seja a "*social-democracia do medo.*"

[18] **Eco,** Umberto (1962).

[19] Woodstock Music & Art Fair foi um mítico festival de música realizado entre 15 e 18 de Agosto de 1969, na fazenda de Max Yasgur, na cidade rural de Bethel, no estado de Nova Yorque. Originalmente estava previsto ter-se realizado na localidade de Woodstock, daí o nome pelo qual ficou conhecido.
O festival serviu para demonstrar a contracultura de bem estar social, no entanto, tal como fica retratado no recente filme de Ang Lee, *Taking Woodstock*, serviu também para popularizar novos estilos de vida, e vários grupos de pessoas que se aproveitaram deste factor mediático para desenvolver novas perspectivas de negócio e abranger outro tipo de "nichos de mercado," que até aí se tinham revelados difíceis de alcançar.

[20] Daniel Innerarity (1959) é um filosofo espanhol actual, professor de filosofia na Universidade de Saragoça, escreve para o *El Pais* e o *El correo.* Publicou em 2009 o livro *Enemigos del futuro* e em 2010 o livro *El nuevo espacio publico*.

[21] *"Democracy is the worst form of government except for all those others that have been tried."* (**Churchill,** Winston - 1947) In **Langworth**, Richard (2008).

[22] **Innerarity**, Daniel (2009).

[23] Como *opinions makers* entendo o conjunto de intelectuais, líderes de opinião, com maior projecção mediática, que por vezes alcançam maior presença social que os políticos, e que facilmente moldam opiniões, motivam, criam e renovam vontades públicas generalizadas.

### 1.1.1. A Europa central e a força urbana das Ciências Sociais

*"Depois de Maio de 68, a consciência do uso da cidade, sobretudo na França, mas também noutras paragens, nunca mais foi a mesma."*[24]

Aquele Maio mítico, trouxe valores que falaram mais alto que a economia e o mercado. A cidade e o seu espaço público, as praças e as ruas, foi onde esses valores nasceram, foram a origem de todos os pensamentos contestatários do regime instituído, fosse ele político, económico, social, cultural ou arquitectónico.
Desde o pós-guerra, mais propriamente desde o CIAM 8[25], de 1952, que o pensamento arquitectónico e urbano vinha ganhando contornos mais humanistas. No entanto, foi só através das emergentes ciências sociais, que se introduziram na Arquitectura preenchidas com ideias de participação, que a disciplina se muniu de um carácter mais capacitado e credível de intervir na cidade e de se tornar socialmente activa.

*"Na segunda metade da década de 60 a crítica das Ciências Sociais à cidade moderna veio reforçar o que a cultura arquitectónica denunciava então em termos tipo-morfológicos – o problema do desenraizamento social na esteira da banalização dos modelos urbanos funcionalistas.*[26]

Tal como sintetizam os arquitectos Nuno Portas e Nuno Grande, confirmando as criticas ao urbanismo funcionalista[27], são as ciências sociais que assumem o papel determinante na reconstrução das cidades do pós-guerra e na definição do comportamento e postura de artistas e arquitectos. Os sociólogos Paul-Henry Chombart de Lauwe[28] e Henri Lefebvre[29] são apontados como as vozes mais importantes da reviravolta social e cultural do final da década de 1960,[30] não só para disciplinas como a sociologia, a antropologia ou a etnologia, mas também da urbanística, da arquitectura e da arte.[31]

---

[24] **Bandeirinha**, José António (2007). p.21

[25] *"More generally, the record of the proceedings, published in 1952 as The Heart of the City: towards the humanization of urban life can itself be presented as a manifestation of the discourse of humanism and the "organic", put under severe pressure by post-war and Cold War circumstances and the emerging priorities of new generation of architects."* **Curtis**, Barry (2000): *The Heart of the City*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon,. pag52

[26] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006) p.75

[27] Esta critica segundo Lamas (**Lamas,** José M. Ressano Garcia (1989), aparece primariamente no estudo dos comportamentos dos habitantes dos *grands ensembles* e urbanizações modernas. O caso Sarcelles, o mais mediático, confirmou os tristes resultados sociais e psicológicos da urbanística moderna.

[28] Paul-Henry Chombart de Lauwe (1913-1998) foi um dos precursores do sociologismo urbano Francês, formado em Filosofia, estudou em Belas Artes e doutorou-se em Letras. Os seus primeiros trabalhos sobre espaços urbanos surgiram em 1945, no "Centre national de la reserche scientifique", baseados em capturas de vistas aéreas.

[29] Henri Lefebvre (1901-1991) foi um escritor, intenso activista, sociólogo e filósofo francês, académico e militante do Partido Comunista Francês e da Resistência Francesa. O seu livro: "*Critique of Everyday Life*", de 1947, pensa-se ser a base da fundação de grupos como o COBRA e a Internacional Situacionista. Um verdadeiro Hengeliano Marxista que combate as filosofias estruturalistas que dizia tecnocráticas e acusava de não acreditarem na humanidade.

[30] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006) p.75

[31] Segundo o historidor Manuel Villaverde Cabral, para lá destes pensadores urbanos, é necessário considerar a importância de outras figuras que ajudaram à formação deste novo pensamento: os filósofos Jean Braudillard (1929-2007) e Hebert Mancuse (1898-1979), pelas suas denúncias da "sociedade de consumo", e o *"Socialisme ou Barbarie"*, grupo radical, crítico da sociedade burocratizada, da qual faziam parte filósofos e activistas como Cornelius Castoriadis (1922-1997) ou Jean-François Lyotard (1924-1998).

fig.7 (esq) Guy Debord
fig.8 (dir) Imagem do filme "La societé du spetacle"

*"For Lefebvre, planning as an arrangement for living did not belong to the technocrat. Only the poet could really know the city; therefore, planning as poesis belonged to the artist, for only the artist could transform everyday life into a practical utopia."*[32]

"Le droit à la ville"

Graças a Lefebvre, o "direito à cidade"[33] foi resgatado dos decisores totalitários modernistas conseguindo-se assim que o utente voltasse a ter uma grande presença e participação na construção das suas formas de vida que levassem à apropriação do seu habitat, abrindo assim a cidade, que até aí tinha sido entendida como um sistema fechado de concentração e produção de capital.
Graças a Lauwe surgiu uma nova forma de olhar a influência dos planos e projectos no comportamento dos habitantes, e assim, que as ciências humanas serviriam para algo mais do que para impor formas de viver, deveriam potenciar a aproximação e a adaptação da disciplina da urbanística às vontades do Individuo que habita a urbe.
Esta nova postura altera a tradicional visão moderna do controlo do espaço, lançando-se uma revisão da cidade tradicional[34] e da formação espontânea da morfologia urbana e arquitectónica. No entanto, a democratização e participação urbana que se estendeu à cultura, e que já vinha sendo proporcionado pelo Estado Providência do pós-guerra aliada a uma classe média mais instruída, não revelou o humanismo urbano pretendido, pelo facto de existir uma intensa mistura social que se foi delineando durante a década de 1960, entre o grande consumo pop e massificação cultural e a postura crítica participativa, activa e sustentada.

Le droit à la "derive"

As novas dinâmicas críticas em muito se deveram ao impulso da Internacional Situacionista[35], responsável radical por muito do que se organizou e passou pelas ruas de Paris na década de 60. O que começou por ser uma teoria sobre a construção do quotidiano, em 1967, com o lançamento do livro "Sociedade do espectáculo" do escritor e principal actor do movimento Internacional Situacionista, Guy Debord,[36] transformou-se numa denúncia dos problemas sociais de alienação e controlo criados pela cultura populista que se intensificava.

*"Considerando segundo os seus próprios termos, o espectáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência."*[37]

Neste livro, Debord denuncia e satiriza subversivamente a "democracia cultural"[38] criada pelo ministro francês André Malraux,[39] criticando o quotidiano politico, social e mediático. Para Debord, tal como para grande parte dos activistas da época, a cultura e a vida urbana deviam

[32] **Kofman**, Eleonore, **Lebas**, Elizabeth (2000): *Recovery and Reappropration*. In **Hughes**, **Sadler**, editors. p.80

[33] Título de um texto publicado em 1968, por Lefebvre, sobre as práticas urbanas anteriores ao Maio de 1968, em que faz a denúncia do controlo tecnocrático na concepção e construção do espaço.

[34] Segundo Lamas, este revisitar da cidade tradicional acontece com grande contundência no texto de Lefebvre: *Playdoyer, Pour La Ville,* na *Architecture d'Aujourd'hui,* nº109, de 1966. (**Lamas,** José M. Ressano Garcia - 1989),

[35] Ver pag.16

[36] Guy Debord (1931-1994) foi um francês marxista, teórico, escritor, realizador e fundador dos grupos Internacional Letrista e Internacional Situacionista.

[37] **Debord**, Guy (1967) p.16

[38] *"Se, para Malraux, o objectivo fora sobretudo a democratização do acesso individual às diversas expressões da "cultura erudita", para Duhamel a chave estava em criar novas formas de "animação" colectiva dentro e fora das Casas da Cultura, articulando-as com outros espaços e manifestações da "cultura popular", que "fizessem descer o teatro à rua" e "redescobrissem o circo ou a festa". Nada poderia estar mais próximo das "situações" propostas por Debord e seus companheiros."* **Grande**, Nuno (2009) p.173

[39] André Malraux (1901-1976) foi um autor estadista francês. Depois da guerra foi apontado por Charles de Gaulle como Ministro da Informação, de 1958-59 foi Ministro do Estado e de 1959-69 foi Ministro dos Assuntos Culturais.

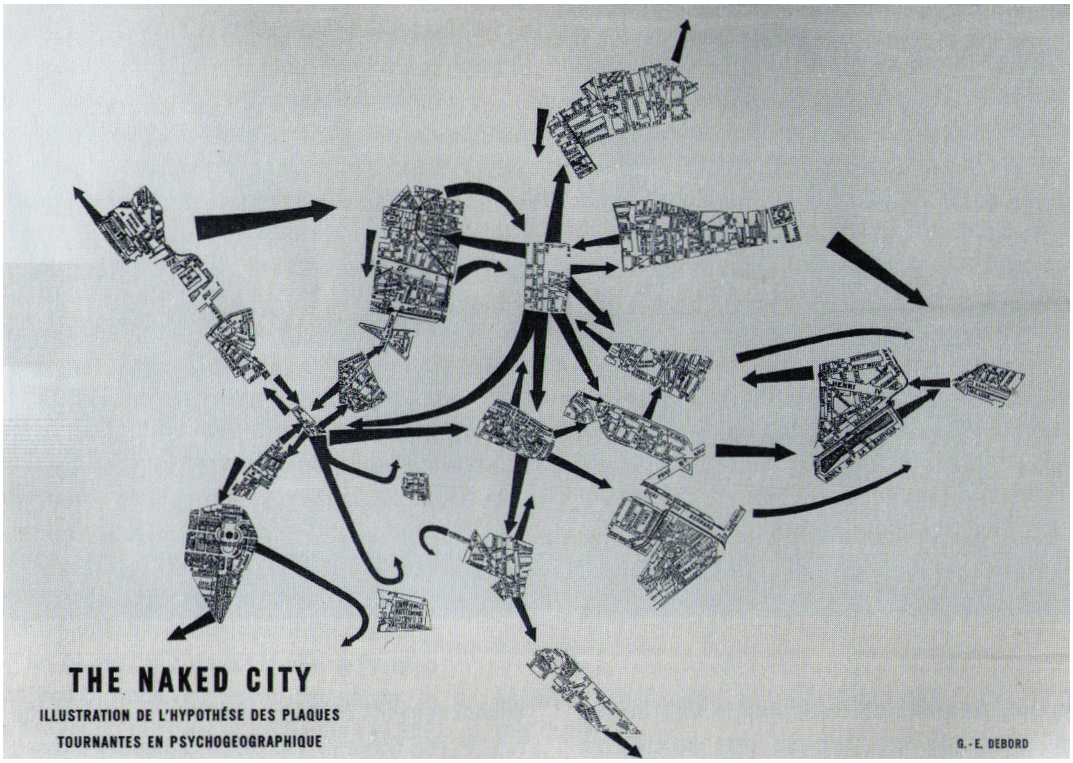



fig.9 Guy Debord com Asger Jorn: The Naked City (1957) - mapa psicogeográfico, que anuncia a perda da memória da velha Paris.

fig.10 Ralph Rumney: mapa psicogeográfico de Veneza.

ser espontâneas, não institucionalizadas e derivantes, devendo surgir das mais variadas situações quotidianas e desejos dos habitantes.
Após o Maio de 68 e a renovação do ministério da Cultura Francês, principalmente com a presença de Jacques Duhamel[40], o situacionista viu algumas das suas reivindicações integrarem as politicas culturais do governo francês.
Guy Debord transformou-se, assim, num dos mais destacados e incisivos activistas, enfatizado pela sua crítica ao "espectáculo social" que, segundo o autor, se revelava cada vez mais *snob,* consumista e imediatista, e responsável pela perda identitária de países e cidades, que mais tarde iria preconizar um grande investimento mediático.

*"An outcome of Constant and Debord's meeting in Alba in 1956 was further thinking on the principles of unitary urbanism first espoused by Gilles Ivain (...) Unitary urbanism would promote a participatory urban environment that would dislodge the passivity of the capitalist economic spectacle through a permanent transformation of urban locales."*[41]

O movimento situacionista deixou um legado de uma nova prática e de uma nova consideração arquitectónica e urbanística, disciplinas que deveriam deixar de pertencer a alienação colectiva, devendo ter um carácter crítico perante a realidade social e urbana.
Através de novos conceitos urbanos como a *psicogeografia*[42], a deriva ou o mapa mental, os situacionistas, alteraram o pensamento urbano, criticando o urbanismo funcionalista e propondo um antídoto para as suas falências. O Urbanismo Unitário, proposto por aquela corrente, sustentava uma nova forma de vida, harmonizando espaço e tempo e misturando as diferentes actividades do dia-a-dia da cidade.

Para além dos principais activistas intelectuais, esta crise foi também estudada e abordada por estudiosos, pensadores e arquitectos, ao longo das várias décadas que se seguiram ao pós-guerra. Michel Foucault[43], Roland Barthes[44], Manfredo Tafuri ou Georges Candilis foram alguns dos que se juntaram em torno de causas sociais, urbanas e mesmo arquitectónicas, escrevendo, teorizando e apoiando associações e movimentos preocupados com as dinâmicas introduzidas pelo Funcionalismo e enfatizadas pelas opções politicas. Era consensual para todos que a crise de 1968 foi provocada pelas profundas alterações culturais, pela *sociedade do espectáculo*, pelos mecanismos de vigilância e pelo mediatismo da época.

*"There was a parallel impasse in post-war European politics, which was shattered by the events of May'68 and the demand of a new generation to participate in a general overhaul of institutions."*[45]

[40] Jacques Duhamel (1924-1977) foi um politico francês, diplomado em sociologia. Deputado e Ministro da Agricultura de 1969 a 1971 e dos assuntos culturais entre 1971 e 1973.

[41] **Kofman**, Eleonore, **Lebas**, Elizabeth: Recovery and Reappropration (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.85

[42] Psicogeografia é o método de investigação do espaço urbano criado nos anos 50 pela *Internacional Letrista*. Foi definido, no primeiro número do boletim da Internacional Situacionistas (1958) como o estudo do efeito preciso do meio geográfico, que age directamente sobre o comportamento dos indivíduos, conscientemente ou não.

[43] Michel Focault (1926-1984) foi um importante filósofo e professor de História de Pensamento no Collége de France (1970-1984).

[44] Roland Barthes (1915-1980) foi um importante filósofo, crítico e teórico literário Francês.

[45] **Damian**, Giovanni: *Anarchy is not a disorder, Reflections on participation and education.* (2005) In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den p.286

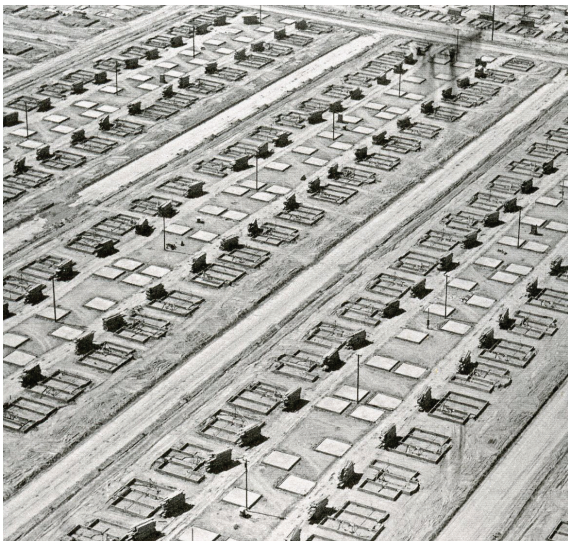


fig.11 Vistas aéreas de construção habitacional em série, em Lakewooed Park, California (Imagens de William Garnell -1950)

fig.12 Família aplicando um relvado (imagem de Bill Owens - 1972)
fig.13 Publicidade de venda de fertilizante para relva (imagem usada no estúdio Learning From Levittown)

### 1.1.2. Os EUA suburbanos e "gentrificados"

O novo estilo de vida americano, reflectido na arquitectura de grande escala, vai ter um impacto directo na sociedade regida pelo *"american dream"* e na construção da cidade que Rem Koolhaas apelidará mais tarde de "Generic City"[46]. Consequentemente vai influenciar directamente o êxodo dos grandes centros urbanos, numa revivalista busca pela qualidade de vida bucólica, desertificando centros e criando grandes pólos suburbanos que vão definir os limites da "cidade especulativa".

O exagero das massas

Os subúrbios ganharam durante o século XX o valor de uma utopia construída, não planeada por arquitectos, tal como acontecera com a cidade histórica; no entanto, ao contrário da primeira, esta tendia a ser mais regulada e evolutiva consoante as necessidades da população. Chegou-se assim a uma das grandes questões da construção de cidade do nosso tempo, criada a partir de uma utopia pessoal e individualista do Homem maquinal moderno.
Muitos arquitectos contribuíram para esta utopia imprimindo um grande poder metafórico e simbólico nos seus projectos, que ajudou à individualização da sociedade e ao desaparecimento de valores como a comunidade e o estilo de vida "bairrista". Este poder estético da habitação ajudou a tornar a casa como um modelo financeiro, a "máquina de habitar" corbusiana[47] foi transformada num produto fordista e revivalista, em que as características originais e formalistas desapareceram e a massificação criou ruas, bairros, províncias e cidades todas iguais, sem vida e sem consciência pública ou social.
Existiu, assim, um afastamento considerável entre o pensamento social e hedonista criado na década de 1960 e o planeamento do "renovado" Estado Providência, que se veio intensificando, enquanto os novos ideias sociais criaram novas necessidades simbólicas e conceitos como a gentrificação, ficcionando a qualidade de vida dos habitantes. [48]

*"Decades of preaching, writing, and exhorting by experts have gone into convincing us and our legislators that mush like this must be good for us, as long as it comes bedded with grass."*[49]

O activismo de Jane Jacobs

A escritora e activista Jane Jacobs foi uma das grandes opositoras a este processo inevitável, sendo crítica dos urbanistas modernos e da especulação que valorizava a vida suburbana,[50] e defendendo os processos de interacção social, considerando-os como fundamentais para manter a qualidade de vida urbana.
Contra o zoneamento e a favor da diversidade de população e de combinação de usos, afirmou, no seu livro *"The Death and Life of Great American Cities"*, não entender os grandes planeadores e decisores que estavam a propor uma forma urbana que proporcionaria um fraco sentido

[46] **Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995) p.1248

[47] A máquina de habitar ou *"machine a habiter"* é uma articulação poética de Le Corbusier, que define a casa como um organismo funcional que responde ao quotidiano do "Homem Moderno" e que representa as formas de vida dos ocupantes.

[48] Esta critica já teria começado a evidenciar-se no inicio da década de 1950 em Inglaterra, como é referida pela arquitecta Denise Scott Brown (**Scott Brown,** Denise - 2009), através de sociólogos como Michael Young ou Peter Willmott, que denunciaram a gentrificação do *London's East London* e a ineficácia social dos planeadores e da *urban renewal.*

[49] **Jacobs**, Jane (1961). p.64

[50] Jane Jacobs criticou todos os princípios modernos que levaram à formação dos subúrbios e ao desenho da cidade Americana, entre eles os responsáveis pela cidade Jardim, com especial incidência em Ebenezer Howard, sobre o qual afirmou: *"His aim was the creation of self-sufficient small towns, really very nice towns if you were docile and had no plans of your own and did not mind spending your life among others with no plans of their own."* (**Jacobs**, Jane - 1961. p.67); E, claro, Le Corbusier, a personagem que para ela teria a mais dramática ideia de anti-cidade, confirmado pela sua Cidade Radiosa (1920) em que não tentou apenas realizar um plano de ambiente físico, mas também uma mudança radical e utópica no plano social, segundo Jacobs, uma proposta mais que paternalista, autoritária.

de comunidade e poucas relações de vizinhança, levando a uma fraca interacção social e a uma cidade pouco coesa e onde ninguém desejaria viver.
Para Jacobs as áreas da cidade "com sucesso" seriam apenas aquelas que conseguem oferecer suporte comunal às pessoas, tanto economicamente como socialmente, defendendo a visão da cidade como um ecossistema de sinergias e usos mistos, e considerando a indeterminação orgânica crucial para a economia e para o desenvolvimento urbano.
Jacobs acreditava, por isso, que o planeamento *bottom-up* era essencial para que a alta densidade da urbe funcionasse, através do poder e do controlo do individuo ou de pequenos grupos de pessoas. A escritora sustentava que os problemas seriam mais facilmente resolvidos pela espontaneidade inventiva, não acreditando nos grandes esquemas abstractos de governos e corporações.

Durante a década de 60, Jane Jacobs tornou-se mesmo uma voz fundamental para a oposição aos sistemas *top-down*, primeiro em Nova Iorque[51] e mais tarde em Toronto, sendo mesmo a líder de várias campanhas contra as politicas urbanas autoritárias.
Nessa mesma década, na linha de pensamento de Jacobs, surgem nos EUA correntes partidárias do planeamento de sistemas de *bottom-up*, com o intuito de limitar ao máximo o controlo dos planos urbanos e criar bairros espontâneos, caóticos e cheios de vida, em oposição à normal economia planificada do pensamento moderno.

*"While the housing crisis continued to leave many involuntarily homeless both in the Third World and the West, the late 1960's also witnessed a conscious refusal of paternalism of the State in the resolution of problems of environment and shelter in Europe and the USA."*[52]

## Advocacy Planning

É neste contexto, de indefinição do papel do planeador, que aparece o urbanista Paul Davidoff,[53] autor do artigo *Advocacy and pluralism in planning,*[54] no qual apelava a um urbanismo menos abstracto e maquinal, mais pluralista e próximo da vontade e da escala das pessoas.

*"The compelling need for intelligent planning, for specification of new social goals and the means for achieving them, is manifest."*[55]

Foi neste artigo que lançou o termo e a ideia do *advocacy planning,*[56] o arquitecto como um advogado, que foi fundamental para a difusão e propagação de uma prática de arquitectura e planeamento mais democrática, humilde e aberta à participação dos habitantes[57].
Davidoff, tal como Jacobs, reagia contra a gentrificação, defendendo que seria um erro tirar os habitantes dos locais das suas redes sociais, pois poderia levar a cidade à morte ou à quebra

[51] Em 1962 foi presidente da *Joint Committee to Stop the Lower Manhattan Expressway,* uma campanha contra os planos do pensador urbano Robert Moses de construir de uma auto-estrada para a *Manhattan's Washington Square Park and West Village.* Os seus esforços levara Jacobs até à prisão, em 1968, mas foram considerados como fundamentais para o ponto de viragem nas políticas urbanas novaiorquinas, levando à não construção da auto-estrada, e mais tarde à demissão de Robert Moses.

[52] **Sadler**, Simon (2000): *Open Ends, The social visions of 1960's Non-Planning*. In **Hughes**, **Sadler**, editors. p.138

[53] Paul Davidoff (1930-1984) Professor de Planeamento Urbano no Hunter College, City University of New York.

[54] **Davidoff,** Paul (1965). O artigo foi publicado no *Journal of the American Institute of Planners*, vol. 31, no4.

[55] **Davidoff,** Paul (1965).

[56] Este termo foi mais tarde difundido por Robert Goodman no seu livro *After-Planner,* em 1972.

[57] Nos EUA esta prática sobressaiu rapidamente em "comités" de arquitectos que defendiam os interesses de comunidades mais desfavorecidas, como o caso de Richard Hatch, em Nova Yorque, ou Robert Goodman, em Boston. Fora do contexto americano, John F.C.Turner, Nuno Portas ou Carlos Nelson dos Santos são alguns dos arquitectos que referenciam o "advocacy planning" durante os seus textos e práticas habitacionais de participação.

das relações sociais e patrimoniais. O arquitecto ou planeador, deveria, assim, tornar-se num advogado de defesa, que não se limitaria a explicar a sua visão urbana, tentaria afirmar as determinações e desejos dos habitantes perante os decisores.

*"Davidoff had concluded that urban communities needed planners to represent them in much the same way that plaintiff is defended by a lawyer. Inspired in part by explosion of interest in participatory democracy and Black Power, Davidoff's brass tacks approach began to dissolve the distinction between architectural planning and any other process of political culture, spelling the end of a normative social programme with a normative, socially closed solution."*[58]

A arquitecta e urbanista Denise Scott Brown considera Davidoff uma referência[59], pelo activismo político demonstrado na defesa dos mais desfavorecidos[60] e pelo novo sistema urbano que implementou. Scott Brown pensa que a postura demonstrada por Davidoff era a única válida, pois, ao contrário dos planos deterministas, ele não afirmava conseguir salvar os habitantes, apenas explicava o que, no seu entender, deveriam fazer[61].
O planeamento de Paul Davidoff não se apresentava como um projecto acabado, era um processo, em que, mais do que ensinar ou impor aos habitantes formas de vida, partilhavam-se valores e experiências. No entanto, como afirma Scott Brown, o planeador ou arquitecto tende sempre a defender os seus próprios métodos[62], o que, na sua opinião, revela de Davidoff uma postura esquizofrénica[63], situada entre as escolhas dos usuários e as suas próprias convicções.

*"We shall be more interested in what people make of their housing than in what architects intended them to make of it. (...) We shall not be involved in civic or communitiy action to do with housing in this studio, but in learning what is needed to make our professional contribution to this action more relevant."*[64]

## Learning from Levittown

Robert Venturi e Denise Scott Brown teorizam sobre esta tensão entre o arquitecto artista e o que responde aos desejos populistas das pessoas[65], e, na verdade, parecem mesmo existir dois mundos quase platónicos na arquitectura e na cidade: o da teoria contemporânea e o da paisagem contemporânea, do mercado e da classe média. Estes dois autores ajudam-nos a ter uma invulgar visão sobre os subúrbios, mais relativa e abrangente, menos negativista.
Numa conversa com a historiadora de arquitectura Beatriz Colomina[66], Denise Scott Brown,

[58] **Sadler,** Simon (2000): *Open Ends, The social visions of 1960's Non-Planning*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.147

[59] **Scott Brown,** Denise (2010) Durante a conferencia: *Talks with Gulsum Baydar.* Em Guimarães (18/6).

[60] Denise Scott Brown apelida mesmo Paul Davidoff e a sua esposa Linda Davidoff de *"fearless warriors for the poor"* (**Scott Brown,** Denise - 2009). p.32

[61] No contexto americano esta interessante postura de Paul Davidoff confirma o que o académico John Archer apelida de *Moral Efficacy,* a capacidade didáctica e instrumental que alguns planeadores americanos começaram a possuir. Apelidados por Scott Brown de *social planners* conseguiam influenciar o carácter habitacional da população.

[62] Davidoff defende que: *"planners, like lawyers, may have a Professional obligation to defend positions they oppose."* (Davidoff, Paul - 1967). Só assim conseguiria responder de forma verdadeira aos desejos dos habitantes.

[63] **Scott Brown,** Denise (2010) Durante a conferencia: *Talks with Gulsum Baydar.* Guimarães (18/6).

[64] **Scott Brown,** Denise (1970): *Remedial Housing for Architects.* In **Blauvelt,** Andrew (ed.). (2008) p.49

[65] Este casal enfrenta este binómio durante toda a sua pesquisa teórica, confirmada nas suas eminentes publicações: *Complexity and Contradiction* (1966) e *Learning from Las Vega (1972).* Para Scott Brown o livro de Venturi de 1966 poderia também ser visto como *"an early salvo of socioplastics"* (**Scott Brown,** Denise – 2009). Devido à postura de Venturi em defesa dos direitos sociais e do *"social planning."*

[66] **Colomina**, Beatriz (2007): *Learning from Levittown, A Conversation with Robert Venturi and Denise Scott Brown*. In **Blauvelt,** Andrew (ed.). (2008) p.49-69

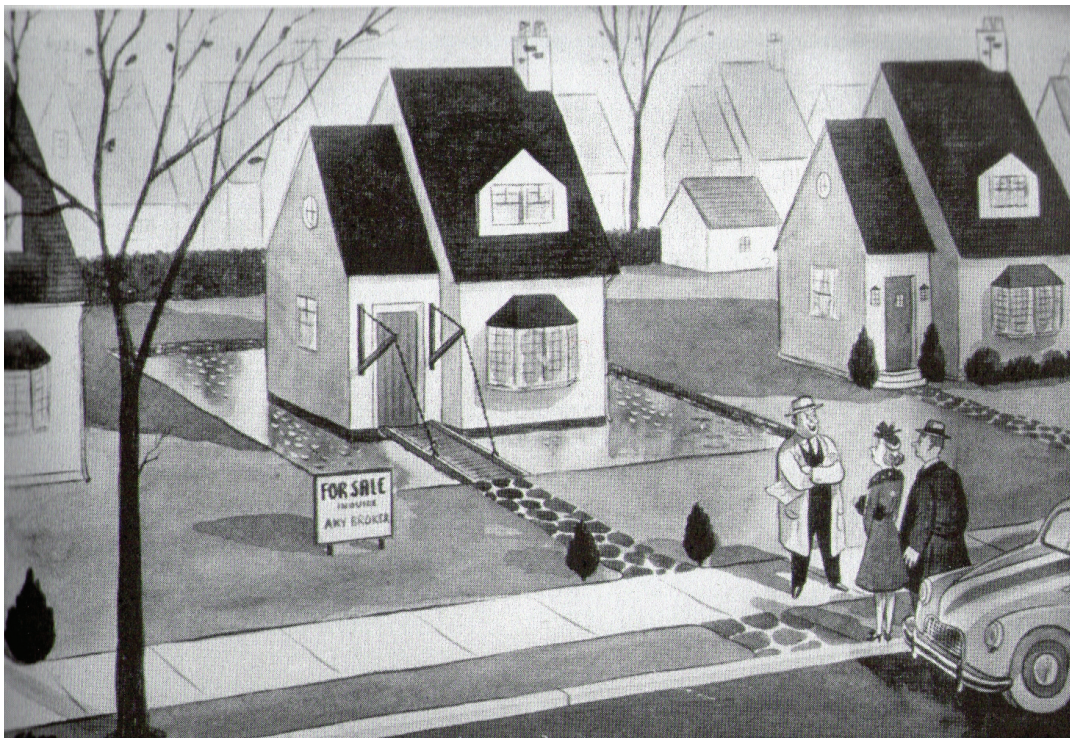



fig.14 Promoção imobiliária de Levittown (imagem usada no estúdio Learning From Levittown)

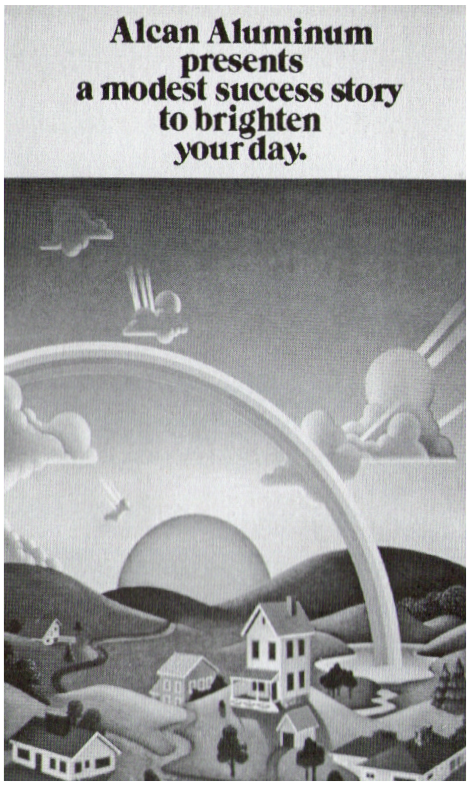



fig.15 Vista aérea de subúrbio de Markham, Canadá.
fig.16 Vista aérea de subúrbio de Denver, EUA.
fig.17 Promoção imobiliária de Levittown (imagem usada no estúdio Learning From Levittown)

falando do seu estudo desenvolvido sobre Levittown[67], afirmou que até o próprio investidor Levit, em Levittown, fez primeiro 6 casas e esperou para ver a reacção das pessoas. Esta posição demonstra que a postura do planeamento, mesmo que seja de índole capitalista, devia ouvir e tentar perceber as pessoas, sem arquétipos ou tipologias pré-estabelecidas, tentando que as ideias surjam das pessoas, ainda que sem uma verdadeira decisão ou controlo destas.
Scott Brown recorre a Herbert Gans[68], para denunciar a ingenuidade de Jacobs e o excesso de crença no determinismo das pessoas, olhando de forma mais interessada para os subúrbios, não como uma consequência provocada pelo planeamento, mas já como uma realidade social inevitável, em que se revelavam práticas de auto-solução e auto-gestão das habitações e comunidades, por norma, traduzidas na escolha de símbolos de status social, seja na decoração do jardim, seja na tipologia das casas.
Estes bairros suburbanos, segundo o pensador urbano John Archer[69], reforçando a ideia de Denise Scott Brown, devem ser encarados como interessantes casos de estudo de participação do usuário, pois a personalidade de cada habitante está reflectida no seu espaço, seja interiormente ou exteriormente. Apesar da preponderância do foro estético nas decisões, as questões decorativas revelam um simbolismo social do lar de cada um, sem os modelos "de arquitecto".[70]

A fuga suburbana do cosmopolitismo não é nova e vem sendo realizada gradualmente, no entanto, inicialmente, era feita com rosto anti-capitalista de uma busca pela qualidade de vida, enquanto mais contemporaneamente vem sendo efectivada como forma de afirmação social.
A revolta crítica de Jacobs e os estudos de Scott Brown, Venturi, Gans e Archer, são direccionados para as cidades americanas, para uma realidade extrema de vida suburbana, mas o crítico Manfredo Tafuri recorda que nas suas congéneres europeias a realidade era um pouco distinta: *"a improbabilidade, a polifuncionalidade, a multiplicidade e a desorganicidade, em todos os aspectos contraditórios assumidos no seio da moderna metrópole terciária, mantêm-se assim alheias às tentativas de racionalização da arquitectura centro-europeia."*[71]
Apesar das novas lógicas de planeamento e construção de *cidades lineares*[72], de cidades jardins e dos *siedlungs*[73], existiu sempre um ADN patrimonial de indeterminação e liberdade nas cidades europeias, que por vezes está abandonado e desabitado, mas é inerente a todas urbes do velho continente.

[67] Levittown é um *produto urbano* dos subúrbios de Nova Iorque, planeado por William Levit, da firma Levit and Sons. Foi implantado entre 1947-51, e foi o primeiro bairro produzido em massa no pós-guerra para uma população de mais de 50.000 pessoas.

[68] Herbert Gans foi um estudioso desta ascensão dos subúrbios a protagonista fundamental da cidade contemporânea. Contribuiu para este novo entendimento com importantes escritos como: *Urban Vitality and the Fallacy of Physical Determinism* (1962), uma revisão critica do livro de 1961 de Jane Jacobs, *e The Levittowners: ways of life and politics a new suburban community* (1967), um livro sobre o caso emblemático the Levittown, mais tarde referido por diversos autores como Scott Brown ou Paul Barker, editor da revista *New Society,* que recorre a Levittown para relativizar o *"usual we-know-best snobberies about suburbia".* (**Barker,** Paul - 2000. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon. p.4)

[69] John Archer, professor da Universidade Minnesota, escreveu o *"Architecture and Suburbia"* (2005).

[70] In **Archer,** John (20008): *Suburban Aesthetics Is Not an Oxymoron.* In **Blauvelt,** Andrew (ed.). p.131

[71] **Tafuri,** Manfredo (1985) p.85

[72] Modelo de cidade concebido pelo urbanista espanhol Arturo Soria y Mata em fins do seculo XIX, a característica mais marcante era o seu desenvolvimento segundo uma hierarquia bem marcada entre uma via principal em torno da qual se desenvolvem ramos secundários.

[73] O modelo de Siedlungen (bairro) foi construído na Alemanha durante o período da República Weimar, para responder à crise do pós Primeira Grande Guerra. Consistiam em agrupamentos de casas, bairros, semi-independentes e bem equipados. São referentes importantes por conseguirem de uma forma compacta e rápida responder a necessidades habitacionais extremas. Durante aqueles anos, foram um campo de experimentação para as novas formas, seja arquitectónicas ou urbanas, do período moderno e funcionalista.

fig.18 Aldo Van Eyck, Alison Smithson, Peter Smithson e Jaap Bakema anunciando a morte dos CIAM, em Otterlo.

### 1.1.3. A Grã-Bretanha e o Norte utópico e reformista

Em 1956, em Drubovnik, no décimo CIAM[74], ocorreu um dos momentos mais marcantes para a arquitectura do século passado. Partindo de alguns jovens arquitectos foi levantada uma critica que vinha ganhando consistência desde o pós-guerra.[75]
Desta atitude critica nasceram dois grupos reformistas do pensamento moderno: o *Groupe d'étude d'architecture mobile*[76], que se voltou para utopias informáticas e maquinais que colocaram em causa a continuidade da profissão, e o *Team X*, que se dedicou a reformar o pensamento moderno e a explorar novos conceitos arquitectónicos, voltados para o humanismo e para um novo entendimento da importância comunitária e individual do Homem na cidade.

*"After the meeting, the "Doorn group" of Bakema, Van Eyck, Van Ginkel, Hovens Greve, Peter Smithson, and Voelcker concluded by issuing a "Statement on Habitat", which explicitly rejected the Athens Charter, saying, "Urbanism considered and developed in the terms of the Charthe d'Athenes tends to be produce "towns" in which vital human associations are inadequately expressed. To comprehend these human associations we must consider every community as a particular total complex. In order to make this comprehension possible, we propose to study urbanism as communities of varying degrees of complexity."*[77]

CIAM e TEAM X

No âmbito da afinidade que se vinha criando entre arquitectos Ingleses e Holandeses, como os intervenientes do "Doorn group"[78], juntamente com a referência italiana Giancarlo de Carlo, aparece uma retórica contra a cidade funcionalista, assente em princípios como a participação social, a escala humana, o pensar lógico e racional e a valorização da decisão do habitante na criação do seu ambiente.
A vontade generalizada, apesar das diferenças contextuais dos vários *"angry young men"*[79], era que a arquitectura e o urbanismo seguissem uma linha de pensamento análoga ao que se começava a fazer sentir em toda a Europa, criando uma Arquitectura mais interveniente socialmente, perseguindo um optimismo que fizesse frente à realidade europeia do pós-guerra.

*"Sensibilities had been steadily shifting since the 1950's, when (through the work of Team 10 in particular) an earlier phase of modernism had been largely terminated by the consideration of how human communities actually function, rather than how they should function."*[80]

[74] A partir deste CIAM a metodologia e a hierarquia propostas pelos arquitectos do Estilo Internacional foi deposta, o que proporcionou uma discussão totalmente democrática nas reuniões, o que mais tarde levou ao final dos CIAM, no entanto, as reuniões continuaram noutros moldes até ao início dos anos 80.

[75] Esta abertura crítica e o rejuvenescimento dos participantes já tinha sido marcada firmemente no CIAM de Aix-en-Provence, em 1953, em que se discutia a formulação da *Carta de Habitar, ou La Charte de l'Habitat,* que seria o corolário da Carta de Atenas, de 1943. (**Pedre,** Annie (2005): *CIAM IX: discussing the charter of habitat*. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den - 2005). p.21

[76] GEAM (1958-62) foi fundado por Yona Friedman, que apresentou um manifesto sobre arquitectura móvel durante o CIAM, que mais tarde vai ser a base da formlução da Ville Spatial.

[77] **Mumford**, Eric (2000) p.239-240

[78] Este grupo tinha mesmo um manifesto produzido pelos membros, mais tarde reconhecidos como *Team X*, que foi considerado o documento fundacional do grupo. (**Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den - 2005). p.43

[79] "Angry young men", inicialmente, era o nome pelo qual ficaram conhecidos um conjunto de escritores da década de 1950 em Inglaterra, entre eles destacam-se John Osborne ou Kingsley Amis. Caracterizaram-se pela desilusão que expressavam nas suas peças e romances, em relação à sociedade. In *http://en.wikipedia.org/wiki/Angry_young_men*. Também por este nome ficaram conhecidos os arquitectos que demonstraram o mesmo sentimento de desilusão, perante os CIAM e a Arquitectura Moderna, o *Team X*.

[80] **Sadler,** Simon (2000): Open Ends, The social visions of 1960's Non-Planning. In **Hughes**, **Sadler**, editors. p.138

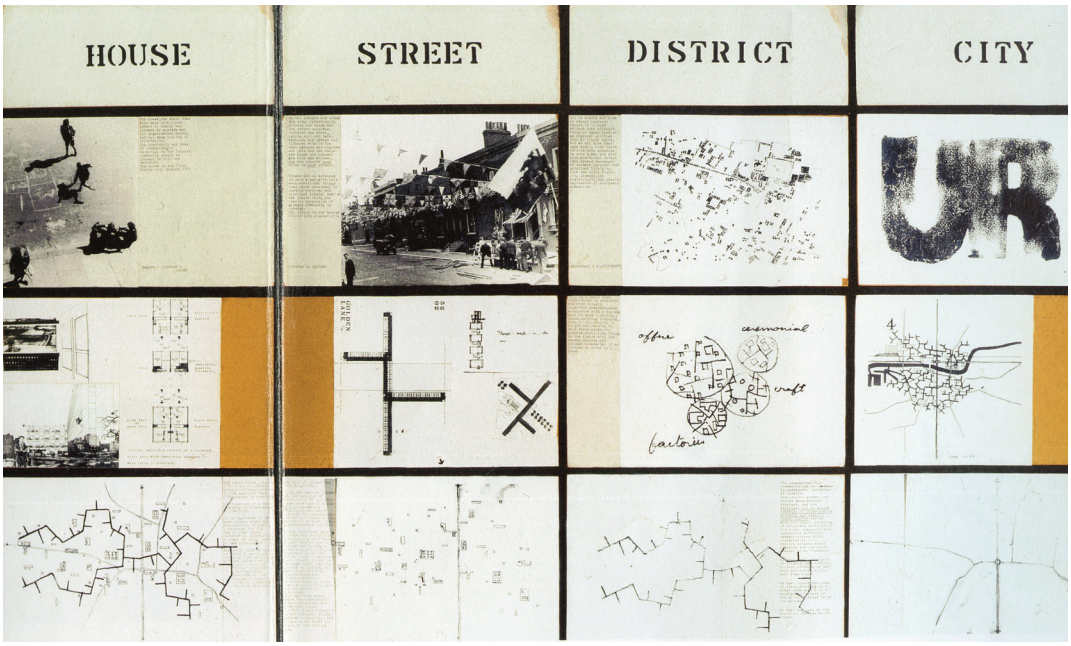
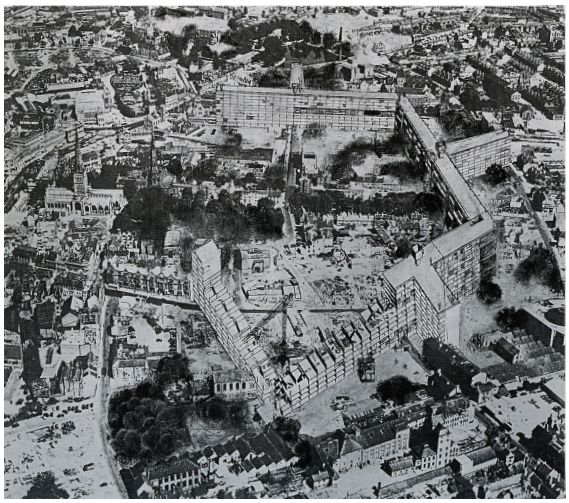



fig.19 A.P. Smithson: Parte da Grelha "Urban Re-Identification", que contém a escala de associação urbana: "House, Street, District, City."



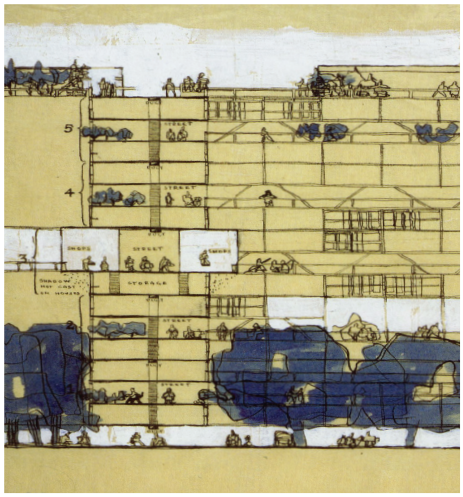


fig.20 (esq) A.P. Smithson: Golden Lane - Fotomontagem do projecto.
fig.21 (dir) A.P. Smithson: Golden Lane - Corte diagramático processual do projecto.

fig.22 (esq) A.P. Smithson: The Economist - Imagem da rua interior
fig.23 (dir) A.P. Smithson: The Economist - Fotomontagem

## O anglo-saxónico Neobrutalismo

A partir da nova sensibilidade criada por este grupo de arquitectos e da *Urban Re-Identification Grille* do casal Smithson, aprofundaram-se neste CIAM temas como *"cluster*[81]*, mobility, growth and change, and habitat"* ou *"identity & association."*
Estes temas revelam um entendimento urbano muito próximo das teorias de Jane Jacobs ou do pensamento de Henri Lefebvre, substituindo a *"functional city as propagated by CIAM – dwelling, work, transportation and recreation"* por categorias mais existencialistas[82] como *"house, street, district and city"*[83] e as pequenas escalas de associação, que se sobrepuseram "as novas ideias de monumentalidade" e praças de Josep Lluís Sert ou de Sigfried Gideon.[84]
Peter e Allison Smithson destacaram-se durante as reuniões devido às suas explorações conceptuais e processuais e aos seus textos com um carácter mais doutrinário e social[85]. Para eles o valor projectual não estava na dimensão, na qualidade do desenho ou no valor identitário da obra de arquitectura, o importante era a qualidade da investigação, a exploração e a reflexão, seja através da construção, do desenho, do diagrama ou do texto escrito.[86]
O Neobrutalismo aparece, neste contexto, como a linguagem que melhor se poderia adaptar a esta arquitectura mais aberta, que surge contra a rigidez do academismo do Estilo Internacional e dos símbolos da estrutura social Inglesa. Segundo o arquitecto Marco Vidotto, mais que uma linguagem ou estilo arquitectónico, foi encarado como um modo de actuar e projectar.

*"Es una actitud para tantear la posibilidad que tenga la arquitectura de ser instrumento que potencie una relación más culta – por ser más diáfana y de superior calidad – entre el ser humano y sus necesidades de asociación, la naturaleza y la construcción."*[87]

A grande reforma dos Smithson e do *Team X* envolveu conceitos urbanos como "*the building as a street"*,[88] uma alternativa à rua histórica, que, enfatizada pela densificação, motivasse o usuário a uma consciência comunitária, que proporcionasse ao lugar e ao individuo a identidade satisfatória e que mantivesse as actividades sociais de uma rua de cidade histórica.
Partiam, então, de um pressuposto de auto-determinação, em que o utente poderia desenvolver sensibilidades adicionais, de forma a dar o seu contributo para a vida na cidade. Estas características projectuais, identificadas nos projectos[89] dos Smithson, conferiram novas formas de adaptação à cidade, que influenciavam e predispunham os habitantes ao prazer e à participação.

[81] *"The word "cluster", meaning a specific patter of association, has been introduced to replace such group concepts as street, town city (group entities), which are too loaded with historical overtones."* **Smithson** (2005). p.30

[82] Referência ao existencialismo de pensadores como Jean Paul Sartre e Martin Heidegger, que se evidenciava como inspiração filosófica para uma nova forma de projectar.

[83] **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.30

[84] *"Josep Lluís Sert, Fernand Léger e Sigfried Giedion propõem em 1943 a recuperação da ideia de monumentalidade, sustentando "que as pessoas querem edifícios que representem, além de verificações funcionais, sua vida social e comunitária. Querem que a sua aspiração à monumentalidade, alegria, orgulho e emoção sejam "satisfeitas." (***Montaner**, Josep Maria (2001). *p.15*

[85] **Montaner**, Josep Maria (2001). p.32

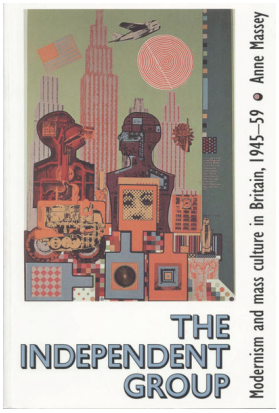
[86] No forno (apelido que Peter Smithson deu aos encontros do *Team X*), em que as ideias se discutiam e desenvolviam independentemente, ninguém mudava a mente de ninguém, nem nunca se conseguiriam documentos escritos conclusivos e homogéneos, nem no CIAM X José Lluís Sert conseguiu concluir a desejada *Charte de l'Habitat,* que era suposto completar a Carta de Atenas.

[87] **Vidotto**, Marco (1997). p.13

[88] O *Golden Lane* (concurso de 1952) era um projecto para reconstruir uma zona de Londres parcialmente destruída pela guerra, reflectia esta vontade dos arquitectos de buscar e experimentar, através do *the building as a street*, pretendiam monstrar que conseguiriam propor uma densidade elevada, que não afectaria a qualidade de vida da zona.

[89] *The Economist Building, London* (1959-64) foi talvez o projecto mais consagrado dos Smithson. A intervenção revela a intenção de integração na cidade, a necessidade projectual em oferecer espaço urbano com um carácter indeterminado e que deveria estar aberto à exploração do Homem.

fig.24 A.P. Smithson: The Economist - Imagem da rua interior



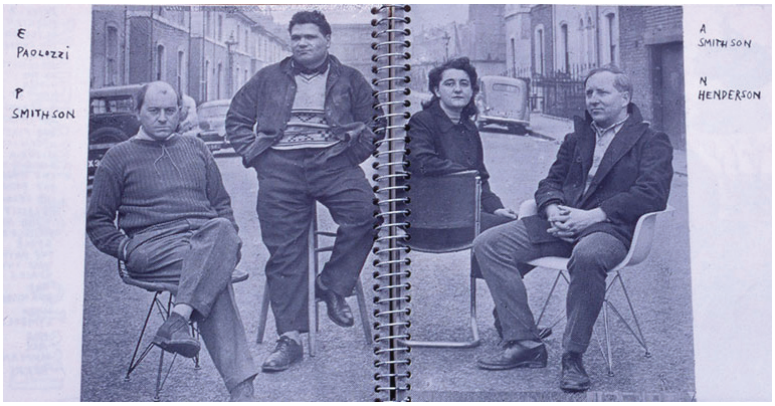




fig.25 Independent Group: Capa da monografia de Anne Massey
fig.26 Independent Group: Imagem do Catálogo da exposição "This is Tomorrow"

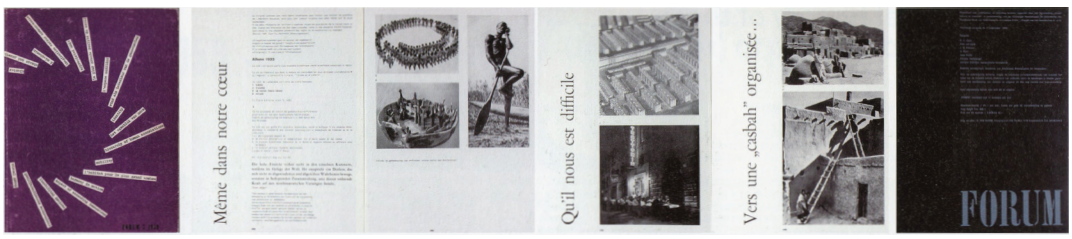



fig.27 Revista Forum: Capa e alguns artigos - Destacando-se o "Vers une "Casbah" organisée" de Aldo Van Eyck

*"It is commonly accepted that Team 10's identity was partly based on the ideas and findings of the social sciences (...) were to boil down to the emblem of the so-called cluster: a hierarchical yet shifting structure, which gives form to the idea of community, an "aesthetics of connection", to use Peter Smithson's term, opposed to the "dead-end" urbanism of the English new towns."*[90]

Peter Smithson acreditava mesmo numa actividade que apelidou de *"active socioplastic"*[91], que visou o estudo da plástica da gente das ruas de Londres. Ele, que nunca conseguiu trabalhar muito bem com sociólogos[92], acreditava que conseguiria provar que a disciplina que praticava poderia possibilitar e motivar as pessoas para a vida comunitária e participativa.
Esta relevância social da arquitectura era mesmo transversal a quase todos os participantes do *Team X,* o que levou Henri Lefebvre a designá-los como os arquitectos que estavam na frente do protesto.[93]

## Independent Group e Interdisciplinaridade

A mesma relevância criou a necessidade de introduzir uma maior interdisciplinaridade na arquitectura, que se estendeu pelas décadas seguintes. Arquitectos como Allison e Peter Smithson, críticos como Reyner Banham e artistas como Eduardo Paolozzi ou Richard Hamilton, são exemplos concretos desta profusão interdisciplinar. A partir do *Independent Group,* criticaram modos de vida e as novas interacções sociais, lançando manifestos e exposições. E locais como o ICA (Institute of Contemporary Art, de Londres) tiveram um papel fundamental, permitindo o contacto dos vários movimentos e grupos, no caso concreto, da Internacional Situacionista e do *Independent Group*, que a partir daqui comprovaram semelhanças nas suas críticas sobre a nova cultura populista. Cruzaram informações interdisciplinares provenientes de diferentes contextos sociais e culturais, dando origem a estudos de opinião, críticas e posturas mais fortes e estruturantes.
Esta promíscua continuidade conceptual foi notória em vários outros momentos, como com a publicação da revista *Forum*[94], na Holanda, principal leitura desta geração de arquitectos, que contou com participações de artistas e pensadores tão distintos e tão iguais, como foi o caso de Constant Nieuwenhuys, da Internacional Situacionista, e Jaap Bakema, arquitecto do *Team X*.

*"Team 10 certainly had such ears, and for a wide range of reasons, including the Greek Georges Candilis's political refugee status due to his early involvement with the communists. The personal friendship and comradeship between Van Eyck, Constant and other members of the Cobra-group and the Smithson's links with the London-based Independent Group all revolved around an initial existentialist approach to architecture that emphasized the need to keep a watchful eye on banal, ordinary objects, the objects of everyday life."*[95]

[90] **Violeau,** Jean-Louis (2005): *Team 10 and structuralism: analogies and discrepancies*. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den, p.280

[91] "*But brutalists, unlike the official planners of London, began to canvass the street life of the East End for ideas on how to design housing where the benefits of neighbourly relationship could be maintained. This outlook was named "active socioplastics" by the Smithsons."* (**Scott Brown,** Denise - 2009) p. 25

[92] *"Peter Smithon gave up about socioplastic, gave up of working with sociologist".* (**Scott Brown,** Denise - 2010 - Durante a conferencia: *Talks with Gulsum Baydar.* Em Guimarães, em 18/6/2010). & *"Peter Smithson ascribed the failure to the difficulty of forging a working rapport with sociologists who could not extend their discipline to meet his needs"* (Scott Brown, Denise - 2009). p.26

[93](*"sperhead of protest"*) **Violeau,** Jean-Louis (2005): *Team 10 and structuralism: analogies and discrepancies*. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.280

[94] A revista *Forum*, segundo Hans Van Dijk In (**Risselada, Heuvel**, 2005) foi um dos principais divulgadores das ideias dos arquitectos Holandeses, principalmente de Aldo Van Eyck e Jaap Bakema. p.83

[95] Jean-Louis Violeau: *Team 10 and structuralism: analogies and discrepancies*. **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.280

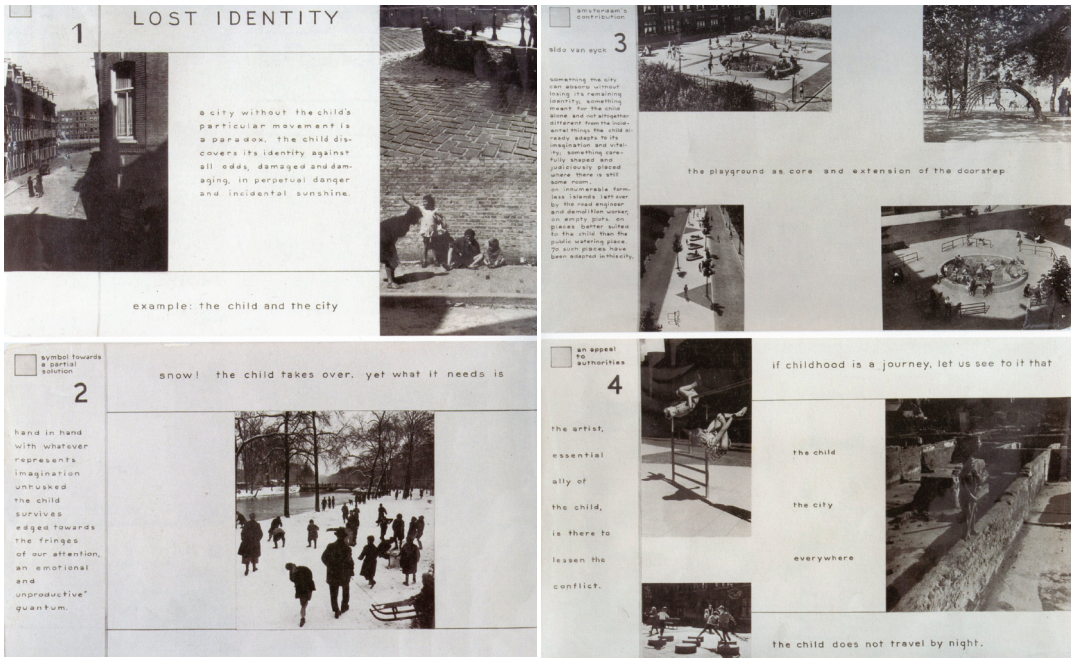



fig.28 Aldo Van Eyck: Lost Identity Grid

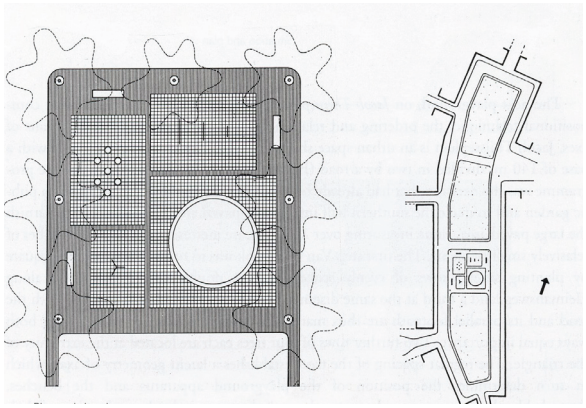


fig.29 (esq) Aldo Van Eyck: Playground de Zaanhof (1956) - planta e localização
fig.30 (dir) Aldo Van Eyck: Playground de Zeedijk (1956)

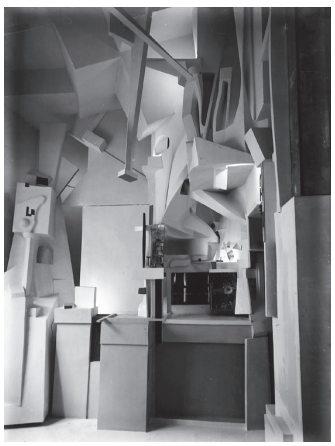


fig.31 (esq) Kurt Schwitters: Merzbau (1923-26)
fig.32 (dir) Jan Nieuwenhuys: Couple (1944)

Apesar das coincidências e ligações óbvias, os membros destes movimentos tinham percursos individuais e as suas actividades dividiam-se em diversos momentos, acontecimentos ou grupos de trabalho e crítica, com uma multiplicidade de campos de estudo bastante abrangente. Uma das facções divergentes do Neobrutalismo Smithsiano foi a dos Holandeses, que se debatiam com questões diferentes da realidade Inglesa, mais próxima da realidade francesa e das preocupações históricas dos participantes sul europeus.

*"An intense internal debate ensued among the Team 10 members, especially between the Dutch and English, as they attempted to consolidate their new conception of urbanism of the next congress. The Dutch felt they were overruled by the English, who stuck to their pragmatic interpretation of the Geddes "Valley Section" diagram and the idea of scales of association."*[96]

## O eclético Aldo Van Eyck

As diferenças entre estas duas facções ficaram bem provadas pelas grelhas dos Holandeses do décimo CIAM: Jaap Bakema[97] apresentou uma grelha da evolução de um distrito de Roterdão, enquanto Aldo Van Eyck apresentou uma grelha da relação das crianças com a cidade.[98]
Esta redescoberta do lazer como importante definidor da urbanidade de uma cidade abriu a brecha para "a cidade das crianças", pois estas são a parte da população que mais tempo usará o espaço público com este intuito.[99] Nesse sentido, Van Eyck desenvolveu em Amesterdão um sistema de *playgrounds*, que não seriam apenas espaços de reconhecimento e dominantemente de lazer das crianças, mas intervenções de qualidade urbana que transformavam becos e vazios urbanos em espaços de estar. Como nos diz o académico Ben Highmore, um espaço de qualidade, onde através das crianças, pais, tios e avós se poderiam reunir e criar novos laços.[100]

*"Aldo's identification with a movement that ran counter to all established values demonstrates plainly enough that, form him, the new consciousness went beyond the legitimization of an alternative approach to architecture and embraced an entire view of life."*[101]

Aldo Van Eyck é um dos *Team X* mais aberto às relações interdisciplinares e à participação do habitante, tanto na cidade como na construção do seu lar. Manteve intensos contactos com Kurt Schwitters[102] e com o grupo Cobra[103] (1947-51) ou a Internacional Situacionista através de Constant Nieuwenhuys. E quando se referiu ao projecto de Urbino de De Carlo, alvo de críticas provocadas pela conjuntura da *Tendenza* de Rossi, teve uma intervenção positiva, focando-se

[96] **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.44

[97] Jaap Bakema era um arquitecto com grande projecção mediática e, ao contrário da maioria dos participantes do *Team X*, tinha um grande escritório. Chegou mesmo a servir como a principal *post-box* das reuniões, uma plataforma de comunicação entre os participantes.

[98] A grelha chamava-se "Lost Identity"– estava relacionada com a sua prática como urbanista em Amesterdão, na *Public Works Department,* entre 1946 e 1951, em que realizou o projecto dos *playgrounds,* que revelava a importância das crianças na vida e identidade das ruas e na possibilidade de aproveitamento de espaços intersticiais da cidade.

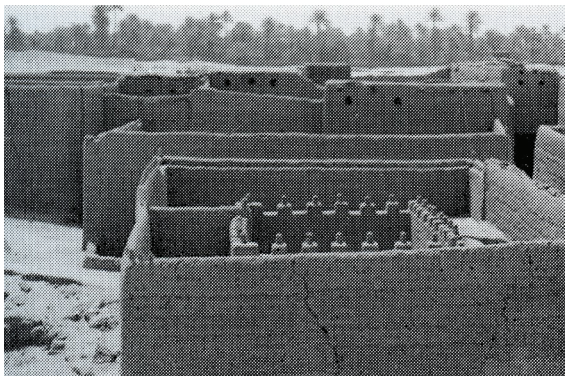
[99] As imagens de crianças a brincar já tinham sido mostradas na grelha dos Smithson, e mencionado por Jacobs quando critica as soluções de extensos parques verdes, que apesar da vertente ambiental, provocam delinquência e bastante insegurança, defendendo, por isso, a importância dos pequenos espaços de estar na cidade.

[100] **Highmore**, Ben (2005): *Rescuing optimistm from oblivion* In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den, p.272

[101] **Strauven,** Francis (1998). p. 124

[102] Kurt Schwitters é um artista plástico dadaísta, que realizou uma obra emblemática sobre a participação no habitat: entre 1923 e 1926, em Hannover, "realiza" a forma interminável, a *Merzbau*. O artista alemão transformou a sua própria casa numa instalação, que ganhou o carácter de um habitat mutável e incerto. Cada visitante poderia modificar a *Merzbau* e a obra tornou-se uma "casa aberta", para todos os participantes que dela quisessem fazer parte.

[103] O grupo Cobra (1947-52) foi um movimento artístico de vanguarda influenciado pelo Surrealismo, Cubismo e o Expressionismo. O seu nome foi criado pelo pintor, poeta e membro Christian Dotremont, e deriva das inicias das cidades dos seus fundadores: Asger Jorn de COpenhaguen, Cornelis Van Beverloo de BRussels e Jan Nieuwenhuys (irmão de Constant Nieuwenhuys) e Karel Appel de Amsterdam.



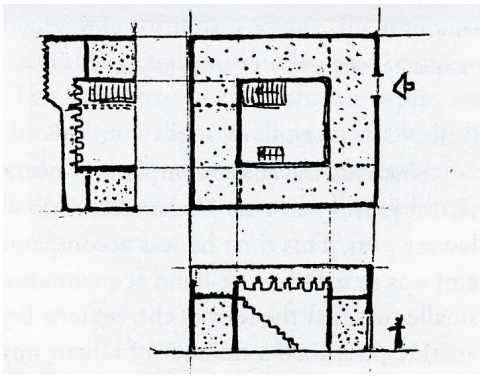


fig.33 Aldo Van Eyck: Casa em Aoulef, foto, planta e cortes (1951)

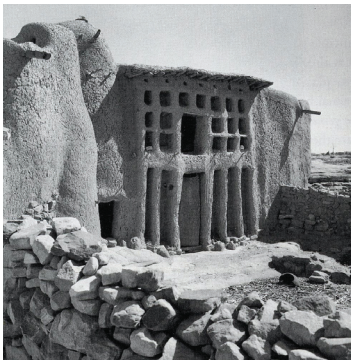


fig.34 (esq) Aldo Van Eyck: Praça em Upper Ogol (1960)
fig.35 (dir) Aldo Van Eyck: Casa tribal em Ogol (1960)

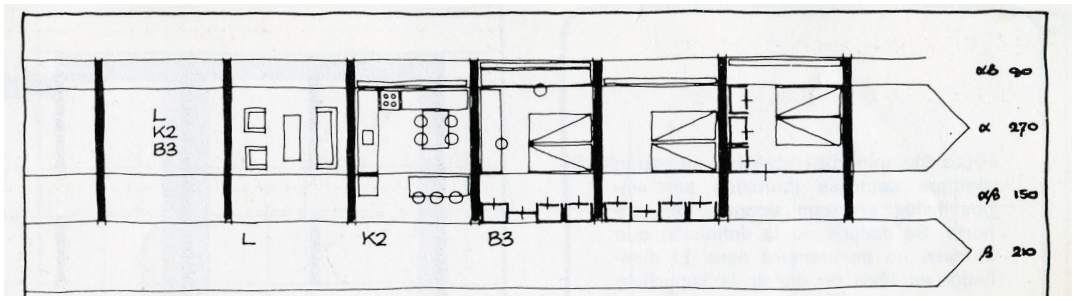
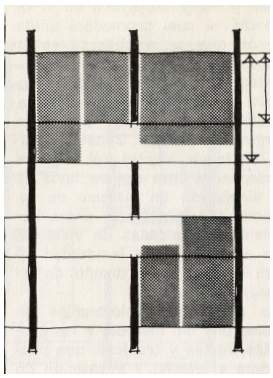



fig.36 N.J. Habraken: Estudo tipológico para "suporte"



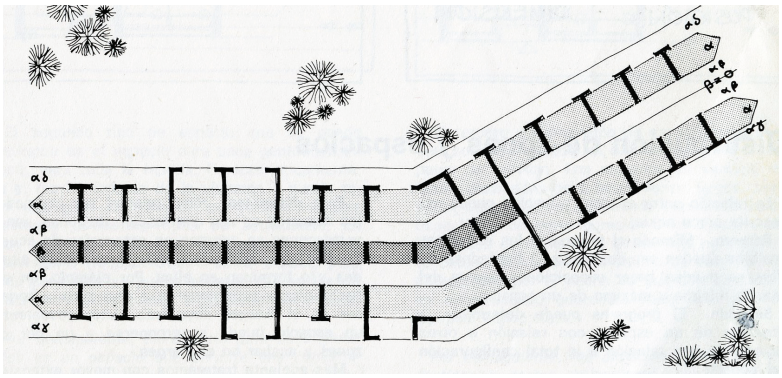


fig.37 (esq) N.J. Habraken: Estudo de profundidade/ proporcionalidade para "suporte"
fig.38 (dir) N.J.Habraken: Estudo de torção e variáveis do esquema para "suporte"

na relação entre a história e as linguagens modernas, entre a arquitectura e o público alvo e a relação desta com a estrutura urbana. [104]

Esta mente aberta levou-o em busca de diferentes culturas e da arquitectura vernacular. Estudou a cultura *Dogon* do Sudão Francês e os *Zuñi* do Novo México[105], chegando mesmo a publicar impressões destas viagens na *Forum*[106], onde explicitava o seu fascínio pelo essencial e o vernacular, e claro, pela pureza formal cósmica que isto criava, *"a desire to gain first-hand knowledge of the primal elements of architectural language."*[107]

Não lhe interessava somente a construção, mas também a produção artística e a sua visão da vida e do mundo. Mais que uma procura de referências formais ou construtivas, para Ben Highmore, Van Eyck lançou-se numa busca pela ética histórica, que o servisse no seu quotidiano e na prática da arquitectura.

*"We were functionalist architects, then: we were for functionalism, for a more inclusive functionalism, which could include the past and learn from the thousands of years of experience people had in building."*[108]

## Os "suportes" de N.J.Habraken

Esta libertação linguística dos anos 50 promovida por Aldo Van Eyck e os pares, foi ganhando seguidores. E, juntamente com a lei Holandesa[109] de controlo imobiliário, a estrutura social urbana bastante homogénea e a boa organização das empresas da construção, formou-se a conjuntura que deu origem ao SAR.[110]

Este aparece como reacção à frustração de arquitectos e população, que não obstante as políticas centralizadas de massificação da habitação terem resultado racionalmente, as grandes áreas monótonas e uniformes criadas, eram incapazes de gerar bem estar.

O elemento que faltava nestas políticas era a participação do usuário. Criou-se, no SAR, a sensibilidade para as duas necessidades de uma boa casa e as boas relações de vizinhança, a decisão e a responsabilização do usuário – a *unidade separável* - e a noção de pertencer a uma comunidade e de respeitar uma certa estrutura – o *suporte.*[111]

*"La idea de soportes y unidades separables estaba basada en el principio de participación o control por parte del usuario."*[112]

[104] **Molinari,** Luca (2005): *The spirits of architecture: Team 10 and the case of Urbino.* In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den.p.301

[105] Apesar das óbvias diferenças, os Dogon e os Zuñi, tinham bastantes fundamentos em comum que interessavam a Van Eyck, como a estrutura social não hierárquica e uma visão social e religiosa como forma de viver. Através de alguns psico-analistas que estudavam os Dogon, Van Eyck teve mesmo a oportunidade de se relacionar com alguns indivíduos e construtores.

[106] Primeiro artigo sobre as suas viagens é de 1953.

[107] **Strauven,** Francis (1998). p. 144

[108] **Tuscano,** Clelia: *Everybody has is own story*, Interview with Aldo Van Eyck, Amsterdam, 26 Setembro 1991. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005)

[109] Segundo Habraken a lei permitia um mercado imobiliário estável e controlado, sendo a construção nunca vista como uma empresa individual (mais de 70% da habitação tinha apoio estatal). Por este motivo a habitação de alta densidade era um dado normal do território holandês.**Habraken,** Nicholas John (1962) p.7

[110] SAR– Stichting Architecten Research - uma fundação para a investigação de melhoramento dos mecanismos de construção habitação em grande número. As primeiras propostas datam de 1965.

[111] "El soporte será una estructura completa por si mismo, pero la vivienda solamente es completa cuando la unidad separable es colocada en el suporte." **Habraken,** Nicholas John (1962) p.18

[112] **Habraken,** Nicholas John (1962) p.9

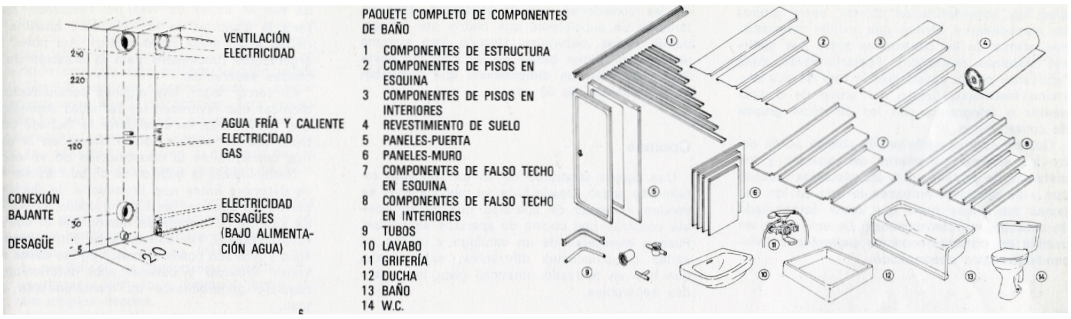



fig.39 N.J. Habraken: Catálogo de pré-fabricação do "suporte"

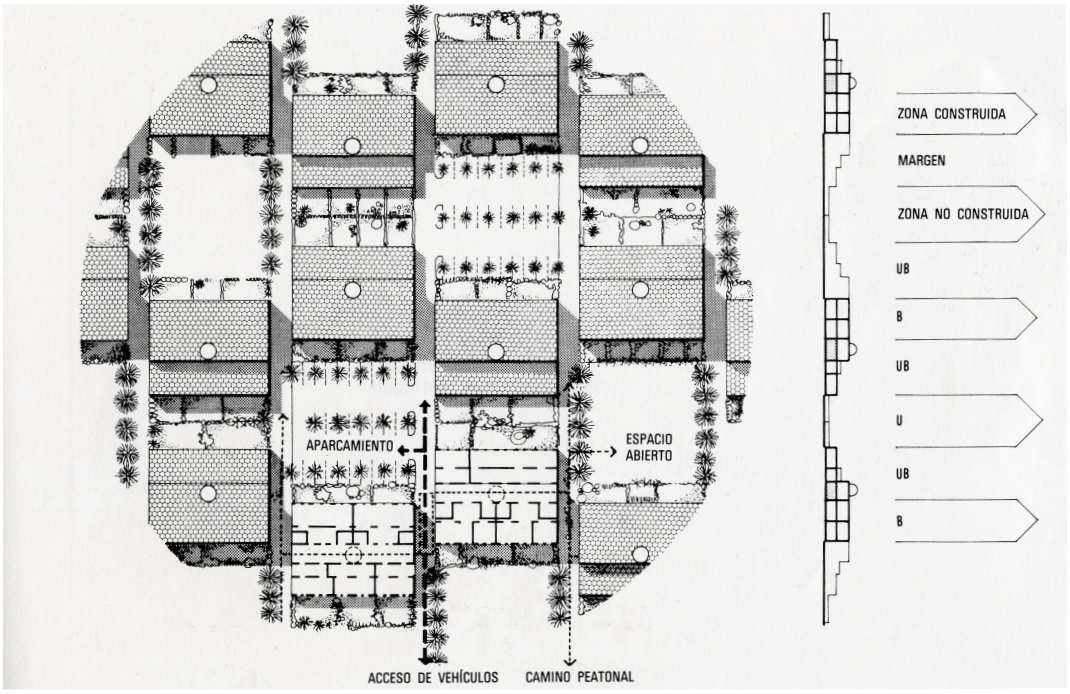



fig.40 N.J. Habraken: Exemplo de tecido urbano

fig.41 (esq) Giancarlo de Carlo e Georges Candilis
fig.42 (centro) Amâncio Guedes, Aldo Van Eyck e Peter Smithson
fig.43 (dir) Jaap Bakema, Peter Smithson e Aldo Van Eyck, que está a apresentar (Encontro de 1973, na Free University)

O arquitecto, director do SAR, John Habraken, não acreditava na casa como um produto,[113] mas como o resultado de um processo em que o usuário também podia tomar decisões dentro de uma infra-estrutura, ou suporte, comunitária.
A planta básica e *unidade separável* é apenas definida após negociações entre arquitecto, cliente, engenheiro e outros profissionais. O desenho deverá então ser simples e não simplificado, com o perigo de levar à eliminação das decisões do usuário, e ser capaz de ser preventivo quanto às modificações do habitante e ser flexível para albergar os standards e modelos exigidos.
Segundo Habraken, estas lições ajudaram ainda a resolver problemas de coordenação da metodologia arquitectónica, oferecendo aos arquitectos uma estruturação para um melhorado contacto com os seus clientes.

*"Tan sólo cuando los individuales pueden tomar decisiones propias sobre la planta y equipamiento de su vivienda, verdaderamente será posible decir que dicha vivienda expresa sus aspiraciones personales.*
*Tan solo cuando la producción está organizada para incluir la participación del residente, se podrá obtener la mayor ventaja de las tecnologías existentes."*[114]

A ideia do indivíduo como consumidor de habitação que se acomoda e se conecta numa grelha estruturante, foi a linha de pensamento para a estruturação prática de Habraken, que propunha as mesmas linhas das teorias de John Turner e foi provavelmente uma inspiração para as utópicas megaestruturas[115] da década de 1960. Nos anos 70 foi utilizado para formular soluções práticas em Londres, pelos arquitectos do *Great London Council,*[116] e em Paris, pelo arquitecto Georges Maurios.

## A Participação do TEAM X

A partir dos anos 60, em encontros pós-CIAM, também os participantes do *Team X* focaram os seus debates, na possibilidade do arquitecto concentrar a sua energia e atenção no desenho de estruturas gerais e limitadas, e no enquadrar das intervenções locais no desenvolvimento autónomo e temporal.[117] No virar da década consumaram-se mesmo dois encontros *do Team X* sobre a abertura projectual e a participação.[118]

*"Candilis, the only participant who spoke no English, presented his design for the Barriades in Lima. This Project drew much criticism from the other participants. On the one hand, they thought it suggested growth and change but did not really allow or stimulate it. On the other hand, a restricted project of that kind could not address the real problems of the Barriades and its inhabitants."*[119]

[113] Tal como Paul Davidoff (ver p. 34/35) Habraken defende o mesmo princípio de valorização do processo, no entanto, têm um contexto muito diferente, o que provoca uma visão divergente na forma de intervenção de cada um.

[114] **Habraken,** Nicholas John (1962) p.18

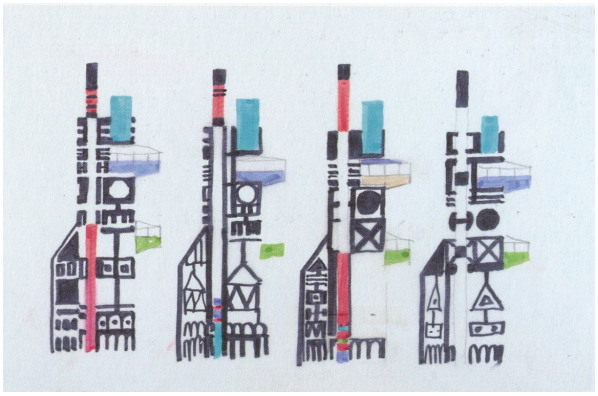
[115] Ver p. 55/56.

[116] A *Primary Support Structure and Housing Assembly Kit, PSSHAK* (1977), é um exemplo destas soluções em que os futuros ocupantes poderiam desenhar o seu próprio ambiente, apesar de infraestruturalmente e estruturalmente limitados. (**Hamdi**, Nabeel - 1984. In **Hatch**, C. Richard). p.49

[117] Este debate foi iniciado no encontro de Royaumont, de 1962, onde os participantes se focaram mais na questão da infra-estrutura urbana.

[118] Londres (1969): *Participation and "open design",* que foi um pequeno encontro na casa dos Smithon, onde Giancarlo De Carlo e Ralph Erskine apresentaram os seus primeiros projectos participados. E mais tarde, em Tolouse-Le Mirail (1971): *Changing conditions I, questioning the Welfare State.*

[119] **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.184



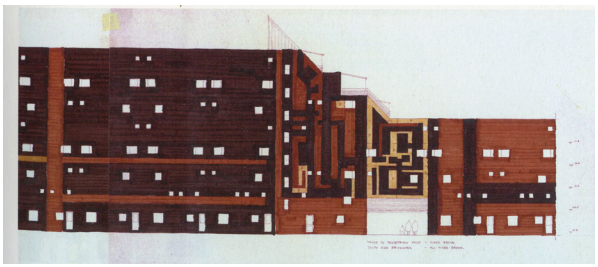
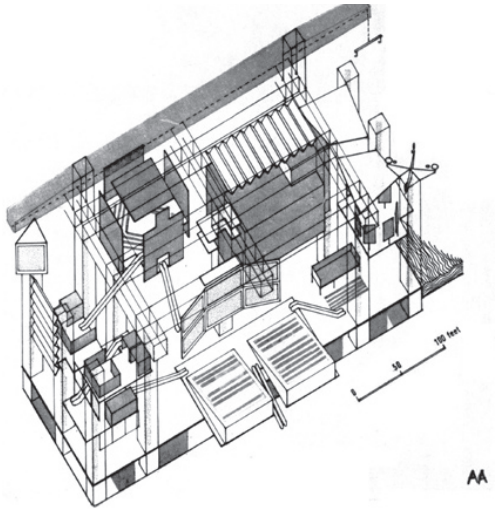


fig.44 Ralph Erskine: "Byker Wall" - estudo dos padrões de alteração e evolução

fig.45 (esq) Projecto de Ralph Erskine: "Byker" - vista da galeria
fig.46 (dir. baixo) Projecto de Ralph Erskine: Byker - estudo para o alçado evolutivo



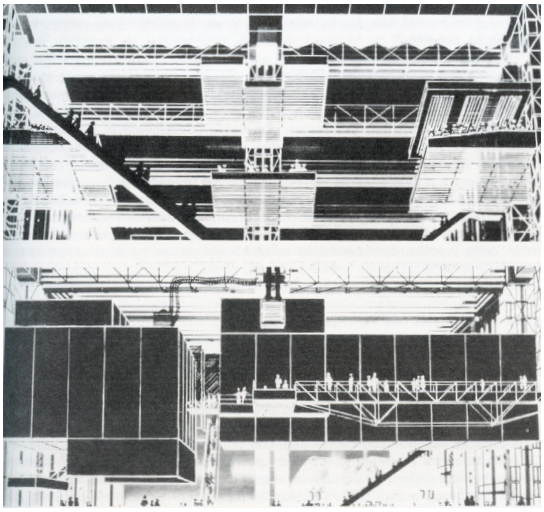
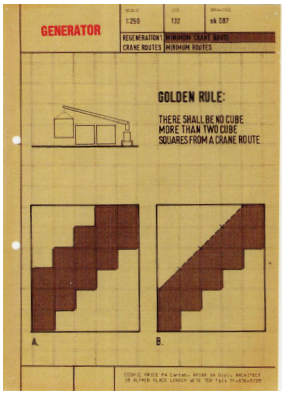


fig.47 (esq) Cedric Price: "The Fun Palace" - axonometria
fig.48 (dir) Cedric Price: "The Fun Palace" (plataformas abertas e anfiteatros em forma de rampa)



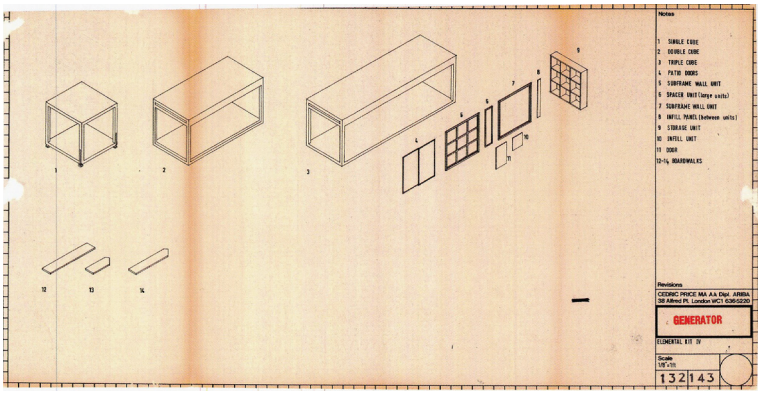




fig.49 (dir) Cedric Price: "The Generator" - "Elemental Kit IV" (módulo habitacional).
fig.50 (esq) Cedric Price: "The Generator" - "Regeneration 1 - Crane Routes" (regras de mobilidade)

No encontro de 1973 sobre o tema da infra-estruturação, em Berlim, na sua flexível *Free Universisty*[120], Georges Candilis apresenta o seu projecto evolutivo para o PREVI de Lima[121], que foi bastante criticado pelas suas características paternalistas, enquanto Giancarlo De Carlo apresenta o projecto urbano para Rimini, onde representa uma estruturação abstracta baseada no reconhecimento histórico de aldeias[122], como San Giuliano.
Em 1976, em Spoleto, realiza-se mais um encontro semelhante, neste caso sobre participação e o significado do passado, onde se analisaram alguns projectos já construídos de De Carlo, mantendo-se sempre a discussão sobre participação e a liberdade, e de que forma poderia a arquitectura resistir ao mercado imobiliário e ao impacto do consumismo da época.
No mesmo encontro, discutiu-se também o interessante caso de Ralph Erskine, do Byker, em Newcastle-upon-Tyne (1968-81), que tal como John Habraken defendia que através da participação se poderia criar uma nova metodologia na relação entre arquitecto e cliente.[123] Seguindo este principio, montou um escritório no local e sempre que ia recebendo informação e críticas dos habitantes, construía progressivamente. A ideia era perceber o que os residentes queriam, mas também responsabilizá-los, o que segundo Erskine, iria criar um bem comum e a motivação para um bom projecto.

*"While architects plan physical structures which communities use, it is the inhabitants who build communities."*[124]

Estas novos ideias de participação e a reconciliação das apologias urbanas tradicionais tiveram que debater-se com a modernização e massificação exigida pelos governos do pós-guerra. O *Team X*, já sem o background da irreverência de combate contra os estabelecidos CIAM iam lutando contra o formalismo e tentando redefinir o seu papel na conjuntura do final dos anos 60, ao mesmo tempo que os seus participantes redefiniam o papel do arquitecto na sociedade.

## "The Man Who Changed England"[125]

Considerado com uma postura subversiva, interdisciplinar e uma retórica utópica, o arquitecto e activista Cedric Price é também crítico do pensamento moderno e defensor da participação e da importância do usuário na arquitectura e no planeamento urbano.
Tal como os participantes do *Team X,* entende a necessidade de um pensamento prático e pragmático e é apologista do carácter útil e anti-monumental, apologizando o instantâneo, o versátil e o informal e encarando a arquitectura como um serviço, que deve oferecer flexibilidade e em que a opinião do usuário e a mudança constante são bens essenciais.
Apesar das intervenções teóricas, o que melhor clarifica a importância de Price para a abertura à participação e indeterminação, são os seus projectos: o emblemático Fun Palace[126], um dis-

---

[120] A Free University, Berlin (1963-73) um projecto do Atelier 5 (Candilis-Josic-Woods). Consiste numa universidade flexível, que se ia modificando consoante o desejo de estudantes e professores, um estrutura com uma construção em painéis standardizados facilmente modificáveis. Mais tarde foi admitido por Candilis que o projecto inspirou-se em projectos feitos em Marrocos na década de 50, baseados na espontaneidade e na rua como estruturação principal.

[121] Ver subcapítulo 2.1.2.

[122] *"De Carlo put several urban planning theories into practice integrally: the theories of participation, of the city as a multylayered fabric of connections and of the importance of connections and of the importance of carrying out a spatial and social analysis of the existing urban fabric as a basis for new interventions."* **Mulder**, Suzanne (2005). In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.194

[123] *"Participation, Erskine believed, was the answer to the problems arising from the growing distance between users, clients and architects"* **Wall**, Gijs de. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) p.224

[124] **Erksine**, Ralph (1984): *Designing between Client and Users.* In **Hatch**, C. Richard. p.190

[125] **Cook**, Peter (2003) In *Architectural Review, London, October (***Furtado,** Gonçalo, **Povoas**, Rui, eds - 2009). p.82

[126] (1961-65) É um projecto requerido por *Joan Littlewood* (importante directora de teatro britânico), um museu/universidade que sintetizava a liberdade e a abertura que a sociedade e arte requeriam. Vai ser uma referência para utopias e projectos flexíveis, indefinidos e abertos à participação como as megaestruturas.

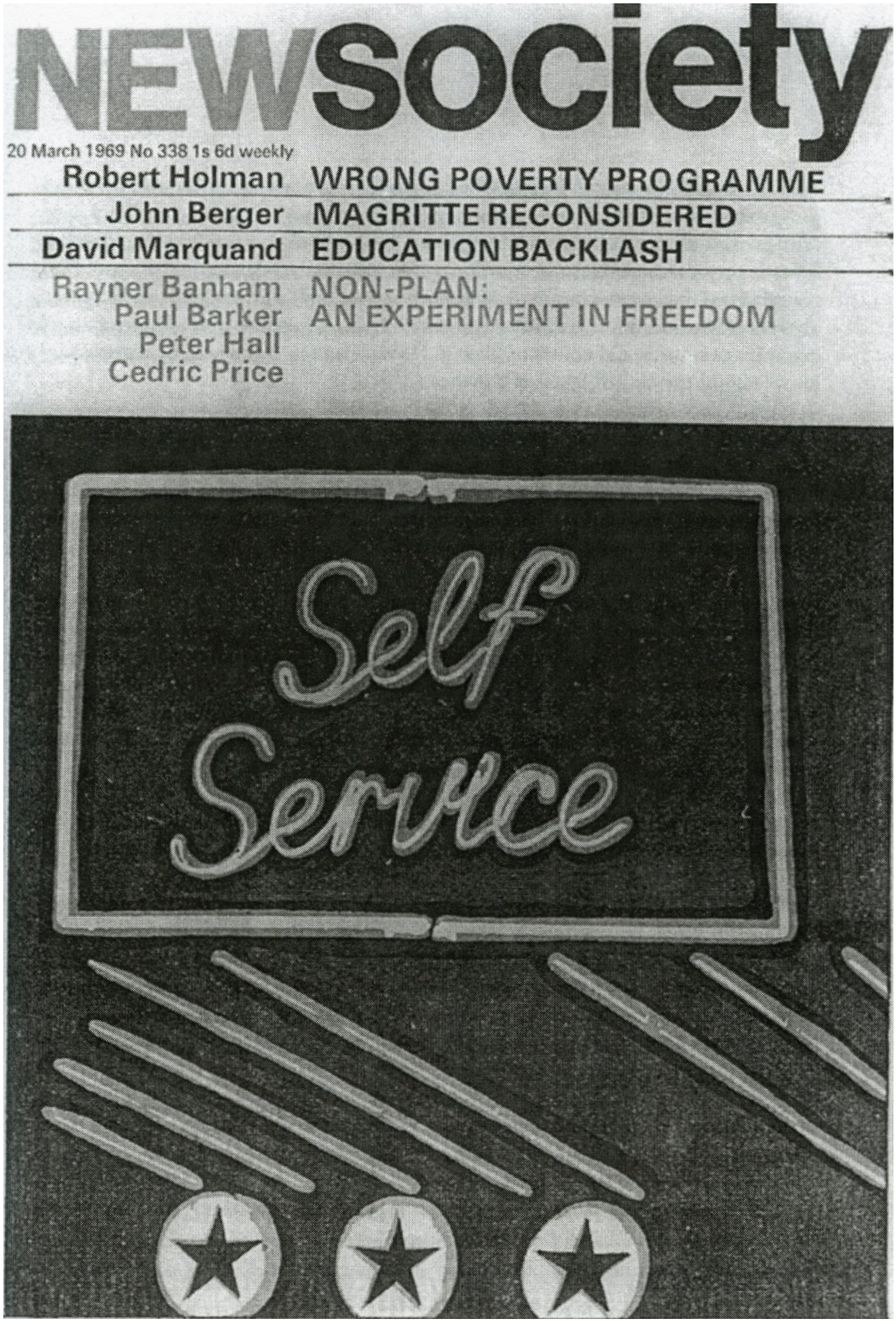



fig.51 Capa da New Society (20 de Março de 1969)

positivo de *plug-in* e participação cultural, ou mesmo, o mais tardio Generator[127], uma utopia informática estruturalista. Os dois sintetizam dois momentos marcantes da evolução que a sociedade, a arte e a arquitectura experienciavam.

*"CHOOSE what you want to do – or watch someone else doing it. Learn how to handle tools, paint, babies, machinery, or just listen to your favourite tune. Dance, talk, or be lifted up to where you can see how other people make things work. Sit out over space with a drink and tune in to what's happening elsewhere in the city. Try starting a riot or beginning a painting – or just lie back and stare at the sky."*[128]

## O Non-Plan

Price era defensor de uma arquitectura mais informal, pré-fabricada e provisória, e por vezes até móvel, sendo um admirador das formas de vida nómadas.[129] Considerando este tipo de soluções como uma hipótese para o problema da habitação social.
Apologista da utopia como critica, e eficaz transformador de paradigmas, em Março de 1969 escreve o artigo *Non-Plan*[130], com Reyner Banham, Paul Barker e Peter Hall, que põe em causa todo e qualquer tipo de plano, criticando, ironicamente, a validade do controlo social e territorial gerado pelo planeamento e olhando para a possibilidade da liberdade total, perguntando se teria sido pior que os subúrbios já gerados.
Para eles os planos implicavam o sentimentalismo e o controlo de alguns, aqueles que tinham a visão burguesa de saber o que é melhor para as pessoas e que negavam o novo estilo de vida da segunda metade do século XX, que a revolução cibernética[131] e as alterações sociais do pop e do interclassismo, tinham transformado para sempre.
Antecipando-se a Robert Venturi e a Denise Scott Brown, criticam os pensadores urbanos que desde o livro de Jane Jacobs[132] só falavam de vitalidade e espontaneidade, mas que desprezavam que os verdadeiros monumentos a estas ideias estavam nos subúrbios. E atacam os *"preservationists"*[133], afirmando mesmo que a única forma de aliviar a pressão do centro histórico é a dispersão urbana, defendendo que se trouxesse custos sociais, os expansionistas é que pagariam esse preço.

*"Non-Plan was essentially a very humble idea: that is very difficult to decide what is best for other people."*[134]

No artigo abordam os subúrbios ingleses sob uma nova perspectiva, relativizando sobre o impacto das *New Towns,*[135] que, segundo eles, eram pequenas para a escala das suas necessidades

[127] O Generator era um projecto de criação de habitação pelo usuário, segundo um sistema informático flexível: *"The building's constant regeneration through users' participation was assisted by certain technology."* (**Furtado,** Gonçalo, **Povoas**, Rui, eds, 2009. p.87).

[128] **Price**, Cedric, sobre o Fun Palace. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.23

[129] *"Cedric Price, the architect, thinks that there is too much emphasis on caravans as an answer to the housing problem: "it should be the housing potential."* **Barr,** John (1967): *Homes on Wheels.* In New Society, vol.9, no.228. (**Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors - 2000. p.24)

[130] O *Non-Plan,* como conceito, segundo o jornalista e escritor Paul Barker, nasceu de uma conversa entre ele e o geógrafo Peter Hall, em 1967, quando era o editor da revista *New Society.* Mais tarde, já com o Cedric Price e Reyner Banham perfilados, escrevem, os quatro, um artigo para a revista chamado: "*Non-Plan: An Experiment in Freedom."*

[131] **Price, Banham, Barker, Hall** (1969). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.15

[132] Ver p. 33

[133] **Price, Banham, Barker, Hall** (1969). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.20

[134] **Barker**, Paul (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.6

[135] Segundo Josep Montaner, as *New Towns* inglesas foram *"o caso mais típico de aplicação estrita dos princípios do urbanismo racionalista."* No entanto, até elas se realizavam segundo uma acumulação do conhecimento a cada experiência, revelando mutações ao longo das gerações que se iam produzindo. (**Montaner**, Josep Maria - 2001). p.28

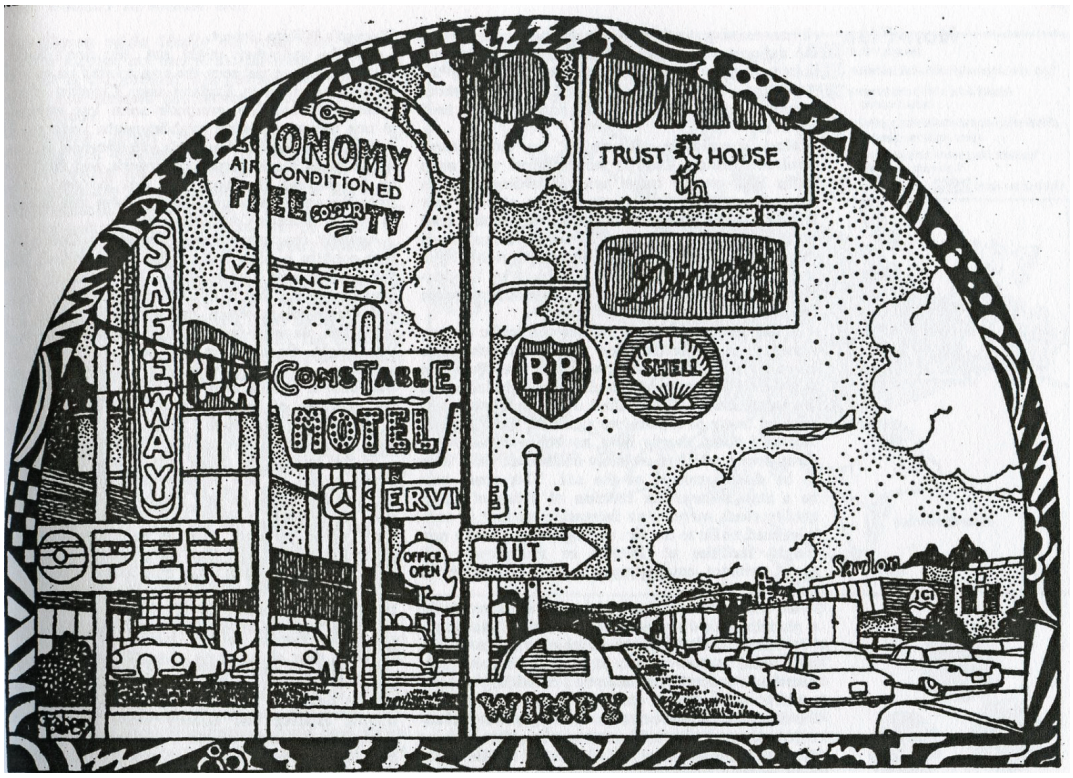



fig.52 Desenho/montagem do artigo Non-Plan

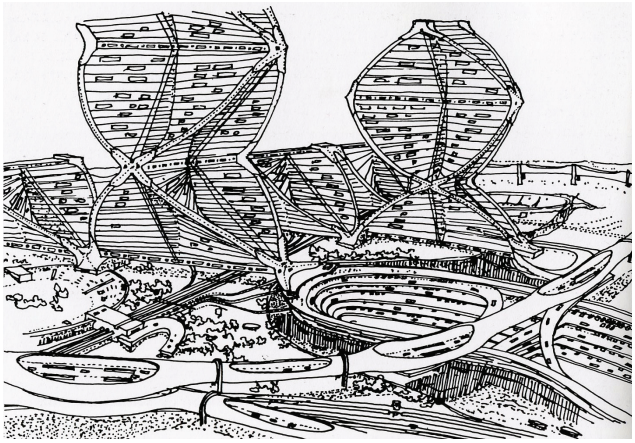
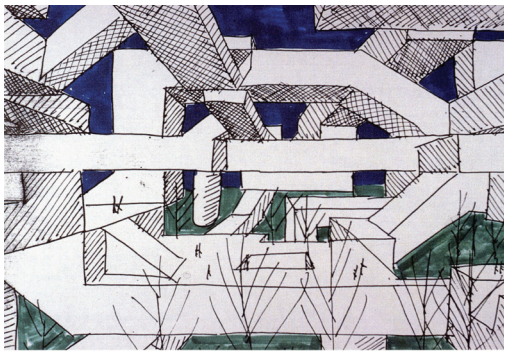


fig.53 (esq) Constant Nieuwenhuys: New Babylon - representação simbólica de colagens (fotografia de Victor Nieuwenhuys)
fig.54 (dir) Kisho Kurokawa: Helix City - proposta de reconstrução do bairro de Ginza, Tokyo



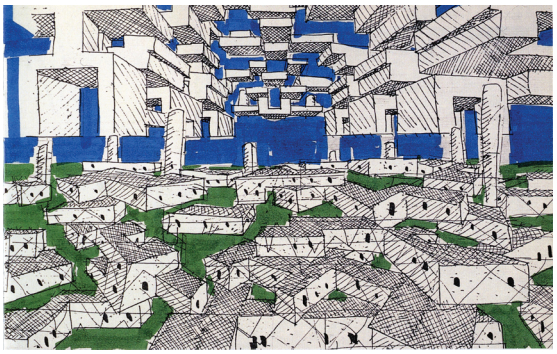


fig.55 Yona Friedman: La Ville Spatiale - perspectivas

e do território em volta. E lançam a ideia de permitir aos habitantes definir o território, não interferindo naquilo a que chamavam uma transformação natural da relação espacial, que iria garantir uma evolução social e espacial, e não frustrando os habitantes que viam nos subúrbios uma representação de uma perdida economia rural,[136] ou aqueles que ambicionavam possuir mais e mais espaço. Assumindo mesmo que se poderia chegar à *"apotheosis of exurbia"*[137], se esse fosse o desejo dos habitantes.

*"Non-Plan – or as it was originally and more accurately called Null-Plan (Architectural Design, no.5, 1969) detailed the advantages of such unevenness. It also proposed that by reducing the permanence of the assumed worth of past uses of space through avoiding their reinforcement, society might be given not only the opportunity to reassess such worth, but also be able to establish a new order or priorities of land, sea and air use which would be related more directly to the valid social and economic lifespan of such uses, replace utopia with Non-Plan."*[138]

O *Non-Plan* defendido pelos autores do texto seria refutado e limitado, não por uma ideia de planeamento mais forte, mas pelas injustiças e leis sociais criadas pelo excesso de liberdade do mercado imobiliário. Segundo o teórico Simon Sadler, para os *"Non-Planners"* o planeamento estava demasiado comprometido pela dependência institucional e paternalista do Estado Providência, que estava empenhado nas *New Towns* e nos *Public Estates,* estabelecidos segundo o conservador repertório de formas e soluções dos manuais estabelecidos.
Esta ideia radical lançou uma nova visão sobre os modelos de habitação e planeamento estatal, o que se veio a reflectir na sensibilização das novas gerações de arquitectos para as novas necessidades urbanas e humanas

*"The dream of setting structure as free as a touring caravan had attracted the young Cedric Price and was intimated in Alison and Peter Smithson's romanticization of the Airstream caravan, which the Archigram group's Ron Herron stacked into the neutral service frame of the multi-storey car park in his Free Time Node of 1966."*[139]

## As utopias megaestruturalistas

Seguindo o explorador tecnológico e planeador utópico Cedric Price, difundiram-se por todo o planeta as formas pop e "megaestruturalistas"[140], revendo e ultrapassando os paradigmas urbanos estabelecidos.
Contemporâneas de Price, *La Ville Spatiale* de Yona Friedman (1958-62) e a anti-capitalista *New Babylon* de Constant Nieuwenhuys (1954-1974), tornaram-se nas primeiras "megaestruturas", acompanhadas pelas propostas paralelas do Movimento Metabolista Japonês.[141]

*"An architectural plan is only the triggering of a long-wearing erratic dynamic process."*[142]

[136] (*"old symbiosis of mining and the rural economy"*). **Price, Banham, Barker, Hall** (1969). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.16

[137] **idem** p.16

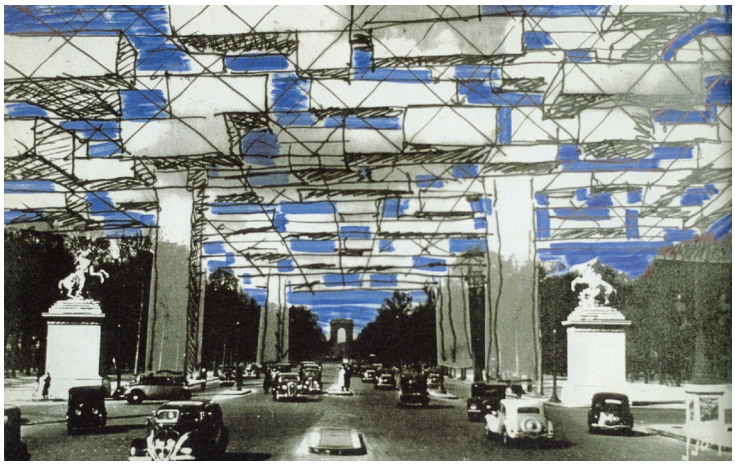
[138] **Price**, Cedric (1972): *Approaching an architecture of approximation.* In Architectural Design, vol.42. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.28

[139] **Sadler,** Simon (2000): *Open Ends, The social visions of 1960's Non-Planning*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.140-141

[140] Conceito usado e disseminado por Reyner Banham para os projectos urbanos de grande escala que uniam a tecnologia à polivalência de usos. Alguns exemplos dos estudados por Banham são os de Yona Friedman, *La Ville Spatial* (1958-1962) ou Buckminster Fuller, Geodesic Domes (1955-1967).

[141] O Movimento Metabolista era formado por arquitectos como Kiyonori Kikutake – Tower City, Kisho Kurokawa – Helix City e Capsule Tower, Kenzo Tange ou Futhiko Maki. (**Montaner**, Josep Maria - 2001). p.115-117

[142] **Friedman**, Yona (2000): *Function Follows Form.* In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.109



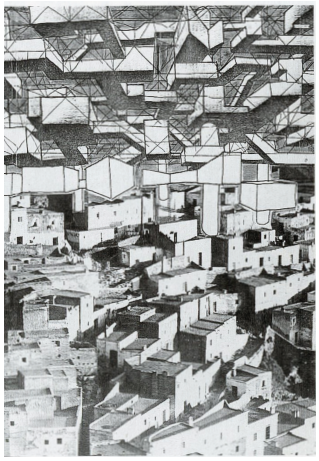


fig.56 (esq) Yona Friedman: Paris Spatial
fig.57 (dir) Yona Friedman: fotomontagem de estrutura urbana sobre fotografia de assentamenteo vernacular mediterrâneo de Bernard Rudofsky

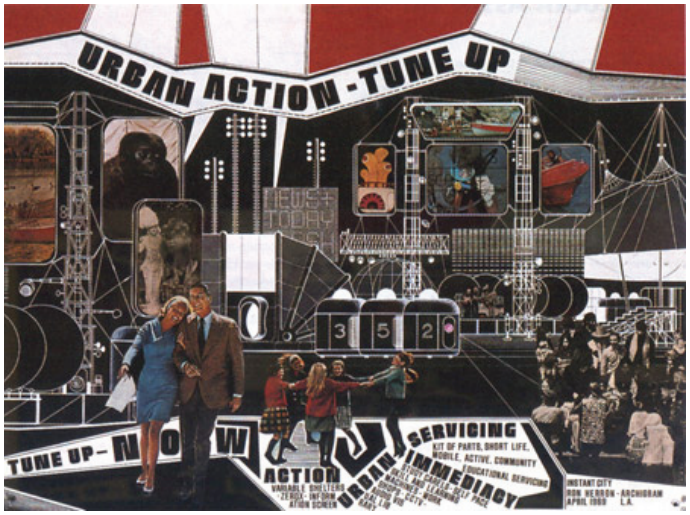
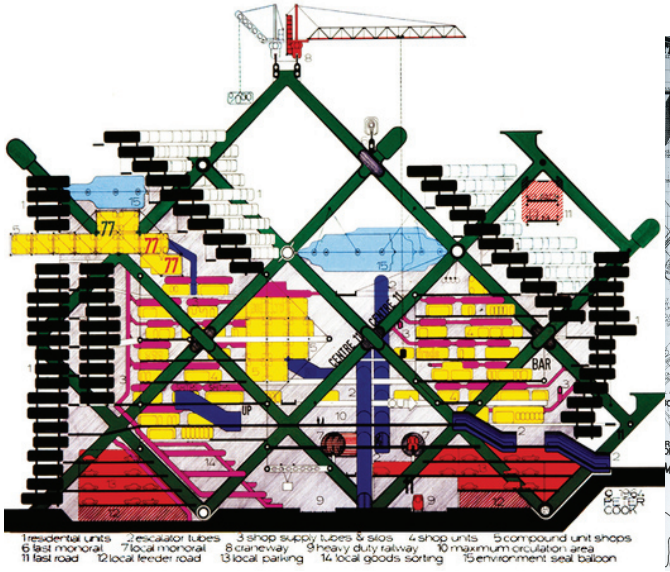



fig.58 (esq) Archigram: Capa da revista dos Archigram n.4 (desenho de Warren Chalk)
fig.59 (dir) Ron Herron: "Urban action, Tune up" - preservação do espaço histórico, infiltrando os novos eventos e programas educacionais e sociais



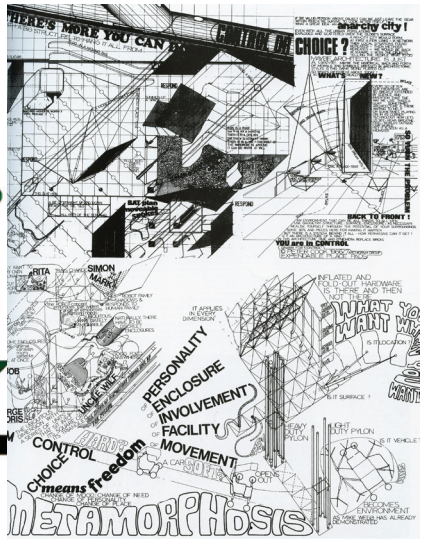




fig.60 (esq.) Peter Cook: "Plug-in City" - corte diagramático
fig.61 (dir.) Archigram: "Control & Choice" - esquema conceptual sobre as possibilidades tecnológicas da formação modular

Friedman partiu de uma grelha funcional pré-definida, *"a spatial infrastructure"*, acreditando que as pessoas, a partir da apropriação que fariam do edifício[143] e das suas escolhas, emoções e uso quotidiano, criariam a organização urbana ideal, materializada nos *"span-over blocks"*.[144]
Já Constant, acreditou numa uniformização dos seus ideais revolucionários e situacionistas,[145] enquanto os "metabolistas" projectavam grandes cidades para a sociedade massificada e edifícios flexíveis, de espaços mínimos e crescimento orgânico.
Um pouco mais tarde evidenciaram-se os grupos de arquitectos: Archigram, de Peter Cook e Ron Herron, e os italianos Superstudio[146], de Adolfo Natalini e Cristiano Toraldo, que projectavam soluções globais, enfrentando os principais temas da arquitectura e do urbanismo, como a flexibilidade, a mobilidade, a tecnologia e a importância da escolha pelo habitante.

*"The Plug-in City is set up by applying a large scale network-structure, containing access ways and essential services, to any terrain. Into this network are placed units which cater for all needs."*[147]

A Plug-in City (1964), de Peter Cook,[148] foi considerada uma das mais emblemáticas "megaestruturas", porque, para além da utopia urbana que propunha, enfatizava um espírito vanguardista que se começou a gerar, ajudando a fomentar uma nova cultura arquitectónica. Este membro dos Archigram projecta uma cidade conectada por tecnologias que permitiriam uma mobilidade constante e a multiplicidade de escolha do usuário, através de um desenho marcado por um fascínio pela cultura pop e pela realidade consumista da época.[149]

Todos partiam do princípio de uma boa união, em que a tecnologia estava ao serviço de uma eficaz arquitectura e de um renovado pensamento urbano, de maior indefinição e motivado pelas escolhas e participação dos habitantes.
As qualidades utópicas das megaestruturas permitiram lançar novos paradigmas urbanos e sociais, com noções de infinita flexibilidade e a focalização nas trocas sociais constantes, sempre com a tecnologia como a solução para os problemas estruturantes de liberdade individual e como a melhor forma de definir o habitat.
O historiador Reyner Banham, membro do *Independent Group,* revelou-se um dos melhores definidores e analistas dos anos 60 e 70,[150] antevendo o megaestruturalismo como a última utopia. Para ele, a sociedade primeiro-mundista do final dos anos 60, massificada, economicamente próspera e tecnológica, permitiu que a arquitectura e o urbanismo fossem dominados por estas "mega utopias", presentes em variadas exposições e em toda a cultura da época, ganhando assim um carácter referencial para as grandes estruturas e artefactos urbanos ou

---

143 *"The style of a building consists in its users. An unused building is nothing else than a ruin."* **Friedman**, Yona (2000): *Function Follows Form.* In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.109

144 Os *span-over blocks* representam a primeira proposta baseada no manifesto dos GEAM (*Groupe d'étude d'architecture mobile),* eram edifícios definidos por uma estrutura fixa e pelos móveis módulos habitacionais.

145 Ver p. 20

146 Os Archigram obtiveram o seu apogeu mediático na *Archictetural Design* e na exposição *Living Cities* (1963 - Institute of Contemporary Art, Londres), já os Superstudio foi na exposição Superarchitettura (1966 – Art Gallery de Pistoia, Italia).

147 **Cook,** Peter, editor (1972) p.39

148 Na Plug-City, ou cidade conectável, tudo teria validade, até a própria estrutura principal (40 anos). E só estaria completa com projectos paralelos mais detalhadas, como o *Computer City Project*, uma optimização informática, e o *Control and Choice,* um documento híbrido de optimização das interpretações das decisões dos usuários.

149 Este fascínio, juntamente com os ideais flexíveis do Fun Palace e as teorias de Guy Debord e Henri Lefebvre, foram mesmo a fonte de inspiração para o *Centre Georges Pompidou,* de Richard Rogers e Renzo Piano.

150 **Banham,** Reyner (1975), **Banham,** Reyner (1976).

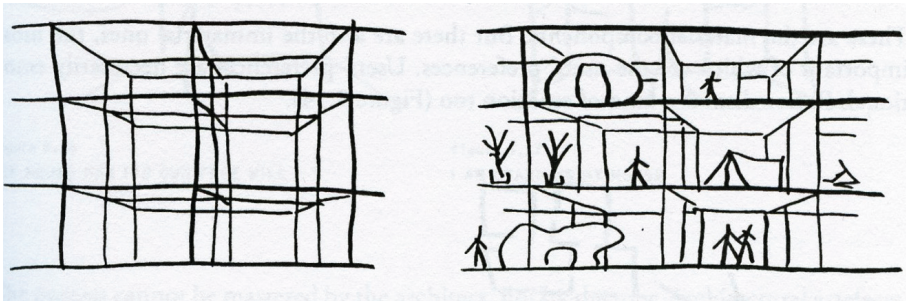


fig.62 Yona Friedman: esquisso conceptual da ville spatial - estrutura / estrutura+módulo habitacional

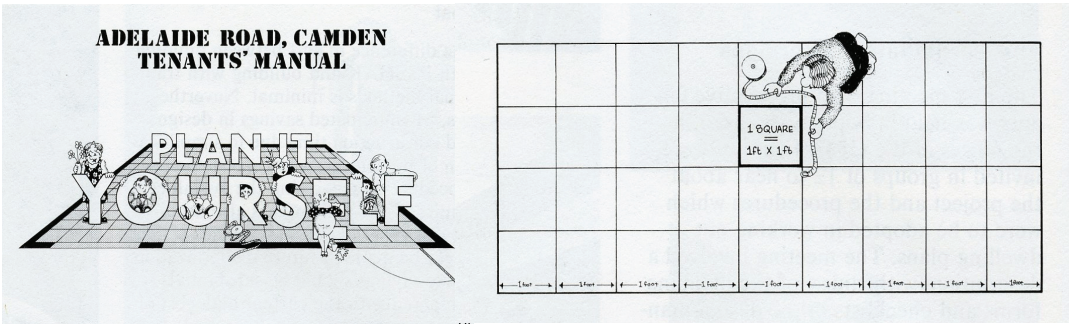



fig.63 (esq.) PSSHAK: Capa do Guia Arquitectónico para construção segundo o SAR
fig.64 (dir.) PSSHAK: Página do Guia Arquitectónico - proporcionalidade e medição de compartimentos

fig.65 PSSHAK: Montagem de blocos habitacionais construídos segundo o SAR (o exterior convencional esconde a flexibilidade promovida)

arquitectónicos que se construíram nas décadas seguintes.
Talvez por terem ficado pelos esquemas e pelas técnicas da indeterminação e das infinitas possibilidades, alcançaram um espírito dinâmico que mais tarde alguns arquitectos irão explorar em planos e obras concretas.

*"At their best, Price's projects, along with those of the Archigram group, had exploited the fallout from technological innovation with an imaginative radicalism and the occasional hint of irony: plug-in cities, living ipos, and pop-up parliaments promised a future of spontaneity, choice and democratizing participation."*[151]

Numa Inglaterra marcada pelo controlo do Town Country Planning of Housing Committee,[152] a posição contrária do RIBA[153], influenciada pelas novas tendências culturais e sociais e por estas utopias arquitectónicas e urbanas, partiu para uma crítica pró-activa, que vinha ganhando contornos já desde o final da década de 1940. Desta nova linha de pensamento saiu a procura de uma nova cultura democrática de fazer arquitectura e cidade, procurava-se uma *"cidade para o Homo Ludens."*[154]

*"Public Participation is a familiar idea in this country. Yet for all it's familiarty, it is a relatively new idea."*[155]

## The Skeffington Report

A confirmação desta nova conjuntura apenas ficou oficializada com o *Skeffington Report,* documento que lançou as bases para o futuro de uma pretensão que se vinha desenvolvendo: desenhar a cidade considerando todas as escalas, desde as macro ideias e objectivos principais até às pequenas participações do habitante.

*"Confronting public perceptions of disinterested and even hostile planning and architectural professions, its tenor subsequently surfaced in Britain in the 1969 Skeffington Report on participation in planning, in which planners were exhorted to involve the public in their decisions."*[156]

A partir deste feito democrático, críticos e académicos, como o sociólogo Pearl Jephcott e a geógrafa Alice Coleman[157], colocaram todos em questão, atingindo políticos, planeadores e arquitectos, acusando-os de criarem edifícios e ambientes sem terem em conta as necessidades e sentimentos colectivos, impondo desenhos inadequados.

[151] **Hughes**, Jonathan: *After Non-Plan* (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p. 173

[152] Segundo Ian Horton, The Town and Country Planning of Housing Committee, de 1944 até 1959, controla tudo o que diz respeito ao urbanismo: o zoneamento, as estradas e a legislação dos planos, bem como a estética arquitectónica, controlando alçados e o desenho do edificado. Este controlo era conformado pelo *Housing Manual, de 1944,* que era entendido como um Manual para as boas práticas s: *"The main thrust of these measures was the use of zoning to control all future planning schemes. This was outlined very clearly in a government White Paper, The control of Land Use, published in 1944."* (**Horton,** Ian: *Pervasion of the picturesque* - 2000. In **Hughes**, **Sadler**, editors). p.66

[153] RIBA – Royal Institute of British Architects: *"(...) the Institute is not in favor of the principle of the control of the external appearance of buildings and will endeavor to secure removal of all such control as soon as the employment of an architect in all building projects has become the established practice."* In *minutes and papers of the Central Committee for the Architectural Advisory Panels held in the RIBA archive – 1949.* (**Horton**, Ian: *Pervasion of the picturesque.* 2000) In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors). p.69

[154] **Grande**, Nuno (2009).

[155] **Damer,** Seán, **Hague**, Cliff (1971).

[156] **Hughes**, Jonathan (2000): *After Non-Plan*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p. 181

[157] Pearl Jephcott (1900-1980) era um sociólogo investigador da Universidade de Oxford e Alice Coleman (1923) era uma investigadora do *Department of Geography, King's College, London.* Os dois desenvolveram pesquisas sobre o uso dos solos na área metropolitana de Londres.

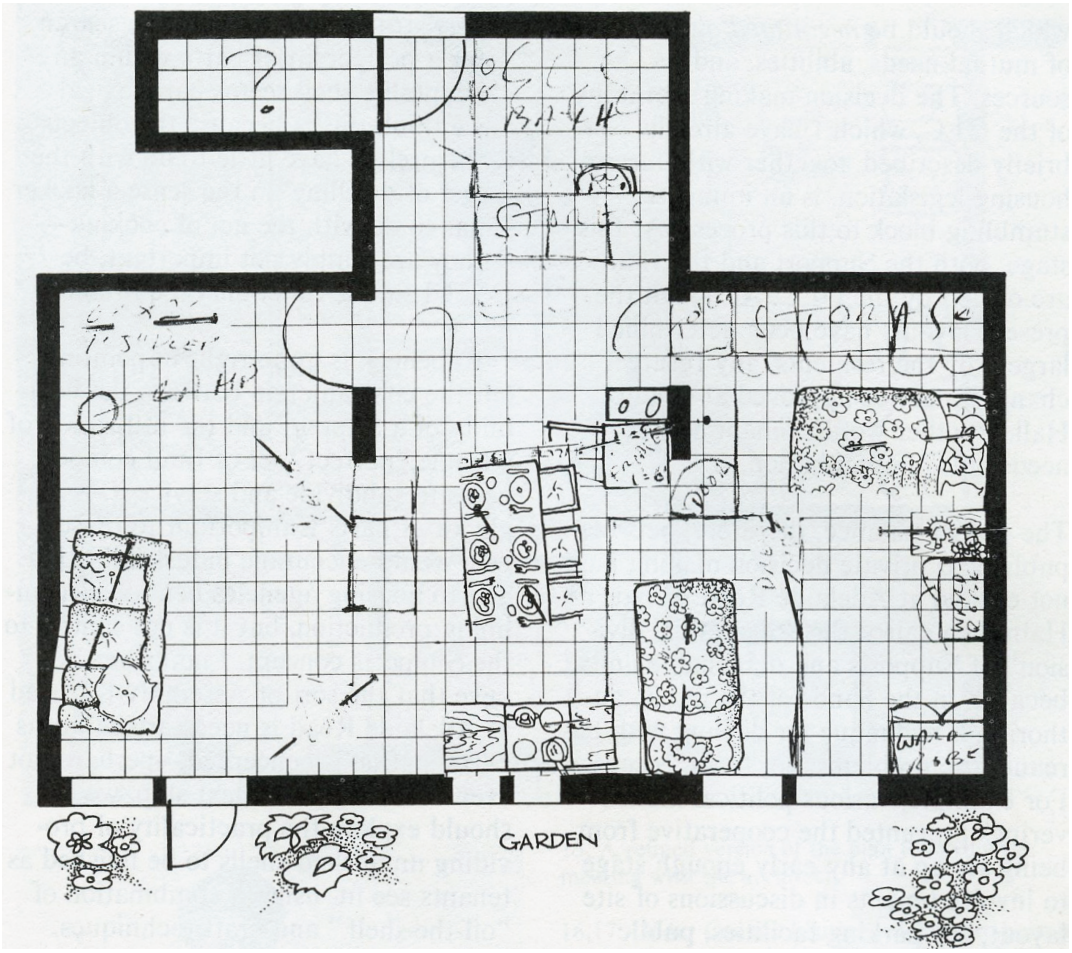



fig.66 PSSHAK: planta resultante do processo de discussão entre habitante e equipa de assistência

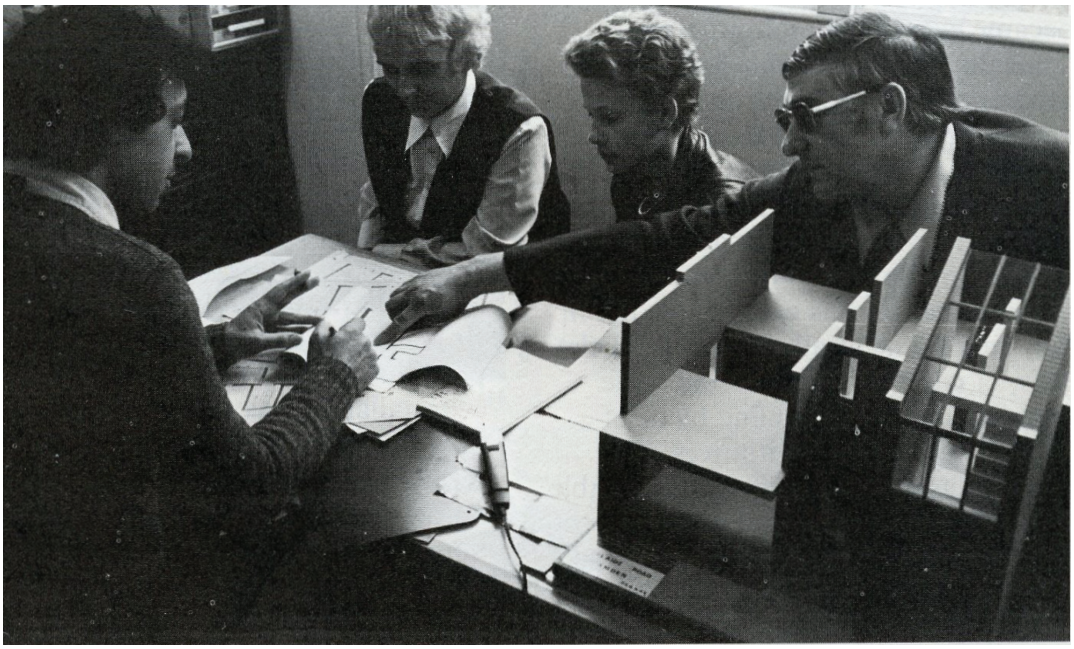


fig.67 Reunião entre futuros habitantes e equipa de assistência

Esta postura arquitectónica levou o presidente da RIBA, Frederick Pooley, a afirmar que a arquitectura tinha atingido um estádio comunitário, com uma face humana e em sintonia com a nova atitude social que se difundia.[158] E entre 1969 e 1975, multiplicaram-se os *on-site offices,* que permitiam um grau de participação do utente no desenho da sua nova casa nunca antes visto, segundo o investigador Jonathan Hughes: *"It seemed that the involvement of the users of architecture in the design process was now a serious (and realizable) consideration."*[159]
Um exemplo destes on-site offices foi o caso de Adelaid Road, de 1977, projectado pela Primary Support Structure and Housing Assembly Kit (PSSHAK), de Nabeel Hamdi e Nicholas Wilkinson, que foi uma aplicação prática da teoria dos suportes de John Habraken.[160]

No entanto, para o arquitecto e cientista social John Turner este documento era apenas uma resposta directa a pressões de pequenos grupos de eleitores descontentes[161] e as políticas promovidas pelo Great London Council, como o PSSHAK, eram meras interpretações técnicas dos princípios de John Habraken e despendiam demasiada energia, não se desenvolvendo o sentido de responsabilidade cívica do habitante.[162]
Paul Barker, jornalista crítico e co-autor do texto do *Non-Plan,* considerou o Skeffington Report, bem como todas as pesquisas académicas e as novas políticas de participação no planeamento, insuficientes. Para este radical só se entenderiam perfeitamente as possibilidades da participação do usuário quando se tentasse o *Non Plan: "But even if matters ended up much the same, in terms of durable successes or disastrous failures, the overall pattern would be sure to be different: the look of the experiment would be sure to differ from what we have now."*[163]

Apesar das opiniões cépticas de John Turner e Paul Barker esta formalização da participação dos utentes no planeamento, culminada no Skeffington Report, mudou a atitude de Estado, arquitectos e habitantes Ingleses e influenciou grande parte do Primeiro Mundo.

*"Weather as a result of Skeffington or not, the notion of "community architecture" soon caught the imagination of both the public and, after initial hostility, the profession during the 1970s."*[164]

[158] **Hughes**, Jonathan (2000): *After Non-Plan*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p. 181

[159] ibidem.

[160] **Hatch**, C. Richard (1984). p.22 (ver p.49)

[161] *"More recently, and in response to more perceptive analyses of the social psychology of alienation, as well as to direct pressures from local groups of angry voters, citizen participation has even been built into planning and building law, as in Britain; or a prerequisite for Federal support, as in the United States."* **Turner**, John (1976). p.18

[162] **Turner**, John (1984): *Commentary on SAR.* In **Hatch**, C. Richard (1984). p.61

[163] **Barker,** Paul (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.11

[164] **Hughes**, Jonathan: *After Non-Plan* (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.181

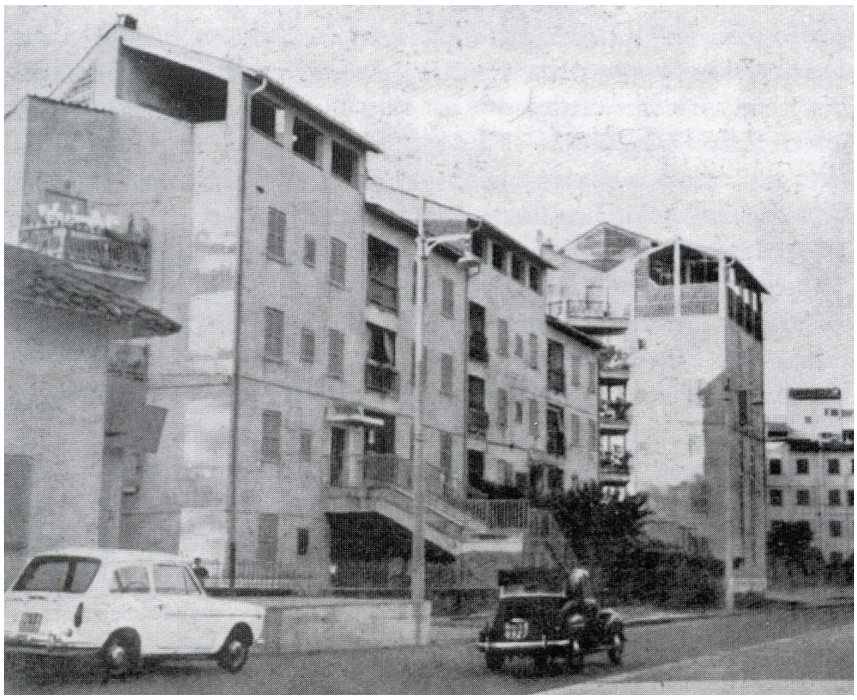


fig.68 Ludovico Quaroni, Mario Ridolfi e colaboradores: Bairro Tiburtino, Roma - Programa INA Casa (1950)

fig.69 Giancarlo de Carlo: Capas de primeiras edições da revista "Spazio & Società"

fig.70 Plenário no ILAUD: mesa com Donell Lyndon, Peter Smithson e Giancarlo de Carlo

### 1.1.4. Itália e a "Tendenza" Mediterrânica

A critica italiana e mediterrânica ao pensamento moderno, apesar de assente nos mesmos temas que a norte europeia, tiveram contextos e preocupações diferentes, o que proporcionou uma diferente evolução social com a devida repercussão no campo arquitectónico.
Por este motivo, em Itália, a vertente neo-realista foi imperante e teve um grande impacto nas novas gerações de arquitectos que se formavam em Portugal e em Espanha, influenciados pelo grupo de pensadores da *La Tendenza*[165], onde Aldo Rossi se evidenciava pelo respeito da história da arquitectura e da cidade antiga, confirmado no seu livro *Arquitectura da cidade.*[166]

*"Talvez pelos mais próximos desejos de contaminação cultural, como o cinema ou a literatura, frequentemente se apelidam estas intervenções como a expressão do neo-realismo arquitectónico. Mas não nos podemos esquecer que elas representam também o ensejo populista de, finalmente lograr a penetração da arquitectura erudita no seio do gosto das populações (...)"*[167]

O mediterrâneo de Giancarlo de Carlo

As diferenças ficaram evidenciadas no *Plano Fanfani*, de 1949, do ministro De Gasperi, em que lançou o *INA-Casa*[168], uma nova política de habitação que encerrava uma nova busca processual, contra a inflexibilidade do Estilo Internacional. Desejava-se enfatizar uma exploração espacial e uma linguagem que não parecia coincidir com habitação social, contendo a reciclagem de tipologias vernáculas como o pátio e uma visão diferente da autoconstrução, dando maior valor aos contextos culturais autóctones e à participação popular.[169]
Na questão urbanística, a principal diferença estava no "centro".[170] Enquanto no norte se defendiam as novas centralidades e as cidades de fundação (*New Towns)* e a disciplina de *Urban Renewal*, no Sul, os centros necessitavam manter outras qualidades, muito por culpa da maior densidade histórica da cidade, que justificavam opções mais híbridas e inter-classistas.

*"If you refuse to accept history you also deny the broader context or architecture, you no longer understand the city, you no longer know what a street or a square is, you lose the Great richness of heteronomy."*[171]

Giancarlo de Carlo, que conjugava este neo-realismo italiano[172] com uma proximidade com os brutalistas, tornou-se uma das figuras do desenvolvimento da arquitectura da pós modernida-

[165] Movimento neo-realista italiano, formado por personagens como Aldo Rossi, Giorgio Grassi e Vittorio Gregotti.

[166] **Rossi,** Aldo (1966).

[167] **Bandeirinha**, José António (2009) p.55

[168] O INA-Casa foi uma politica de habitação social que propunha investigações tipológicas, morfológicas e de habitação evolutiva. Apesar da marca pessoal do arquitecto, a maioria das intervenções do plano procuravam características populares, *"com planimetrias informais, homenageando as formações urbanas "espontânenas", mas também através do recurso a técnicas construtivas artesenais, ferro forjado, abobadilhas à romana, etc."* **Bandeirinha**, José António (2009) p.55

[169] De Carlo em *Terni,* Quaroni *e Ridolfi* em Tiburtino, em Roma e Albini em Milão são os principais responsáveis da divulgação desta visão. (**Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno - 2006)

[170] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno, (2006).

[171] **De Carlo**, Giancarlo (1990-95-99) In Entrevista de Clelia Tuscani: *How can you do withtout history?* In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.341

[172] Segundo Josep Maria Montaner o distanciamento destes dois quadrantes evidenciou-se quando houve uma divergência entre a facção Inglesa e a facção italiana. De um lado os Smithson e Reyner Banham, que lançaria o artigo *"Neoliberty-A retirada italiana da arquitectura moderna",* na revista *Architectural Review* e do outro lado, como principal protagonista, Ernesto Rogers, que fomentaria a discussão com o artigo, *"A revolução da arquitectura (resposta ao defensor das geladeiras)",* na revista Casabella. (**Montaner**, Josep Maria – 2001, p.32)

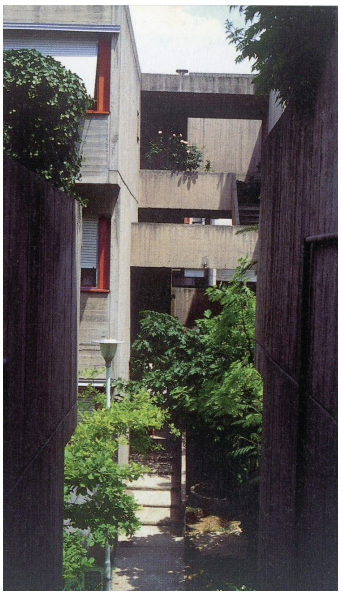


fig.71 (esq) Giancarlo de Carlo: Villagio Matteotti - maqueta de plano urbano
fig.72 (dir) Gincarlo de Carlo: Villagio Matteotti - vista do acesso da habitação

fig.73 (esq) Giancarlo de Carlo: Villagio Matteotti - rua pedonal
fig.74 (dir) Gincarlo de Carlo: Villagio Matteotti - ponte vista de uma rua principal

fig.75 (esq) Giancarlo de Carlo: Villagio Matteotti - cruzamento de ponte e acessos verticais

de, foi um dos responsáveis pelo *Team X* e foi fundador do *ILAUD*[173] e da revista *Spazio e Società*[174], que proporcionou a fácil difusão dos seus ideais participativos e da consciencialização ética do arquitecto.

*"The prevalent idea, so it seems, is that architecture being an art should not, by definiton, be contaminated with the concrete aspects of everyday life. This dichotomy between architecture and reality, today so widespread in all branches of criticism and information, has not always existed."*[175]

Este genovês acreditava que o arquitecto moderno e o funcionalismo, não representaram os papeis que deveriam. Enquanto as actividades humanas se multiplicavam e se diversificavam, as decisões sobre onde e como seriam, eram definidas por um momento de grande simplificação[176], e por uma busca objectual e artística, com desinteresse pelo contexto onde actuavam. Para De Carlo, a arquitectura deveria contribuir para parar este paradoxo, que considerava uma das causas da segregação social.

Giancarlo De Carlo, segundo o escritor Colin Ward[177], teve um pendor politico anárquico, que se reflectia na sua busca pela distribuição do poder de decisão no processo arquitectónico. Para este arquitecto, apenas existiria participação se todos os envolvidos no processo de construção fossem envolvidos de forma igual na decisão e existisse uma descentralização e uma constante adaptação às necessidades.

## Participação, Anarquismo e Regionalismo

No entanto, a sua postura era um pouco complexa, uma vez que pressupunha a educação dos participantes dos projectos, como uma forma de transmitir conhecimento e alertar as pessoas para eventuais caminhos a seguir. A sua anarquia projectual era, assim, baseada num pressuposto de liberdade e pedagogia, nunca de total desordem.[178]

Foi, seguindo este princípio de que a arquitectura deveria ser retirada aos arquitectos e devolvida às pessoas que a usam[179], mas sem nunca abdicar da sua disciplina, que na década 60, criou os seus primeiros projectos "participacionistas".[180]

O Villagio Matteotti[181], em Terni, foi talvez o seu projecto mais emblemático. De Carlo preparou e previu o envolvimento dos futuros habitantes através de demonstrações e reuniões, que

[173] O International Laboratory and Architectural Design teve inicio na Univerisdade de Urbino em 1974, onde participaram mais de 30 Universidades e vários membros do *Team X*, como Peter Smithson, Candilis, Erskine, Van Eyck e Bakema, e alguns pensadores anarquistas como Danilo Dolce e Colin Ward. Segundo Mirko Zardini: *"ILAUD was, in fact, De Carlo's version of Team 10."* **Zardini**, Mirko (2005) In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.216

[174] Revista editada de 1975 e 2000. Inicialmente não foi mais que a tradução italiana da *espaces et sociétés* de Lefebvre e do arquitecto e urbanista Anatole Koop, mas mais tarde De Carlo aproveitou para mostrar uma nova visão da sociedade, da arquitectura do Terceiro Mundo e da participação do usuário: *"the journal sought steadily to carry out research into the methods of participatory design."* (**Samassa**, Francesco - 2005. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk.. p.201)

[175] **De Carlo,** Giancarlo (1980).

[176] Ibidem.

[177] *"There were very few links between the anarchists and the architects. One was the architect Giancarlo de Carlo, nurtured during the years of war and resistance by the Italian anarchist propagandists and by the stream of ideas they channelled from earlier generations."* **Ward**, Colin (2000): *Anarchy and architecture, a personal record.* In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon. p.44

[178] *"Francesco Samassa, who recently coordinated the systematic organization of the De Carlo archives, in his essay "A building is not a building is not a building, applied the term "anarchitect" to De Carlo. The term certainly fits De Carlo if we bear in mind that he believed "anarchy is above all organisation", as he often claimed."* **Damiani,** Giovanni (2005): *Anarchy is not disorder, Reflections on participation and education*. In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.287

[179] **De Carlo,** Giancarlo (1980).

[180] Colónia de Verão em Classe (1960-63) e o *Villagio Matteotti*, em Terni, Urbino (1969-74).

[181] O Villagio Matteotti (1970-75) era um bairro para trabalhadores Corporação Nacional Ialiana do Aço, realizado no âmbito do plano Ina-Casa.

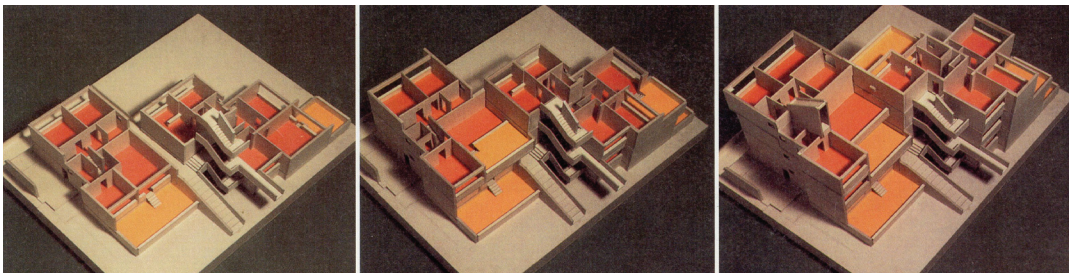


fig.76 (esq) Giancarlo de Carlo: Villagio Matteotti - maquetas de possibilidades tipológicas

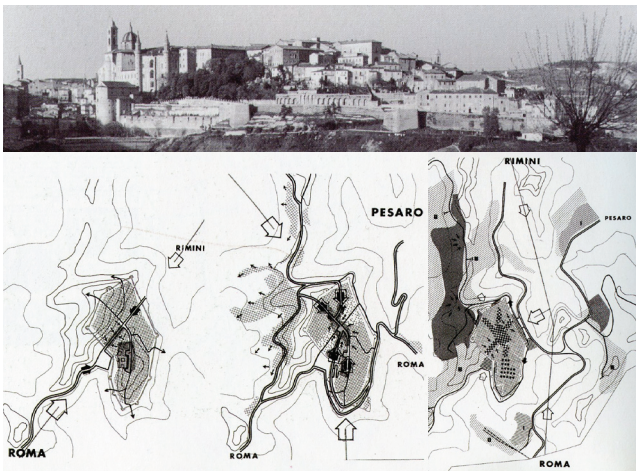


fig.77 (esq. cima) Urbino: vista de sudoeste
fig.78 (esq. baixo) Giancarlo de Carlo: diagramas da evolução urbana de Urbino
fig.79 (dir) Urbino: vista aérea do centro histórico

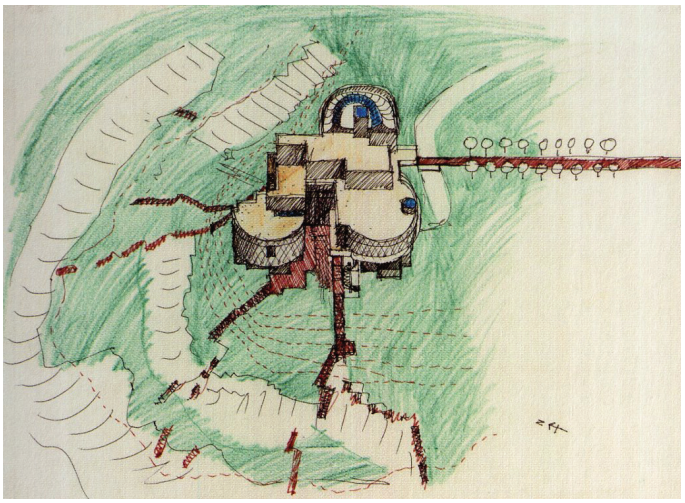


fig.80 Giancarlo de Carlo: Collegio del Colle - esboço representativa da adaptação topográfica
fig.81 Giancarlo de Carlo: Collegio del Colle - vista da galeria

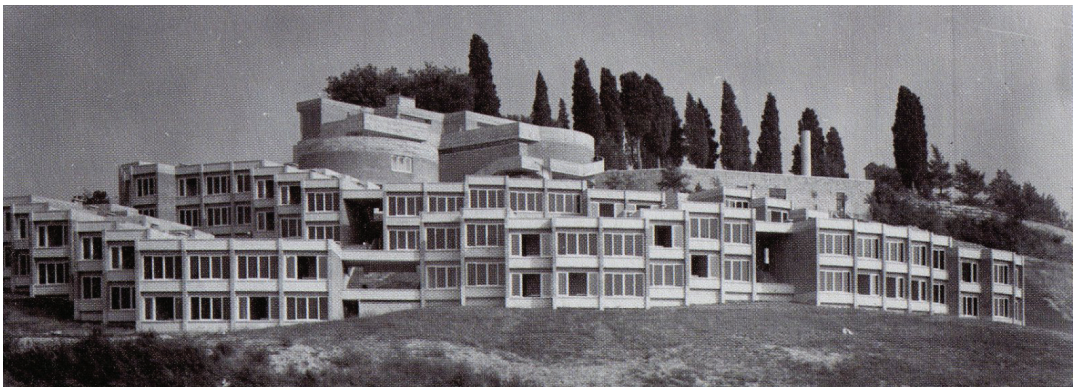


fig.82 Giancarlo de Carlo: Collegio del Colle - vista de oeste

incluíam um sociólogo na equipa. E foi a partir dos diagnósticos alcançados aqui que montou a sua estrutura ortogonal de bairro, conformado por vários clusters e com módulos flexíveis. O resultado foi um conjunto de blocos morfologicamente *random*[182], que permitiam uma liberdade para organizar o bairro e os módulos em três dimensões, com ruas elevadas e acessos verticais, que juntos permitiam a quebra da monotonia e espaços verdes em cada casa.
A ideia fundamental era que houvesse uma fase participativa, em que o habitante ou usuário poderia ter uma escolha que iria influenciar a obra. Talvez não fosse a mais verdadeira das participações, mas estabelecia maior relação entre o trabalho do arquitecto e a vontade dos futuros habitantes.

*"The master plan established De Carlo's reputation as a Pioneer of what was later to become known as "critical regionalism".*[183]

Este projecto estava inserido no seu Masterplan de Urbino[184], em que De Carlo revela o seu *regionalismo crítico,*[185] projectando, baseado em reminiscências que retira da cidade histórica: na morfologia, na organização urbana e mesmo na adaptação à topografia. Adapta, assim, uma linguagem claramente brutalista,[186] mas também garante uma continuidade entre o existente e nova estrutura.

*"The whole building is typical. I mean, there you have a city like a building like a city."*[187]

Ainda neste *masterplan* desenvolveu outro projecto evolutivo, o Collegio del Colle, uma residência de estudantes que se desdobra segundo uma estrutura que se adapta à topografia acidentada, tal como a cidade, revelando o respeito e a absorção línguistica do natural e do vernacular.

*"At the outset, in fact the goal had been to free architecture from the demands of power and the opportunistic distinctions of the long period of academicism, and to give it an immediacy of representation and expression once more, so that everyone everywhere could understand and use it."*[188]

Giacarlo de Carlo, posteriormente, quando reflectiu sobre a vivacidade e as ideologias dos anos 60 e 70, diz-nos que houve uma grande confusão entre a política e a arquitectura, as ciências sociais e mesmo a engenharia, motivando o aparecimento de vários silogismos controversos para o âmbito da arquitectura, como: *"Architecture is the work of politicians"*; *"Making architecture is making politics"* ou *"Architecture is political action".*[189]
Nesta reflexão divide, conceptualmente, o que para ele resultou nas duas formas de fazer arqui-

[182] Existiam 15 tipos de projecto de apartamento, baseados em 5 protótipos, que tinham 3 variações, o que permitiu 45 tipos de apartamento. Os habitantes não construíam elas próprias mas permitia-se escolher o tipo e o tamanho da casa que desejavam.

[183] **Mulder**, Suzanne (2005). In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den, editors. p.106

[184] O Masterplan de Urbino (1958-64). Um projecto para uma cidade histórica que se encontrava em degradação e em perda identitária.

[185] Rerência ao conceito de Kenneth Frampton, enunciado no livro *A Critical History on Modern Architecture* de *1987.*

[186] **Mulder**, Suzanne (2005). In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den, editors. p.106

[187] **Van Eyck**, Aldo (1991) In Entrevista de Clelia Tuscani: *Everybody has is own history.* In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.328

[188] **De Carlo,** Giancarlo (1984): Preface, *Beyond Postmodernism* In **Hatch**, C. Richard, editor. p.vi

[189] idem. p.viii

tectura: a "arquitectura normal", que foi praticada por burocratas e pela administração pública e a "arquitectura excepcional", a peça artística projectada por algum dos protagonistas do *Star System* e criticada pelos *mass media* apenas por pressupostos estéticos.[190]
E tal como o seu compatriota Manfredo Tafuri, De Carlo faz a denúncia da morte da arquitectura perante o sistema capitalista de uma forma extrema: *"Probably it was the realization of this vacuum that some time ago let certain cities to declare that architecture was dead."*[191], não atribuindo a culpa apenas aos arquitectos ou aos grandes decisores; os críticos ou teóricos também foram visados, por apenas se concentrarem nas obras de arte, o que para ele era muito mais fácil, pois não envolvia pensamentos racionais e pragmáticos ou conceitos sociais e económicos muito elaborados, apenas questões artísticas e tecnológicas, que normalmente se relacionavam com linguagens passadas ou demasiado futuristas.[192]

*"However, the desmise of values and passions led De Carlo to a renewed belief in architecture: "Precisely because the world risks becoming mired ever more deeply in the crisis of values in which it is already floundering, the only reliable frame of reference left is the physical space of the territory... In the territory humanity can continue to find the signs of its past and the symptoms of its future."*[193]

Apesar do pensamento crítico e negativista sobre aquele momento particular da história da arquitectura, que ainda define muito do momento contemporâneo que vivemos, De Carlo acreditava que enquanto existirem ser vivos e a necessidade de organização espacial, a arquitectura, o arquitecto e o seu legado histórico estarão sempre presentes.

A critica arquitectónica primeiro-mundista ligada com a participação e abertura projectual, anteriormente sintetizada, teve o seu apogeu na década de 1960 e no inicio da década de 1970, sendo apoiada pelas emergentes publicações literárias que alteraram o pensamento urbano.[194]
Deu origem a um pensamento mais livre, uma maior vontade e liberdade de intervenção na cidade consolidada e uma abertura do processo de projecto ao habitante.
O *advocacy planning*, as ideologias do *Team X*, os *suportes* de Habraken, os novos planos italianos e até as megaestruturas apareceram como configurações, apesar de contextualmente distintas, igualmente exploratórias, e, situando-se um pouco mais longe de preocupações formais e de desenho, deixaram a arquitectura mais próxima do pragmatismo de disciplinas como a economia ou sociologia.
Nestes estudos/planos a solução estava nas comunidades e na participação das pessoas e não nos apoios externos. Naturalmente, seria aproveitando recursos existentes e na maximização organizacional que se criariam as renovadas e humanas condições de vida.

[190] Gincarlo De Carlo falou do período pós-moderno, como uma crise de ecletismo e revivalismo inconsciente, sem consciência dos problemas do presente e incapaz de articular novas linguagens. Para De Carlo marcado pelos movimentos "neos", seja de linguagem ou pensamento: neo-monumentalista, neo-racionalista, neo-dada, neo-hiperrealista... Em que a busca ecuménica era impensável. **De Carlo**, Giancarlo (1984): *Preface, Beyond Postmodernism.* In **Hatch**, C. Richard, editor. p.vii

[191] **De Carlo**, Giancarlo (1984): *Preface, Beyond Postmodernism.* In **Hatch**, C. Richard, editor. p.viii

[192] Idem. p.viii

[193] **De Carlo,** Giancarlo.Citado por **Zardini**, Mirko (2005): *Giancarlo De Carlo and the International Laboratory of Architecture and Urban Design.* In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van. p.216

[194] Este novo pensamento urbano teve em Kevin Lynch e Gordon Cullen nomes incontornáveis que ainda não foram referidos, pelas suas reflexões teóricas e pela grande abrangência e preocupação social que registavam nas suas eminentes publicações, ajudando a expor a critica ao Funcionalismo, e revelando o apelo às qualidades e as tipologias que formavam a cidade histórica, como a rua, a praça e as relações de vizinhança, bem como novas necessidades de bem estar e interesse cultural.

## 1.2. Participação no Terceiro Mundo, vista do Primeiro Mundo

*"O alojamento tinha-se tornado num problema mundial. Por razões sócio-económicas diversas, quer as metrópoles consolidadas dos países ricos, quer as metrópoles emergentes dos países pobres, debatiam-se com graves problemas de afluência desmedida de habitantes."*[195]

Após a II Grande Guerra, enquanto as cidades do Primeiro Mundo tentavam encontrar políticas de habitação e formas de conseguir planear as cidades, que conjugassem a grande afluência emigratória dos países pobres e o neo-liberalismo imobiliário, nos países do Terceiro Mundo, com graves problemas económicos, a população lutava para sobreviver em cidades cada vez mais habitadas, em que se multiplicavam os aglomerados *suburbanos* de condições precárias.
A ocupação espontânea tornou-se, neste contexto, um facto bastante interessante para vários grupos de estudiosos, mas se no primeiro a esfera neo-liberal do mercado era o campo mais visado e interessado, no segundo, a matéria de estudo de sociólogos, urbanistas, arquitectos abria-se, disciplinas que até aí tinham dificuldade em abranger a informalidade.
Neste sentido, a relação do Primeiro Mundo e do Terceiro Mundo deixou de ser apenas de cariz económico e neo-colonizador, passando o Terceiro a ser uma fonte de inspiração e um objecto de estudo bastante interessante para quem procurava novas formas de responder às novas necessidades demográficas das urbes.

### 1.2.1. "Architecture Without architects"

O poder da ideia de casa, que o Homem desenha, constrói ou cria, e em que a geometria deve ser entendida como uma ferramenta básica e essencial, ficou demonstrado de forma esclarecedora por Le Corbusier e a sua "máquina de habitar". Todos os arquitectos modernos entenderam e seguiram estes princípios. No entanto, talvez motivados pela desconfiança na história, deixaram de lado valências da vida e dos habitats humanos, que não foram conquistadas nem desenhadas por arquitectos, planeadores ou decisores, mas sim pela individualização e união de todos e de cada um dos desejos do cidadão comum.

A procura do Habitar

Nos finais do século XIX o naturalista J.G.Wood[196] publicou um livro em que fala de casas "sem mãos", defendendo que a arquitectura e a habitação são temas presentes até nos animais. Tema confirmado mais tarde, ainda no mesmo século, pelo escritor André Lefèvre, que no seu livro "*Les Merveilles de l'architecture*" comparou colmeias e formigueiros a templos e palácios, e defendeu que o fundamental para a arquitectura é a ideia, a utilidade e a adaptação.
Mais tarde, o historiador e arquitecto Banister Fletcher[197] supôs que a arquitectura teve o seu início num esforço primitivo e pré-histórico de protecção contra as bestas e os inimigos humanos, afirmando que só já muito contemporaneamente apareceram as primeiras marcas rítmicas e a repetição de conforto físico e moral.
Estas teorias, sintetizadas pelo historiador arquitectónico Joseph Rykwert,[198] mostram-nos que a ideia da casa, da habitação ou lar está presa a um conceito intemporal e interdisciplinar. O arquitecto, consegue apenas permanecer atento ao renovar contínuo das formas essenciais para a vida humana, e por isso tem de aprender com os habitantes.

[195] **Bandeirinha**, José António (2007) p.24
[196] J.G.Wood (1827-1889) foi um reconhecido escritor e pensador naturalista inglês.
[197] Banister Fletcher (1866-1953) foi um arquitecto e historiador inglês.
[198] **Rykwert,** Joseph. (1974).

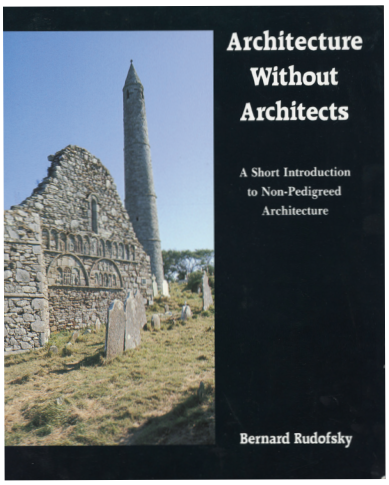


fig.83 Bernard Rudofsky: Catálogo da exposição "Architecture Without Architects"
fig.84 Bernard Rudofsky: Escultura: Nivola "house-garden" (1951)

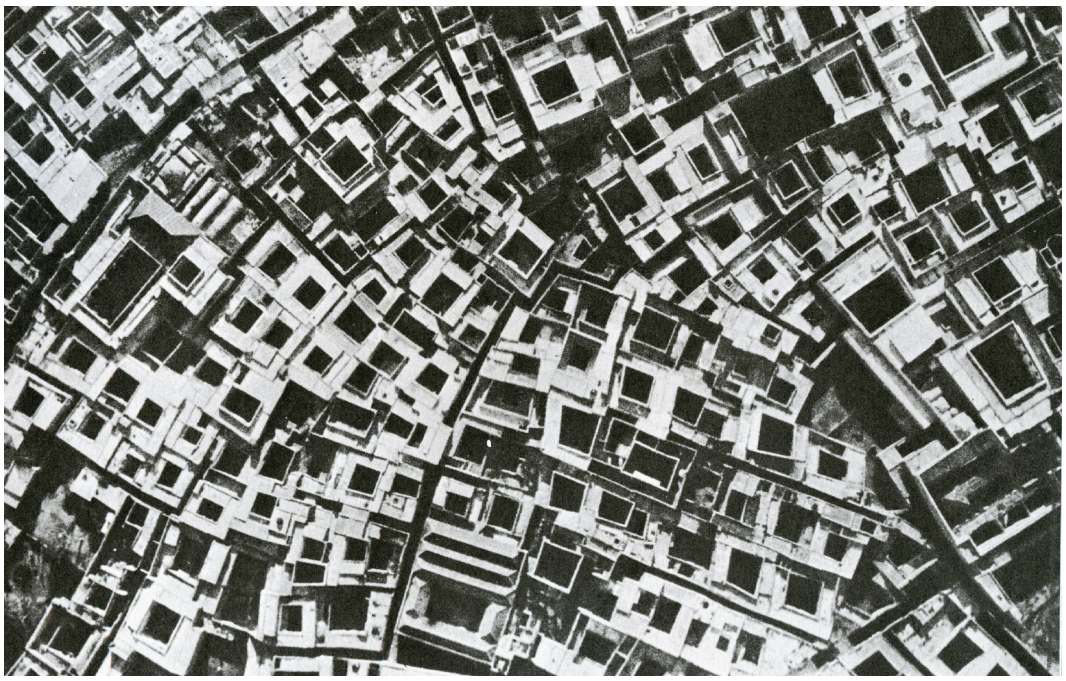


fig.85 Bernard Rudofsky: vista aérea de Marraqueche (Fotografia da exposição "Architecture Without Architects")

fig.86 (esq) Bernard Rudofsky: Vista de telhados em Procida (1934)
fig.87 (dir) Bernard Rudofsky: Aguarela da Marina Corricella, em Procida (1930)

Segundo Rykwert, este interesse e correcção constante sobre a origem da *cabana primitiva,*[199] impede um padrão metafísico para a postura construtiva e metodológica do arquitecto, lançando uma tensão social e intelectual, que vem desde a origem da sua actividade.[200]

## A síntese da arquitectura vernacular

É motivado por esta busca da essência arquitectónica que o arquitecto e historiador Bernard Rudofsky, em 1964 no MoMA, inaugurou a exposição "Architecture Without Architects",[201] que reflecte uma retórica da apologia da participação dos habitantes nas cidades, dos utentes na arquitectura e do Homem no mundo.

*"Vernacular architecture does not go through fashion cycles. It is nearly immutable, indeed, unimprovable, since it serves its purpose to perfection. As a rule, the origin of indigenous building forms and construction methods is lost in the distant past."*[202]

O autor fez a apologia da arquitectura vernacular, considerando-a como uma arquitectura imutável, improvável e que serve a sua função na perfeição, mas que foi sempre menosprezada pela história da arquitectura, que para ele é feita de uma forma discriminatória, por se basear, fundamentalmente, em edifícios de, e para, ricos e para os deuses, deixando as casas da maioria dos habitantes esquecidas. Não pretendia com esta exposição criar um guia de viagem para a arquitectura empobrecida, mas um ponto de viragem na exploração dos nossos pré-juízos arquitectónicos.

*"(...) like Loos, Rudofksy could not tolerate an architect's imposing his own formal choices on the inhabitants (...)"*[203]

Tal como Adolf Loos, uma das suas principais referências, Rudosky procurou ver a arquitectura como um meio de satisfazer necessidades, e recorrendo a Pietro Belluschi[204], o autor valorizou a arquitectura comunal, um tipo de arquitectura que não é feita por apenas alguns intelectuais ou especialistas, mas pela espontaneidade e continuidade das acções e experências de uma comunidade.

*"It's frankly polemic, comparing as it does, if only by the implication, the serenity of the architecture in so-called underdeveloped countries with the architectural blight in industrial countries."*[205]

Comparando dois tipos de arquitectura muito distantes, a dos países desenvolvidos e a dos subdesenvolvidos, afirma que há muito para aprender sobre arquitectura antes de esta se tornar uma "arte de especialistas", e que ao contrário destes, os protagonistas da anterior forma de construir demonstravam uma grande sensibilidade e talento ao inserir os seus edifícios no

[199] **Rykwert,** Joseph. (1974).p.227

[200] idem.p.240

[201] "The exposition Architecture without Architects, shown at the Museum of Modern Art from November 9, 1964 to February, 1965, was commisioned by the Department of Circulating Exhibitions under the auspices of the International Council of Museum of Modern Art." **Rudofsky**, Bernard (1964) p.1

[202] **Rudofsky,** Bernard (1964) p.1

[203] **Guarneri,** Andrea Bocco (2003). p.44

[204] Pietro Belluschi (1899-1944) foi um importante arquitecto do Movimento Moderno Americano, responsável por mais de 1000 edificios. É engenheiro de formação e arquitecto auto-didacta, e apesar de seguidor do Estilo Internacional é conhecido pela sua exploração no campo dos materiais.

[205] **Rudofsky,** Bernard (1964) p.4

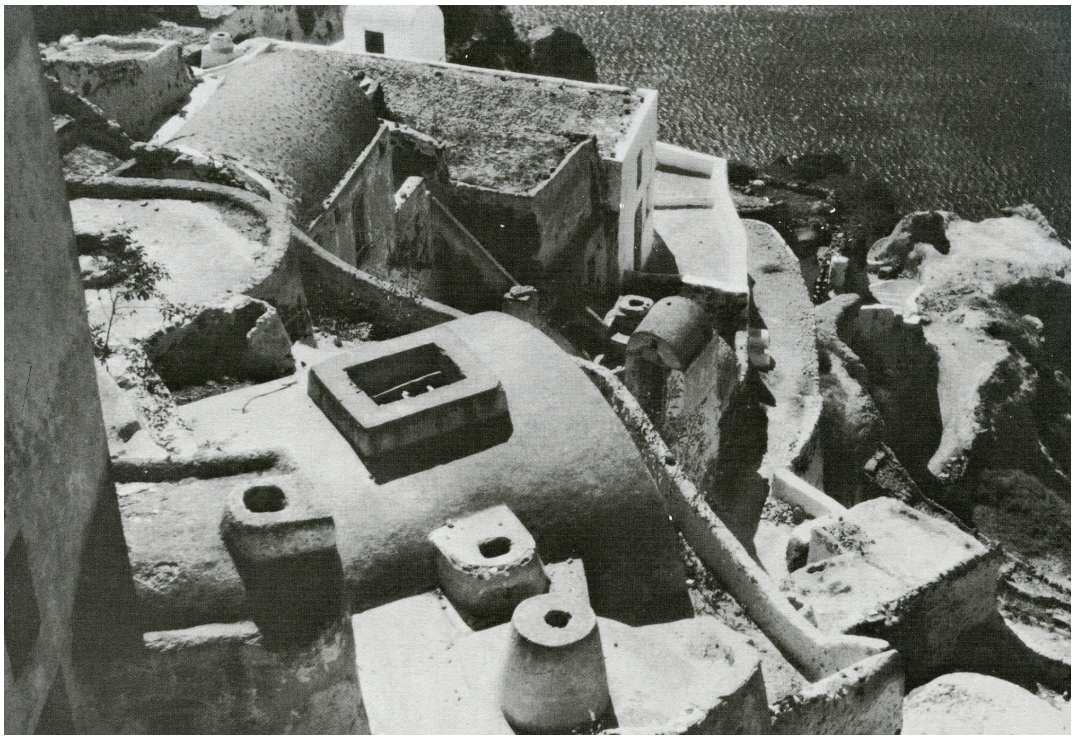


fig.88 Bernard Rudofsky: vista de telhados das ilhas de Aegen (fotografia da exposição "Architecture Without Architects")

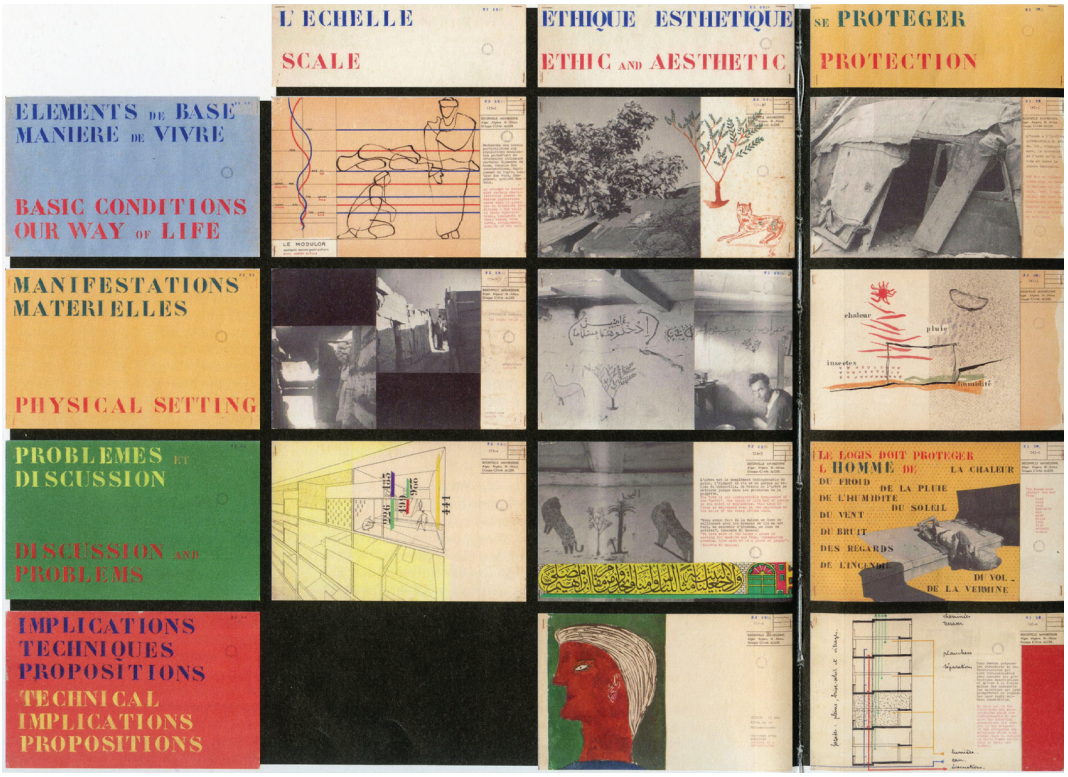



fig.89 Parte da Grellha: "Bidonville Mahieddine" (apresentada durante o CIAM IX)

contexto natural: *"Instead of trying to "conquer" nature, as we do, they welcome the vagaries of climate and the challenge of topography."*[206].
Recorrendo à arquitectura das ilhas Aegean e a um castelo em Sotalba, na província de Ávila, no sopé da Sierra de Peñalguete, fala-nos do mimetismo inerente à arquitectura, seja proveniente da Natureza ou de construções mais remotas, que revelam todo o contextualismo e adaptação que devem estar inseridas naturalmente, para uma mais fácil adaptação e apropriação do Homem.
Rudofsky partiu, assim, para uma crítica ao Homem Moderno e a tudo o que ele representa em termos de aspiração e necessidade. Focando-se no conforto mecânico de que ele necessitava, acusava-o de não conseguir a "relaxation hinge" com a ausência desse tipo de conforto, revelando-se dependente das concepções da "vida moderna".
Tal como os activistas e pensadores actuantes no Primeiro Mundo, Rudofsky ironiza sobre o estilo de vida do Homem Moderno, estranhando porque é que este preferia viajar diariamente durante horas, a viver mais comodamente perto do seu local de trabalho. Reafirmando que, ao contrário do que se passava antigamente, o Homem se vai afastando do local que habita, e que só se participar na formação e preservação do seu ambiente é que se vai apropriar do "seu espaço", ficando, assim, bastante indiferente a melhorias provenientes do estilo de vida moderno.
Concluiu Bernard Rudofsky, que o conhecimento e a filosofia presente nos construtores anónimos são uma fonte "sem fundo" para a arquitectura do "Homem Industrializado". Para ele, esta sabedoria construtiva está escondida das considerações económicas e estéticas, está no quotidiano, como viver e deixar viver e como manter a paz entre os vizinhos.[207]

*"For Giancarlo de Carlo such settlements are a continual reference point in his work in Matera and Urbino. The Smithsons use a range of vernacular references in their writing: crofter cottages from Scotland; seaside village clusters from the Yorkshire coast; the Long Houses of Borneo; as well as using examples from mediaeval Europe. Georges Candilis and Shadrach Woods, who studied Muslim housing in Morocco when they were parto f the ATBAT-Afrique group, constantly reference the vernacular Moorish domestic architecture of North African Muslims."*[208]

## A procura do essencial

Também o *Team X* costumava recorrer a realidades de países distantes para encontrar valores que já escasseavam nas sociedades modernas. Em 1953, no CIAM de Aix-en-Provence foram mesmo apresentadas algumas grelhas de projectos no Norte de África,[209] principalmente sobre os complexos problemas dos *bidonvilles* e das comunidades de aparecimento espontâneo.
O próprio Le Corbusier, terá usado inspirações provenientes destes locais para a suas soluções, como a *promenade architectural,* e segundo a historiadora Zeynep Çelik[210], o casal Smithson ou o explorador Aldo Van Eyck recorreram frequentemente a exemplos ancestrais do Terceiro Mundo para explicar o seu ênfase no quotidiano e na arquitectura vernacular.
No entanto, segundo o arquitecto Nuno Portas, este interesse pelo essencial, pelo autêntico e pela integração da arquitectura no seu contexto, *"apareceu primariamente como saída para o cansaço derivado ou reduzido vocabulário geométrico das composições em paralelepípedos ou dos grandes envidraçados, com um sem brise-soleils;"*[211]

[206] **Rudofsky,** Bernard (1964) p.5
[207] **Rudofsky,** Bernard (1964). p4
[208] **Highmore,** Ben: *Recuing optimism from oblivion* (2005) In **Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den. p.273
[209] Os grupos que exploravam e projectavam no Norte de África era essencialmente formados por arquitectos *nativos*, mas também alguns que vão ser mais tarde regulares participantes do Team X: GAMMA (Groupe d'Architectes Modernes Marocains), o ATBAT-Afrique (Atelier des Bâtisseurs) e  o CIAM-Alger.
[210] **Çelik**; Zeynep*: The ordinary and the third world at CIAM X* (2005). In **Risselada, Heuvel**. p.276
[211] **Portas** Nuno (1963). In **Portas,** Nuno (2005). p.25

fig.90 Hassan Fathy: Casa modelo - Ezbet el-Basry

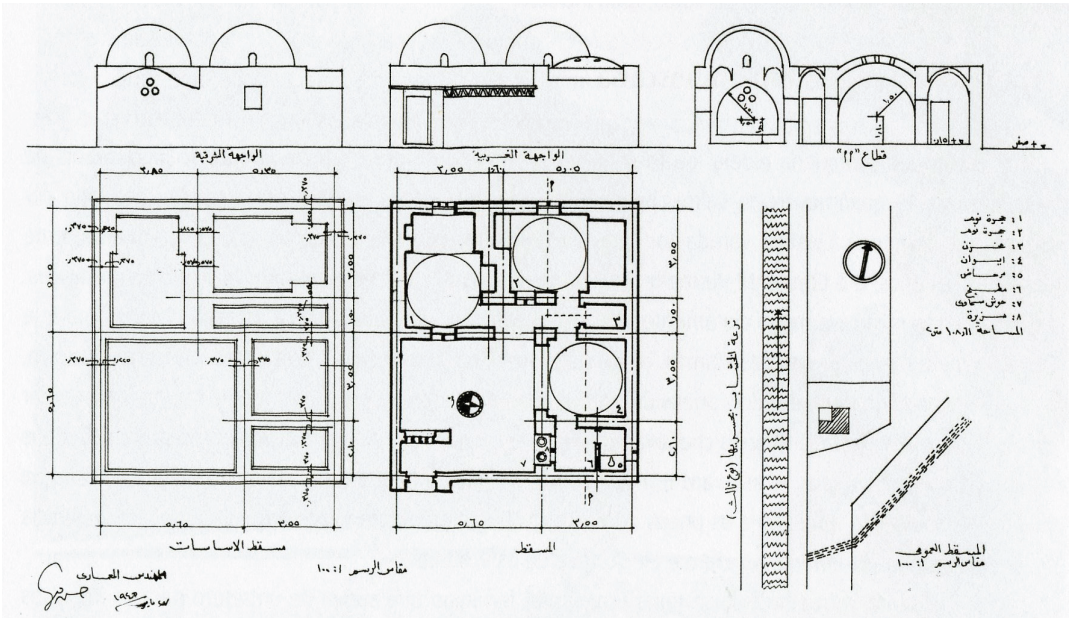



fig.91 Hassan Fathy: Casa modelo - Ezbet el-Basry (projecto da casa-modelo em tijolo de terra)

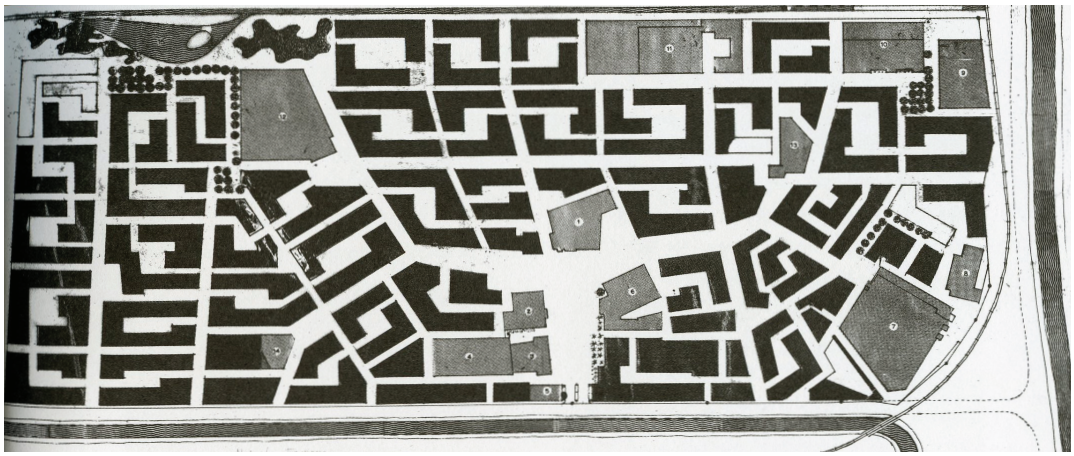


fig.92 Hassan Fathy: Planta de Gurna el-Gedida (a negro estão representados os edifícios habitacionais e a cinza os equipamentos públicos).

Só após estas apresentações do CIAM se criou a sensibilidade para questões fora do âmbito estético ou construtivo, como a economia, o controlo demográfico e a dignidade dos habitantes, preocupações que abriam o campo arquitectónico às Ciências Sociais, e que resultaram em campos de estudo bastantes diferentes da habitual cidade histórica.
Para Zeynep Çelik, estas apresentações que foram ofuscadas pela participação crítica dos Smithson, trouxeram uma visão paralela sobre a importância do quotidiano e da participação do Homem na construção do habitat, culminada com um "modulor para árabes".

### 1.2.2. Duas realidades = Duas tecnologias

A realidade da alta tecnologia foi principalmente presenciada pelo mundo ocidental e capitalista. Apesar de hoje, os avanços tecnológicos no antigo Terceiro mundo serem notáveis e estarem quase colados ao Primeiro, a evolução não foi igual, cronologicamente. Nos anos 60 a realidade era mesmo díspar, enquanto no Primeiro mundo se definiam linguagens entre o acompanhar do desenvolvimento tecnológico, o historicismo ornamental pós-moderno e o gosto telúrico e contextualista[212], no Terceiro Mundo a exploração de antigas técnicas e da sabedoria construtiva antiga eram ainda fundamentais para a produção de habitação e para a consolidação das cidades.
As ideias de participação do usuário apareceram quase ao mesmo tempo nos dois pólos do planeta, mas tiveram mais importância na construção das cidades e da arquitectura do Terceiro Mundo, pois o Primeiro, mais evoluído, estava já dominado pela especialização profissional, e como diria o poeta Friedrich Hörlinder, já sem homens, só profissões.[213]

Arquitectura para "os pobres"

Um exemplo deste fascínio e necessidade terceiro-mundista por técnicas antigas é Hassan Fathy, arquitecto Egípcio que se especializou na construção em adobe e que é conhecido pela tentativa de criar uma cidade de raiz, *Gurna El-Gedida*, em que a participação do usuário na configuração do espaço doméstico e urbano é fundamental para formar um modelo de cidade.
Enquanto Fathy tentava desenvolver técnicas que permitissem às pessoas construir a própria casa e ao mesmo tempo respeitar o espaço público, da rua ou praça, de forma a suplantar a pobreza de uma forma sustentável, os arquitectos do Primeiro Mundo preocupavam-se com os níveis de conforto, as práticas sociais consumistas e a estética identitária das suas cidades.
Identifica-se uma diferença entre a visão das expedições de Van Eyck ou da exposição de Rudofsky para com o que acontecia na realidade do Terceiro Mundo, como se poderá perceber no caso de Fathy e noutros expostos mais à frente. Apesar da leitura histórica de métodos vernaculares e quotidianos primitivos, as viagens de Van Eyck ou Rudofsky não permitiam a abordagem dinâmica e as soluções pragmáticas e consonantes com a realidade inestática e evolutiva, apanágio apenas dos agentes locais.

Gurna El Gedida

A cidade de *Gurna,* projecto de Hassan Fathy, foi iniciada em 1945 e dada como acabada em 1949, é a confirmação desta distinta abordagem. A ideia era criar alojamento para os habitantes que estavam a viver em terrenos considerados de importância arqueológica, e que iriam ser desalojados. Contudo, estas pessoas só em 2004 é que desocuparam o local definitivamente e apenas se conseguiu construir parte da cidade.

[212] Referência ao *"regionalismo crítico"* de Kenneth Frampton, a visão sobre a prática de arquitectura atenta à identidade do contexto, identificada e generalizada em *A Critical History on Modern Architecture* (1987). (ver p.67)
[213] Verso mítico de um poema de Friedrich Hörlinder (1770-1830), poeta lírico e romancista alemão.

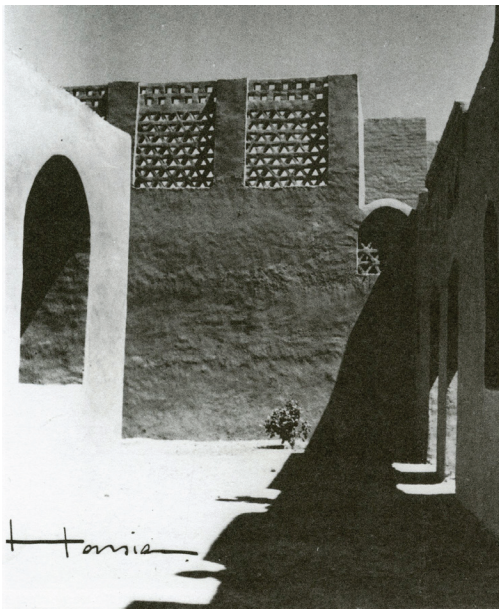


fig.93 (esq) Hassan Fathy: rua sinuosa de Gurna el-Gedida - através da hierarquia de ruas Fathy pretendia controlar o nível de utilização das ruas.
fig.94 (dir) Hassan Fathy: praça principal de Gurna el-Gedida

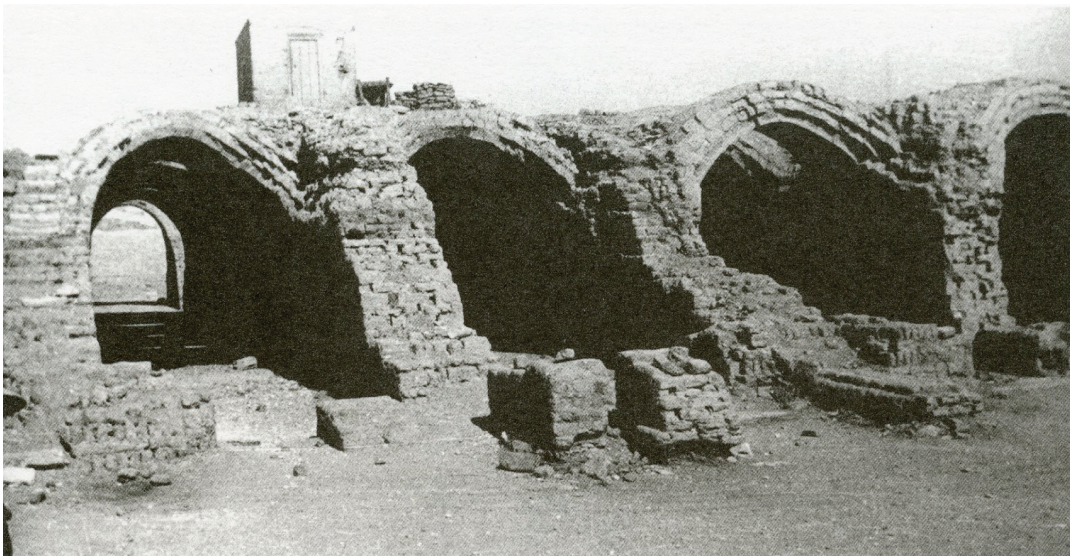


fig.95 Hassan Fathy: vista de celerios de Gurna - inspiração para as técnicas construtivas utilizadas na nova cidade

fig.96 Hassan Fathy: processo de construção de uma abóboda de tijolo de adobe

*"New Gourna can be seen as a model of the use of appropriate materials and technology serving a carefully researched pattern of village association. Although the Gournis refused to move, the village is now fully inhabited and supports a stable community."*[214]

A parte Sul da cidade, que o arquitecto conseguiu erguer, demonstrou a convicção de Fathy na preponderância da participação das pessoas e as suas preocupações sociais e comunitárias. Se por um lado reduzia os custos das operações com o trabalho dos futuros habitantes segundo um *sistema cooperativo*[215], por outro, criava neles um sentimento de apropriação do seu lar e comunidade, que se iniciava logo a partir da construção e que era um dos objectivos de Fathy, pensando a casa como uma representação dos seus ocupantes.[216]
A prova de que isto foi conseguido é o actual bom estado das habitações e o orgulho com que os seus habitantes as mostram aos visitantes.

*"Hassan Fathy is directly responsible for that realization and the sense of empowerment he has initiated has now begun to reverberate throughout the developing world."*[217]

Apesar das referências paternalistas modernas[218], e de ter conseguido trabalhar mais para "ricos que para pobres", revela uma grande tendência "participativa" e de exploração social e espacial de princípios locais. Desenhando a cidade segundo um traçado de ruas que previa uma relação espontânea das casas entre si e princípios urbanos provocadores de convivências, usando cruzamentos, largos e espaços de uso colectivo.

*"A maior parte dos arquitectos quando reconstrói uma aldeia distribui as casa de forma regular em ruas direitas e paralelas. É fácil mas aborrecido. Quando estas ruas são feitas de casas uniformes sem a animação de um pouco de vegetação, o efeito chega a ser sórdido e deprimente."*[219]

## Tecnologia da sobrevivência

Mais que a imposição ou a mudança para novos métodos ocidentais, foi uma reprodução de padrões arquitectónicos, construtivos, estéticos e sociais que já existiam no Egipto, o que tornou o desenvolvimento da recente urbe um processo de envolvimento entre arquitecto, habitante e construtor: um novo papel para o arquitecto.
Na altura em que ele começou a construir em adobe, houve uma busca em África por novos materiais, para não recorrer sempre à madeira, um recurso que começava a escassear.
Este pensamento prático das técnicas e materiais é notório em todas as obras de Fathy, procurando sistemas de eficácia térmica e de ventilação, como a chaminé/lareira europeia (não muito comum na sala árabe), as cúpulas e os pés direitos altos, que permitiam uma melhor circulação do ar, ou mesmo os estranhos filtros de ar, que serviriam para transformar a brisa quente e árida do deserto, em ar fresco.
Mesmo quando começou a fazer arquitectura para ricos, nunca deixou de experimentar novas técnicas: inventava novos sistemas de ventilação, que acabaram por ser substituídos pelo uso

[214] **Miles,** Malcolm: *Living Lightly on the Earth* (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.204

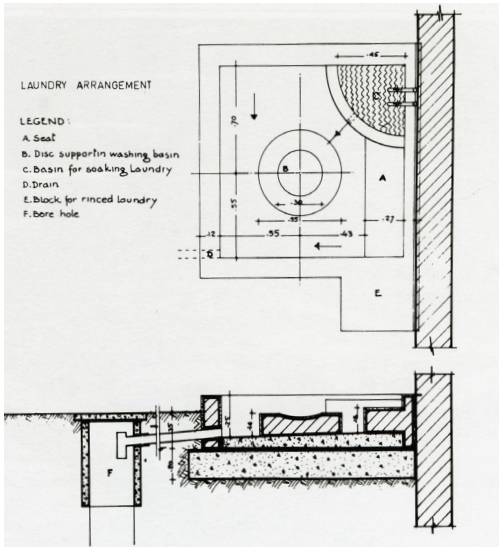
[215] *"Quando se está a construir uma casa espera-se que toda a gente venha dar uma mão. As pessoas que ajudam são muitas e a casa fica terminada num instante."* No entanto, isto só resulta, como nos diz Fathy, se o sistema cooperativo funcionar de maneira tradicional, se os problemas forem tradicionais e se a sociedade for tradicional. (**Fathy,** Hassan – 1969) p.59

[216] *"A sua casa, glorificação de si próprio e o seu monumento mais duradoiro, será equivalente aos outros pormenores da sua individualidade em tamanho, aspecto e luxo. A casa estará, com certeza, bem adaptada aos recursos económicos desse homem, mas terá também todas as características acessórias do seu temperamento."* **Fathy,** Hassan (1969) p.59

[217] **Steele,** James (1997). p.187

[218] Muito deste conhecimento foi adquirido durante o seu estágio na Grécia, com Constantinos Doxiadis.

[219] **Fathy,** Hassan (1969) p.61



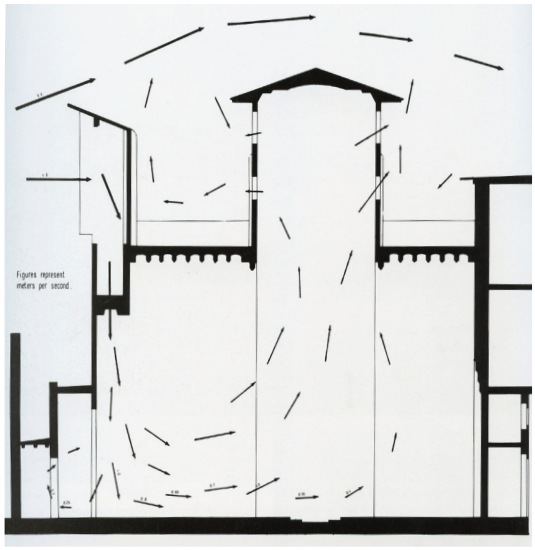




fig.97 Hassan Fathy: detalhe construtivo do tanque de lavagem de roupa
fig.98 Hassan Fathy: estudo de sistema de ventilação

fig.99 Bernard Rufosky: vista do skyline de Hyderabad Sind (fotografia da exposição "Architecture Without Architects")

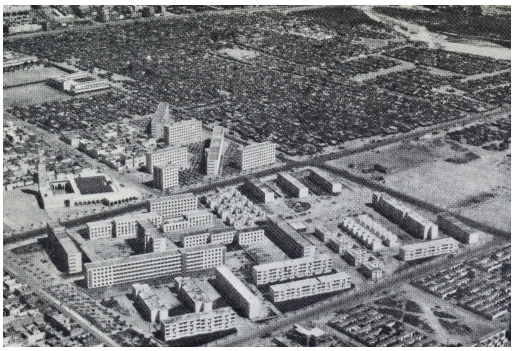


fig.100 (esq) Charles Abrams: Caracas, o contraste entre a cidade formal e a cidade informal.
fig.101 (dir) Charles Abrams: novo projecto de habitação em Marrocos, próximo de um assentamento informal.

de ar condicionado, e recorreu à pedra, abandonando o adobe que foi proibido pelo governo devido a escassez de terra fértil. O arquitecto James Steele[220] indicou mesmo que o facto de Fathy usar métodos tradicionais, mais baratos e sustentáveis levou vários investidores poderosos a propor-lhe vários projectos.

*"Ciente que as técnicas e os materiais importados do Ocidente eram inadequados e demasiados dispendiosos para a habitação rural, empenhou-se em demonstrar que os recursos tradicionais deveriam ser usados nas construções modernas e que a adaptação às novas condições de vida se conseguiria através do projecto e não com a alteração dos materiais e dos sistemas construtivos."*[221]

Como nos indica José António Bandeirinha, Hassan Fathy imprimia nas suas obras uma forte componente histórica e telúrica, misturada com o moderno que aprendeu, e uma tectónica verdadeira e adequada à realidade em que projectou. Acabando por fazer arquitectura com um grande sentido estético e com uma marca própria, o que vai um pouco contra a vertente participativa que procurou impor na "sua cidade".

Esta busca da essência na tecnologia da sobrevivência é compreensível em vários pontos do mundo, como se poderá comprovar nos capítulos seguintes. No entanto, tal como acontece em Fathy, não se deve reduzir ao habitat mínimo, existem pontualmente avanços tecnológicos de uma destreza sublime que revelam uma estética aprazível e um eloquente pensar urbano e de conjunto, ao contrário do que muitas vezes aparece nas *selvas urbanas* do Primeiro Mundo.
A Oeste do Paquistão, em *Hyderabad Sind*[222] por exemplo, existem estruturas que desenham o *skyline* das cidades, que há 500 anos funcionam para controlar ambientalmente o interior das casas, juntando-se assim numa simbiose invulgar entre a estética, o desenho da paisagem e a tecnologia funcional do Terceiro Mundo.

## Universalismo de Charles Abrams

Como comprova o livro de Hassan Fathy e a exposição de Bernard Rudofsky houve, durante os anos 60, um efeito dinamizador de transferência das experiências que se fizeram nos países mais pobres para os mais desenvolvidos. No entanto, foi só nos relatórios do urbanista Charles Abrams[223] que a ideia ganhou uma dimensão internacional e operativa, criando uma nova forma de encarar os problemas de habitação nos "dois mundos".[224]
Segundo Bandeirinha, este estudioso expôs o problema de forma bastante pragmática, teorizando simultaneamente sobre as motivações e exemplos espontâneos que surgiam nos países mais pobres e sobre o perigo político e revolucionário que se evidenciava e fomentava facilmente nas novas super-urbes do terceiro mundo, que cresciam marcadas pela grande desigualdade económica das classes sociais.

Esta abertura universalista abriu um suporte técnico de leitura e actuação em diferentes contextos, que propôs aos arquitectos uma nova forma de projectar, deixando de lado um método fixo e rígido, optando para objectivos mais próximos das realidades e técnicas dos contextos.

[220] **Steele,** James (1997). p.91

[221] **Bandeirinha**, José António (2007) p.26

[222] **Rudofsky,** Bernard (1964) p.114/115

[223] Charles Abrams (1902-1970) foi o urbanista que criou o *New York Housing Authoriy.* Como consultor da ONU realizou importantes relatórios sobre as questões da habitação precária, da ocupação espontânea e da auto-construção, nos países do Terceiro Mundo.

[224] **Bandeirinha**, José António (2007) p.24

Tal como nos explica Abrams: *"What is applicable to Bolívia may not be so in Nigéria. In fact, each country within África, South América, and Ásia will present special problems of its own."*[225]

Para Bernard Rudfosky,[226] a sociedade de massas, da ausência de valores e do planeamento impessoal e pouco participativo estendeu-se a todos os agentes sociais e económicos, levando à construção física da manifestação do falso e não autêntico e a um contínuo desligar conceptual da arquitectura do comunitário, o que levou a que estes arquitectos e estudiosos partissem em busca dessas valências em sociedades menos desenvolvidas, que ainda demonstravam características regionais e identitárias.
A partir desta busca pelo essencial protagonizada pelos pensadores referidos, o vernacular e a participação do utente, seja por princípios sociológicos de apropriação espacial, seja por manutenção de conhecimentos e estéticas locais, tornou-se fundamental e uma das importantes inovações no pensar arquitectónico da década de 1960.

[225] **Abrams**, Charles (1966). p.*xi*
[226] **Rudofsky,** Bernard (1964) p.3

## 1.3. O debate Português

*"Em Portugal a mudança dá-se a partir do sindicato dos arquitectos, a partir do presidente Keil do Amaral que pretende dar valor à Arquitectura Popular, querendo desmistificar a propaganda folclórica do Estado Novo. A ideia era promover o espírito critico e novas ideias, em alternativa a aplicações internacionalistas do modernismo."*[227]

A *"modorra cinzenta"*[228] quase despolitizada em que se tornou o ambiente conjuntural português da década de 1950, não impediu que o debate arquitectónico que se fazia sentir no exterior se difundi-se. A experiência portuguesa de crítica ao Movimento Moderno aparece na segunda metade da década de 1950, impulsionada pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral, que lançou o "Inquérito à arquitectura Popular Portuguesa", uma reacção à censura e propaganda do Português Suave, o estilo do Estado Novo, e ao radical Internacionalismo Crítico.
Este espírito foi partilhado em todo o pais: no Porto, pelos arquitectos Fernando Távora e Octávio Lixa Filgueiras, que assistiram de perto à reforma protagonizada pelo *Team X*; e em Lisboa, a mudança é estabelecida pelo "atelier da Rua da Alegria", onde figurava Nuno Teotónio Pereira,[229] o arquitecto português com maior relevância na critica social daquele tempo.[230]
Segundo Nuno Portas e Nuno Grande,[231] foi o "atelier da Rua de Alegria" que a partir de contactos com Espanha e Itália, lançou a mais marcada revisão crítica ao Movimento Moderno em Portugal, estabelecendo novos entendimentos de concepção espacial, mais humanos e menos radicais, que segundo Portas, já teriam sido *"pressentidos pelas ciências humanas."*[232]
Esta revisão ganhou forma nos projectos dos arquitectos Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Portas para os bairros satélites de Lisboa, que revelaram uma grande influência do neo-realismo italiano. Mas as mudanças mais significativas foram reveladas pelos projectos para os Olivais, claramente influenciados pelo momento italiano do *INA-Casa*: as torres isoladas desapareceram, dando lugar a *clusters*, formados por um pátio agregador, ruas geradoras e controladoras de fluxos e blocos de média altura; e os espaços internos repetiam as tendências neo-realistas, do filtro de espaços de trabalho, dos espaços úteis de sociabilidade e dos espaços íntimos.
Mais tarde, o "atelier" mostrou também afinidades com as tendências anglo-saxónicas, na linguagem brutalista da Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Nuno Teotónio Pereira e no *" the building as a street"* da *pantera Cor-de-rosa* e d*a pata de Galinha,* dos arquitectos da nova geração do "atelier da Rua de Alegria" Gonçalo Byrne e Vítor Figueiredo, respectivamente.

*" aos arquitectos, finalmente, deve pedir-se-lhes que trabalhem para o esclarecimento da autoridade e da opinião, que aperfeiçoem os seus conhecimentos técnicos e tomem uma mais nítida consciência da sua época, que lutem sem transigências contra todas as pressões e tentações prejudiciais para a integridade e pureza da obra de Arquitectura."*[233]

[227] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006).

[228] **Rosas,** Fernando (1994). p.503

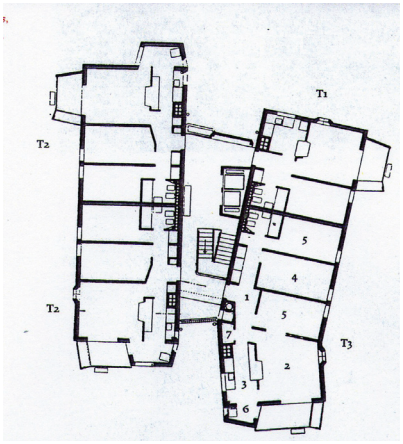
[229] A Bartolomeu Costa Cabral e Nuno Teotónio Pereira juntam-se Pedro Botelho e Nuno Portas, e mais tarde novas gerações, das quais fazia parte, por exemplo, Gonçalo Byrne.

[230] Apesar da permanência na Federação das Caixas de Previdência, manteve sempre uma postura critica, que é revelada nas suas elações escritas depois do Colóquio do Sindicato dos Arquitectos de 1960 (com a presença de Chombart de Lauwe), que mais tarde se reflectiram na sua intervenção no Colóquio de Habitação de 1969, onde defende uma nova politica habitacional e forma o GRIMU: Grupo de Intervenção no Meio Urbano, necessário, segundo Teotónio, pela falta de participação das pessoas na decisão e na critica dos planos urbanos, e também pela limitação temporal do acto do projecto, que não permitia o diálogo ou contacto com os utentes. (**Teotónio Pereira**, Nuno - 1996).

[231] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006).

[232] **Portas,** Nuno (1959). In **Portas,** Nuno (2005). p.22

[233] **Teotónio Pereira**, Nuno (1996). p.19



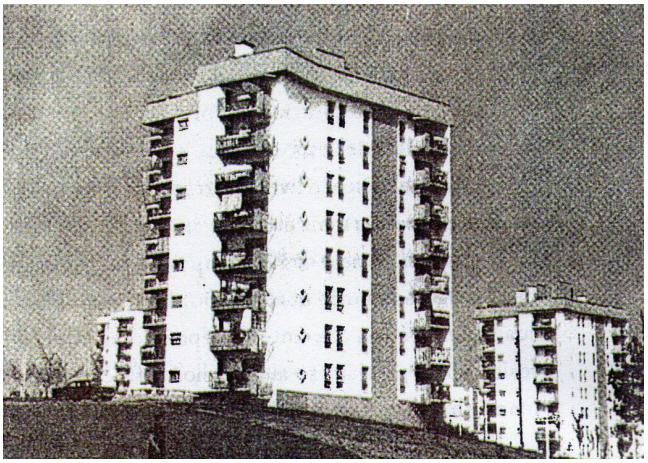



fig.102 Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e António Pinto de Freitas: Habitações em torre em Olivais Norte (1959)

fig.103 Gonçalo Byrne: Conjunto habitacional "Pantera Cor-de-Rosa" em Chelas (1972)

A intervenção de Teotónio Pereira

Nuno Teotónio Pereira foi a grande figura critica deste momento pré-revolução, reivindicando, através de intervenções críticas, uma nova postura arquitectónica[234], novas politicas de solos, a participação dos utentes e uma *"habitação para o maior número."*[235] Procurava, assim, garantir mais qualidade na habitação e que o planeamento se tornasse precursor da realidade dinâmica do crescimento urbano, através de uma visão menos paternalista e menos autoritária.[236]
A revolução de Abril aconteceu na altura em que Teotónio Pereira estava a trabalhar no Plano de Urbanização do Restelo, que revelou novas qualidades de desenho urbano, como o método do "projecto de chão",[237] que permitia um melhor controlo da promoção imobiliária, numa sociedade voltada para o capitalismo fundiário proporcionado pelas reformas marcelistas.

*"A resolução do problema habitacional tem de ser evidentemente integrada na escala de prioridades ditada por uma estratégia de desenvolvimento; mas, dentro desta perspectiva, ela só será possível mediante a participação no poder económico e no poder politico das grandes massas de trabalhadores que o sofrem na dureza do seu quotidiano, o que implica necessariamente a socialização do solo, dos recursos financeiros e dos meios de produção."*[238]

Nuno Teotónio Pereira transformou-se, assim, num protagonista fundamental para a evolução do pensamento urbanístico e para a abertura à participação no processo de projecto,[239] fundamentos teóricos que vão ser a base do Serviço de Apoio Ambulatório Local, lançado após a revolução de Abril de 1974.

### 1.3.1. Portugal:1969-1974

*"A partir de 1970 - e, curiosamente, tudo com inicio nesse ano – surgem vários grupos maoístas e marxistas-leninistas. Dotados, alguns deles, de grande militância, exercem uma intensa e ousada agitação, ganhando visivelmente terreno ao Partido Comunista Português (quase destroçado nas vésperas do 25 de Abril) não só nas universidades, mas mesmo em certas franjas do activismo operário nos grandes centros."*[240]

O contexto sociopolítico português do final da década de 1960 ficou marcado pela intensificação da luta anti-fascista, mas só em 1974, após 48 anos de regime autoritário, se conseguiu estabelecer um ciclo democrático. A desilusão provocada pelas reformas da Primavera

234 *"(...) no sentido de se compreender que o contributo que a sociedade dele espera não é apenas de ordem estética, como que para alindar as construções, mas é de natureza global, de as conceber e dar forma, integrando os aspectos funcionais e construtivos inerentes aos diferentes tipos de espaço que o Homem necessita para desenvolver a sua actividade."* **Teotónio Pereira**, Nuno (1996) *p.232*

235 **Teotónio Pereira**, Nuno (1996) p.79-97

236 Teotónio olha de forma precursora para os casos de habitação informal e para as auto-soluções urbanas que aconteciam em Portugal (caso do Bairro da Liberdade e nas encostas de Monsanto) e para as politicas de apoio a estes casos que aconteciam no Norte de África, Médio Oriente e América Latina. Sobre estes novos métodos afirmou: *"Nestas condições, os recursos financeiros e técnicos das entidades públicas podem atingir um número muito maior de famílias do que os programas correntes, e assim contribuir muito mais rapidamente para a atenuação dos défices existentes."* (**Teotónio Pereira**, Nuno (1996): *Habitação para o maior número.* p.79-97)

237 Este conceito é desenvolvido por Nuno Portas e vai ser fundamental para o pensamento urbano dos anos 80.

238 **Teotónio Pereira**, Nuno (1996). p.104

239 *"A Urbanização do Restelo foi essencial para consolidar, não apenas as referidas teorias partilhadas com os Land Use and Built Form Studies (LUBFS), da Universidade de Cambridge, mas sobretudo a ideia de que o "processo também desenha" (....) "* **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006).

240 **Rosas,** Fernando (1994). p.555

fig.104 Encontro nacional de estudantes nos jardins da Associação Académica de Coimbra (1969)

fig.105 25 de Abril de 1974. O intenso e inesperado apoio popular facilitou a revolução.

Marcelista,[241] a prolongação da contestada guerra colonial e a Crise Académica de 1969, motivaram uma conjuntura que culminou, inevitavelmente, com a Revolução de Abril.
Tal como em Paris e no resto da Europa, em Portugal, a revolta ideológica partiu dos estudantes e intelectuais. Mas o aparelho repressivo do Estado pré-revolução, dificultou e oprimiu a contestação, e apenas com o apoio militar, através do Movimento das Forças Armadas,[242] e com a extensão aos movimentos operários foi possível criar o circunstancialismo necessário para o golpe de estado, e para o consequente florescimento de novas convicções, motivações ideológicas e formas de participação cívica.
Assim sendo, a força dos movimentos análogos aos Parisienses foi motivada por uma índole assumidamente política de oposição ao regime autoritário instituído. Nos países mais a Norte na Europa, por outro lado, por não ser concentrada no combate ao fascismo, a luta foi, provavelmente, mais pura e marcante na procura da massificação e da participação de todos.

*"Entre Setembro de 1973 e Março de 1974, o descontentamento corporativo tornou-se agitação militar, que, contaminado pelo ambiente geral do pais e das universidades, rapidamente se politizou, colocando como condição incontornável para pôr fim à guerra o derrube da ditadura pelas armas e a instauração da democracia."*[243]

## O PREC

Segundo o historiador Fernando Rosas, Portugal, durante o PREC,[244] dividia-se entre *"dois campos fundamentais, embora muito distintos e contraditórios em si mesmos."*[245]
De um lado, situava-se o PCP, alguns sectores do MFA e o primeiro-ministro dos II, III, IV e V Governos Provisórios, Vasco Gonçalves, que mantinham uma aliança instável com grupos de esquerda radical próximos do líder das COPCON[246], o major Otelo Saraiva de Carvalho. Esta facção defendia uma sociedade socialista assente no poder popular, ainda que por vezes com visões muito diferentes entre os seus elementos.
Do outro lado situava-se o sector da esquerda mais liberal, que defendia uma democracia mais próxima do modelo ocidental, personificado no "Grupo dos Nove"[247] e liderado por Ernesto Melo Antunes. A sua expressão política era delineada principalmente pelo Partido Socialista, mas aqui enquadravam-se também os partidos à direita como o Partido Social Democrata e o Partido Popular.
Este momento de indefinição política e de instabilidade social, com os diversos atentados e a constante ameaça de guerra civil, tornou-se propício ao crescimento dos movimentos operários, às ocupações populares e, simultaneamente, à popularização dos ideais mais moderados, do Socialismo Democrático, do Partido Socialista, vencedor das eleições para a Assembleia Constituinte de 1975.
Com o fim do PREC, marcado pela tentativa de golpe de estado da esquerda radical travada pelo General Ramalho Eanes a 25 de Novembro de 1975, a política portuguesa começou a abandonar os radicalismos e extremismos cujos movimentos foram perdendo força, e iniciou-se a caminhada para a democracia em que hoje vivemos.

[241] Desde de 1968 que Portugal vivia segundo o novo regime de Marcelo Caetano, que apesar do início *primaveril,* prometendo reformas no regime criado por António Salazar, acabou por prolongar as politicas deste governo.

[242] O MFA, ou Movimento das Forças Armadas, é um movimento suprapartidário que tinha como objectivo essencial a independência nacional, a libertação do Povo Português do regime autoritário.

[243] **Rosas**, Fernando (2007). p.102

[244] PREC– Processo Revolucionário Em Curso. Normalmente designa o período datado de 1974 a 1976.

[245] **Rosas**, Fernando (2007). p.106

[246] Copcon – Comando Operacional do Continente. É a parte do exército sem chefia nominal e formada por defensores de uma sociedade socialista de poder popular, em oposição ao que consideram uma *democracia burguesa.*

[247] *Grupo dos 9* – grupo moderado, entre o socialismo e a social democracia, que defendia o pluralismo partidário. António Ramalho Eanes e Ernesto Melo Antunes são os mais destacados membros. (**Rosas,** Fernando, 2007)

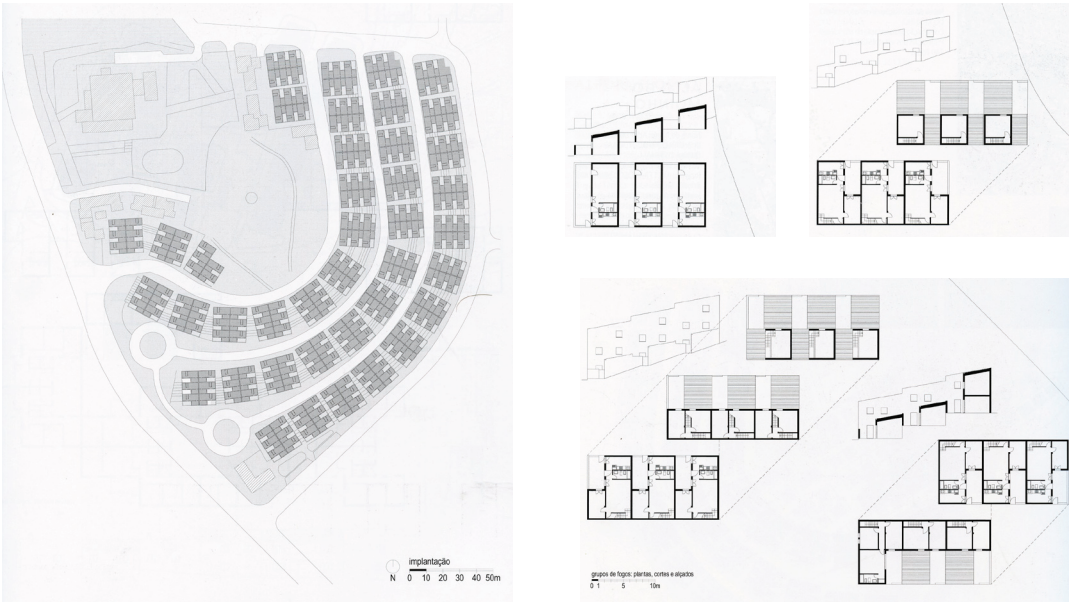



fig.106 Francisco Silva Dias: Bairro do ALto do Moinho (última fase é de 1976)

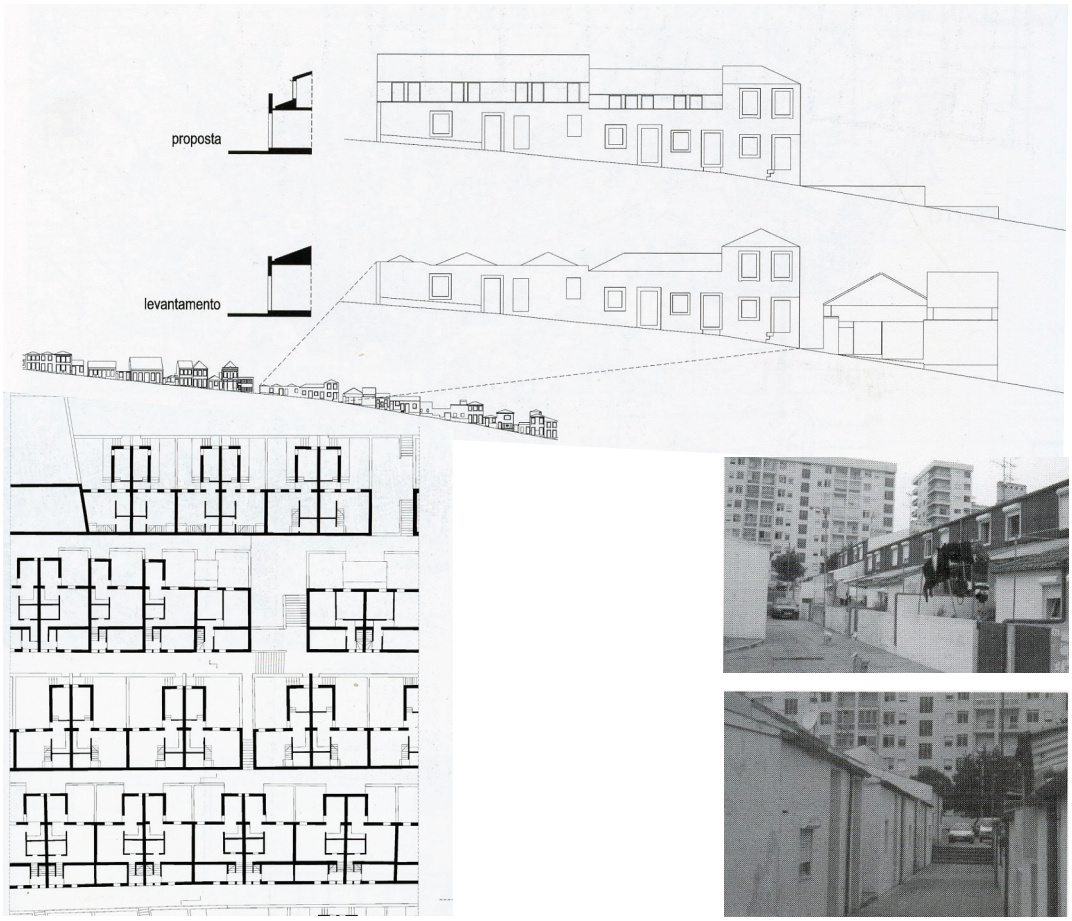



fig.107 Pedro Ramalho: Bairro das Antas (1975)

*"A contra-revolução, ou seja, a destruição sucessiva de algumas das principais aquisições do período revolucionário, viria precisamente pela mão dos governos constitucionais resultantes das escolhas então feitas. A democracia normalizava-se."*[248]

Após esta tentativa falhada, e as negociações entre os diferentes partidos com assento na Assembleia Constituinte, e o Movimento das Forças Armadas, que ficou sempre encarregue de proteger as causas e conquistas da Revolução, surgiram o I e II pacto entre MFA e os Partidos, que deram origem à Constituição da República Portuguesa de 1976. Com a promulgação da Constituição e a eleição livre de Mário Soares como primeiro-ministro do I Governo Constitucional, o período mais conturbado do pós-revolução em Portugal estava dado por terminado, dando lugar a uma conjuntura democrática onde dominavam ideais mais moderados.

### 1.3.2. A "participação" portuguesa - O SAAL

O panorama habitacional crítico, identificado no Colóquio das Politicas de Habitação, organizado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), de 1971, motivou o Estado a criar um organismo capaz de reunir todos os responsáveis pelo alojamento, principalmente as Caixas de Previdência, num Fundo de Fomento de Habitação.
Motivado por este panorama e pelas inspirações Internacionais, Nuno Portas, começou os primeiros estudos de habitação evolutiva, no LNEC[249], divididos em duas posições claras: uma mais voltada para o projecto fechado e faseado, defendida pelo arquitecto Francisco Silva Dias e revelada, mais tarde, no projecto do Alto do Moinho, em Oeiras. E outra mais voltada para as políticas de construção evolutiva, defendida por Nuno Portas e que influencia projectos como o bairro do SAAL das Antas, do arquitecto Pedro Ramalho.

*"Porque mais importante do que uma unidade formal ou conceptual é, certamente, a definição dos planos de actuação do arquitecto e do urbanista em face das necessidades objectivas de cada país ou região. Mais importante, na medida em que uma maturação artística não se produz sem uma relação eficaz e operativa com a realidade que interpreta."*[250]

O PREC e o SAAL

Só com governo do PREC, que combinou os recursos limitados com o entusiasmo do povo e a assistência técnica das brigadas, se deu origem ao projecto SAAL, servindo como alternativa às escassas políticas de habitação até aí instituídas. Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação, foi o grande mentor deste *"programa de aventura cívica"*[251], de algum modo, desejado há mais de uma década.
Foi neste período que se deu um dos momentos mais interessantes de participação, conseguindo-se estabilizar um método de intervenção inovador, apoioado directamente pelo governo e que se enquandrava no espírito de democracia participativa do PREC, em que as bases e assembleias populares resgatavam o poder de decisão das instituições governativas e burocráticas.

[248] **Rosas**, Fernando (2007). p.109

[249] Durante a década de 1960, já no LNEC, e com o apoio de uma equipa interdisciplinar de arquitectos e sociólogos, Nuno Portas desenvolve estudos sobre as necessidades habitacionais das famílias, com o intuito de encontrar parâmetros de áreas e tipologias.

[250] Portas, Nuno (1959) In Portas, Nuno (2005). p.23

[251] *"Acentuei o que me aparecer no domínio das ideias ou no trabalho do atelier como uma contradição só ilusoriamente resolúvel em sede arquitectónica na medida em que nos falta em programa de aventura cívica, uma democrática intervenção popular criadora de cultura, então capaz de caracterizar virilmente uma arquitectura em Portugal."* **Portas,** Nuno (1963). In **Portas,** Nuno (2005). p.30

Esta aventura cívica foi reforçada e estabilizada com as ideias de John Turner, que participou no plenário de *"trabalhadores do SAAL",* de 16 de Novembro de 1974.[252] Na altura, as brigadas técnicas do SAAL ansiavam por encontrar transparência e eficiência na nova metodologia de trabalho que enfrentavam, e os movimentos populares ganhavam cada vez mais preponderância na opinião pública, através de exigências e manifestações sobre as condições de habitabilidade.

*"(...) by articulating public policy to neighbourhood control, Nuno Portas avoided the apparent contradiction between efficiency and democracy."*[253]

O Projecto democrático

O programa SAAL aparece como resposta à falta de habitação, às más condições das ocupações informais, que surgiram durante PREC, e à fraca eficácia do sector cooperativo.
A preocupação social, aliada ao contexto internacional e ao espírito revolucionário, fez com que se juntasse uma nova geração de arquitectos que ajudou a abrir caminho para um momento de democracia partipativa e para uma luta anti-fascista pelo "direito à cidade" e à habitação, na qual se envolveram grupos da esquerda radical.

*"Tínhamos a percepção de que, além da construção e concretização de uma politica de habitação, o SAAL foi terreno para uma reflexão sobre a cidade e o estabelecimento de novas metodologias de intervenção que, tendo como principio os mecanismos da democracia directa, garantissem o direito à cidade e ao lugar, como travões à sua estratificação classista e à especulação imobiliária, bem como o compromisso com todo o património edificado e com os seus valores históricos e culturais associados."*[254]

Como nos é introduzido pelo arquitecto Alexandre Alves Costa, o SAAL foi um momento sem paralelo na arquitectura portuguesa, que provocou nos arquitectos uma consciência ética e social, já prenunciada pelos protagonistas do debate arquitectónico da década de 1960.[255]
Esta instituição, formada por arquitectos, sociólogos e assistentes sociais, tinha em mente o desenho da cidade a partir de um programa evolutivo e participado, mas tal como o programa *INA-Casa* não excluía a cunha de arquitecto nos projectos, como aconteceu em bairros como a Bouça e, mais tarde, a Malagueira, projectos emblemáticos de Álvaro Siza Vieira.[256]
A grande inovação metodológica do SAAL, segundo Nuno Portas, foi colocar os projectistas cara a cara com a população desde o início do processo.[257] Os arquitectos começaram a fazer habitação económica para um cliente que se conhecia, deixou-se a abstracção espacial e a generalização das necessidades, e respondeu-se às necessidades físicas e objectivas dos utentes.

*"A prática arquitectónica, por sua vez, quando competentemente encarada, perseguia avanços e recuos tentando, tal como o projecto, conquistar sucessivos pontos de equilíbrio que a pudessem viabilizar a cada momento e não só no momento "final" do processo".*[258]

[252] **Bandeirinha,** José António (2007). p.130
[253] **Castells,** Manuel (1984): *Commentary on Bologna/Orcasitas/SAAL.* In **Hatch**, C. Richard. p.284
[254] **Alves Costa**, Alexandre (2006). In **Bandeirinha**, José António (2007). p.10
[255] Como nos esclarece Helena Roseta: *"As ideias concebidas no atelier da Rua da Alegria chegavam enfim ao Governo."* **Roseta,** Helena (1996). In **Teotónio Pereira**, Nuno. p.xvi
[256] *"E, contundo se há obra individual, ou percurso de carreira, para o qual a experiência do SAAL tenha sido inequivocamente consequente, essa foi, sem dúvida, a de Álvaro Siza."* **Bandeirinha**, José António (2007) p.254
[257] **Portas,** Nuno (1984). In **Hatch**, C. Richard. p.284
[258] **Bandeirinha**, José António (2007). p.259

Este processo fornecia o suporte técnico e o planeamento necessário para recuperar o Bairro, sempre mantendo o máximo possível do pré-existente físico e as redes sociais dos habitantes, tentando evitar ao máximo as operações de especulação.
Segundo Nuno Teotónio Pereira, o projecto SAAL incluía diversas fases: a avaliação de locais adequados para o sistema de "auto-solução", a montagem de sistemas de crédito e a preparação de Brigadas de construção, que incluíam arquitectos, sociólogos e engenheiros, mas podiam até incluir pessoal não técnico. Estas brigadas produziam diagnósticos e projectos que incluíam o saneamento, o apuramento das tipologias mais exigidas, os arruamentos mais adequados, os espaços de uso colectivo e as soluções técnicas recomendáveis. Todas estas operações seriam o resultado de prioridades definidas pela população.[259]
Estas inovações permitiam aos habitantes a participação nas decisões projectuais e na construção das habitações, o que gerava apropriação espacial, sentimento comunitário e uma dinâmica de grupo intensa. Garantido, assim, outro carácter à habitação social, que normalmente seria alvo de maior desleixe e degradação.

## Democracia representativa

Segundo José António Bandeirinha, apesar da criada dinâmica só 13% dos solos necessários estavam disponíveis e nenhuma das operações foi finalizada durante o SAAL,[260] entre Agosto de 1974 e Outubro de 1976, o que poderá justificar as alterações processuais e administrativas na conclusão da maioria dos projectos.
O súbito desaparecimento deste programa justifica-se pelo conflito de interesses entre estas novas politicas de habitação e os poderes económicos e políticos instituídos. O carácter autónomo e a expressão social dos movimentos comunitários apoiados directamente pelo SAAL enfrentava as atitudes "anti-revolucionárias", que surgiram após o 25 de Novembro e a formação de um estado reformista e de novos poderes autárquicos.
Enquanto o planeamento autárquico predendia  transferir os bairros informais para a periferia, o programa SAAL pressupunha a preservação da implantação, o que contrariava a nova lógica de libertação dos terrenos que serviria para dinamizar o mercado imobiliário em crescendo.

*"A Câmara, e sobretudo o aparelho técnico e administrativo, nunca tinham perdoado a insubmissão dos técnicos do SAAL em relação ao planeamento vigente, mas a principal razão das discordâncias era a questão do potencial valor fundiário dos solos."*[261]

Esta interrupção aparece, assim, ligada com a lenta abertura ao mercado, que provocou o aparecimento de privatizações, grandes investimentos e a presença de grandes grupos económicos no sector do planeamento urbano. Consequentemente gerou-se a especulação do mercado imobiliário e a chegada do neo-liberalismo, que incentivava uma arquitectura empresarial de *"tendência "historicista" e "ornamental,"*[262] próxima do formalismo pós-modernista.
Apesar do tempo reduzido e da agitação conjuntural do momento pós-revolução, pode-se dizer que no tempo do SAAL e do PREC chegou mesmo a haver um momento em que a arquitectura fez parte de uma democracia participada, colectiva e pessoal.

[259] **Teotónio Pereira**, Nuno (1996). p.142-148
[260] *"Quando, a 27 de Outubro de 1976, saiu o Despacho ministerial que "deslocava" a tutela do SAAL para as Autarquias, estavam em actividade 169 operações em todo o país, que envolviam 41665 famílias de moradores pobres. Em construção, estavam 2259 fogos e estava iminente o arranque de mais 5741."* (**Bandeirinha**, José António - 2007) . p.14
[261] **Bandeirinha**, José António (2007). p.217
[262] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006).

# 2. A América Latina como fomento da participação,
## o debate no Terceiro Mundo

fig.108 Vista aérea de uma "barriada" de Lima

fig.109 Mapa da evolução urbana da cidade de Lima

# 2. A América Latina como fomento da participação, debate no Terceiro Mundo

## 2.1. O Peru e o aparecimento de John F.C. Turner

Antes da criação da consciência para a possibilidade do *Non Plan* e da importância urbana do *quotidiano* e do *direito à cidade,* eram os especialistas urbanos que detinham o poder da decisão e, desenhando segunda a sua visão prospectiva do mundo e das cidades, conformavam ordenamentos e standards da forma mais produtiva e funcional que conheciam. As suas organizações espaciais exprimiam sua visão do mundo.
Como referi no capítulo anterior, durante a década de 1960, a contestação a este paternalismo começou a fazer-se sentir. No entanto, enquanto no Primeiro Mundo se abriu caminho para grandes liberdades capitalistas, impondo às pessoas prioridades comerciais e interesses económicos, no Terceiro Mundo, devido aos escassos recursos, desenvolveram-se, espontaneamente e por necessidade, sistemas autónomos que geravam sentimentos de responsabilidade e comunidade.

*"In the search for a genuinely anarchic strand of non-plan one turns finally to the "guerrilla architectures" [1] of riot, squatting and nomadism. But if these environmental interventions successfully eschewed the employment of the architect, they could not escape architecture's imperious eyes and minds. Hence, perhaps, the strange appeal exerted over architects by the Peruvian squatting movement, or barriadas..." [2]*

Las Barriadas

Esta *descoberta* do Terceiro Mundo provocou uma grande curiosidade de todos os cientistas sociais, arquitectos e urbanistas dos países desenvolvidos. Chombart de Lauwe, Charles Abrams e John F.C. Turner são alguns dos ilustres visitantes dos assentamentos espontâneos, que se difundiam por todo o mundo subdesenvolvido e tinham uma grande expressão na América Latina.

Segundo Elizabeth Wilson[3], em 1960, metade da população de Lima vivia em *barriadas* e ocupações semelhantes, que continuavam em crescimento e se difundiam por toda a cidade, disseminando-se pelos extensos territórios estatais, sem uso e sem afectar qualquer outro sector social. Ocuparam o deserto *limeño* com bairros e habitações, enquanto o estado se limitou a fornecer as infraestruturas mínimas.
Pelo seu tamanho, particularidade e notoriedade exterior, foi impossível conter ou contrariar a sua difusão, tornando Lima a *Meca* de todos os interessados em auto-construção, assentamentos espontâneos, participação pública e *Non Plan*.

[1] Termo usado inicialmente por Robert Goodman in *"After the Planners". (*Harmondsworth: Penguin, 1972).

[2] **Sadler**, Simon (2000): *Open Ends, The social visions of 1960's Non-Planning,* in **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.152

[3] **Miles,** Malcolm (2000): Living Lightly on the Earth, in **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.198

## 2.1.1. O peruano John F.C. Turner

*"... a personagem mais consequente, sob o ponto de vista de exaltação teórica das diversas práticas habitacionais de raiz informal, que proliferavam um pouco por todo o mundo onde a afluência aos centros urbanos se fazia sentir, foi, sem dúvida, John F. Charlewood Turner."*[4]

John Turner, arquitecto formado pela Architectural Association School de Londres, em 1954, deixou-se fascinar pelos ensinamentos de Patrick Geddes[5] sobre as relações do Homem e o ambiente que habita. A sua forma de ver o Urbanismo e a Arquitectura tornou-se mais social, e o arquitecto chegou mesmo a colaborar com o pensador escocês em alguns trabalhos.

Anarquismo, Participação e Auto-construção

Turner foi leitor de periódicos anarquistas em que escreviam Colin Ward[6] e Giancarlo de Carlo - *Freedom* e *Volontá* - e em 1952, em Veneza, juntamente com o pensador urbano Patrick Crooke, encontraram-se, os quatro, para discutirem os dois aspectos fundamentais do planeamento urbano e da habitação: *"who provides and who decides?*/who does what for whom?*"* [7]

Ainda em Veneza, Turner conheceu Eduardo Neira[8], que o convidou para ir trabalhar num projecto piloto de assistência técnica num assentamento nos subúrbios de Arequipa, Peru, país onde vai viver de 1957 a 1965, trabalhando na construção participada de equipamentos e habitação e nos programas de emergência do pós-terramoto de 1958. Aqui, o *background* anarquista foi fundamental na abertura intelectual para as potencialidades das *barriadas,* e claro, para a visão que Turner vem a demonstrar no futuro, em que o inconformismo para com conceitos urbanos pré-estabelecidos e as lições retiradas das práticas sociais quotidianas e da espontaneidade construtiva são evidentes.

No mesmo ano em que se encontra com o influente Charles Abrams, no MIT, em 1963, começou a publicar artigos sobre as *barriadas* na *Architectural Design,* enfatizando a auto-ajuda, a participação cívica e a auto-construção destes povoados, alterando a percepção que se tinha, criando uma visão que Colin Ward clarificou mais tarde: *"far from being threatning symptoms of social malaise, they were a triumph of popular self-help which, overcoming the culture of proverty, evolved over time into fully serviced suburbs, giving their occupants a foothold in the urban economy."*[9]

A partir daqui o arquitecto voltou-se mais para a escrita e difusão do pensamento e das técnicas de intervenção adquiridos, e de 1965 a 1973 desenvolve uma carreira académica no *Joint Center for Urban Studies,* do MIT, estudando e intervindo em casos de auto-ajuda nos USA.

*"When dwellers control the major decisions and are free to make their own contributions in the design, construction or management of their housing, both this process and the environment produced stimulate individual and social well-being. When people have no control over nor resposability for key decisions in the housing process, on the other hand, dwelling environments may instead become a barrier to personal fulfillment and a burden on the economy."*[10]

[4] **Bandeirinha**, José António (2007) p.44

[5] Sir Patrick Geddes (1854 – 1932) é um biologista escocês, conhecido por teorizar sobre a educação e o urbanismo. Seguia princípios de respeito pelos processos sociais e espaciais, ficando conhecido pelo alerta para as alterações do habitat humano, provocadas pela industrialização do planeta.

[6] Colin Ward (1924 – 2010) é um escritor anarquista Britânico e um dos pioneiros da história social.

[7] **Ward,** Colin, in **Turner**, John F.C. (1976) p.5

[8] Eduardo Alva Neira (1923-2005)– arquitecto e urbanista peruano e consultor da ONU.

[9] **Ward**, Colin (2000): *Anarchy and architecture, a personal record.* In **Hughes**, **Sadler**, editors. p.44

[10] **Turner,** John, **Fichter,** Robert, **Grennel,** Peter (1972). **Turner, Fichter,** editors. p.241

## Tenure e Empowering

John Turner focou o seu trabalho, literário e de assistência, na importância do habitante como actor participante e como possuidor de parte ou da totalidade do poder na decisão, contra o habitual e estabelecido autoritarismo de decisores, arquitectos e construtores. Acreditava que esta liberalização e responsabilização criaria dinâmicas produtivas e racionais, provocando, assim, a transformação social há muito desejada, uma *"lição para outras libertações e emancipações não directamente envolvidas com a habitação",* [11] que poderia resultar na superação da pobreza.

Neste sentido, Turner, considerava que o carácter metamórfico das *habitações evolutivas* permitiria uma melhor adaptação à aglomeração espontânea e à progressão social que os habitantes pretendiam, contra a rigidez das habituais soluções arquitectónicas, que normalmente os alheavam dos sentidos de transformação, pertença e apropriação.

Não sugeria que os habitantes fossem *sempre* os construtores da sua própria casa, mas apenas que estes deviam estar no controlo, só assim se conseguiriam manter as redes sociais antigas e integrar os cidadãos nos sistemas de mercado e consumo vigentes.

Tal como as habitações iam evoluindo num sentido de conforto e afirmação social, também os modelos de relação cultural e social evoluiriam, apesar de manterem o seu carácter original.

## Descentralização

Ideologicamente influenciado pelo anarquismo, desprezava os sistemas burocráticos e piramidais, mesmo que estes pressupusessem participação, acreditando que a descentralização do poder era um tema central da habitação. Defendia que as decisões administrativas centralizadas, sem conhecimento de campo suficiente e demasiado generalizadoras, eram ineficazes na equidade da distribuição de recursos e subsídios, logo, eram prejudiciais para a vida das pessoas, que seria transformada de uma forma déspota e abrupta.

Este pensamento posicionou-o contra a sua própria profissão, enquanto arquitecto do tempo moderno, já que considerou a arquitectura e o planeamento urbano como disciplinas débeis e ineficazes no cumprimento da sua responsabilidade social. Criticou o paternalismo, a responsabilidade e o mistério que cada *profissional* colocava na sua actividade, afirmando que poderia até tornar-se auto-recriminatório e paralisar o poder de agir.[12]

A comunicação, fundamental entre o cliente e o arquitecto moderno, era, segundo Turner, muito ténue e os usuários é que pagavam esta segregação.

Mesmo descentralizados, John Turner entendeu que os serviços de *housing* não podiam ser completamente autónomos, pois encontravam-se dependentes do fornecimento de recursos e de conexões infra-estruturais com a envolvente. No entanto, não podiam ser centralizados e depender da custosa burocracia, já que corriam o risco de se formarem *"gross misfits and mismatches"*[13], entre as reais necessidades e as opções do poder burocrático.

Mesmo que um poder central, necessariamente estruturado em *top-down*, tente adaptar-se a decisões de *bottom-up,* com metodologias economicamente benéficas por produções fordistas e standards, poderia resultar no mesmo *mismatch*.

Influenciado pelas referências anarquistas, John Turner defendeu a liberdade total em resposta à questão: *"who does what for whom"*[14], pressupondo que se todos são consumidores liberais e pertencentes a uma sociedade moderna, deveriam permitir a escolha de cada um de construir ou não o próprio ambiente.

[11] **Bandeirinha**, José António (2007) p.46

[12] **Turner**, John F.C. (1976)

[13] idem. p.32

[14] idem. p.25

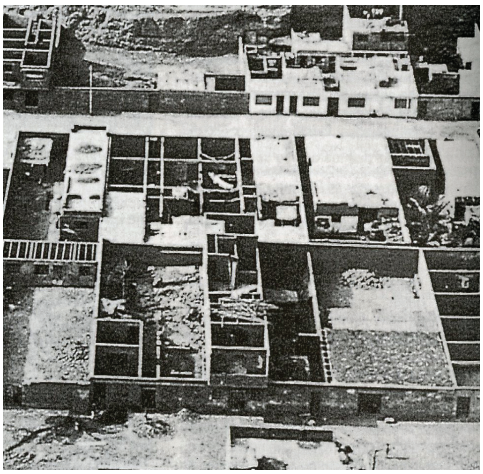


fig.110 (esq) John Turner: Site&Service numa fase inicial
fig.111 (dir) John Turner: Site&Service desenvolvido.

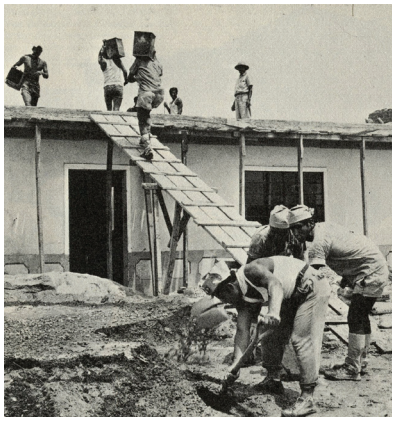


fig.112 (esq) Auto-construção em Lima, numa "Barriada.
fig.113 (dir) Pruitt-Igoe, St.Louis, Missouri (1954). Conjunto habitacional de "urban renewal", publicitado, subsidiado, construído , premiado e demolido (USA, 1972)

fig.114 (esq) John Turner: vista de telhados em Mykonos
fig.115 (dir) John Turner: Barriada em Lima (a organização informal e vernacular parece muito semelhante nos dois casos)

*"Personal and local resources are imagination, initiative, commitment and responsability, skill and muscle-power; the capability for using specific and often irregular áreas of land or locally available materials and tools; the ability to organize enterprises and local institutions; constructive competitiveness and the capacity to co-operate. None of these resources can be used by exogenous or supra-local powers against the will of the people."*[15]

## Site & Service

Só partindo de uma base de *empowering* descentralizada, se conseguiria montar o sistema de *site & service* defendido, difundido e usado por Turner. Um sistema em que o arquitecto aparece como planeador e assistente da auto-construção, tentando assim provir o assentamento de condições e infraestruturas básicas. Um serviço que se apoiava no essencial para a construção do habitat, o lugar e a infra-estrutura.
A informalidade da malha urbana é normalmente regularizada, definindo limites para o cadastro de cada casa, espaços de estar e arruamentos mínimos para que o assentamento se junte ao resto da cidade e permita uma evolução estruturada, salubre e higiénica. Partiu-se, assim, do "projecto do chão",[16] dividindo e limitando mas também libertando o terreno que serviria para construir, pelo meio, poderiam ser incutidas e aconselhadas lógicas, prioridades e recursos para uma boa e sustentável construção.
Através de uma unidade formal, fornecida e regularizada por um ou mais agentes, permite-se a participação e actuação de agentes mais localizados e dos próprios habitantes, num sistema que se pretende heterónimo e o mais igualitário possível no fornecimento de bens e serviços.

## O Universalismo de Turner

Inicialmente, quase todos os governos, seja do Primeiro, Segundo ou Terceiro Mundo[17], rejeitaram as medidas e estratégias de *site&service*, preferindo as grandes unidades modernas, que davam forma às aparatosas politicas de alojamento, que Turner considerava responsáveis pela segregação e individualização do Homem e pela consequente insegurança social e financeira, por gastos energéticos excessivos e uma considerável poluição[18].
No entanto, quando regressa a Inglaterra, em 1973, John Turner ganha uma grande relevância. Apoiado em pensadores como *Fritz* Scumacher[19] e Ivan Illich[20], cria um novo pensamento habitacional, projectado pelas novas necessidades sociais, a Guerra Fria, a crise petrolífera de 1973, o aparecimento do *Skeffington Report* e as demolições de grandes projectos modernos[21].
O Inglês ganha assim a bagagem necessária para difundir ideias e ideais, reconhecendo sempre a universalidade como um princípio base. E tal como Bernard Rudofsky, ficou intimamente ligada à importância do vernacular e dos recursos locais, viajando, conhecendo e aculturando-se por onde passa, sendo o caso Peruano um extremo desta aculturação, chegando mesmo a viver

[15] **Turner**, John F.C. (1976). p.48

[16] Referência ao conceito desenvolvido por Nuno Portas. (ver p.83)

[17] Entre 1950 1954, na Venezuela (caso mediático exposto por Turner) foram construídos 115 super blocos de forma massiva, em Caracas e em La Guaira, como tentativa de eliminar os *ranchos,* espalhados pelas colinas, obviamente, e tal como aconteceu em outros casos na América Latina, os *ranchos* (assentamentos semelhantes às barriadas) continuaram a crescer e o programa de financiamento, não conseguindo responder às necessidades entrou em banca rota.

[18] John Turner, em *Housing by the people* recorre a Jean Robert (p.47), que durante uma conferência na Architectural Association de Londres, em 1974, estima que a energia usada num edifício moderno é 3 vezes maior que a usada num construção tradicional em pedra. Turner chegou mesmo a alertar para os perigosos caminhos ambientais do pensamento moderno, principalmente no que dizia respeito à indústria da construção civil e dos transportes.

[19] Ernest Friedrich Schumacher (1911-1977) foi um influente pensador que criticou as economias ocidentais, defendendo a descentralização, a escala humana e tecnologias locais. Escreve o influente livro: *Small is beautiful,* de 1973.

[20] Ivan Illich (1926-2002) foi um filósofo, padre católico e crítico das postura ocidental consumista e o seu efeito na prática da educação, medicina, trabalho, uso energético e desenvolvimento económico.

[21] Em *Housing by the people* John Turner recorre a exemplos de demolições concretas, como o caso mediático de Pruitt-Igoe, o premiado edificio em St Louis, Missouri, que foi demolido 20 anos depois da inauguração. Uma demolição mistificada, por Charles Jencks, como o final do Movimento Moderno.

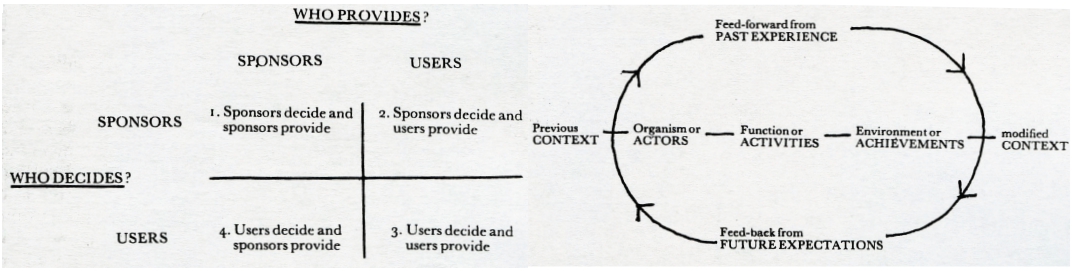



fig.116 (esq) John Turner: esquema de gradação e diferenciação da participação.
fig.117 (dir) John Turner: esquema adaptado para o processo de "housing". (baseado nas teorias de Patrick Geddes)

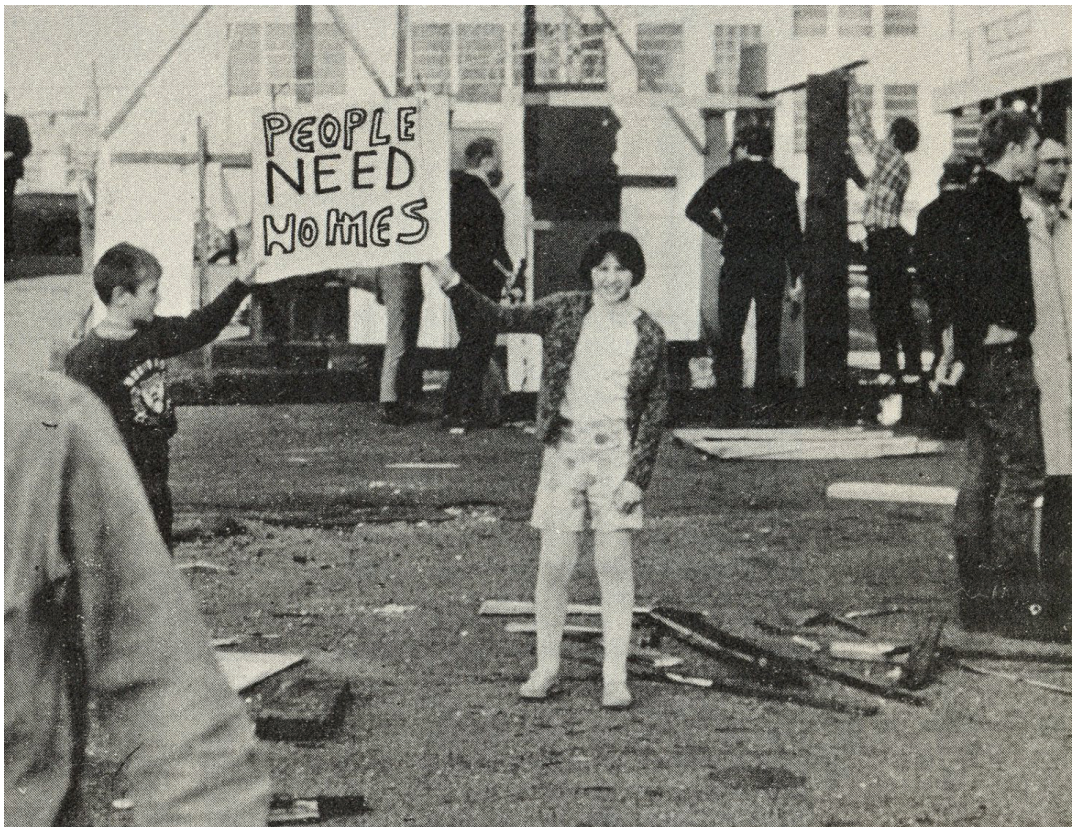



fig.118 John Turner: manifestações contra ao imobilismo das políticas da habitacionais do Primeiro Mundo

e a constituir família no local.
Turner resume as suas influentes teorias em três princípios, que não são mais que resoluções de três assuntos base da habitação, o valor, as economias que podem criar e a autoridade: o primeiro resume o *self-government in housing,* pois só assim os donos conseguiriam determinar os seus ambientes e a habitação, adaptando os mesmos à sua forma de vida; O segundo parte da escolha *appropriate technologies,* isto é, só se os recursos, materiais e tecnologias forem usados e acessíveis para os habitantes é que se pode construir eficazmente e criar uma sustentabilidade económica local; E o terceiro e último, *planning for housing through limits,* que é o reconhecimento da necessidade de equilíbrio entre o planeamento e os limites público/privado e uma igualdade de acesso aos recursos, através da qual se poderá evitar a exploração e a especulação imobiliário e criar um bom planeamento urbano.

## Propostas Turnerianas

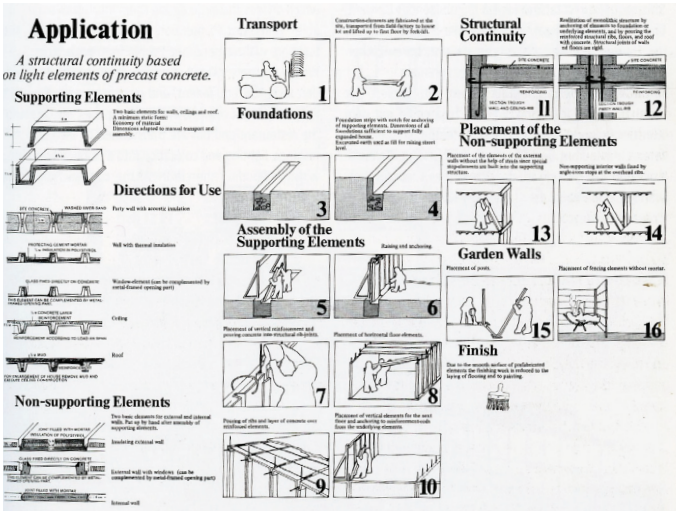
Segundo Colin Ward, Turner torna-se em algo mais que um perito em *housing,* é um filósofo que conseguiu extrair dos países pobres lições de imenso valor para os países ricos, *"lessons which are universal."*[22]
O escritor define três importantes lições a retirar do pensamento de Turner: que o controlo e decisão do habitante são fundamentais no desenho e na construção, que o importante na casa não é o que ela é, mas o que ela provoca na vida das pessoas e que as imperfeições e deficiências na habitação são mais toleráveis se forem provocadas pelo usuário.
Após a presença no Peru e no MIT, o *filósofo* lança quatro propostas necessárias para melhorar a habitação a um nível global[23]: montar uma rede de comunicações internacionais, de forma a aumentar o acesso universal e reduzir os riscos de exploração por poderes centrais; montar centros interligados de recolha de materiais de forma a fornecer mais rapidamente e neutralizar as necessidades; instituir uma nova escola teórica para a construção de ambientes, criando organizações que potenciem o virtuosismo e a compreensão de arquitectos e planeadores; e iniciar programas de desenho e lei que gerassem *self-governing form.* Este último, segundo Turner, seria o mais complicado, porque necessitava de um entendimento do legislador de teorias e modelos práticos adaptados à realidade, mas considerou que talvez fosse o mais urgente.

Como se depreende das suas propostas, apesar de defender a flexibilidade, a independência e a localidade das construções, Turner admitiu que em alguns casos, o paternalismo, de índole pedagógico e preparativo, e o apoio através de elementos standard fossem inevitáveis. No entanto, serão sempre necessários suportes[24] locais e assembleias de base, de forma a manter a interacção e auto-determinação dos habitantes, pois só se a decisão de construir se mantiver, ainda que tenham pouco controlo no desenho e na construção, é que se consegue uma intervenção sustentável e responder a uma grande variedade de prioridades.
Mais que retirar resultados técnicos, Turner pretendeu entender e lançar novas formas de olhar o poder simbólico dos aglomerados informais, e a relevante interacção social e o sentido comunitário e de auto-ajuda que provocavam nos habitantes. Tentou, assim, um volte-face cultural, em que o Primeiro Mundo aprendia com o Terceiro, com as suas lições de entreajuda, tolerância social, racionalidade construtiva e organização urbana.
A sua procura e final descoberta baseou-se sempre em perceber como as populações resolviam os seus problemas graves de habitação, sem o recurso ao Estado e não como era feito o apoio por arquitectos ou urbanistas.

[22] **Ward,** Colin (2000): *Anarchy and architecture, a personal record.* In **Hughes**, **Sadler**, editors. p.45

[23] **Turner**, John F.C. (1976)

[24] Referencia ao estudioso holandês John Habraken e ao seu livro sobre "Suportes", sistemas de intervenção flexíveis e sempre realizados a um nível mais localizado. (Ver p. 47)



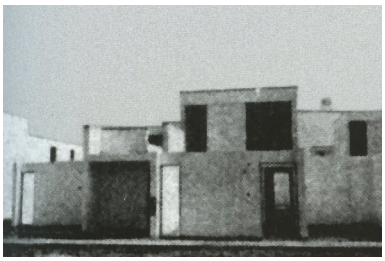
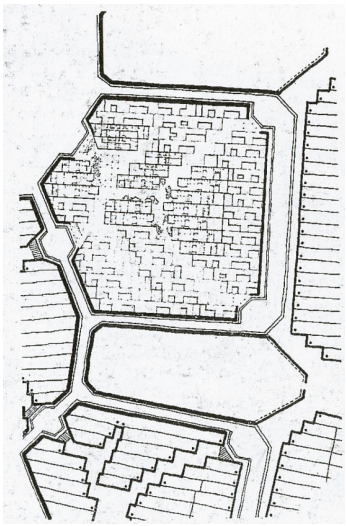
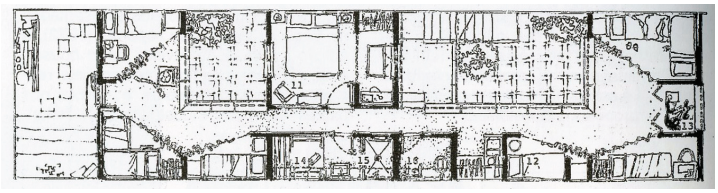



fig.119 (esq) Atelier 5: instruções para aplicação dos métodos pré-fabricados desenvolvidos no projecto.
fig.120 (dir) Atelier 5: evolução do projecto - 1978-2003.





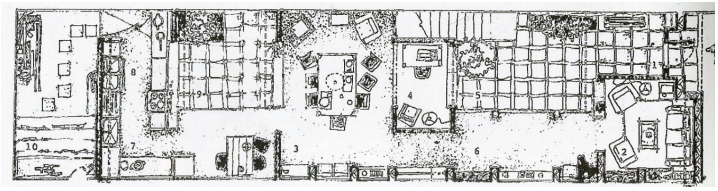


fig.121 (esq) Christopher Alexander: plano urbano.
fig.122 (dir) Christopher Alexander: possíveis ocupações (o lote era longo, flexível e era povoado por pátios e zonas de possível evolução vertical).

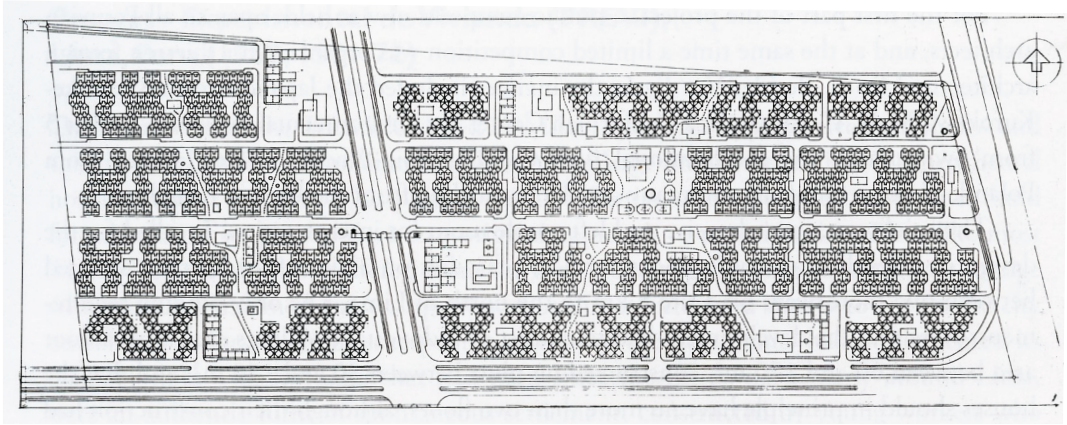


fig.123 Aldo Van Eyck: plano urbano

## 2.1.2. A experiência do PREVI

*"I was sceptical about the Project when it was proposed but experience since, and wealth of information that the report provides, go a long way to justify PREVI's initial difficulties and costs. In my view, the most important message that study emits is that housing is a community-building activity, not just a product."*[25]

O PREVI Lima[26] foi um projecto e concurso, que decorreu desde 1965 a 1973, proposto e dirigido por Peter Land, arquitecto e professor Britânico da *Architectural Association School*, Londres, que estudou e trabalhou na *vivienda social* da América Latina, e motivado pela importância teórica e mediática que a auto-construção de Lima começava a evidenciar.
O plano na sua forma inicial dividia-se em três projectos pilotos: o PP1, um novo bairro construído segundo os métodos e os desenhos do concurso internacional; O PP2, um estudo para a recuperação de uma comunidade deterioradas; E o PP3, um bairro de auto-construção, em terrenos periféricos, para grupos mais pobres.

No entanto esta forma inicial seria alterada pela instável politica latino-americana. Com o golpe de estado do presidente Fernando Belaúnde, foi eleito um novo presidente para o Banco de Vivienda, o arquitecto Manuel Valega, que continuou os trabalhos até 1973, mas com algumas alterações, como por exemplo, a criação de um PP4, que na sequencia do terramoto de 1970, se focalizou em construções anti-sísmicas.

### O Bairro modelo(s)

O concurso internacional e nacional foi lançado apenas em 1969, em que Land fez uma selecção de arquitectos internacionais qualificados e reconhecidos, com um critério relacionado com a representação geográfica, o talento e os fundos disponíveis[27]. Para Peter Land, o concurso foi extraordinário, criando sensibilidade no seio da arquitectura para a habitação social participada, pois todos os arquitectos visitaram a realidade onde iriam intervir.
Os resultados decretaram três vencedores internacionais e três nacionais. No caso dos internacionais o júri[28] preferiu propostas que introduziam novos tipos de habitação e o uso de novas tecnologias: Atelier 5, Kikutake-Kurokawa-Maki and Herbert Ohl, não demonstrando tanto interesse em propostas que partiam dos sistemas tradicionais de auto-construção das barriadas, como as de Christopher Alexander ou Aldo Van Eyck.[29]

[25] **Turner,** John (2008). In **Garcia-Huidobro,** Fernando, **Torriti**, Diego Torres, **Tugas**, Nicolas p.7
[26] O PREVI (Projecto Experimetal de Vivienda en Lima) contou com o apoio do PNUD (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo) e o Banco de Vivienda Peruano, como representante do governo. Com o governo a proporcionar os fundos para a construção, o solo e o pessoal local, enquanto o PNUD cobria os gastos do apoio técnico, o pessoal internacional e os custos do concurso. Em 1971 o PREVI avançava a bom ritmo e a ONU decidiu passar o projecto para as mãos do governo Peruano, mantendo Peter Land como consultor chefe até 1973.
[27] Destes arquitectos destacam-se pela importância nas teorias e activismos participativos ou estruturalistas: Kikutake-Kurokawa-Maki, Aldo Van Eyck, Christopher Alexander, Alexis Josic, do atelier 5, e James Stirling, arquitecto pertencente ao Independent Group e que já tinha obtido reconhecimento pela "housing at ham common", uma proposta de habitação low tech. (**Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den – 2005) p.63
[28] Júri: José Antonio Coderch (España), Halldor Gunnlogsson (Dinamarca), Peter Land (O.N.U.), Ernest Weissmann (O.N.U.), Carl Koch (EE.UU., UIA), Manuel Valega (Perú), Ricardo Malachowski (Perú), Eduardo Barclay (Perú) e os assessores Darío González (Perú) y Álvaro Ortega (O.N.U).
[29] *"Entre las propuestas más notables de este concurso estaban las de Christopher Alexander y de Aldo van Eyck."* (Patrício Browne – 2003). Segundo o arquitecto chileno Browne, os dois já teriam estado envolvidos numa discussão sobre a forma aberta e a indeterminação urbana num artículo de Alexander publicado na *Fórum: "The city is not a tree", de* 1965. Alexander criticava a tradição modernista pelo hábito mental da hierarquia em árvore, argumentando que se deveria pensar em relações mais complexas, como uma rede deformada (a matemática *Semilattice).* Enquanto Aldo Van Eyck defendia que a forma se alcançava através da disciplinas da configuração, onde o essencial era a experiência e a repetição.

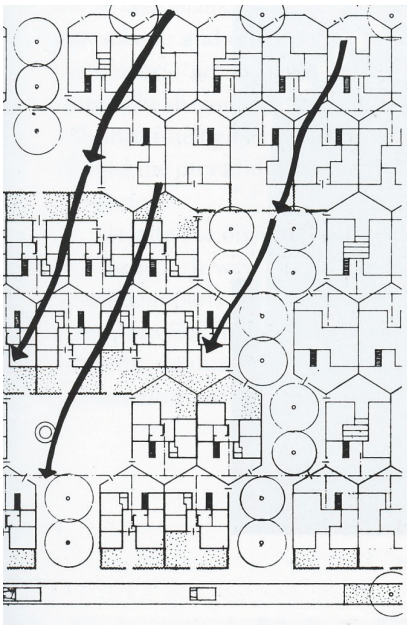


fig.124 (esq) Aldo Van Eyck: Vista de entrada de habitação - pré-evolução.
fig.125 (dir) Aldo Van Eyck: Esquema de salubridade e ventilação dos módulos hexagonais

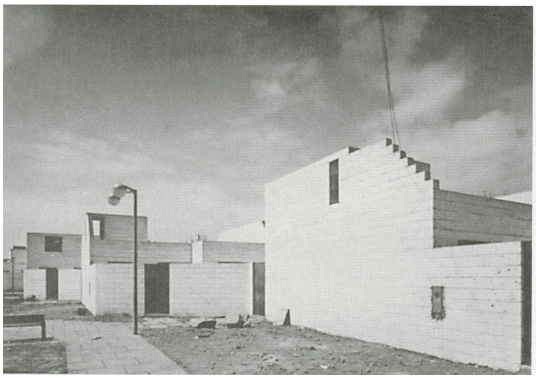


fig.126 Aldo Van Eyck: vista da rua pedonal - evolução da projecto (1978-2003)

fig.127 (esq) Aldo Van Eyck: casa que sofreu profundas mudanças, continuando com o espaço mínimo de salubridade garantido pelo pátio.
fig.128 (dir) Peter Land: maqueta do plano do PREVI de Lima, já com todas as propostas incluídas

*" (...) it would be a grave error if pre-designed and partially pre-constructed urban environments such as this pilot project proposes should counteract the growth and development of the barriadas idea and practice, instead of stimulating it through the erection of improved dwelling types, construction systems and overall community planning."*[30]

Na opinião de Eyck o povo peruano já tinha expressado nas *barriadas* as suas necessidades e aspirações. Para ele seria um erro contrariar estes pressupostos através de outros modelos, tal como John Turner defendia. Por este motivo, considerou o pátio ou o terraço, características quase uniformes a todas as urbes e tipologias de casas Peruanas, como elementos fundamentais na sua proposta. Este pressuposto foi a razão para a forma hexagonal do seu projecto, que pretendia prever a não cosntrução nos pátios irregulares à frente da casa, garantido zonas livres, salubridade e luz, características vitais para enfrentar uma humidade de 80%.

Segundo Land, todas as propostas teriam sido interessantes, decidindo-se realizar as vinte e seis propostas. Em vez do previsto bairro de 1500 casas, realizou-se um "bairro exemplo" com um plano de Land para 500 unidades, com *clusters* de 20 unidades, que correspondiam a cada projecto de arquitectura.
O projecto urbano, realizado por Land, caracterizou-se pela baixa altura, alta densidade e pela escala humana e identitária, presente na hierarquia de vias pedonais e trânsito, nas praças e no tamanho das casas. Já as habitações reuniam a flexibilidade evolutiva, que proporcionava a *tenure* desejada por Turner, um controlo de recursos e custos e as tendências contextualistas da tipologia da casa pátio peruana e da resistência aos frequentes sismos.
Aos projectos arquitectónicos, juntavam-se também o layer da arquitectura paisagística, que se adaptou às condições áridas do deserto e ajudava a definir e a hierarquizar os arruamentos, as praças e os espaços públicos onde se inseriam equipamentos fundamentais, como a escola, o centro cívico ou o parque multiusos.
Foi a partir do sitio que se criou o projecto, numa oficina local, tal como Turner defendia, a arquitectura e a cooperação entre arquitectos, engenheiros e construtores, habitantes ou não, realizou-se no local onde se estava a criar o bairro. A ideia não era importar métodos e materiais estrangeiros, mas rentabilizar sempre o trabalho manual, os recursos e as técnicas já conhecidas por construtores e habitantes.

## Não assistência

O impacto mediático do projecto era fundamental para surtir como exemplo, mas apesar de exposto no Museu de Arte de Lima, acabou por não ter grande consequência.
Não obstante a boa localização, junto à *autopista Panamericana* que ligava as pessoas ao transporte público e às oportunidades de trabalho, e de toda a zona à volta do bairro estar densamente construída, e se ter tornado uma comunidade boa e atractiva para viver, segundo Land, a expansão do Bairro não correu como era pretendido, com ampliações de construção duvidosa e desrespeitando as formas urbanas que foram projectadas, o que colocava em perigo a segurança, a sanidade e a atractividade do conjunto.
Para Land, se os habitantes tivessem sido avisados da importância do bairro como um modelo e se se conseguisse manter uma oficina técnica de apoio às ampliações, tinha-se constituído um melhor exemplo para a construção e o planeamento de habitação. E tinham-se aproveitado mais eficazmente as metodologias desenvolvidos e reutilizado recursos como moldes de cofragens e outros materiais técnicos.
Segundo Land, o facto positivo foi ter resultado numa habitação "mais" evolutiva ou livre, mas perdeu-se a significância arquitectónica, algumas qualidades e a projecção mediática.

[30] **Van Eyck,** Aldo (1970) In Arhcitectural Design, Abril de 1970, p.189. In **Strauven,** Francis (1998). p.546

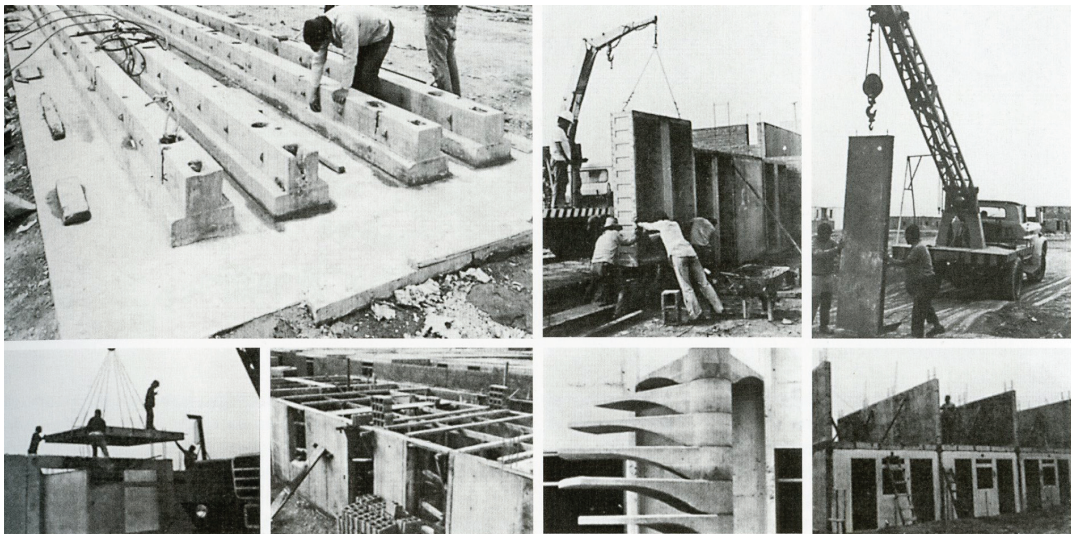


fig.129 PREVI Lima: imagens dos processos de pré-fabricação

fig.130 PREVI Lima: evolução de um espaço público na zona da proposta de Aldo Van Eyck

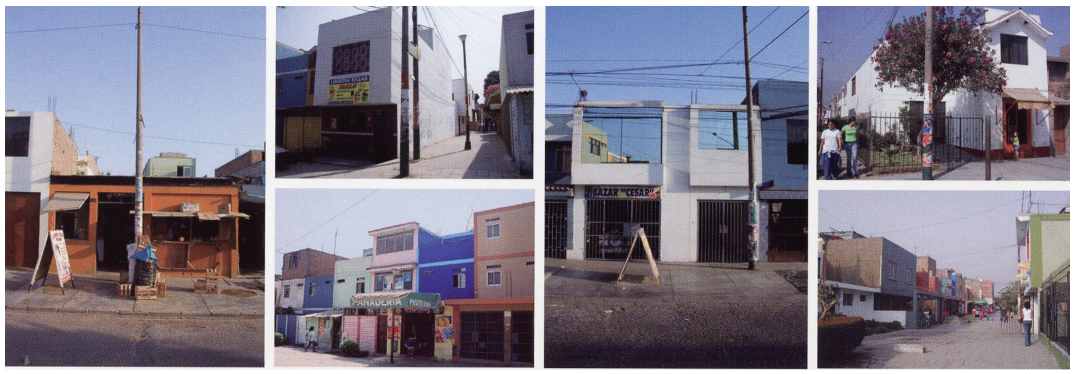


fig.131 PREVI Lima: habitações que evoluíram e cederam o piso térreo para comércio

*"Así, el concurso se convertió en un muestrario de sistemas de prefabricación que debía demostrar su validez en un proyecto para solo 20 viviendas por proyecto de media, sin poderse amortizar el excesivo coste inherente a la ínfima repetición."*[31]

## Homogéneo ou Heterogéneo

A não assistência após a construção inicial foi um erro estratégico, também identificado por um dos participantes peruanos, Jacques Crousse,[32] que o não acompanhamento pós-projecto prejudicou a lógica do modelo, que com as alterações era dificilmente identificável.[33]
Para Crousse, o PREVI perdeu o seu valor inovador, logo depois da decisão de reduzir o tamanho e do número de casas, que levou a que nenhum processo standard conseguisse ser suficientemente *"evaluado, desarrollado e industrializado".* Já o fraco acompanhamento posterior à construção, levou a uma oportunidade perdida pela sua geração, mas que no entanto poderá ser um suporte de reflexão para o futuro.
No entanto, para o arquitecto Rodrigo Perez de Arce a convicção optimista, dos gestores e dos arquitectos, de prever o desenlace do processo de habitar, era demasiada para um processo, por regra, imprevisível. Talvez não se tenha conseguido manter nem repetir as qualidades formais ou plásticas, mas por outro lado conseguiu-se um bairro perfeitamente constituído, onde antes estava apenas deserto, e o projecto não ficou no desenho do arquitecto, desenvolveu-se e ganhou a vida que os habitantes pretenderam.

*"Olvidado el concurso y con los arquitectos de vuelta hace tiempo a sus despachos y lugares de residência, un proceso lento, persistente y extraordinário va marcando el paso del barrio original hacia otro más denso, complejo y diverso, más inesperado pero, a sua vez, más integrado en una ciudad que entre tanto lo ha absorbido. Las instancias de este proceso son demasiadas para poder quedar consignadas en dibujos o datos precisos: una obra coral fenomenal cuya partitura nunca cesará de escribirse."*[34]

Para este chileno, tal como para John Turner deveria deixar-se o "*urban-industrial syndrome"*[35]*,* de quanto maior e mais industrializado melhor, devendo optar-se por economias de pequena escala.[36]
Apesar da dúvida entre o standard e o manual, ficou demonstrado que a assessoria técnica é fundamental para o bom desenvolvimento da auto-construção, e também para o controlo da expansão urbana da especulação imobiliária, pois como aconteceu com alguns blocos modernos de qualidade construídos no Terceiro Mundo, também aqui algumas casas oferecidas foram vendidas, o que transformou o bairro num conjunto de classe média.

## Influência ELEMENTAL

Três décadas depois da finalização, o bairro de PREVI é hoje um pedaço de cidade consolidada, com casas transformadas em colégios, pisos térreos com comércio e singulares sistemas de aluguer, que conformam um bairro denso, activo e de grande qualidade urbana, tirando-se daqui a lição que seria possível que um dos principais gastos sociais, a habitação, poderia funcionar

[31] Crousse, Jacques (2008) La experiência de PREVI. In **Garcia-Huidobro,** Fernando, **Torriti**, Diego Torres, **Tugas**, Nicolas p.153

[32] Jacques Crousse, do atelier Crousse-Paez, foi um dos arquitectos peruanos que participaram no projecto.

[33] Esta crítica de Crousse foi também uma das elações de John Turner, no entanto, Turner considerou que o carácter de exemplo standard de habitação evolutiva nunca conseguiria uma normal progressão, sendo naturalmente substituído pela espontaneidade e aproveitamento de recursos existentes.

[34] Pérez de Arce, Rodrigo (2008) *Treinta años después*. In **Garcia-Huidobro,** Fernando, **Torriti**, Diego Torres, **Tugas**, Nicolas p.27

[35] **Turner**, John F.C. (1976)

[36] Referência de John Turner às teorias de Fritz Schumacher.

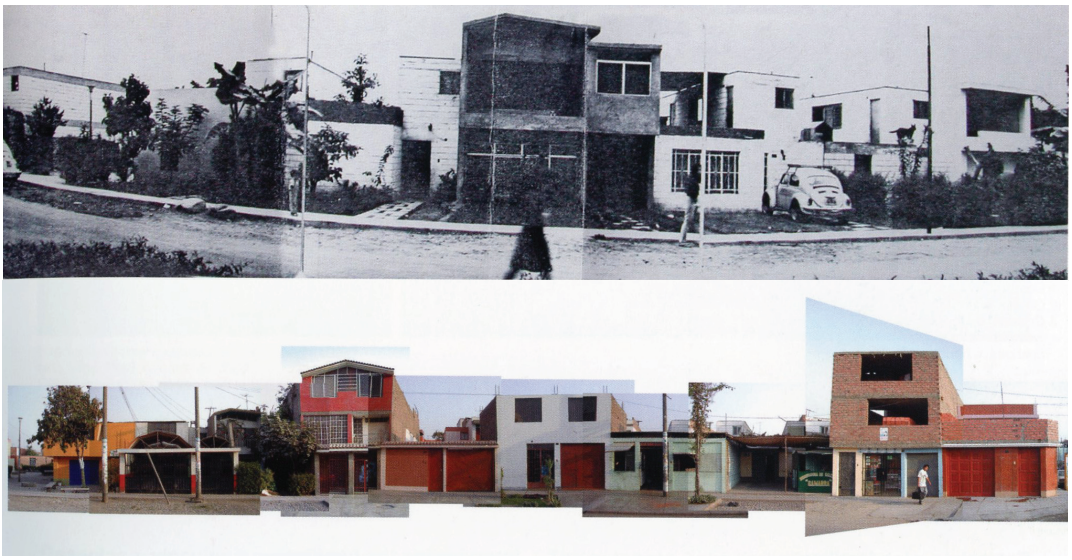


fig.132 PREVI Lima: conjunto de Kikutake, Maki e Kurokawa - evolução (1985-2003)

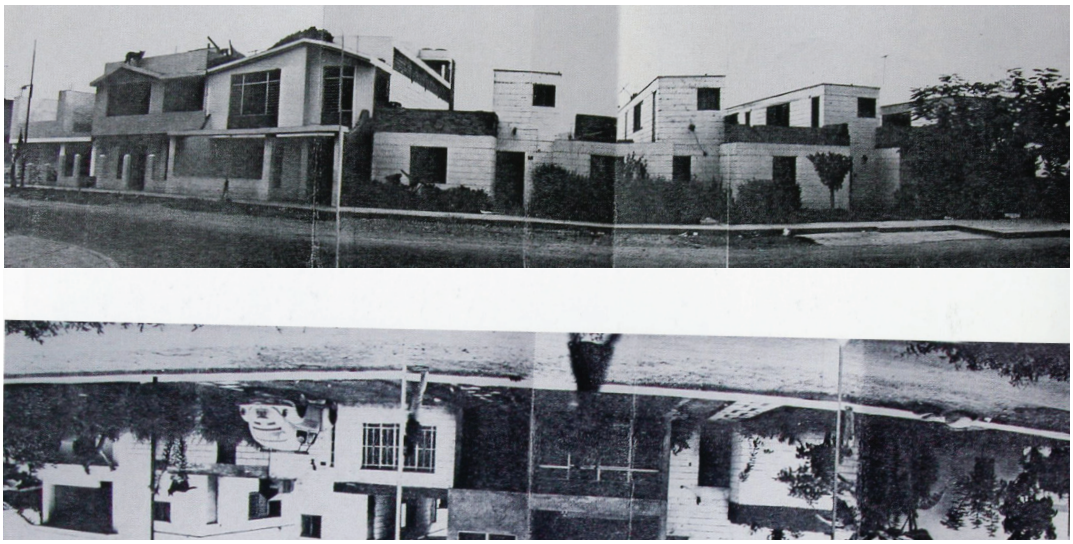


fig.133 PREVI Lima: conjunto de Kikutake, Maki e Kurokawa - evolução (1985-2003)

como impulsionador social.
O estudo do PREVI é facilmente identificável em iniciativas e práticas actuais de habitação evolutiva, permitindo aprender com os erros cometidos, como se poderiam tratar questões como a expansão, a flexibilidade e adaptação do crescimento das casas aos clusters e aos vizinhos.
Lições como a não inclusão de limites difusos, ou a clareza no perímetro da propriedade, um sistema construtivo rígido, difícil de modificar e com capacidade para maior carga, as implantações pouco complexas e bem definidas ou o pensar na evolução desde o padrão familiar inicial, o aumentar da família e a possível *hipercasa*[37], são características facilmente identificáveis em projectos como os dos chilenos ELEMENTAL.

O contexto Peruano apareceu, assim, como a principal referência para o estudo da cidade informal e auto-construída, e John Turner, como o sintetizador teórico das oportunidades e das leituras que se poderiam retirar das *barriadas* e da auto-construção.
Neste contexto, o PREVI surgiu como um catalizador do pensamento arquitectónico sobre habitação evolutiva. Esta experiência, que enfrentava em parte, as ideologias de Turner, pelo carácter paternalista do projecto governamental apoiado pela ONU, acabou por se desenvolver autonomamente e evoluir num bairro de "classe média", marcado pela auto-construção, confirmando as teorias do pensador Inglês.
A figura teórica, em que se tornou John Turner após o seu regresso ao Primeiro Mundo, e a experiência do PREVI Lima, serviram como veículos mediáticos para uma nova mensagem proveniente do Terceiro Mundo para um Primeiro Mundo em crise habitacional e ideológica.

[37] Hipercasa é uma designação usada na América Latina para habitações que crescem e se desenvolvem em carácter de edifício público, dividindo-se em módulos onde podem habitar diversas gerações das mesma família ou mesmo possuir diversas funções: alugueres, comércio, escritórios, serviços, etc.

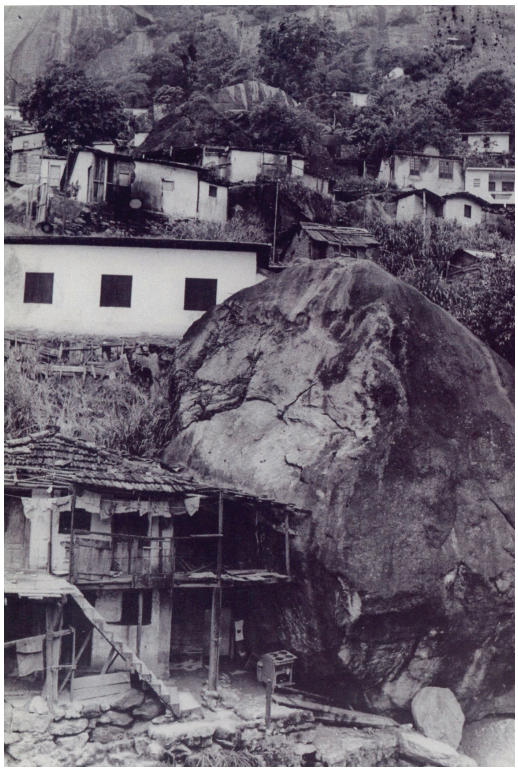


fig.134 (esq) Burle Marx: Avenida de Copacabana
fig.135 (dir) Habitações precárias na favela do morro da Providência.

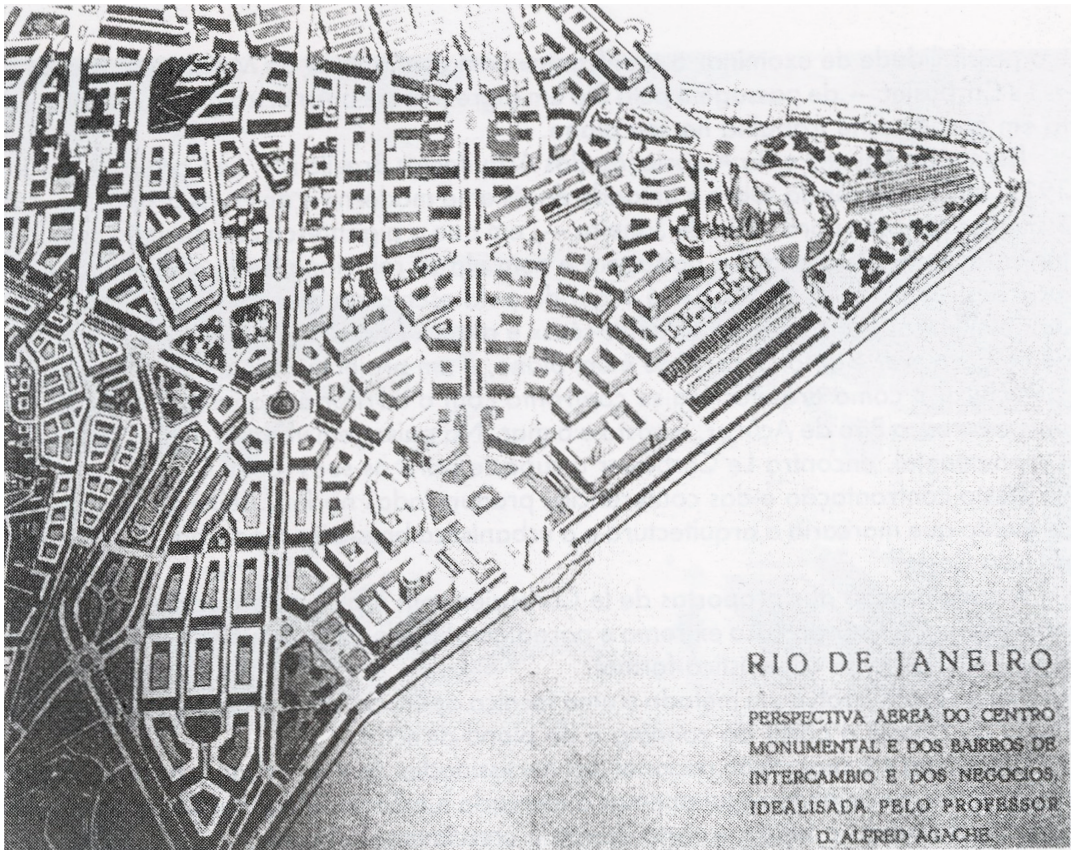



fig.136 Alfred Agache: plano para o Rio de Janeiro

## 2.2. O Brasil orgânico e puxadinho

O Brasil e o Rio de Janeiro possuem uma história recente de um urbanismo muito particular, marcada pela Natureza, pela referência histórica portuguesa e pela singular inserção dos modelos internacionais, como está demonstrado na avenida de Copacabana ou no parque do Flamengo[38]. No entanto, a *"avalanche americanizada dos centros terciários e da loucura dos excessos residenciais,"*[39] transformou a frente atlântica carioca, dividindo-a em conjuntos habitacionais segregados por classes sociais.[40]
As favelas, à margem destes conjuntos, surgem na sequencia de uma decisão urbana higienista e gentrificadora, que pretendia colocar o Rio a par de outras capitais da América Latina, como Buenos Aires ou Montevideu. Foi com a demolição dos cortiços, ainda no final do século XIX, que se proporcionou a inflação dos preços da habitação e a consequente ocupação informal dos morros e do plano da zona norte.

### Favelas puxadinhas

As favelas são aglomerados informais definidas pela prevalência do privado sobre o público, em que são as habitações, normalmente marcados por constantes *puxadinhos*[41], e a variável topografia são as definidoras da morfologia e das características urbanas. O espaço urbano da favela é, portanto, ambíguo e sem condição pública, com acessibilidades deficientes, precárias ligações ao entorno e um grande *embaralhamento* da percepção dos espaços, onde os equipamentos não se conseguem implantar.
Desde o seu aparecimento que as favelas foram vítimas de várias tentativas de extermínio, primeiro por Alfred Agache[42], que através de mais uma politica higienizadora, pretendia livrar o seu organismo vivo, a cidade, da "doença favelar". Mais tarde pelo governo, primeiro com comissões de remoção e extinção[43] e depois com uma aliança com a Igreja[44] e as suas *Cruzadas*, que tiveram uma perspectiva menos paternalista que iria desagradar ao governo, voltando este a optar pela remoção para grandes conjuntos habitacionais modernos, como as Vilas Kennedy e a Cidade de Deus, zonas distantes e mal servidas de transportes.

*"Os moradores sempre resistiram à remoção. Deixar a favela implicava, além das questões estritamente práticas, o abandono de laços afectivos e simbólicos importantes."*[45]

[38] A avenida Copacana bordeia uma das principais praias do Rio de Janeiro, fazendo a charneira entre a praia e os grandes edíficios da frente atlântica. Já o parque do Flamengo (1961), hoje Parque Carlos Lacerda, é um espaço urbano ajardinado e planificado para actividades culturais e recreativas, que serve de transição entre o mar, a cidade e a montanha. Ambos são projectos paisagistas de Burle Marx (1909-1994), importante arquitecto, paisagista, urbanista e artista brasileiro. (**Montero,** Marta Íris - 2001). p.66

[39] **Bohigas**, Oriol, Favela-Bairro in **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004) p.xxvi

[40] Esta transformação já havia sido prevista por Le Corbusier, quando declarou que estava a ser construída no Rio uma *"muralha dos egoístas."* (**Montero,** Marta Íris - 2001 ). p.76

[41] *Puxadinho* é o processo de auto-construção típico dos *favelados,* que iam construindo mais divisões ou ampliando as existentes, consoante os apoios, materias e técnicas que iam conseguindo juntar.

[42] O urbanista Alfred Agache, co-fundador da *Société Française des Urbanistes,* entre 1926 e 1930 elaborou um programa de reurbanização do Distrito Federal do Rio de Janeiro, assente em princípios do urbanismo barroco-haussmaniano, com avenidas, zoning, traçado geométrico, praças e quarteirões definidos e loteados. Onde o desenho urbano comandava a arquitectura, e que, consequentemente, pressupunha a transferência dos moradores das favelas, por motivos de ordem social, estética e higiénica.

[43] Normalmente estas comissões actuavam não permitindo a construção nos aglomerados, ou na remoção da população para parques habitacionais, supostamente provisórios.

[44] A igreja organizou grupos de intervenção, apelidados de Cruzadas, que urbanizavam e infra-estruturavam favelas e construíam conjuntos habitacionais próximos destas, impedindo a gentrificação.

[45] **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004) p.49

fig.137 Protesto de "favelados"

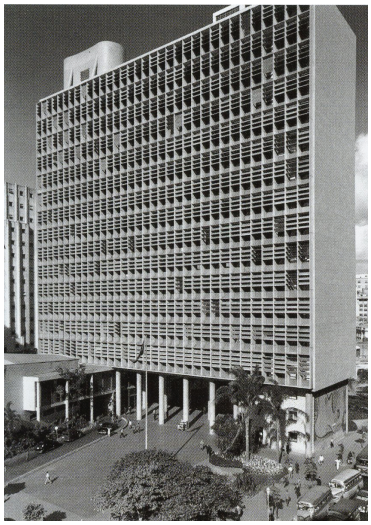


fig.138 (esq) Lúcio Costa e Óscar Niemeyer: Palácio Gustavo Capanema, antigo Ministério da Educação e cultura (1947, Rio de Janeiro)
fig.139 (dir) Lúcio Costa e Óscar Niemeyer: edifício do congresso nacional de Brasília (1969)

fig.140 Concerto no piso do meio do MASP, de Lina Bo Bardi.

Os *favelados* viam o desmoronar das suas redes sociais, e o facto de serem colocados, insustentavelmente, longe dos seus postos de trabalho. Como resposta, em 1963, organizam-se numa entidade federativa, a FAFEG[46], que devido à ditadura, só se inicia em 1964, não existindo grandes progressos até 1966, ano em que o novo governador Negrão de Lima se compromete a uma política de não remoção. No entanto, apesar de alguns exemplos com uma boa taxa de sucesso na urbanização de algumas favelas,[47] esta política não durou muito tempo, e o maior período de remoção estava para vir. Com a força da ditadura, entre 1968 e 1975, 200.000 pessoas são removidas para unidades habitacionais, número que representava apenas 30% dos *favelados* do Rio.
Até 1974, ano em que foi suspensa a política de remoção, apenas tinham desaparecido 20% das favelas. Sem soluções práticas, sem recursos e marcados por estigmas sociais, o governo abandonou estes aglomerados. Só em 1979 voltam a aparecer alguns apoios, a partir da SMDS[48], que tentava garantir melhoramentos infra-estruturais básicos, que serviriam de motivação para uma construção mais perene por parte dos habitantes. Já durante os anos 80 houve um esforço para a regularização de propriedades e loteamentos, o que proporcionou o desenvolvimento de um mercado imobiliário local, mas que também provocou as invasões e as apropriações colectivas.

### 2.2.1. Carlos Nelson dos Santos e a integração urbana da favela

O Brasil dos anos 60, apesar do regime autoritário e da presença forte e emblemática do modernismo[49], foi marcado por posturas hedonistas, pelo movimento *Hippie* e pelo exotismo dos tropicalistas[50], e isso reflectiu-se nos meios culturais e arquitectónicos.
A década de 1960 fica também marcada pela obra[51] de Lina Bo Bardi que resume uma possibilidade de "mosaico"[52] entre a cultura moderna brasileira, assinalada por uma linguagem orgânica e lúdica, os movimentos culturais e sociais provenientes dos países mais desenvolvidos e uma consciência cívica e politica.[53]

Foi neste contexto, entre a indefinição das soluções habitacionais, as promessas de Negrão de Lima e as novas posturas sociais e culturais, que Carlos Nelson dos Santos, mesmo antes de se formar na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1966, começou a trabalhar em operações de reabilitação de favelas, inicialmente na favela Brás de Pina.

[46] FAFEG – Federação de Associações de Favelas do Estado de Guanabara.

[47] É neste momento que se insere a experiência de Carlos Nelson dos Santos em Brás de Pina e a actuação da CODESCO (Companhia de Desenvolvimento Comunitário).

[48] SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

[49] Esta presença é protagonizado por arquitectos como Óscar Niemeyer ou Lúcio Costa. Os últimos dois, ainda em 1968, projectaram Brasília, uma cidade marcada pelo Estilo Internacional, que na altura era já bastante contestado. No entanto, moderno brasileiro vai-se diferenciar pelas suas características contextualistas, marcadas por uma relação estreita com a cultura, as formas de vida e a paisagem natural. A força destas características vai afectar o próprio Le Corbusier, que quando visita o Rio de Janeiro, substituiu a habitual solução urbana de tabula rasa cartesiana, por uma estrutura em "cobra", formada por arranha-céus e auto-estradas, que contrasta com a solução funcionalista do plano de Alfred Agache, e que era definida pela topografia da cidade.

[50] Tropicalismo ou tropicália foi o movimento artístico que marcou o Brasil dos anos 1960, definido e influenciado pela mistura de diferentes géneros musicais como o brasileiro, os ritmos africanos e o rock.

[51] No MASP (Museu de Arte de São Paulo), de 1957, ou no SESC Pompeia, de 1977, Bo Bardi revela a sua intenção de um programa social para a arquitectura. Apesar do primeiro edifício ser, na sua génese, um monumento à alta cultura, ela conseguiu doar o piso central como espaço para as massas.

[52] *"A arquitectura de Lina Bo Bardi é um mosaico capaz de juntar o impensável (...)"* (**Oliveira,** Olívia - 2006) p.14

[53] **Teotónio Pereira**, Nuno (1996). p.285

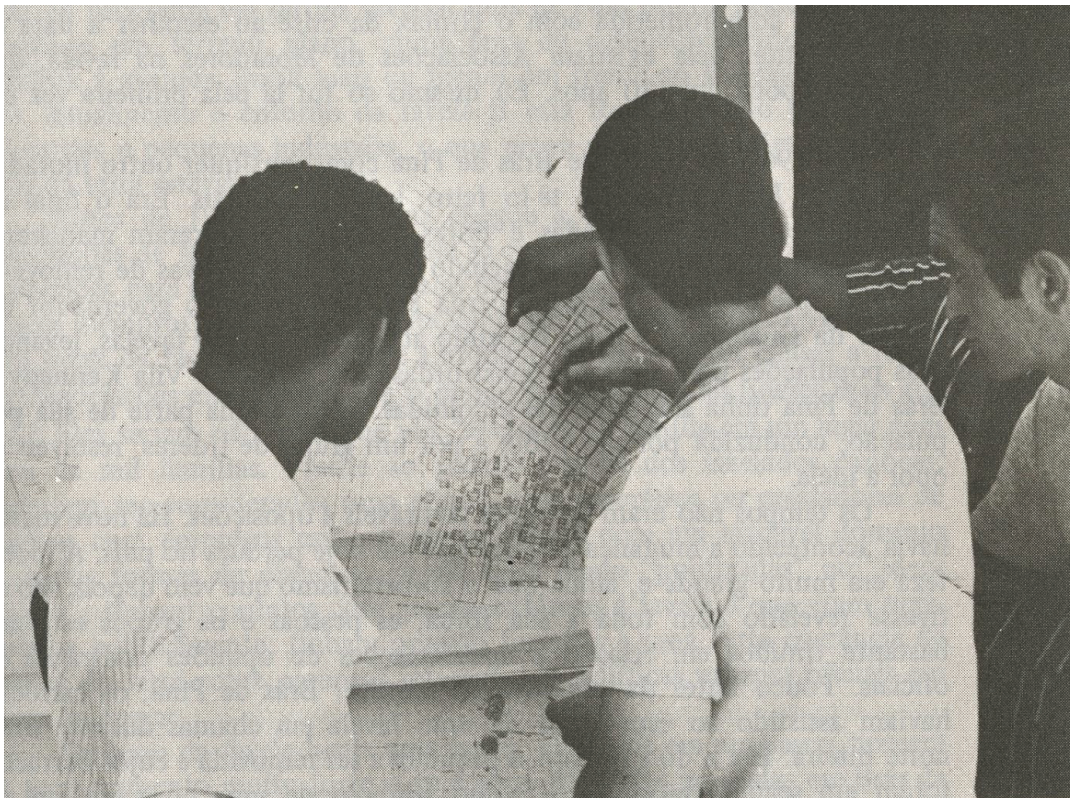


fig.141 Carlos Nelson dos Santos: explicação do plano de Brás de Pina

fig.142 Carlos Nelson dos Santos: palafitos na favela Brás de Pina (pré-urbanização)

## A "urbanização" de Brás de Pina

Esta favela foi uma das cinco escolhidas, pelo governador Carlos Lacerda, para remoção. Isto devia-se, fundamentalmente, à potencial valorização imobiliária dos terrenos. No entanto, quanto em 1964 houve uma tentativa de remoção, os moradores, apoiados pela Associação de Moradores e por um grupo de padres da zona, enfrentaram o poder e com ajuda da projecção mediática só um terço deles é que cedeu e deixou a favela.
A motivação colectiva e espontânea para a *urbanização* futura aparece como reacção e consequência desta luta travada pelos moradores e padres da comunidade. A realidade inicial não era nada animadora: construções provisórias de madeira a povoarem a favela[54] quase na totalidade, um terreno pantanoso central que piorava a situação insalubre do aglomerado, sem infra-estruturas e com uma densidade de 400 habitantes por hectare, inaceitável para aglomerados de piso térreo. Quanto ao *"regime de propriedade"* era bem definido, pois só 0,2%[55] das casas eram alugadas.

*"Redes de água havia em mais ou menos 50% da superfície da favela. Só que não funcionavam. As instalações era executadas de forma incorreta e seu rendimento era mínimo. Esse era um caso óbvio em que os favelados, apesar de todas as suas tentativas, não podiam prescindir de orientação técnica e ações coordenadas."*[56]

Segundo Nelson dos Santos, a urbanização consistiu, então, na legalização da propriedade, na execução de infra-estrutura urbanística e no desenvolvimento das condições da organização do espaço. Este movimento manteve dois factores sociais fundamentais, a reivindicação e motivação que vinha da luta contra a remoção e a tentativa de integração da favela como parte da cidade carioca.

## Diagnóstico Académico

Apesar de algumas iniciativas académicas anteriores, foi a partir de Brás de Pina que Nelson dos Santos, junto com uns colegas que "*ganharam coragem*", abordou o problema do ponto de vista técnico e prático, iniciando o trabalho de diagnóstico e levantamento dentro da favela. Segundo ele, como urbanista, nunca teve melhor experiência profissional do que a desse tempo, trabalhando directamente com os clientes num escritório local, em que diariamente recebiam visitas dos *favelados*, usando os seus serviços e conhecimentos como pesquisa sociológica e urbanística.
Foi uma relação progressiva, de índole "*win win situation*" e de respeito mútuo entre população e técnicos, no entanto, no ínicio dos trabalhos existiram trocas de argumentos com os lideres de opinião, essencialmente com o Padre, pois por vezes, como admite Nelson dos Santos, havia um desfasamento entre um pensar ainda académico, marcado pelo funcionalismo, e a realidade do quotidiano da favela.

Entretanto, à margem desta realidade local, o novo governo de Negrão de Lima criou o GT 3881[57], que em Janeiro de 1967 escolheu um grupo para recuperar 5 favelas. De inimigo ameaçador, o estado passou a desejar a reabilitação. Brás de Pina foi incluída nas eleitas, devido à prévia organização comunitária, e obviamente, à projecção mediática que proporcionava, sendo usada como exemplo na propaganda política.

[54] Segundo Carlos Nelson dos Santos, recorrendo aos relatórios de Charles Abrams e Otto Koenigsberger, devido ao receio da sempre possível remoção, havia pouco investimento dos moradores nas suas habitações.

[55] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981) p.35

[56] **idem** p.37

[57] O GT 3881 era um Grupo de trabalho que, entre outras coisas, deveria elaborar o programa de planeamento, urbanismo e habitação do estado de Guanabara.

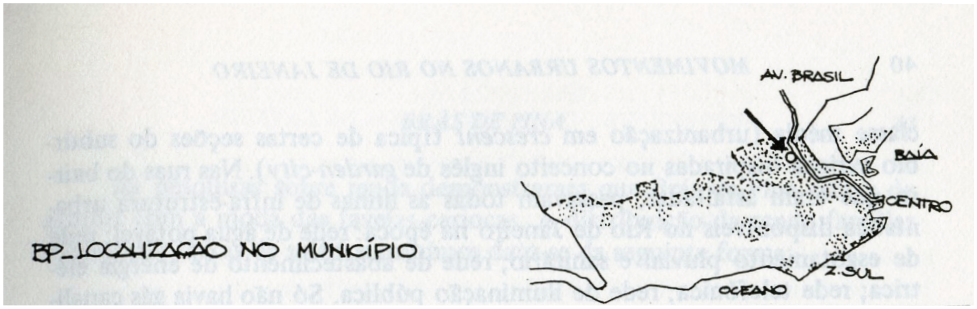



fig.143 Carlos Nelson dos Santos: esquema para plano de urbanização de Brás de Pina - escala territorial

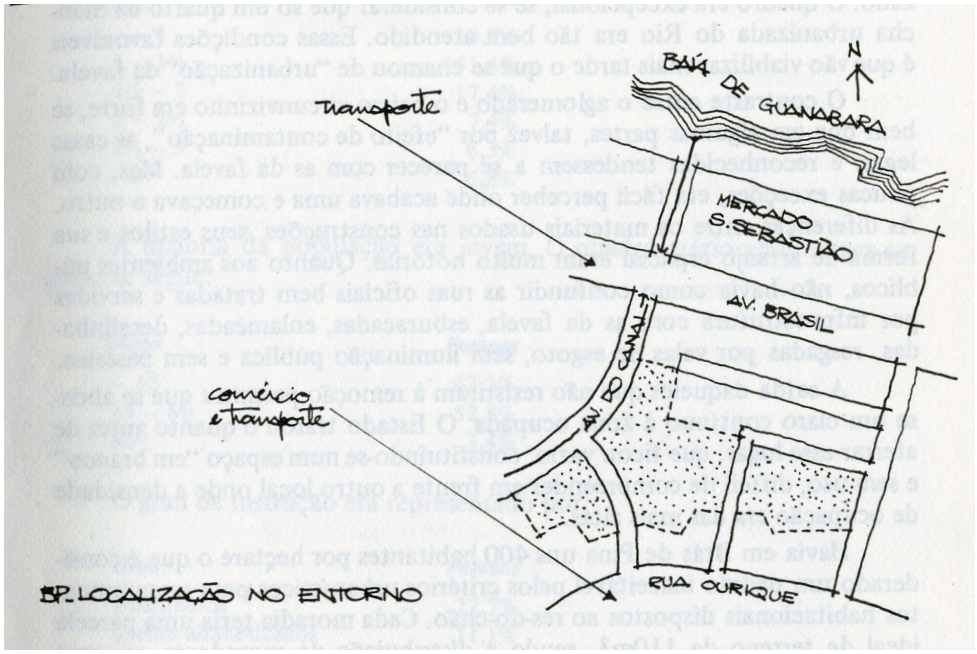



fig.144 Carlos Nelson dos Santos: esquema para plano de urbanização de Brás de Pina - escala local

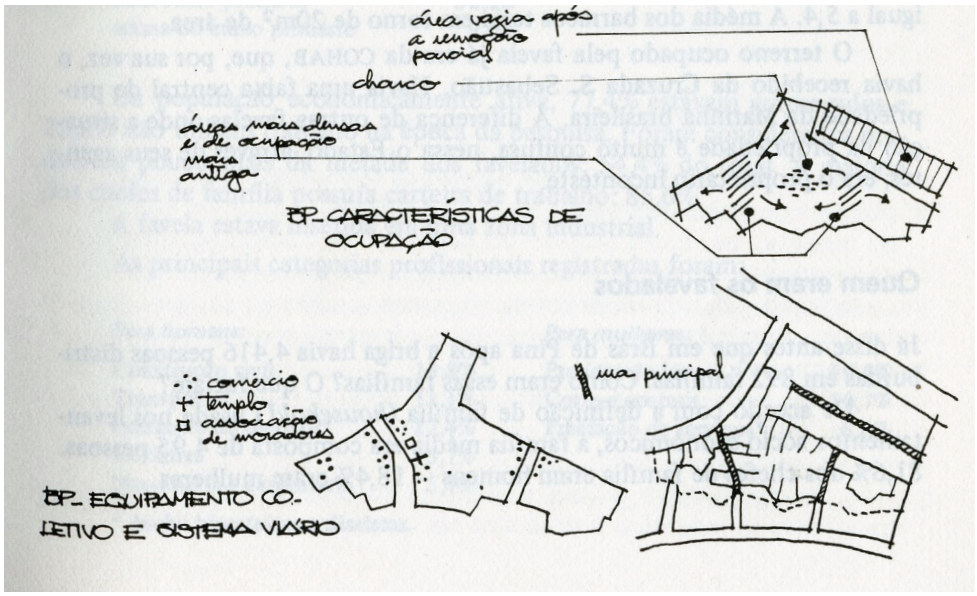



fig.145 Carlos Nelson dos Santos: esquema para plano de urbanização de Brás de Pina - promenor esquemático das remoções e das características da nova ocupação

Estado "amigo"

Tanto no campo político, como no campo técnico, com o *Relatório Wagner*[58] de 1966, houve grandes progressos para a recuperação das favelas, mas a dúvida da manutenção manifestava-se nos meios académicos e políticos, em palestras e conferências.

*"Carlos Nelson dos Santos diria que estes diagnósticos serviriam apenas como pesquisa e noção precisa das condições dos moradores, mas mais tarde admitiria que era parte do ritual para a legitimação das decisões tomadas."*[59]

Com a "intromissão" estatal foram novamente realizados uma série de levantamentos pesquisas e diagnósticos, que serviriam, mais que para demonstrarem as condições de vida das favelas, como uma opção de legitimação politica, pois cedo esta nova comissão perceberia o trabalho anterior dos *assessores urbanísticos* nomeados pelos moradores.
Apesar da permanência do GT de diagnóstico, só se iniciaram os trabalhos com a CODESCO, que apesar da contratação do grupo de Nelson dos Santos[60] como consultor e executor de planos urbanos, era soberana nas relações com os moradores, que não correram da forma mais participativa, pois a exaustiva pesquisa levou ao cansaço e à desistência da participação de muitos habitantes.

Site & Service favelado

A realização do projecto começou em 1969 e com uma abordagem distinta do *site&service* básico do Turner, pois este só funciona quando a densidade é mais baixa, ou seja, quando existe espaço e tempo para a estrutura. A intervenção de Nelson dos Santos aparece como uma política algo diferente, uma adaptação à complexidade formal da favela e às suas necessidades simbólicas, começando por infra-estruturar a área libertada pelo terço da população que saiu com a pressão do governo, removendo para lá as barracas que bloqueavam a nova organização urbana. E toda a operação foi progredindo desta forma cirúrgica, na construção das infra-estruturas sem destruir as barracas existentes. Sempre que colidia com a presença de uma destas, transladava-se a barraca para os terrenos já loteados, ganhando-se no final uma nova parte da cidade, um bairro reticulado e bem articulado com os bairros sul e nascente.

*"As remoções eram feitas para distâncias inferiores a 200m. Os próprios moradores faziam a sua mudança durante os fins de semana. Os barracos eram fáceis de transportar e de voltar a montar. Às vezes eram desarmadas e armadas de novo paredes completas, com portas e janelas. Famílias e amigos se reuniam para ajudar na operação de mudança, que, em geral, se completava em duas ou três horas."*[61]

Foi já na fase de construção que se começou a debilitar a auto-ajuda e participação colectiva, e o individualismo começou a afirmar-se. Afinal, como diz Nelson dos Santos recorrendo ao sociólogo Manuel Castells[62], *"integrar"* socialmente a favela implicaria necessariamente alcançar um status, que só estaria completo quanto tivesse os símbolos urbanos capitalistas. Um pouco desoladamente, Nelson dos Santos considerou este progresso como normal, pois acontecia permanentemente em toda a cidade, sendo muito complicado que da favela surgisse um novo

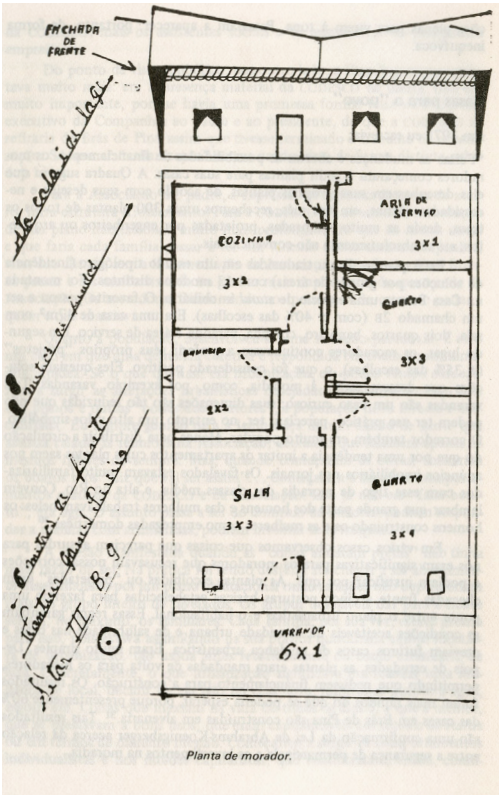
[58] O Relatório Wagner nasceu de uma visita de 3 especialistas americanos em habitação (Wagner, McCoy e Edwards), que recomendavam que o USAID e o governo de Estado mudassem de tácticas, se promovessem programas de auto-ajuda para habitação comunitária e se criasse uma autoridade metropolitana, juntando-se à conjuntura de *participacionismo* que começava a surgir nos anos 1960.

[59] **Bandeirinha**, José António (2007) p.50

[60] O grupo dos "assessores urbanísticos" de Nelson dos Santos foi sofrendo mutações e neste inicio dos trabalhos estava já diminuído e transformado em Quadra Arquitectos Associados, Ltda.

[61] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981) p.60

[62] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981).



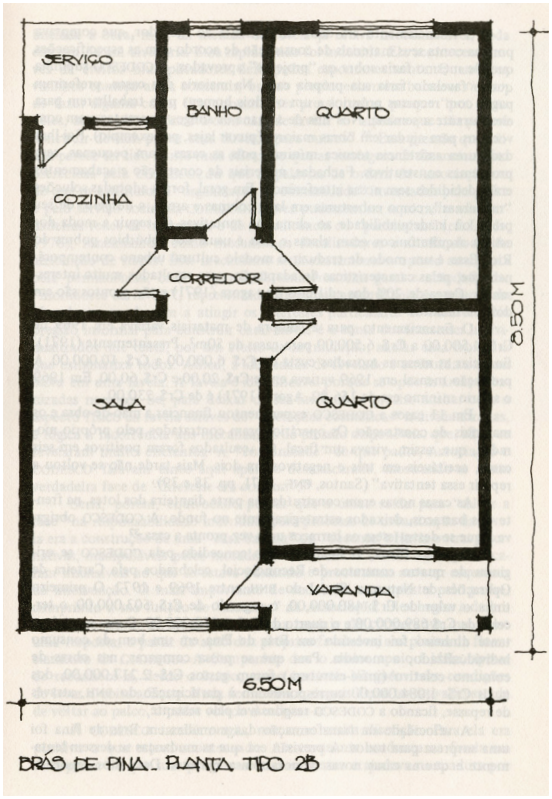




fig.146 (esq) Planta de morador de Brás de Pina para nova habitação.
fig.147 (dir) Carlos Nelson dos Santos: planta tipo do gabinete da "quadra"

fig.148 Carlos Nelson dos Santos: vista de cruzamento de Brás de Pina, pós-urbanização.

modelo urbano, fora do estabelecido, e exterior ao mundo capitalista.
Apesar da insistência dos arquitectos numa solução de *"condomínio colectivo horizontal"*[63], a mais adequada perante a densidade do aglomerado, e a que permitiria melhor a verticalização do projecto no futuro, seguiu-se a vontade dos moradores e optou-se por um loteamento unifamiliar, apesar de este apenas permitir um lote exíguo de 6,5m de frente e 120 m² de área.
Daí para a frente, apesar do apoio local da CODESCO, na "Casa Branca"[64], que funcionava como um stand imobiliário para a escolha do modelo tipológico desejado pelo habitante[65], a coesão inicial desapareceu, sendo o acompanhamento feito individualmente, com a Associação de Moradores cada vez mais à margem.
O controlo e o equilíbrio entre o plano urbanístico e o habitacional era garantido com posturas básicas, garantidas pela Quadra, na escolha tipológica e na assistência da obra. A construção foi sempre livre e *"eminentemente prescritiva e nunca proscritiva"*[66], nunca se impondo qualquer solução de ordem funcional ou estética
Na "Casa Branca" estava também a responsabilidade de coordenar as linhas de crédito. A empresa aconselhava a auto-construção como forma de poupança, mas o financiamento era dado ao morador que comprava os materiais e geria o pagamento de operários e materiais. Em alguns casos, a CODESCO tentou financiar a mão-de-obra e os materiais de construção, mas sempre com o morador como fiscal da obra.

*"Do jogo entre esses príncipios espera-se o desempenho de uma infinidade de discursos mais ou menos simples, mas sempre abertos, carregados de possibilidades de eficiência funcional e poética. Desde o início, todos os agentes produtores/moradores terão domínio das cartas que estarão jogando. Poderão sentar-se à mesa sem muito medo. Ficará por sua conta providenciar jogadas cada vez mais complexas."*[67]

Algo semelhante às vendas de casas do PREVI de Lima, esta liberdade excessiva e a demonstrada debilidade colectivista, proporcionou que 16% dos *favelados* preferisse vender os "direitos" à participação no plano e migrassem para outra favela mais barata. E tal como no PREVI, esta não foi a única forma de rentabilizar os apoios dados, quando começaram a entender os apoios financeiros, acrestentaram mais pisos, usando o espaço excedente para aluguer ou comércio.
Este processo, para Nelson dos Santos, apesar de negativo por proporcionar direitos a pessoas que não necessitavam, foi uma das situações mais interessantes sociologicamente. Revelaram por um lado o entendimento negocial e capitalista de alguns, que provavelmente não conseguiriam manter a sua habitação regularizada[68], por outro lado promoveram a integração de outros habitantes, mais motivados e com melhores condições para participar. Mas este processo criou o medo de um plano feito para pessoas de fora, o que levou a CODESCO a nomear a Associação de Moradores como controladora do processo, o que mais tarde se veio revelar uma má decisão, pois a própria Associação começou a ganhar dinheiro com as transacções, perdendo, assim, a credibilidade que lhe restava.

[63] **idem** p.64

[64] Casa Branca era o nome pelo qual era conhecido o escritório local da CODESCO.

[65] Alguns modelos eram desenhados pela Quadra e outros pelas próprias pessoas, já com os símbolos, padrões e modelos que conheciam e traziam do local de trabalho, que normalmente seria como empregados ou construtores das zonas mais ricas da cidade.

[66] **Bandeirinha**, José António (2007) recorrendo a uma afirmação de Carlos Nelson dos Santos durante o LNEC. p.51

[67] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1988) p.67

[68] Segundo Bandeirinha, as maiores insatisfações começaram com o "regularizar" a situação: impostos, taxas de consumo básico, água, energia, saneamento e burocracias levaram antigos moradores a sair, vendendo o seu lugar, tal como outros tinham feito em bairros sociais de tipologia intervencionista mais convencional.

fig.149 Carlos Nelson dos Santos: capa do livro "movimentos urbanos do rio de janeiro"

## O pedaço urbano

Dois anos depois, já metade da favela estava irreconhecível. A surpreendente rapidez levou Nelson dos Santos, a ficar convencido que os vizinhos com mais posses ou mais rápidos, iam exigindo rapidez e qualidade na construção, para assim conseguirem alcançar a tão almejada "integração" social e urbana do Bairro.
A partir daqui as relações entre Quadra, CODESCO, Associação e o próprio Padre da favela[69] ficaram muito complexas, pois a empresa estatal não se retirava até o plano de financiamento estar completo, mesmo com pressão da associação, que já não tinha o apoio dos moradores. Naquela altura já havia um organismo do governo dentro do bairro, que, com a repressão do regime e a desunião da favela, foi criando um clima conflituoso, que culminando na não construção de uma nova sede para Associação, colocando Associação de Moradores e Quadra de Arquitectos contra a CODESCO, que se foi tornando cada vez mais autoritária e burocrática, desaparecendo no final de 1975, com o novo governo e a pressão da rival CHISAM[70].

Hoje, segundo Bandeirinha, a urbanização de Brás de Pina é um sucesso de integração na cidade e confunde-se com os bairros de classe média vizinhos. Queixando-se Nelson dos Santos, que por causa deste sucesso ficou demasiado famoso, principalmente ao nível académico, o que originou o rótulo de profissional desviante, ajudando ao seu afastamento do trabalho como arquitecto.Continuando, assim, a trabalhar em Bairros com problemas semelhantes como a favela do Morro União, o bairro Catumbi ou a favela Morro Azul, e seguiu uma carreira teórica e académica.

*"Carlos Nelson posicionou-se como 'advogado dos moradores' para as questões da arquitectura e do urbanismo, na senda das acções do 'advocacy planning' norte-americano, nas quais os moradores ou utentes interessados recorriam ao serviço de técnicos empenhados para elaborar planos alternativos àqueles que os lesavam."*[71]

## O Antropoteto

No final dos anos 60, Nelson dos Santos começou uma "discussão interior" entre a prática urbana e arquitectónica e o estudo sociológico, aproximando-se cada vez mais dos problemas sociais e afastando-se do desenho urbano e infra-estrutural, mas ao mesmo tempo desconfiando das ciências sociais e da capacidade de actuação destas, no que apelidou de "*mundo real*".
Segundo indica Bandeirinha, é em 1974 que se apercebe da escassez dos seus meios técnicos e da falência da crítica e análise arquitectónica e urbana perante os problemas que enfrentava, decidindo optar pela via das ciências sociais, apresentando mesmo uma dissertação de mestrado[72] em que utiliza as suas experiências práticas.

Influenciado por teóricos como Manuel Castells e Jordi Borja, permite-se a buscar os movimentos sociais urbanos do Rio de Janeiro,[73] tomando uma via pragmática de entendimento da realidade das formas de apropriação humana, denunciado a radicalização dos técnicos urbanistas perante o fracasso ante o capitalismo e o consumismo e apresentando-se ainda mais reticente às ideologias de Henri Lefebvre, do direito à cidade.

[69] Segundo Nelson dos Santos o Padre chegou mesmo a ser julgado num tribunal pela degradação da "Casa Branca" durante uma acção de revolta contra a CODESCO.

[70] CHISAM – Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana

[71] **Bandeirinha**, José António (2007) p.52

[72] A tese de mestrado foi apresentada, em 1979, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[73] Por *movimentos sociais urbanos,* entende, Nelson dos Santos, a permanência de fenómenos culturais e suas formações e contornos sociais, frente a apropriação dos processos capitalistas.

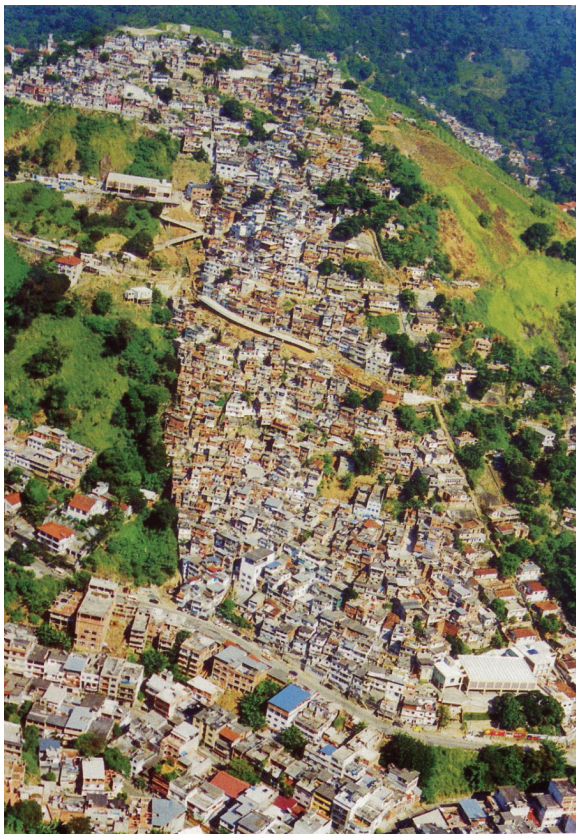


fig.150 favela do "Rio das Pedras" - Programa Grande favela

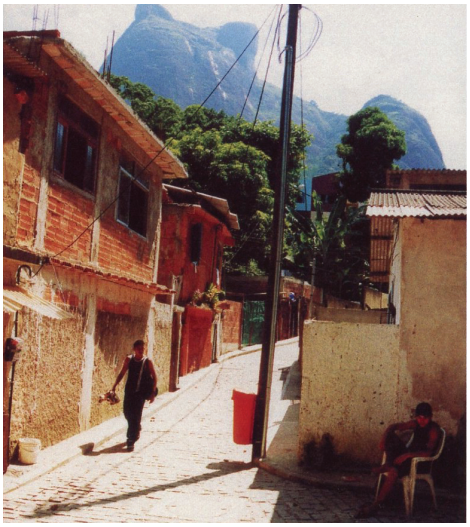


fig.151 (esq) vista aérea do Morro dos Prazeres, Santa Teresa
fig.152 (dir) favela de "São Conrado" - Programa Bairrinho

fig.153 Favela da Praia do Pinto (à direita), no Bairro do Leblon ao lado do clube Flamengo (terrenos muito valiosos, o que levou à remoção da favela).

*"Tenho dúvidas sobre a validade dos conceitos com que irei lidar e discordo bastante das interpretações consagradas que, no meu ponto de vista, idealizam os "movimentos" e expressam uma fé exagerada em suas potencialidades."*[74]

Como ele nos diz, de observador de padrões e arranjos de espaços públicos e privados foi-se transformando num observador de relações sociais e de redes de signos e simbolismos, que como descobriu era o que realmente os sustentava, mais que razões materiais ou práticas quotidianas. E assim se transformou em um *antropoteto*.[75]

### 2.2.2. O programa Favela-bairro (1993-2000-20...)

*"Um novo e fundamental impulso foi dado em 1992, com o Plano Director da Cidade do Rio de Janeiro, que fixou os parâmetros para atuação do poder público no que se refere ao desenvolvimento e à expansão urbana, recomendando, entre outras coisas, a urbanização das favelas e a participação efetiva das comunidades nesse processo."*[76]

O Favela-Bairro teve inicio em 1993, após a formação do GEAP[77], na altura o Rio tinha 573 favelas e de 6 milhões de habitantes, 18% moravam nessas áreas[78]. Como fica demonstrado pelo seu século de vida, estes aglomerados, não poderiam mais ser considerados um fenómeno transitório, tinham que ser acolhidos e conectados com a restante cidade.
O programa organizou-se por várias fases, na primeira, que serviu para exemplificação e afirmação optou-se pela intervenção em favelas de escala média, menos problemáticas que as grandes e com mais impacto mediático que as pequenas. As outras duas escalas foram deixadas para uma segunda fase, onde já actuaram os programas Bairrinho e Grandes Favelas.
Esta boa organização estrutural e tecnocrática deu origem aos apoios financeiros do tesouro municipal e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que formulou um contrato de financiamento, o Proap-Rio[79], que foi renovado no ano 2000.
Segundo os principais impulsionadores do projecto, o arquitecto Sérgio Magalhães e o arquitecto e antigo prefeito Luís Paulo Conde, a transversalidade política do programa e o apoio de todos os sectores da tecnocracia brasileira, foi essencial para vencer a barreira burocrática estabelecida. Ao mesmo tempo havia a necessidade de ficar longe *das práticas da tutela e do favor*[80], limitando assim o perigo de influências e interesses paralelos à integração urbana e social dos bairros.
Até ao ano 2000 alcançou-se uma população de 550 mil pessoas, mais de metade da população moradora em favelas no Rio de Janeiro, e todas as favelas foram, por lei, consideradas Áreas de Especial Interesse Social (AEIS) e finalmente figuram no PDM da Cidade.

[74] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981) p.20

[75] Antropoteto foi a palavra utilizada por Carlos Nelson dos Santos, para exprimir a sua divisão entre práticas e disciplinas diferentes, mas que se ligam no campo que estudam: a antropologia e a arquitectura.

[76] **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004) p.49

[77] GEAP, ou Grupo Executivo de Assentamentos Populares, é uma plataforma de interacção de instituições com responsabilidade na questão da moradia, que deu origem a 6 programas de intervenção: Favela-Bairro, Morar Legal (regularização urbanística, administrativa e fundiária de ocupações irregulares), Regularização Fundiária (visava a titulação de terras, legalização e consequente incorporação no cadastro); Novas alternativas (ocupação de vazios urbanos e recuperação de vilas e cortiços no centro); Morar Sem Risco (retirar os ocupantes de zonas como palafitas, encostas ou viadutos); Morar Carioca (cuidar do financiamento de imóveis em áreas infra-estruturadas)

[78] Dados retirados de: **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004)

[79] Proap-Rio é o Programa de Urbanização e Assentamentos Populares do Rio de Janeiro.

[80] **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004). p.109

fig.154 Jorge Mário Juarégui: acessos às habitações - vista desde a favela

fig.155 (esq) Jorge Mário Juarégui: Largo São Sebastiao - requalificação de espaço público, fundamental para a integração urbana.
fig.156 (dir) Grandes favelas: equipamento desportivo em Fazenda Coqueiro

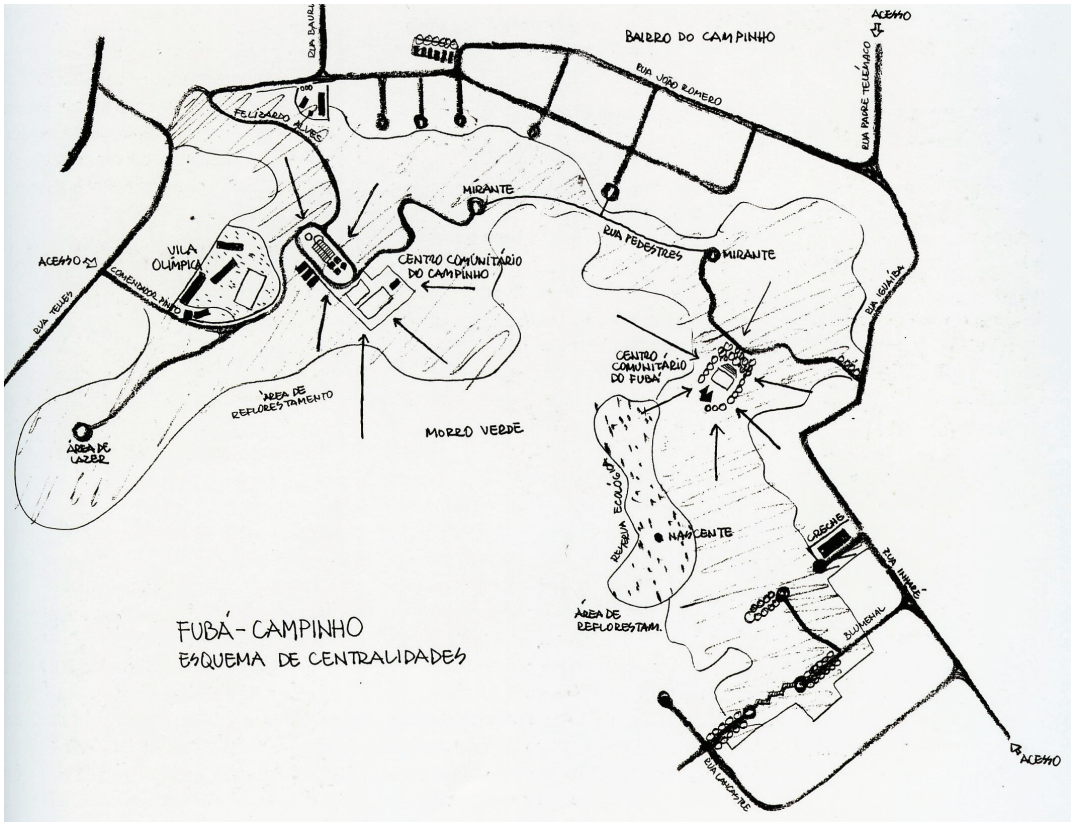



fig.157 (esq) Jorge Mário Juarégui: esquema de centralidade para Fubá-Campinho (fomentar o uso do espaço público e o sentimento de comunidade)

*"Tratava-se de colocar o direito à urbanização antes do direito à casa não podendo juntar as demandas (como o tinham feito os welfare states dos países ricos) sem baixar, para iguais recursos públicos, o número de beneficiados ou o tempo do atendimento."*[81]

O âmbito da intervenção era simultaneamente tão abrangente como minucioso, todos os pormenores que facilmente melhorariam o quotidiano eram considerados, como os nomes das ruas, a formação de creches, etc. A construção de casas só era equacionada caso fosse necessário recolocar gente pela falta de condições urbanas que as suas habitações criavam.

### Sensibilização Integracionista

No entanto, o fantasma do extermínio ainda se mantinha e houve contestação pública, que argumentava com a desadaptação social dos *favelados* aos cânones da cidade contemporânea e com as características transitórias habitação *favelada*. Contudo, a verdade é que os favelados nunca registaram uma unidade étnica, religiosa ou cultural, e sempre habitaram a mesma cidade dos *não-favelados* há cerca de um século, a única diferença entre eles está na renda que os últimos podem pagar.
Informados pelos estudos de Carlos Nelson dos Santos, o programa preparou-se para os problemas sociais, signos, simbolismos e mentalidades fechadas que teria que enfrentar para alcançar um certo nível de colectivismo e participação civica.
A compreensão da necessidade de unidade urbana, foi essencial para o programa resultar e para esbater mitos e preconceitos, que fazem da integração, não só um problema urbano, de desenho ou excesso de informalidade na construção, mas também um grave problema social. Foi necessário esclarecer e sensibilizar para a equidade e para tolerância e só assim se criou o estímulo e motivação necessários à participação de todos no programa.
As próprias características morfológicas e orgânicas do Rio de Janeiro necessitam desta tolerância, de outra forma era impossível entendê-la como uma só cidade, que pode não ser regrada e cartesiana, mas também consegue manter valores sociais, económicos e culturais. Como defende Sérgio Magalhães,[82] os padrões para uma boa cidade já não são necessariamente ruas rectas e planas, as estreitas e sinuosas ruas das favelas podem também pertencer a essa cidade, até porque uma das maiores riquezas do Rio de Janeiro está nas suas singulares configurações naturais e urbanas.[83]

*"El Favela-Bairro, al contrario de lo que perseguia el Previlima, impulsa la busqueda de la forma abierta ya emplícita en la ciudad. Más que un ejercicio teórico, es una estratégia exitosa de cómo develar la forma usando las potencialidades de la ciudad informal o lo que Kenneth Frampton llama "acupuntura urbana."*[84]

### Directrizes urbanísticas

As directrizes gerais e formais do programa foram mais fáceis de definir e dominar à partida, pelas experiências de diagnóstico e pelas metodologias já conhecidas de experiências antigas: delimitar bem a relação entre espaços públicos e privados; dar especial atenção à circulação pedestre, devido aos percursos íngremes e atravessamentos complicados para chegar até ao transporte público; articular bem com o espaço urbano exterior, multiplicando os pontos de contacto com equipamentos públicos e a maior penetração dos transportes colectivos; implan-

[81] **Portas,** Nuno (20004): *Programa Favela-Bairro: lições de uma experiência alternativa,* in **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio. p.xxiv

[82] **Magalhães**, Sérgio (2002). P.85-87

[83] Com a necessidade de exemplificar como poderia funcionar uma cidade deste género o Favela-bairro recorreu ao curioso exemplo de Alfama, em que se dava o exemplo do bairro Lisboeta como o local mais típico e histórico da cidade, tal como poderiam ser reconhecidas as favelas os locais típicos do Rio, "o local do Carnaval e do Samba."

[84] **Browne,** Patricio (2003).

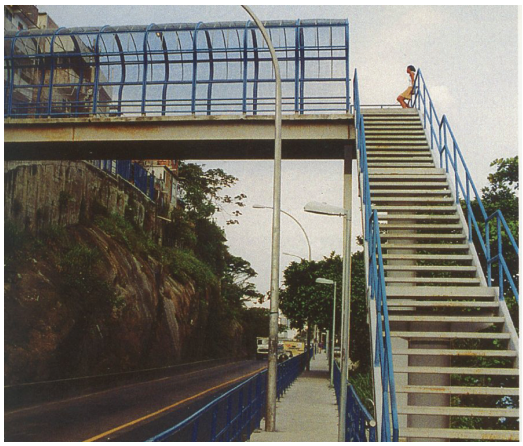


fig.158 (esq. cima) ponte metálica sobre a Avenida Niemeyer - acesso facilitado à comunidade do Vidigal
fig.159 (esq. baixo) requalificação da rampa de acesso ao morro da Formiga (Tijuca)
fig.160 (dir) acesso ao morro da Casa Branca (Tijuca)

fig.161 Reunião de esclarecimento de um projecto do programa Favela-Bairro

tar bem os serviços, seja os fixos e infra-estruturais, seja os móveis, como a recolha do lixo; definir bem os espaços públicos como espaços de referência para as comunidades, normalmente com a presença de equipamentos e serviços importantes; definir bem os limites naturais da favela, protegendo a Mata Atlântica com o "reflorestamento" participado e sensibilizador; e, por último, no caso de remoções inevitáveis, a construção de blocos morfologicamente adaptados ou a aplicação de subsídios para a auto-construção, sempre próximos do local da intervenção.

*"Ou seja, procurou-se intervir no sentido de suprir carências objectivas quanto aos serviços e equipamentos necessários ao viver contemporâneo sem a imposição de modelos preconcebidos, substituídos então pela preservação de valores e espaços reconhecidos pela comunidade."*[85]

Só assim se conseguiu esbater as fronteiras, físicas ou simbólicas, entre a favela e o bairro formal. Com todas as directrizes efectuadas e a sensibilização programada, pretendia-se que a favela não fosse mais considerada anti-cidade, e gerasse auto-estima entre os *favelados* e um respeito mútuo entre a cidade favela e a cidade bairro.
A infra-estruturação e os novos serviços serviram para potenciar o esforço e as casas já existentes, construir uma cidade onde já havia moradia. A ideia era criar projectos com alcance social, sem modelos autoritários, consolidando pela equidade e inclusão das diferenças, envolvendo governo, instituições e sociedade civil.

*"Mas o instrumento político da participação comunitária talvez tenha sido o mais importante aliado dos escritórios de projectos para a elaboração dos estudos. (...) Foram muitas as ocasiões em que as observações e as criticas se demonstravam mais acuradas que as propostas trazidas pelos arquitectos."*[86]

## A decisão de participação

Só depois dos diagnósticos produzidos pelas reuniões com os habitantes, se balizavam e apontavam necessidades e os principais elementos dos Planos de Intervenção. Segundo nos sugere Luís Paulo Conde, nesta requalificação urbana houve uma interessante participação dos cidadãos, em debates e na decisão consensual de factores essenciais para a composição, como a dimensão de vias e calçadas ou as implantações das praças.[87]
Para o programa era fundamental, devido às acentuadas diferenças classistas, raciais, étnicas e religiosas existentes, que o Rio se tornasse uma cidade plural, em que todos fossem ouvidos, em que os espaços *"não sejam apenas múltiplos, mas sobretudo democráticos, com bairros e ruas que possibilitem o convívio estreito e o diálogo entre diferentes valores."*[88]

Tal como acontecera em casos como os de Brás de Pina ou do SAAL, também aqui se tenta esbater a tecnocracia e a burocracia exigida, através de acções de diagnóstico e assistência local, protagonizadas pelos arquitectos, empresas de construção civil, que empregaram mesmo alguns habitantes, e por brigadas de estudantes de disciplinas de planeamento ou construção. A participação comunitária saiu, assim, enriquecida com a participação de Universidade, Núcleos de investigação e entidades civis.

[85] **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004). p.63

[86] idem. p.84

[87] Um caso emblemático da participação e da capacidade do colectivo interferir nas decisões do programa foi o caso do campo de futebol relatado por António Tito (presidente da FAFEG), em que o arquitecto queria um anfiteatro, mas acabou por se fazer o desejado campo. **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004). p.90

[88] **Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004). p.38

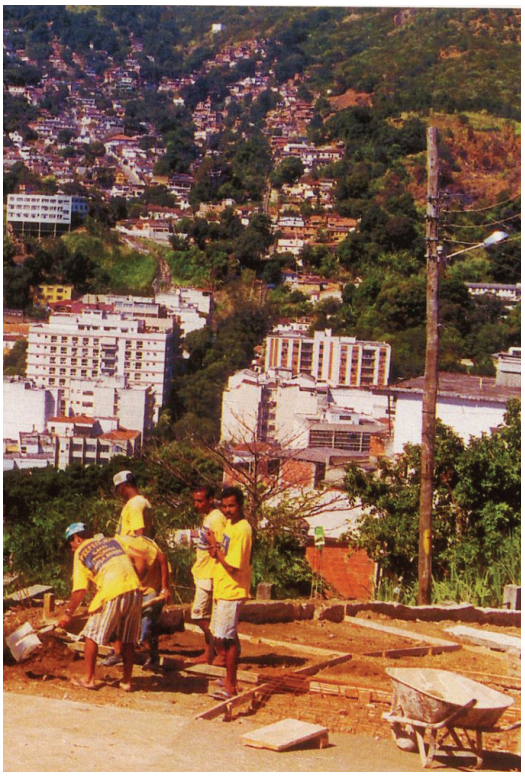


fig.162 Morador integrado na empresa de construção.

fig.163 (dir) Requalificação de espaço público, através da integração de moradores na empresa de construção.
fig.164 (esq) Debate e esclarecimento sobre intervenção do Favela-Bairro.

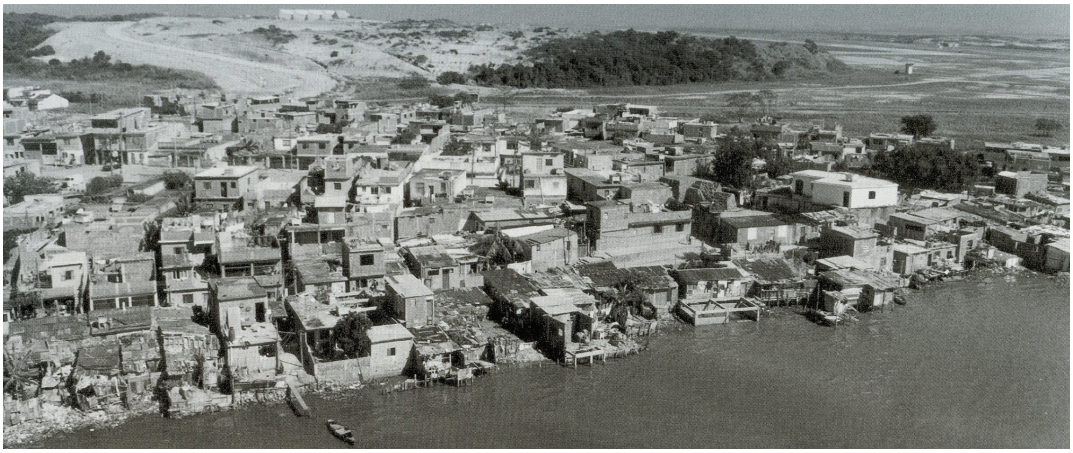


fig.165 Favela-Bairro Parque Royal. em cima - palafitos à beira da baía (1995); em baixo - já com a ciclovia-limite, onde antes estavam os palafitos (1998) provocou o melhoramento da habitação desta área

*"É possível afirmar que o Rio de Janeiro, nesses anos, com a participação geral da sociedade e das forças políticas de todos os partidos, tendo como base essa equipe técnica e politicamente preparada, construiu algumas das mais bonitas etapas do seu processo de democratização."*[89]

## A participação do arquitecto

Será ingénuo pensar que se podem resolver todos os problemas existentes nas favelas, no entanto, como nos esclarece Nuno Portas, com o *favela-bairro* seria possível criar ambientes mais favoráveis nas relações quotidianos e permitir que os habitantes se revejam nos seus esforços participativos. Este exemplo de metodologia é hoje usado em várias urbes do mundo.
Só através do diálogo com os participantes e o reconhecimento das singularidades do local a intervir se poderá criar os ambientes referidos por Portas. O diálogo, esse, tem que ser franco e simples na comunicação dos aspectos técnicos para que todos participem, tanto no diagnóstico, como no projecto. No entanto, é necessário que se identifiquem lideranças e se adoptem metodologias e programas de intervenção simples e eficazes.

O Instituto de Arquitectos do Brasil (IBA) foi fundamental para encontrar estas metodologias de intervenção do Favela-Bairro, lançando um concurso público, que era também uma oportunidade de intervir na sociedade civil, que os arquitectos, urbanistas, sociólogos e assistentes sociais não desperdiçaram.
Foram seleccionadas 16 favelas para a intervenção, que teriam que ser exemplares, pois o perigo de falhar poderia levar à frustração das esperanças das populações, e ao fortalecimento das forças politicas desejosas de colocar em prática políticas de remoção.
O resultado positivo levou a uma adesão da comunidade e ao investimento na sua própria propriedade, em que iam investindo, potenciando e valorizando a sua casa. O impacto foi tão positivo que as casas da favela valorizavam 97% e as dos bairros em volta 20%, segundo um estudo do BID, o que originou um estímulo para uma maior abrangência do programa.
O programa tornou-se mesmo objecto de estudo para a Architectural Association School de Londres, mas do ponto vista internacional, o momento mais simbólico foi a visita de estudantes da Bauhaus, escola de tradição eminentemente moderna, um sinal da mudança de tempos e mentalidades.

A postura de Nelson dos Santos e dos pensadores do *Favela-Bairro* revelou uma nova forma alternativa de ver a cidade e actuar urbanísticamente, mais sensível, participativa e oportuna. Tal como foi definido pelo teórico Kenneth Frampton e usado de forma pioneira poir Jaime Lerner, enquanto urbanista e prefeito de Curitiba,[90] pensavam a intervenção em pequenas acções "low-cost" e aparentemente irrelevantes, que provocavam processos urbanos interessantes, alterando o quotidiano das pessoas para melhor.
Só através deste tipo de intervenção se poderia alcançar a identidade e a democracia urbana desejadas pelos fundadores do *Favela-bairro*[91] , marcada por um *continuum* construtivo, intensas relações de vizinhança e um perfil do edificado que não compete com a topografia acidental do espaço natural.

[89] **Magalhães**, Sérgio (2002).

[90] O trabalho de Jaime Lerner em Curitiba e o seu livro Acupuntura Urbana (2003) são hoje referências incontornáveis para o planeamento urbano sustentável.

[91] Sérgio Magalhães, um dos impulsionadores defende a ideia de "re-singularizar" as cidades, através do espaço urbano, do património e da memória. Distinguindo o Rio pelas suas características urbanas e territoriais ímpares, quando comparado com outras cidades brasileiras como São Paulo ou Belo Horizonte. (**Magalhães**, Sérgio - 2002). p.26, p.29

fig.166 Manifestação em "Campamento" chileno (1971)

## 2.3. Chile: 50 anos de participação

*"The most dramatic proof is in the "upper-lower income countries" of the Third World, such as Greece and Turkey, or Chile and Peru. Examples of what non-professionals can achieve for themselves, are doing much to awaken their wealthy exploiters to the issues discussed here."*[92]

O Chile dos finais do século XIX, e da primeira *Ley das Habitaciones Obreras*[93], vivia numa realidade marcada pela pobreza extrema, o desemprego, a marginalidade, uma intensa segregação urbana e social[94], um acentuado défice de habitação, de salubridade e higiene urbana e, claro, a gentrificação do população menos favorecida para a periferia. Este contexto deu origem às *tomas*[95], ocupações dos terrenos agrícolas limítrofes às grandes cidades, principalmente do grande centro urbano, Santiago.

Depois de um conjunto de iniciativas higienizantes e liberais sustentáveis, surgem algumas propostas interventivas, modernas e controladoras urbanisticamente, que vão desde a cidade jardim até ao racionalismo *corbusiano*[96], mas cedo as autoridades percebem que esta era uma forma de resposta incomportável e desadaptada.

Só mesmo quando se iniciaram as grandes *tomas* é que o estado chileno, finalmente, ganhou plena consciência da necessidade habitacional de mais de 120.000 pessoas e do défice da condição humana da urbe.

### El Participacionismo

O recurso a políticas e operações *participacionistas,* foi a forma mais espontânea e natural de resolver todos estes problemas, numa tentativa de integrar e ligar a cidade até aí segregada.

Enquanto a apropriação da casa/lar estava relacionada com a simbólica fuga da pobreza, a participação objectiva e prática diminuía os gastos governamentais nas politicas de habitação. A habitação ganhava uma importância fundamental: garantia a saída da pobreza, para lá do simbolismo social, garantia uma grande estabilidade económica e familiar. No caso chileno esta realidade é enfatizada pelo tamanho e pelo carácter rotulador negativo dos acampamentos.

*"En efecto surgen movimientos sociales que presionan por disponer de alternativa de vivienda de rápida solución. La respuesta del Estado es, por una parte, la propuesta de autoconstrucción a partir de la erradicación, esto es, es traslado paulatino de la población hacia nuevas viviendas, y por otra, el saniemiento in situ, es decir, la conexión a los servicios de urbanización, como agua potable, alcantirallado y luz eléctrica."*[97]

[92] **Turner**, John F.C. (1976) p.22

[93] Esta lei promulgada em 1906, ficou conhecida por ser a primeira normativa social chilena. Simultaneamentea, criou-se um Conselho para a construção e reabilitação de habitações e bairros, com uma função essencialmente higienizadora, mas também com o intuito de proporcionar a criação de sociedades e empresas de construção. Estas opções liberais levaram ao extermínio dos *conventillos*, uma tipologia de habitação pobre, normalmente sem grandes condições, que se difundiu largamente pelo Chile e pela Argentina, e ao aparecimento dos *cités,* uma tipologia que aproveitava a malha urbana antiga de Santiago e criava habitações com melhores condições de vida, mas às quais os pobres não tinham acesso, provocando assim a gentrificação e a criação de habitação com menos qualidade na periferia da cidade.

[94] Esta segregação foi amplificada pelo plano de Benjamín Vicuña Mackenna na década de 1870, que propôs uma linha de comboio que servia a cidade de Santiago, mas também a dividia em duas, a boa (dentro da linha – actual comuna central de Santiago) e a má. (fora da linha). Traduzindo a vontade das elites de transformar Santiago do Chile numa cidade à imagem das congéneres Europeias.

[95] *Tomas* são ocupações informais de terrenos agrícolas em volta de Santiago, motivadas pela falta de habitação urbana, que fora provocado, segundo Manuel Castells, pela crise das minas e do artesanato provinciano, pelo êxodo rural, pela ceoncentração administrativa e de serviços, pela busca por uma oportunidade na industrializada capital.

[96] O exemplo mais emblemático desta referência foi a obra de discípulos directos de Le Corbusier. A mais polémica é a Unidad Vecinal Portales, da oficina BVCH (Bresciani, Valdês, Castillo y Huidobro), edificada entre 1954-1966.

[97] **Hidalgo,** Rodrigo (2006). p.57

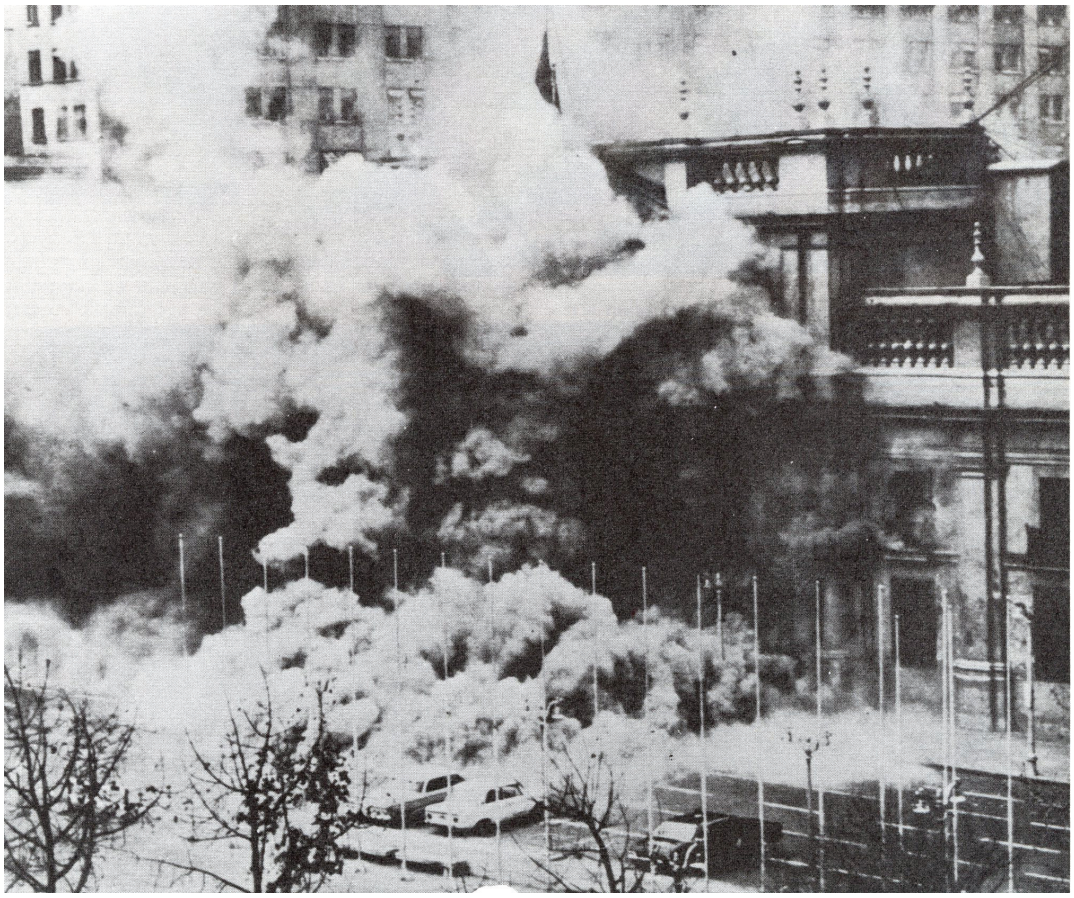


fig.167 Ataque ao Palácio Presidencial "La Moneda" - golpe de estado de 1973.

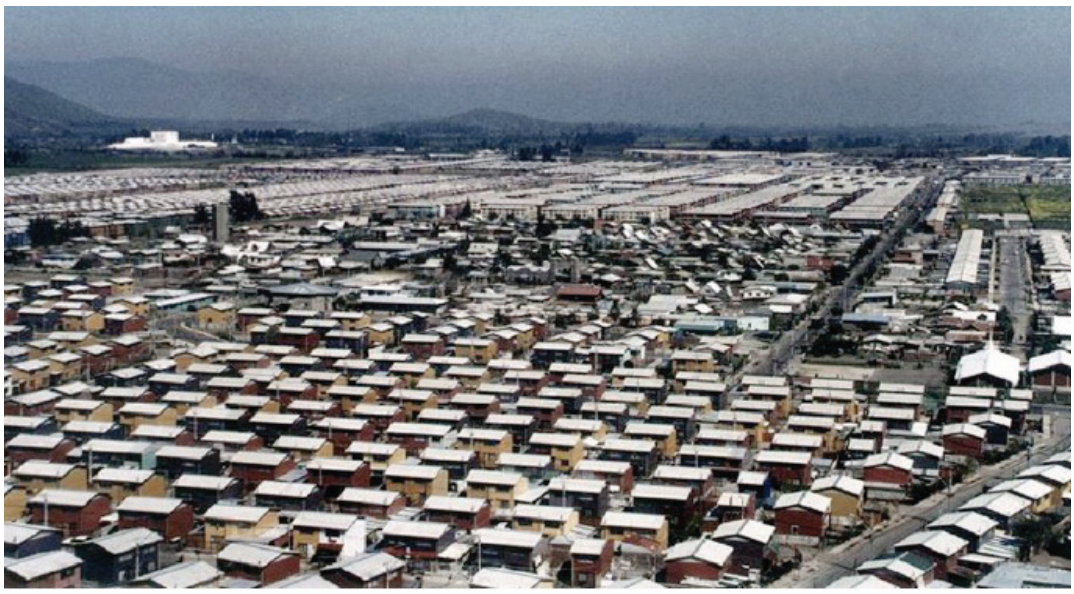


fig.168 Subúrbio de Santiago do Chile - resultado de uma operação do programa Chile-Barrio.

Tal como acontecera no Peru, também no Chile houve uma grande abertura para os ideais *participacionistas*, que tiveram um impacto imediato na dispersão e consolidação das cidades. No entanto, o *efeito Turner*, que seria de mediatização internacional dos *campamentos*[98], não teve a mesma relevância das *barriadas*, apesar da importância semelhante que ambos os aglomerados vão ter no desenvolvimento dos dois países.
Estas operações são interrompidas durante o governo militar, durante o qual foram reprimidos todos os assentamentos espontâneos, o que impossibilitava as políticas participativas que vinham sendo levadas a cabo, aumentando o deficit habitacional.

Com o regresso da democracia, nos anos 90 volta-se a abordar o problema. A solução encontrada foi a construção massiva e dispersa de habitações, que conseguiu baixar o défice habitacional de 1.200.000 para 250.000, e, mais tarde, através do programa *Chile-Barrio*[99] conseguiu alcançar quase toda a população chilena que ainda vivia em *Campamentos*.
Nos terrenos periféricos de Santiago, durante a década de 1990, conseguiu-se diminuir o défice de habitação de 30% para 5%. O grande problema era a qualidade das casas e do espaço envolvente, que nunca foi optimizado, um problema económico e de recursos urbanísticos e arquitectónicos. E desta vez não existiu a participação da população, o que não ajudou em nada na qualidade urbana ou do projecto, nem na diminuição dos custos.

Apesar de muitos chilenos terem saído da marginalidade com estas políticas, segundo Rodrigo Hidalgo[100], ela trouxe consigo problemas urbanos graves, como a falta de "*sentido del hogar*"[101] e a geração de guetos periféricos[102], que deram forma ao que é hoje a periferia Santiago, um espaço normalizado, carente de vitalidade e de serviços e com baixos níveis de interacção social.

Esta segregação provocada junta-se às motivações individualistas das pessoas e ao liberalismo construtivo, que no Chile, e em outros países da América Latina, é enfatizado pela excessiva construção de condomínios fechados, de classe alta e média, e mesmo pela construção de elementos físicos limites, como muros ou *rejas*, que separam e desarticulam a malha urbana.
O défice de habitação e as consequentes políticas gentrificadoras são os principais responsáveis da definição actual da cidade de Santiago, uma manta de *comunas*[103] e *condomínios*, com um centro de carácter funcionalista[104], desabitado e monofuncional, e uma periferia que Rodrigo Hidalgo classifica de *"precariopolis estatal"*, com fracas condições de habitabilidade e com infra-estruturas básicas reduzidas.

[98] Campamentos é a designação chilena para as *tomas mais* consolidadas, corresponde à *barriada* Peruana.

[99] O programa *Chile-Barrio* surge em 1997, como parte integrante de uma estratégia governamental para a superação da pobreza. O seu propósito central era entregar soluções habitacionais e serviços básicos às 105.888 familias, instaladas em 972 assentamentos precários, identificados no *Catastro de Campamentos y Asentamientos Precarios del año 1996. (*Informação disponível em *http://www.minvu.cl/opensite_20090203165631.aspx).*

[100] Rodrigo Hidalgo é um geógrafo e professor da Pontifícia Universidad Católica de Chile. Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de Barcelona.

[101] Por *"sentido del hogar",* Rodrigo Hidalgo refere-se ao sentido de apropriação espacial do da casa ou lar. **Hidalgo,** Rodrigo (2006).

[102] Em alguns casos os conjuntos superam largamente as 1000 unidades.

[103] Comunas é a designação das divisões em Municipalidades da cidade de Santiago do Chile.

[104] Desenhado e higienizado nos anos 1930, pelo urbanista austríaco Karl Brunner, o centro de Santiago é hoje caracterizado e conhecido pela monofuncionalidade (serviços e comércio) e pela insegurança nocturna.

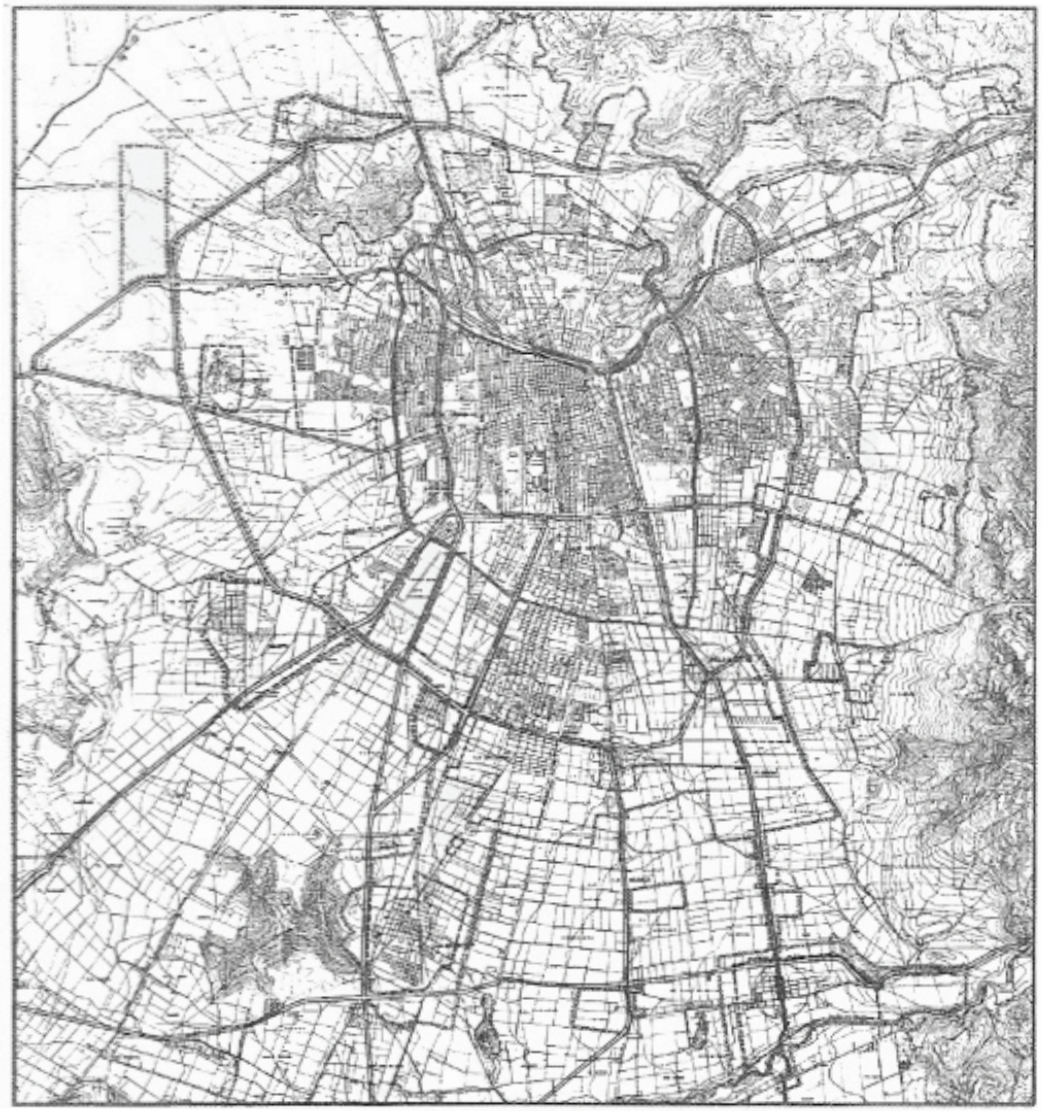


fig.169 Planta de Santiago (1955) Ao centro nota-se o "quadrado", definido pela linha férrea de Benjamín Mackenna e intevencionado por Karl Brunner. Em volta, começa a notar-se as ocupações que se iam adaptandao às definições agrículas dos territórios.

fig.170 (dir) imagens de "tomas" e "campamentos."
fig.171 vista aérea da "Operación San Gregorio"

## 2.3.1. Las Viviendas Progresivas

As políticas públicas de participação, ou das *"viviendas progresivas",*[105] surgem no final da década de 1950, primariamente em Santiago do Chile, tendo como objectivo prático controlar as *tomas* e tentar unir uma cidade cada vez mais estratificada socialmente.
Normalmente, as *tomas* aconteceram na periferia, antes ocupada por terrenos agrícolas que, com a gentrificação e o êxodo rural, foram ocupados por conjuntos enormes de pessoas que ansiavam por trabalho e localização fixa, que se foram fixando e transformando os terrenos em *callampas* ou, mais tarde, em *poblaciones.* [106]

A primeira operação aconteceu um pouco antes dos anos 60, na problemática *toma* de La Victoria[107], em 1957-58, onde se fez a primeira urbanização, adaptando-se o traçado agrícola e dando forma a um plano para 3500 famílias, transformando a *toma* em *poblacón La Victoria.*
Após este exemplo de autonomia e auto-determinação, surgiu o interesse académico e disciplinar, que começava a ver estes fenómenos como potenciais solucionadores do problema da habitação. Em 1959 realizou-se em Santiago do Chile o Seminário sobre Problemas de Urbanização na América Latina e já em 1972, em Viña del Mar, realizou-se o Seminário sobre Planificação Regional e Urbana.[108]
A partir destas acções multiplicaram-se as exigências habitacionais e consequentemente as operações públicas de participação, as *tomas,* inicialmente informais e isoladas, começaram finalmente a fazer parte da cidade.

MINVU

Geralmente, as regularizações urbanas estavam organizadas em operações do governo que forneciam a infra-estrutura e as regras urbanas, o típico *site&service,* fomentando a autoconstrução e o empreendorismo na construção de materiais locais[109]. Destes casos espontâneos destacam-se a Operación San Gregório, de 1959 e a Operación Cardenal Caro, de 1960-1963.
No entanto, estas operações eram pontuais e desorganizadas, pois existiam cerca de 30 instituições a intervir no âmbito da habitação e do urbanismo. Houve, então, a necessidade do governo de Frei Montalva organizar estas instituições, criando o *Ministério de la vivienda y urbanismo* (MINVU)[110]*,* que por sua vez criou os seus próprios instrumentos de actuação.

[105] *Viviendas progresivas* é o termo usado no Chile para habitação evolutiva ou de auto-construção.

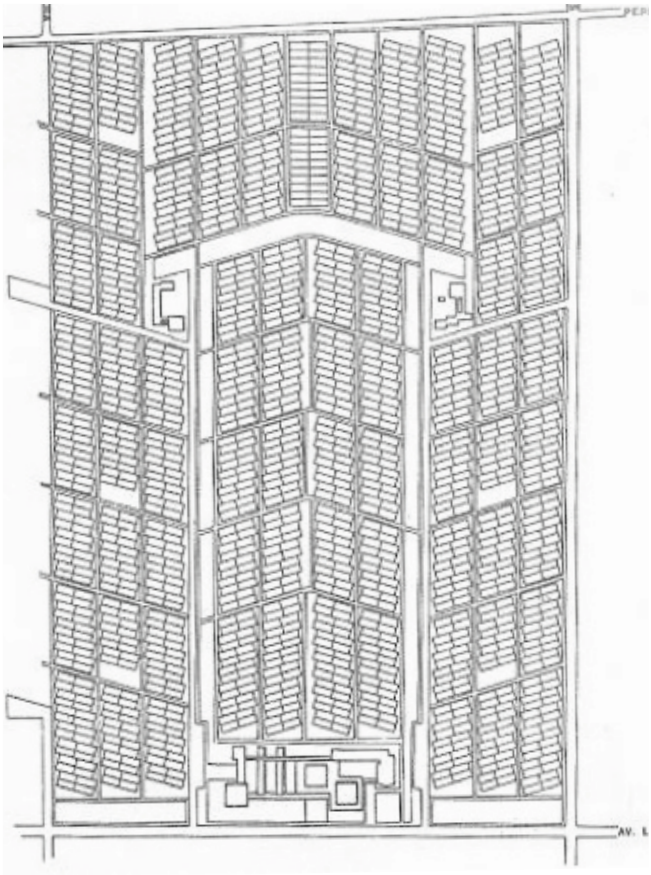
[106] Tal como nos casos brasileiros já mencionados, estas nomenclaturas, distinguidas conceptualmente por Manuel Castells (**Castells,** Manuel - 1973) são relevantes para entender a progressão da integração destes povoados informais na cidade, e evolução social que acontecia rapidamente nestas zonas, que, mais tarde, vai ser problemática, contribuindo para a dispersão urbana que provocou uma marcada segregação social e problemas graves de inserção dos sistemas de transporte público.

[107] La Victoria é um bairro da comuna Pedro Aguirre Cerda, de Santiago de Chile. Foi inicialmente uma ocupação informal, mas devido ao carácter persistente e lutador dos seus habitantes conseguiu regularizar-se, sendo mesmo um foco de contestação ao regime militar de Augusto Pinochet.

[108] Estes dois importantes encontros internacionais que têm lugar no Chile permitem captar muito bem a passagem do clima teórico e ideológico nos temas urbanos e territoriais: o encontro de 1959 foi organizado por Phillip Hauser para as Nações Unidas, e contou com a participação dos especialistas: Gino Germani, Matos Mar, Medina Echavarría, Ahumada, Luis Dorich, Andrew Pearse, que apresentavam suas pesquisas iniciais sobre as Tomas. Já o encontro de 1972 foi organizado pelo Ilpes e pelo Ildis (Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales, filial do Instituto da Friedrich Ebert Stiffung de Bonn) que contou com a participação de figuras que já faziam a crítica sobre o desenvolvimento das *operações*: José Luís Coraggio, José Ramón Lausén, Carlos de Mattos, Eduardo Neira, Alejandro Rofman.

[109] Hoje ainda existem oficinas de carpintaria e de manufactura de ladrillos (tijolos), que foram realizadas na altura para a construção das casas para as tomas, sendo ainda usadas na construção em Santiago.

[110] Até aquele momento apenas existia a Corporación de la Vivienda (CORVI), que desde 1953 tinha a total responsabilidade de controlar as instituições, mas a partir de 1965, os instrumentos que organizavam as politicas do MINVU ganham um carácter mais preciso: a *Corporación de Servicios Habitacionales* (CORHABIT), que dá assistência técnica aos programas de auto-construção; a *Corporación de Mejoramiento Urbano* (CORMU), que coordena os grandes projectos de renovação urbana; Y a *Dirección de las Obras Urbanas,* que mais tarde passa a Corporación de Obras Urbanas (COU), responsável pela infra-estruturação e equipamentos.



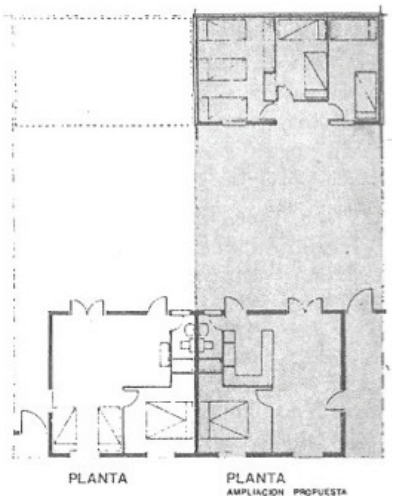



fig.174 Castillo Velasco: planta tipo do que era fornecido + planta com ampliação prevista

fig.172 (dir) Castillo Velasco: Plano de urbanização
fig.173 (esq) Castillo Velasco: Imagem do sistema montagem pré-fabricado

fig.175 Castillo Velasco: vista exterior do conjunto habitacional Villa Andalucía

*"(...) la "Operación Sítio" trató de paliar las carências demasiado evidentes, entregando (mediante un sistema de cuotas mensuales a largo plazo) un "sitio" (o espacio de terreno semiurbanizado" y formentando la autoconstrucción con materiales cedidos o "prestados".*[111]

Estes instrumentos colocam então em prática um programa de *"promoción popular"*[112], que promovia o *Plan de Ahorro Popular*, e estratificava os apoios consoante as possibilidades de cada grupo, em vários tipos de modelos urbanos e de financiamento. Alguns forneciam parte do lote construído, outros só as infra-estruturas ou o localização delas no lote. Mas a base e as mais comuns entre 1966 e 1970, são as *Operaciones Sitio,* mais tarde conhecidas por *Operaciones Tiza*. Nestas existia auto-construção no seu grau mais primário, em que o habitante podia até pagar o empréstimo do terreno e dos materiais com trabalho.

*"la construcción de la Villa La Reina en 1965, en la comuna del mismo nombre, liderada por el entonces alcalde Fernando Castillo Velasco. Aunque no corresponde exactamente al programa de operación sitio, sino que es un proyecto piloto impulsado por el gobierno local, contiene todos los elementos de creación de comunidad autosustentable: capacitación e inserción en la sociedad mediante el trabajo, creación de capital socio-organizativo mediante las prácticas sociales, disminución de los costos al aportar la fuerza de trabajo necesaria para la construcción."* [113]

## A participação de Castillo Velasco

A Villa La Reina é um projecto de urbanização de um bairro para 1600 famílias, liderado pelo arquitecto Castillo Velasco[114] e realizado segundo os princípios da *promoción popular.* Surgiu de uma forma espontânea e pela vontade una de moradores e do arquitecto, presidente da municipalidade e morador da comuna de La Reina.
A auto-construção foi fundamental para a gestão dos recursos, Velasco apenas forneceu o desenho dos lotes e uma habitação bastante básica de 36m2, com cozinha e quarto de banho, que o próprio habitante tinha total autorização para aumentar.
Ao nível urbano o projecto resultou bem: os lotes bem definidos, para controlar os arruamentos, a orientação girada 30 graus, para a formação das pequenas *plazoletas*. Foram soluções fundamentais para gerar equilíbrio urbano e convivência e dão forma a um projecto auto-sustentável construtivamente, garantido pela organização dos moradores e pelos pequenos apoios.
O plano foi apoiado pela Pontícia Universidade de Católico do Chile (PUC), em que Velasco era professor, o que abriu uma oportuindade a vários alunos de participar e aprender. Retirando-se dos estudos destes, algumas conclusões que mais tarde foram usadas como príncipios de outras iniciativas deste meio académico, como o Elemental.
A importância das espaços colectivos, que servindo até 20 unidades de habitação funcionavam como espaços intermédios de segurança, é um exemplo destes príncipios.

Para além deste caso de *site&service* exemplar, no final dos anos 80 Castillo Velasco constrói uma série conjuntos/comunidades habitacionais, onde se destaca pelo carácter evolutivo, a Villa Andalucía, em 1992, que vai substituir um bairro de *conventillos*.
Neste caso já era fornecido às famílias um "caixote" inteiro desenhado pelo arquitecto. Tinha 30m2 de base e era revestido a tijolo e a única definição interior era a localização das lajes,

[111] **Castells,** Manuel (1973).

[112] **Castillo Couve,** Maria José (2009). p.41

[113] **Castillo Couve,** Maria José (2009). p.42

[114] Castillo Velasco (1918) arquitecto e político, foi personagem central do modernismo Chileno na década de 1960 e vai ter um papel fundamental no *participacionismo da mesma década,* realizando uma *operación de sitio* exemplar e lançando as bases do que é hoje explorado pelo ELEMENTAL. Entre outros cargos, foi Alcalde de La Reina e Reitor da PUC.

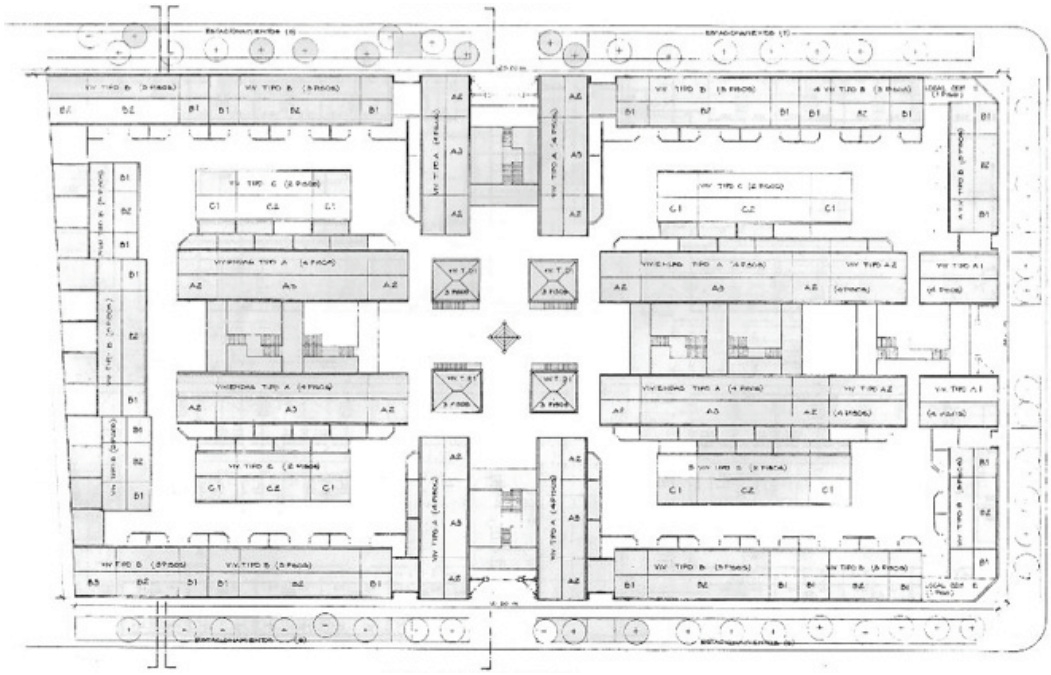


fig.177 Castillo Velasco: Plano do VIlla Andalucía

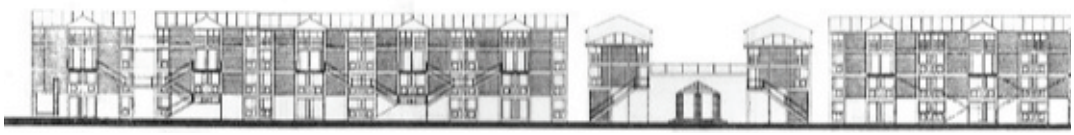
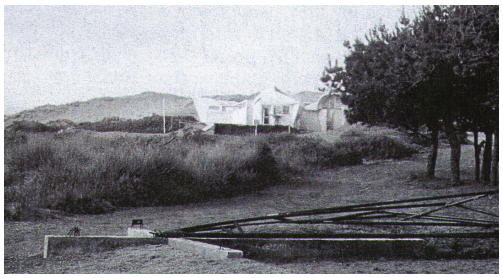


fig.176 Castillo Velasco: alçado da Villa Andalucía



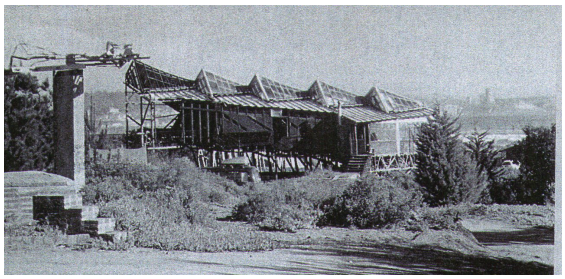


fig.178 Ciudad Abierta: casas/experiências, onde habitam e trabalham professores da faculdade

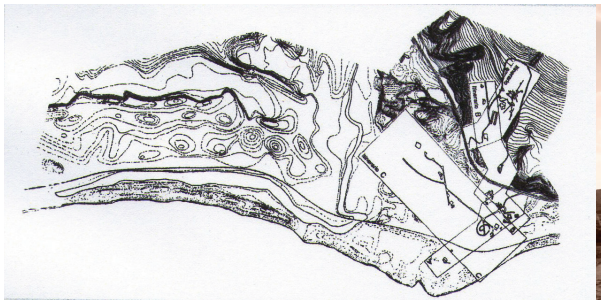


fig.179 (dir) Ciudad Abierta: planta
fig.180 (esq) Ciudad Abierta: experiência conceptual de estrutura para observatório.

para melhor controlar os pés-direitos. Este factor evolutivo a habitação mais barata e flexível, mas condenava a qualidade do espaço interior numa fase inicial, que poderia alcançar um pé-direito triplo.
Com morfologia exterior bem definida e o agrupamento das casas em comunidades, alcançou-se rapidamente uma boa convivência urbana, no entanto, o espaço interior estava descontrolado quanto à sua proporção e altura.
Velasco demonstrou um espírito crítico e interventivo invulgar, sempre defendendo que o arquitecto deveria ter posições politicas e activas socialmente e que *"La universidad debe ser la punta de lanza que está rompiendo la inercia y convocando al pueblo a avanzar y hacer."*[115] Um testemunho cultural e arquitectónico e um modo de vida que partia das aspirações e desejos das pessoas, com esquemas de gestão capazes de ultrapassar o sistema imperante e permitir resultados formais e sociais muito próprios.

## Valparaíso y Ritoque

Enquanto surgiam estas soluções habitacionais incomuns, pelas principais universidades de Santiago, PUC e UC, que tiveram uma influência grande do Estilo Internacional e do pensar pragmático e funcional ocidental, em Valparaíso, uma cidade marcada pela importância histórica do porto que alberga e pela poesia surrealista, desenvolvia-se outra vertente académica *participacionista*, voltada para a poética do mundo natural.
Perto da cidade que cresceu espontaneiamente pelos seus *Cerros*[116], Valparaíso, em 1970, Alberto Cruz Covarubias e seus pares, fundam a *Ciudad Abierta,* uma comunidade de professores construída e assente no acto poético, na importância da envolvente, na ecologia e no trabalho construtivo manual.

*"La Ciudad Abierta en Ritoque, cercana a Valparaíso, es una de las experiencias contemporáneas con mayor capacidad de invención, basada en plantear formas abiertas y dispersas en el territorio: una ciudad sobre la arena, sin trazado y sin calles, que se expande trazando itinerarios y dibujando figuras poéticas y miticas en el entorno."*[117]

Aqui todas as decisões, que afectam a comunidade, eram e são tomadas em reuniões abertas[118] e, apesar da inexistência de um planeamento prévio, as construções adaptam-se e envolvem-se com o território e o quotidiano, sem qualquer abstracção Cartesiana, e vão ocupando, assinalando e marcando um território sempre inacabado e contiuamente renovado.
Apesar do carácter filosófico que indicia, aberto, participado e sustentável, trata-se hoje de uma comunidade algo fechada em si mesmo, onde os alunos fazem pouco mais que algumas experiências pedagógicas.
Neste sentido, a *Ciudad Abierta* afasta-se da realidade dos problemas urbanos, ligando-se mais com a Natureza e um mundo poético e criativo, muito próprios do contexto territorial onde se inserem e do carácter do ensino da escola de arquitectura de Valparaíso.

*"Like New Gourna, it reintegrates the practice of architecture in the practice of everyday life."*[119]

[115] **Castillo Velasco,** Fernando (2007).

[116] Cerro é uma pequena colina, uma alteração topográfica repentina. A cidade de Valparaíso é composta por diversos Cerros, que circundam o *Plano,* a parte central, mais baixa e regular da cidade.

[117] **Montaner,** Josep Maria (2008). p.141

[118] A importância desta abertura democrática está na própria definição espacial, sendo o espaço da assembleia definido pela capacidade acústica de proporcionar o discurso a todos os intervenientes. (**Pérez de Arce**, Rodrigo - 2003).

[119] **Miles,** Malcolm. *Living Lightly on the Earth.* In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). p.208

Se as iniciativas mencionadas já demonstram a importância da habitação, da participação e da responsabilidade cívica no contexto Chileno, no governo de Salvador Allende, o lar ganha uma importância radical, e uma vez que as operações *tiza* não conseguiam responder totalmente às necessidades, Allende dá uma maior liberdade às *tomas,* aos *campamentos* e as *callampas*, mas sempre tentando prestar assistência mínima e regularizando as propriedades.

*"Considerado alternativamente como caldo ultraizquierdista o clientela electoral, por la izquierda; despreciado como lumpen y, a la vez, codiciado como posible plebe apatronada, por la derecha, el movimiento de pobladores parece dotado de una fluidez y de una ambiguedad que desafían a la vez el análisis marxista y las estratégias politicas tradicionales."*[120]

Este período final das políticas participativas ficou marcada pela presença do sociólogo Manuel Castells,[121] que foi assessor no governo de Allende de 1970 a 1973 e que estudou os complexos universos sociais, as rendilhadas tramas urbanas e as organizações de bases territoriais motivados pelas *tomas* e consequentes politicas de habitação.
Após o notório período de participação, as *operaciones*, as *tomas e callampas* terminam abruptamente quando é instaurado o regime militar do General Augusto Pinochet, que persegue qualquer tipo de assentamento informal. Mais uma vez é um golpe politico que influencia e interrompe o processo participativo.

### 2.3.2. Habitação ELEMENTAL

*"There have been perhaps two major moments in the history of social housing.*
*The first came in 1927, when, in the Weissenhofsiedlung in Stuttgart, the best architects at the time made built contributions to try to solve the problem of low-cost housing. The second came in 1970, after the Previ-Lima project, when attempts of avant-garde architects to help overcome a housing deficit came to an end. We are planning to write the third chapter of this story by again bringing the best architects to the most difficult of the architectural issues: extremely low cost housing that can be a real means to overcoming poverty."*[122]

É notória e reconhecida a grande influência destes dois momentos da habitação social, principalmente do PREVI de Lima, que vai ser referência fundamental para a prática actual e globalizante deste grupo de estudiosos da habitação social.
O programa Elemental aparece, assim, no ano 2000, entre um renascer de ideologias de participação e auto-construção já difundidas por John F.C.Turner, a optimização de anteriores sistemas de habitação social e uma grande vontade de intervenção cívica.

Programa ELEMENTAL

O objectivo inicial do ELEMENTAL foi construir *vivienda social* de qualidade, ao contrário do que terá acontecido durante os anos 1990, mas mantendo costumes e qualidades instituídos nos bairros em que actuavam.
Desde a década de 1990 que os planeadores e desenhadores se vinham debatendo com dois problemas que era necessário ultrapassar: o formal, que passava pela optimização do desenho arquitectónico e urbano, e o social, conseguir construir segundo parâmetros sociais existentes

[120] **Castells,** Manuel (1973).
[121] Manuel Castells vai a Santiago pela primeira vez em 1968, de início como convidado da Flacso (Faculdad Latinoamericana de Ciencias Sociales) e, regressa convidado pela Pontíficia Universidade Católica.
[122] **Aravena,** Alejandro (2004).

e não influenciado por modelos afastados da realidade e das possibilidades do povo chileno. A participação é, mais uma vez, vista como a melhor forma de ultrapassar ambos, por um lado torna mais simples e barata a construção e por outro lado permite uma perspectiva pessoal, liberdade decorativa e possíveis ampliações, confirmando as teorias de Turner sobre a apropriação da casa e mantendo as qualidades pré-existentes na vida da maioria das pessoas.
O Elemental actuava portanto em três diferentes áreas simultaneamente, na exploração pragmática e inteligente do desenho arquitectónico, na optimização de sistemas de construção e no trabalho comunitário e social.
No entanto, o impacto imediato, proporcionado pelo contexto de crise global, alguma originalidade de desenho e um bom trabalho activista e tecnocrático, fez o *do-tank*[123], antes um grupo de professores que investiam do próprio bolso, evoluir para uma sociedade anónima[124], com projectos, consultadores e accionistas.
Este facto veio proporcionar uma maior abrangência dos projectos: desenhando habitações participadas para vários locais do planeta, equipamentos de melhoria urbana, espaços públicos ou mesmo inovações construtivas, e estando mesmo preparados para influir na política e na opinião pública. Na grande maioria das vezes são eles que identificam os problemas nas cidades, principalmente em Santiago, projectando e propondo o estatuto de interesse público aos projectos, que possibilita o concurso e o consórcio que fará a futura construção. Foi assim para um espaço público em volta do Cerro San Cristobal ou a requalificação dos espaços das feiras de Santiago.[125]

É necessário entender a diferença entre a realidade contextual das políticas habitacionais já relatadas e a conjuntura contemporânea, só assim se perceberá as diferentes necessidades e as diferentes escalas das intervenções. No entanto, tanto as antigas como a do Elemental partem de uma ideologia *partcipacionista*, em que o arquitecto deve ter uma consciência activa e pragmática, mas ao mesmo tempo não deve controlar excessivamente a vida das pessoas.
Segundo Alejandro Aravena, o principal objectivo do Elemental, adaptando-se à realidade capitalista vigente, é fazer com que a habitação social aumentasse o seu valor com o decorrer dos anos, em vez de resultar num gasto social.[126]
Os projectos têm então que responder a cinco condições, que para o Elemental são essenciais para valorizar a habitação: manter a localização, ter uma saída directa para um espaço colectivo, conseguir evoluir harmonicamente, ter as características de uma casa de classe média e ter um desenho estrutural bom, com o máximo de flexibilidade e o mínimo de tecnologia.
Apesar das cinco premissas, a localização indevida e a desvalorização do solo são mesmo as premissas fundamentais com que o planeador se deve debater, são elas o motivo para a formação dos grandes cinturões pobres das cidades da América do Sul.[127] Defendendo então uma maior densidade para as cidades.

[123] *Do-tank*, segundo Alejandro Aravena, é um grupo activista actuante, de projectos reais, em comparação e aos mais comuns *think-tanks,* pensadores e formadores de opiniões críticas.

[124] Sociedade Anónima entre a Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC), a Companhia de Petróleos do Chile (COPEC) e os sócios gestores, um grupo de professores da Universidade.

[125] Entende-se a preocupação social e o interesse económico, quando se percebe que o Cerro San Cristobal é o quarto maior parque urbano do mundo (www.plataformaurbana.cl) e as *ferias libres* de Santiago movimentam anualmente mais de 1400 milhões de dólares e onde se vende mais de 80% de frutas e verduras de Santiago. (In *Ferias Libres como pégolas urbanas* - 2008). A importância social actual deste grupo é tão grande, que hoje são consultores do metro de Santiago.

[126] Alejandro Aravena durante as palestras e as entrevistas chega a comparar a habitação social normalizada a um carro, tal como o carro também a habitação social normaliza desvaloriza mal é entregue ao usuário.

[127] A questão da densificação ou expansão é hoje um tema polémico em Santiago do Chile, enfatizada pela sobrelotação dos transportes públicos, provocado pela necessidade da grande movimentação diária das pessoas e pela grande extensão da cidade.

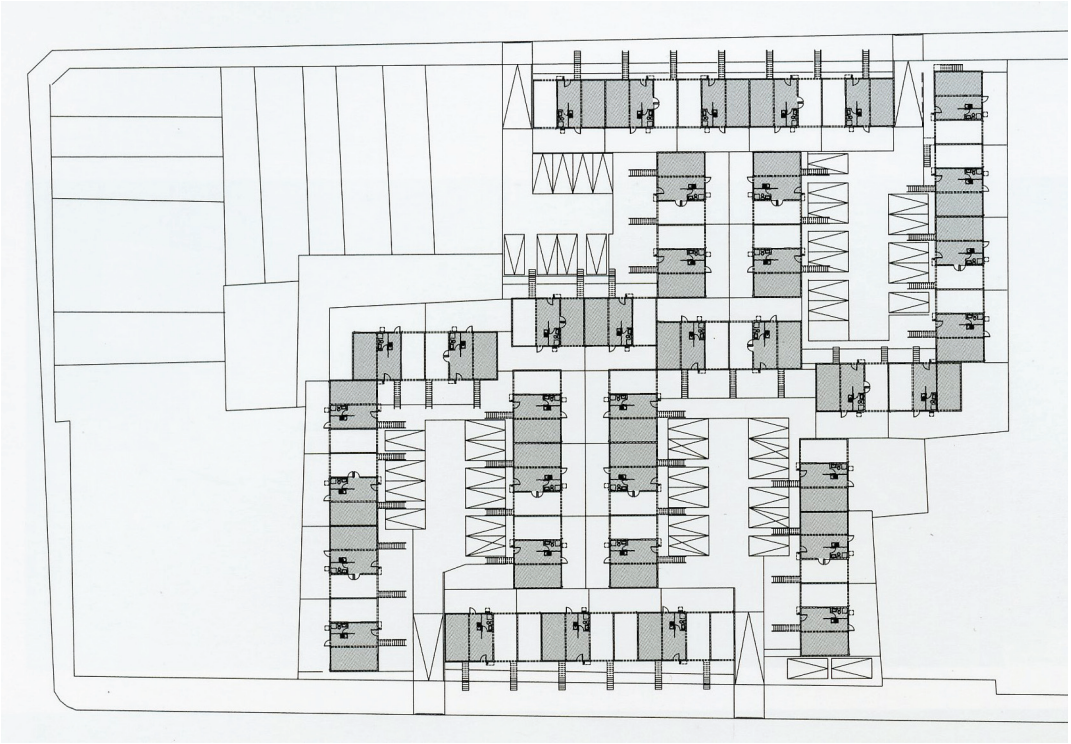


fig.181 ELEMENTAL: Planta do conjunto habitacional Quinta Monroy

fig.182 ELEMENTAL: Quinta Monroy - vista da rua envolvente

Segundo o programa Elemental, o *site&service* normalizado, sem um principio de densificação e um jogo modular de crescimento, produz bairros pouco valiosos, e se assim for, a casa também não vale nada.

*"After lowest-cost lots, the natural next step is to spend as little as possible on the building, using the most inexpensive architectural type—the isolated house in the middle of a lot. This not only makes a very inefficient use of the land, it also enlarges urban sprawl and poverty belts, and cannot guarantee an acceptable urban environment after homeowners expand their houses. A single volume in the middle of a lot after a while tends to disappear, "eaten" by owners' construction, incapable of defining a decent urban space."*[128]

## Quinta Monroy Iquique 2002

Este foi o contexto conceptual para as opções apresentadas em Iquique, na Quinta Monroy. Este espaço, actualmente de alto valor imobiliário, começou a ser ocupado ilegalmente nos anos 60, e inseriram-se, até ao ano 2002, 97 famílias que viviam em condições precárias.
Tal como em todos os processos de gentrificação, foi oferecido um local em Alto Hospício, num gueto situado na periferia, que apesar das condições de pobreza e insegurança que tinha, foi rejeitado pelos habitantes, que durante os anos de ocupação tinham criado raízes no local.
O grande problema estava em manter o local e resistir a interesses especulativos, situado a 4 quarteirões da praia, a 2 quadras do *mall* e a 2 quadras do terminal de agropecuária.
O projecto do Elemental aparece no âmbito do programa "Chile Barrio" e do *Taller de Chile,* iniciativas que começaram a exigir princípios de participação, mas desta vez era com um exercício urbano diferente, de inserção e não de expansão. A tarefa era implantar habitação de qualidade em uns exíguos 5000m2, gastando 7500 dólares em cada[129]. Tal como tinha sido feito no PREVI e nos indica aqui Aravena, um processo de alta densidade sem superlotação.

O exercício urbano central estava em produzir um bairro em vez de casas, usando o orçamento e o espaço de uma forma colectiva, ao contrário do que se passou em Brás de Pina[130], em vez de 100 casas de 7500 dólares, um edifício de 750.000, em que passado um mês e com pouco trabalho as casas passassem a valer 20000[131]dólares cada.
Com estes fundos propunham-se a alcançar três vectores fundamentais para a construção: pensar em casas com a qualidade de um apartamento de classe média, num carácter evolutivo que proporcionasse a futura ampliação da casa e em muros mediadores e lajes sólidas e inamovíveis que controlassem este crescimento.
A casa teria então um standard genético de classe média chilena, com divisões e tamanhos que correspondiam aos normalizados, mas isto só seria alcançado após o "crescimento", que seria controlado pela forte estrutura já existente, mantendo, assim, os limites horizontais e verticais da primeira construção, garantindo a salubridade e a ventilação de todos os compartimentos.
Segundo Aravena, trata-se de um projecto evolutivo e de fácil ampliação, um *"edifício poroso"*[132] para que as pessoas terminem a sua própria habitação. Onde antes estava um labirinto, está agora um *"condomínio aymara"*[133].

[128] **Aravena,** Alejandro (2004).

[129] 7500 dólares a fundo perdido era o subsídio fornecido pela política de habitação de 2001 do governo, a VSDsD - Vivienda Social Dinâmica sin Deuda. No Chile, segundo Aravena, com este orçamento, a construção com qualidade possível seria entre 25 e 30 m2, o que obrigava o habitante a ampliar e a construir o resto da habitação.

[130] Tal como é referido anteriormente, em Brás de Pina o desejo dos arquitectos era conseguir este tipo de condomínio na *urbanização,* acabando por se concretizar em lotes individuais.

[131] **Aravena,** Alejandro (2007).

[132] **Aravena,** Alejandro (2007).

[133] *Quinta Monroy, documentário do projecto em Iquique, Chile*.

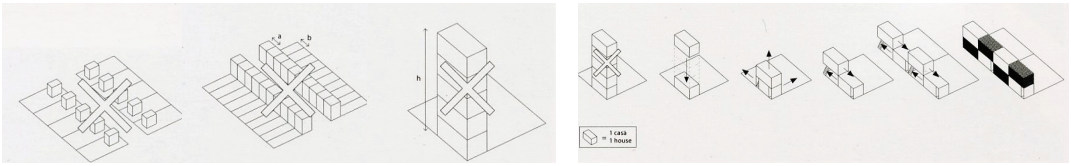


fig.183 ELEMENTAL: Quinta Monroy - esquema conceptual da habitação evolutiva

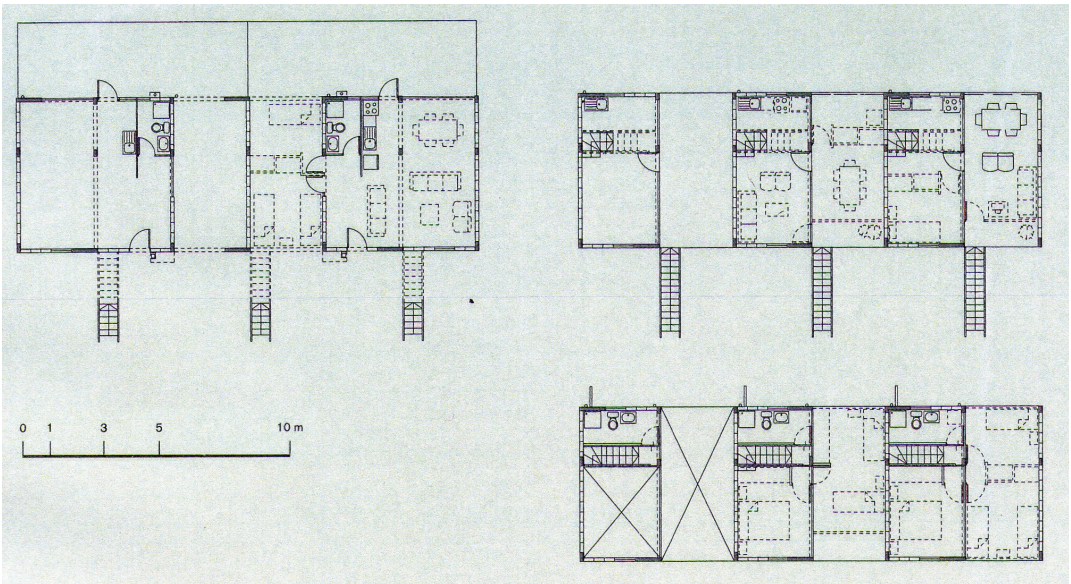



fig.184 ELEMENTAL: Quinta Monroy - plantas dos módulos evolutivos (cima. esq - planta r/c; cima.dir - planta piso1; baixo - planta piso2)

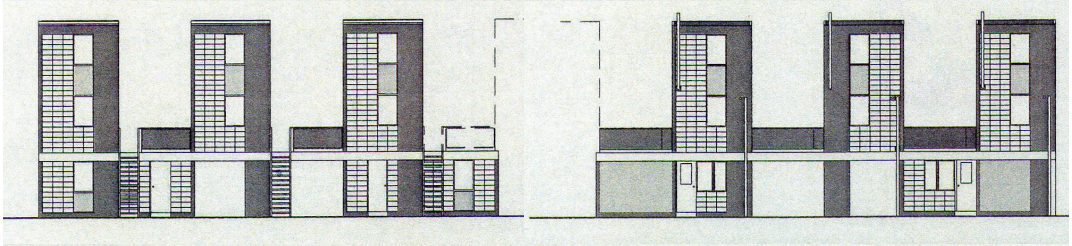


fig.185 ELEMENTAL: Quinta Monroy: alçados

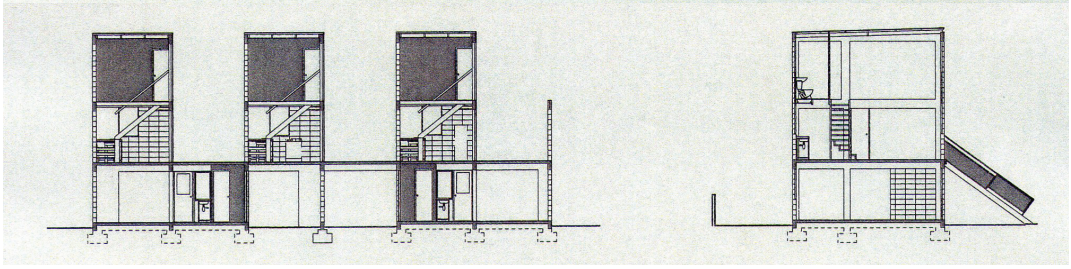


fig.186 ELEMENTAL: Quinta Monroy: cortes

fig.187 (esq) ELEMENTAL: Quinta Monroy - explicação e discussão com os habitantes
fig.188 (dir) ELEMENTAL: imagem de quarto com cama matrimonial

## Participação controlada e Comunidade definida

Durante o processo de construção as pessoas foram viver para acampamentos provisórios, junto ao local que lhes prometeram na periferia, ou então mesmo em casa de parentes. Este momento de deslocamento e o facto de apenas lhes ser fornecido "metade" da casa deixou muitos habitantes cépticos em relação à intervenção.
Foi então necessário ganhar a confiança da população, começando a obra rapidamente, e através de demonstrações com jogos de legos e reuniões com os habitantes, onde explicavam às pessoas o quê e como iriam construir e o porquê de não lhes ser fornecida a típica casa com jardim, ao mesmo tempo que diagnosticavam algumas exigências sociais, como o tipo de casa, a localização ou os vizinhos pretendidos.
Tal como acontecere na década de 60, o arquitecto teve que sair do escritório e ser visto pela população como alguém eficaz e com soluções práticas.

*"Yo hago las reglas del juego pero no les digo que juego hacer. Se las reglas son claras es probable que las jogadas sean buenas."*[134]

Estas vontades resultaram no desenho urbano de quatro unidades espaciais, quatro pátios diferentes, com cerca de vinte casas cada um. A divisão foi realizada em grupos de famílias, por vezes divididas etnicamente, de modo a se conciliarem e viverem em conjunto.[135] O pátio, segundo Aravena, terá as proporções e o número de famílias que mais garantiam um bom espaço colectivo, com apenas um acesso onde as famílias pudessem controlar quem entra e quem sai, garantindo-se assim segurança, comunidade e boa vizinhança.

*"Introduzimos, entre o espaço público e privado, um espaço colectivo, conformado por cerca de 20 famílias. O espaço colectivo (uma propriedade comum com acesso restrito) é um nível intermédio de associação que permite sobreviver em condições de fragilidade social."*[136]

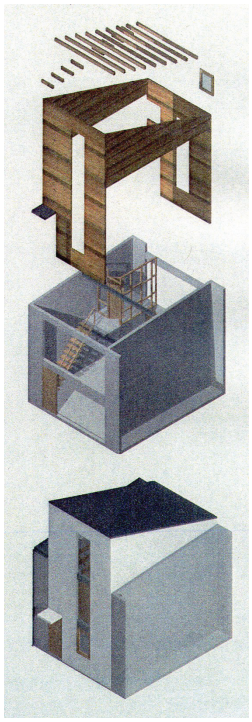
A participação e a possibilidade de escolher, apesar de ser controlado e medido pelo grupo de projecto, deixava um ambiente melhor entre as pessoas e tranquilizava, mas para isto foi necessária uma total transparência e o assumir de uma organização, que definia mesmo alguns lideres locais.
Este controlo formal e construtivo, era efectivado num regime de propriedade que impedia as pessoas de construir mais alto que o resto das habitações e também para trás, que seria o normal "*puxadinho*", normal na anterior ocupação, e que iria destruir a conformação de todos os pátios colectivos. Lançava-se assim, a possibilidade de crescer e dar uma melhor vida para a família, mas também de viver em comunidade e ter um pensamento comum.

Segundo Aravena, o mais complicado não foi o projecto de arquitectura ou a complexidade e o tamanho mínimo da configuração modular, foi realizar uma sinergia entre instituições e moradores, conseguindo-se um grande feito urbano. Foi resolvido um problema com mais de 40 anos, em que se manteve  o lar como um factor de inversão económica e social, garantindo, assim, um carácter inovador, que muitas vezes não é permitido pela racionalidade económica da *vivienda social*.
Não foi feita só uma entrega das habitações, mas um trabalho comunitário, em que cada um teve que terminar a sua casa, segundo as suas necessidades e os seus padrões, mas sempre com um tema de bairro, garantindo uma harmonia de conjunto.

[134] **Aravena** Alejandro (2007) In *Quinta Monroy, documentário do projecto em Iquique, Chile.*
[135] Referência aos estudos de Castillo Velasco. (ver p.135)
[136] **Aravena,** Alejandro (2009)

fig.189 ELEMENTAL: Quinta Monroy - pátio de uma comunidade

fig.190 (esq) ELEMENTAL: La Renca - a primeira construção, o equipamento público
fig.191 (dir) ELEMENTAL: La Renca - vista de uma rua



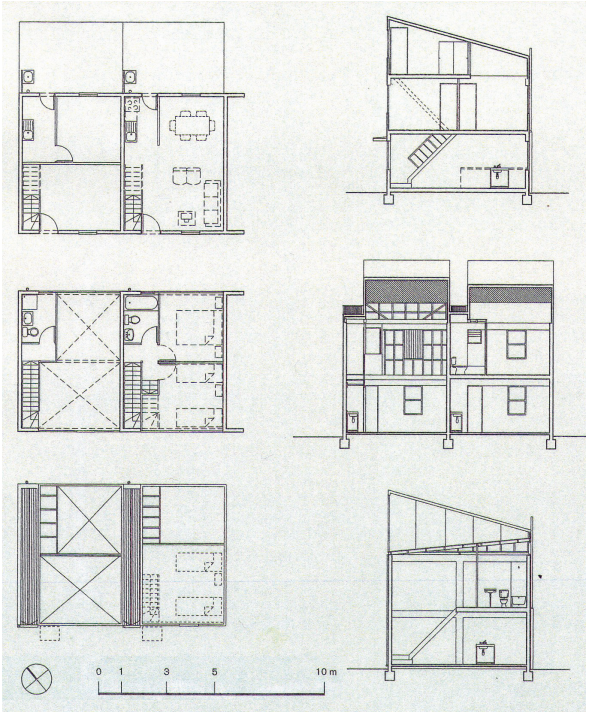



fig.192 (esq) ELEMENTAL: La Renca - esquema construtivo do módulo habitacional
fig.193 (dir) ELEMENTAL: La Renca - plantas (cima - r/c; meio - "possível piso1"; baixo - "possível piso2") + cortes (possíveis definições de pisos interiores)

*"Nós nunca desaparecemos no dia da inauguração, Como os acrescentos dos moradores à estrutura que criámos (fundações, telhado, cozinha, casa-de-banho) são um processo continuo, ficamos sempre a prestar apoio técnico. A relação nunca acaba."*[137]

Integração e Previsão

A grande pergunta actual é o que está acontecer agora, se as pessoas respeitaram e respeitarão as regras definidas e mantiveram a harmonia comunitária inicial.
Para já a resposta geral que proporciona uma visita ao local é de comodidade, grande parte dos habitantes já realizaram várias divisões, ampliando o seu *apartamento*, ocupando o lugar previsto e dividindo até a propriedade em apartamentos e quartos para alugar, rentabilizando economicamente a sua nova casa de classe média.
Até agora a questão da habitação evolutiva foi um sucesso, garantindo uma forma de auto-construir o ambiente, que criou a apropriação e o orgulho na habitação própria, garantindo um equilíbrio entre liberdades individuais e colectivas. A melhoria da qualidade das habitações foi evidente, até ali não existia, no Chile, nenhuma *vivienda social* com um quarto com espaço para cama matrimonial, ou com um WC com uma banheira ou mesmo uma sala com sofás.
Já no campo social houve profundas melhorias, como a maior segurança e a formação da mentalidade comunitária, no entanto, parece haver um retrocesso de integração na malha urbana, talvez proporcionado pela problemática envolvente; apesar da demora do tratamento do espaço urbano e da qualificação dos pátios, já em todas as entradas existem as famosas *rejas*. Um problema, complexo que assola praticamente todo o Chile, transversal a qualquer classe social e que não ajuda em nada à coesão e segurança urbana. Tal como em Brás de Pina, não houve uma novidade sociológica, apenas a adaptação aos modelos já existentes.

A partir deste projecto piloto e inicial multiplicaram-se os projectos *ELEMENTALes*, Lo Espejo em 2005, La Renca em 2008 e continuamente surgiram projectos de novos bairros, para o Chile ou mesmo para outras partes do mundo.

Lo Espejo 2005

Em *Lo Espejo,* Santiago do Chile, a ideia inicial do estado, e da iniciativa *un techo para Chile,* já não é construír habitação social, mas sim criar bairros. Formas urbanas densas que se consigam inserir automaticamente na cidade, "*clusters"* de vida urbana comunitária. Já não se trata de entregar uma infra-estrutura, um "site-and-service" Turneriano, mas sim lares sólidos e de valor comercial, implantados num bairro definitivo e com futuro para as famílias.

*"La pergunta clave para vivienda social, mas que quanto, quantos metros quadrados tiéne o quantas terminaciones, es donde. Para estas famílias quedar bien ubicadas, no perder sus trabajos, conservar sus rejas sociales es tremendamente significativo, para que luego sus viviendas pueden seguir invertiendo, seguir mejorando..."*[138]

Para a maioria das pessoas destes bairros a casa própria significa a mudança mais importante nas suas vidas. A ideia é que através de estes sistemas participativos e de estas casas de *extreme low-cost*, se consiga erradicar todos os acampamentos miseráveis e sem condições e ao mesmo tempo que as famílias abandonem a situação de pobreza extrema que vivem.
Em *Lo espejo,* por ser em Santiago, a questão da densificação acentua-se, e conseguem mesmo inserir-se 900 habitantes por hectar, com os mesmos 7500 dólares de subsídio.

La Renca 2008

Já em La Renca, também de *un techo para Chile* e também em Santiago, fica evidente a ideia de construir o bairro e não a casa. A primeira estrutura que se constrói não foram as casas, mas sim

[137] **Aravena,** Alejandro (2009). In **Delimbeuf,** Katya.
[138] **Aravena,** Alejandro (2008). In *La Renca, Inauguración del proyecto, Antumalal.*

fig.194 ELEMENTAL: La Renca - vista geral do conjunto (Santiago do Chile)

fig.195 (esq) ELEMENTAL: Monterrey - vista geral do conjunto
fig.196 (dir) ELEMENTAL: Monterrey - vista de uma rua envolvente (já com evolução na habitação - parte amarela)

fig.197 ELEMENTAL: uma "Feria Libre" em Santiago do Chile (ocupando a rua, o que provoca problemas de circulação)

fig.198 (esq) ELEMENTAL: proposta para a requalificação de espaços sem uso para possíveis equipamentos que promovam o estabelecer das "ferias"

um equipamento de apoio, com um centro social, salas de saúde, etc, revelando a importância dos espaços comuns para a consolidação de comunidades.
O projecto de La Renca é, talvez, o maior êxito urbano do Elemental, conseguindo-se construir habitação social dentro de Santiago[139], o que já não acontecia, garantindo-se assim a manutenção das redes sociais e familiares existentes.

*"A lo largo del siglo XX, y según el contexto politico, social, cultural y económico, la relación entre necesidadades de habitación y politica estatal de vivienda ha mostrado diversas manifestaciones constructivas y una amplia diversidade n su diseño, pero con un parâmetro locacional que las ha unido: la periferia de la ciudad."*[140]

Aqui, o pragmatismo do Elemental também foi peça chave na realização das 170 casas de 70 m2. Como tinham mais fundos construíram mais casa e não só metade, começando-se a notar a repetição tipológica e a presença da linguagem base e identitária dos seus projectos, marcada pelas janelas verticais ao centro. O "nível de participação" neste projecto foi menor, apesar da flexibilidade nos acabamentos e distribuição interior, tal como Velasco propôs no conjunto de Andalucía.

Se dúvidas houvesse sobre a adaptação contextual deste sistema, ficou esclarecido na resistência em outras localidades sul-americanas, em Antofagasta, implantado sobre grandes pendentes, em Temuco, resistindo à grande precipitação durante todo o ano, e agora mais recentemente a unidade em Monterrey no México, que se adapta ao clima Mexicano, pintada de branco e com uma pala constante entre todos os módulos construídos inicialmente.

O historial de políticas de participação, auto-construção e habitação evolutiva estende-se no Chile desde o inicio dos anos 50 até agora, desde as primeiras operações, passando pelo "político" Castillo Velasco ou mesmo pelas divergentes e intervenientes faculdades de arquitectura, tudo contribuiu para a formação cognitiva do actual grupo Elemental, que é, até à data, uma prova de que a transversalidade entre várias instituições pode ter um bom resultado.
O contexto actual, que como nos indica Aravena é *"un momento en el que diseño y arquitectura deben aplicarse a problemas que no les conciernen directamente como el desarrollo y la creación de riqueza"*[141], e a capacidade estratega e de se movimentar tecnocraticamente[142], revelados na forma como construíram as primeiras unidades de habitação social, deixa-nos ansiar pela data em que se poderá perceber a capacidade de resposta e da validade do internacionalismo mediático alcançado por este grupo chileno.

[139] Segundo o Elemental, o bairro situa-se sensivelmente a 20 minutos do centro, quando o normal processo de gentrificação leva as pessoas para 2 horas do centro.
[140] **Hidalgo,** Rodrigo (2006). p.52
[141] **Aravena,** Alendro (2009) In **Pérez de las Heras,** Nerea.
[142] Aravena admite que: *"Há também nisto uma dose de estratégia, identificar areas onde não há ninguém é sempre uma mais valia. A criação da minha empresa, a Elemental, teve muito que ver com uma conversa que tive com o actual ministro das Finanças de Bachelet em Harvard."* **Delimbeuf,** Katya (2009).

# 3. Conclusão:
## como participar, hoje?

# 3. Conclusão:
## como "participar", hoje?

### 3.1. A participação na actualidade

*"The recent publication of an issue of the Journal of the Royal Institute of British Architects with the word CRISIS in red letters the height of its black cover, and the decision of homeless working-class families to take over a vacant block of Council flats in the East End of London, are typical indicators of the simultaneous loss of confidence in the ways we have been building by those who decide and those who have to live with it."* [1]

No ano de 1973[2], após a crise petrolífera e inflacionista, alguns arquitectos tiveram um súbito arroubo ético e personagens como John F.C. Turner obtiveram o seu reconhecimento e apogeu mediático, com a aproximação do arquitecto às questões sociais.
Desde 2008 criou-se um certo paralelismo em relação à situação vivida no começo da década de 70. Há, hoje, uma notória discussão entre ética e estética[3], e arquitectos como o chileno Alejandro Aravena obtêm o mesmo mediatismo, mas talvez de uma forma mais evidente e em círculos mais populares, sendo actualmente considerado uma "estrela arquitectónica" com preocupações sociais.

*"Neste sentido, a exposição do MOMA e de Rudofsky, juntamente com a divulgação de um conjunto de obras frequentemente esquecidas pelas usuais referências académicas, viria, sobretudo, a apregoar a Arquitectura como atribuição da comunidade e da organização social. Mais do que uma "Arquitectura sem Arquitectos" traria à ribalta uma Arquitectura sem o star system da historiografia tradicional."*[4]

Uma evidente prova deste paralelismo é a recente exposição no MoMA, "*Small Scale, Big Change*",[5] que nos remete para outra exposição da mesma índole, a "*Architecture Withtout Architects*"[6] de Bernard Rudofsky, também no MoMA, em 1964.
Se o *star system* arquitectónico proporcionado pela sociedade global e pela projecção imagética e mediática dos arquitectos, lança um internacionalismo sobre certas linguagens e formas de fazer que se repetem e difundem por todo o Mundo, tal como acontecia com o Estilo Internacional, também esta nova exposição alerta para outras realidades e para a importância

[1] **Turner**, John F.C. (1976). p.11
[2] No ano de 1973 parece existir uma "transferência ideológica" sobre o tema da participação, do Terceiro para o Primeiro Mundo: no Chile, Salvador Allende é assassinado, e com isso terminam as políticas de habitação social participada; no Peru, o processo do PREVI Lima também é abruptamente finalizado; e no Brasil, Carlos Nelson dos Santos sai da favela de Brás de Pina. No Primeiro Mundo assiste-se ao oposto: John Turner regressa a Inglaterra, assiste-se à consolidação e difusão de politicas como o SAR e forma-se uma consciência sobre participação na construção do habitat, que motiva o encontro do *Team X,* na emblemática *Free University.*
[3] Esta redescoberta da ética na arquitectura foi lançada pelo arquitecto Maximiliano Fuksas no tema da VII bienal de arquitectura de Veneza: *"Mais ética, menos estética".* E difundiu-se por vários movimentos actuais, como conferências, exposições e publicações. No nosso contexto, a *Trienal de Arquitectura de Lisboa de 2010 – Falemos de casas*, parece ser o culminar desta preocupação, onde a origem da formação do habitat tem um carácter central.
[4] **Bandeirinha**, José António (2007). p.31
[5] A exposição *Small Scale, Big Change: New architecture of social engagement,* do curador Andres Lepik, que tem um livro homónimo, vai decorrer no MoMA de Outubro de 2010 a Janeiro de 2011, apresentando 11 projectos de compromisso social: *"These innovative designs signal a renewed sense of commitment, shared by many of today's practitioners, to the social responsibilities of architecture."* O projecto *Quinta Monroy* do Elemental vai ser um dos expostos.
[6] Ver p.71

da compreensão, simultaneamente, universalista e tradicional da arquitectura, como fez a de Bernard Rudofsky.

Sensibilidade Cívica

Tanto Turner como Rudoskfy eram viajantes, projectistas e difusores de mensagens que se adaptaram a uma leitura das realidades visitadas, permitindo-se entender a arquitectura como um meio e não como um fim, e naturalmente, perceber que por vezes o arquitecto não sabe o que é melhor para o usuário ou habitante, devendo por isso revelar sensibilidade cívica e democrática, admitindo as opiniões e exigências dos habitantes.

*"So marked was the generation of May'68, my generation – supremely intelligent, well informed, correctly traumatized by selected cataclysms, frank in its borrowings from other disciplines – by the failure of this and similar models of density and integration – by their systematic insensitivity to the particular – that is proposed two major defense lines: dismantlement and disappearance."* [7]

No entanto, tal como nos diz Rem Koolhaas, a cidade e a arquitectura que no Maio de 68 se ambicionavam livres e democráticas cederam ao conformismo e à "exigência" social capitalista. Os modelos de cidade densa e integracionista e os princípios de arquitectura participada desvaneceram-se perante as sociedades complexas, os sistemas económicos globais, a perversão das fronteiras público/privadas[8] e o mediático mundo da imagem pop e do materialismo consumista.

Segundo Bandeirinha, foi depois da destruição da prisão *La Petite Roquete* que se deu o *"ponto de viragem"*[9], o final da contestação activa dos arquitectos, o conformismo à cidade capitalista e uma produção de arquitectura que foge *"do germe da critica"*[10] e se dilui na fervilhante especialização do trabalho do mundo moderno, que transformou os activistas em *"especialistas de Arquitectura"*[11].

A partir deste *ponto de viragem*, perante a sociedade consumista dos últimos 20 anos aceitou-se a troca da liberdade pela promessa da prosperidade e segurança. Alguns arquitectos não foram excepção, "vendendo" o seu direito à participação democrática, à responsabilidade e à liberdade de expressão, ao capitalismo neo-liberal.

Learning from South America

Hoje, a partir de alguns críticos e de um interesse global nas soluções que provêm de zonas do mundo emergentes como a América do Sul, poderá estar perfilar-se um renascer de certas reflexões. Provavelmente menos ideológicas que o *"amontoado de enunciados ingénuos"* [12] que povoaram os anos 60 e que foram arrasados pela cultura e pelos símbolos capitalistas denunciados por Castells,[13] mas que, no entanto, continuam a valorizar a postura participativa do habitante e a abertura do arquitecto e urbanista.

[7] **Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995). p.505

[8] *"Desde então, complexificaram-se as sociedades, globalizaram-se os sistemas económicos, perverteram-se as fronteiras entre o domínio público e privado, mediatizaram-se todas as transgressões."* **Grande**, Nuno (2005). p.75

[9] Como nos esclarece José António Bandeirinha, esta foi a demolição de um importante espaço de memória da cidade de Paris, decidida, aparentemente, como consequência de uma revolta dos presos, e que foi severamente criticada por vários arquitectos e intelectuais representativos da época. O arquitecto Bernard Huet falou mesmo da destruição de um símbolo e mesmo de um tipo arquitectónico. A contestatação e o activismo contra a demolição foi em vão e isso foi considerado por alguns analistas como a última batalha ética do pós-Maio de 68, promovendo o regresso dos arquitectos aos estiradores e o abandono do activismo social e urbano. **Bandeirinha**, José António (2007). p.37

[10] Ibidem.

[11] Termo usado por José António Bandeirinha, mas inicialmente utilizado por Jean-Louis Violeau, In "L'urbain dans l apresse contestataire": Urbanisme, Mai-Juin 1998, (300), p. 69- 74

[12] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.16

[13] Ver p.115

*" O arquitecto, como todo o profissional, é um homem e está dentro de uma sociedade. Pode reunir-se em organismos internacionais e apolíticos (...) para manter a convivência e a coexistência pacífica, mas dizer como homem que se é apolítico, é coisa que não entendo"*[14]

Esta abertura ao debate e à necessidade de participação cívica ainda se sente de forma inegável na América Latina, onde se discutem obras já programadas,[15] se fazem manifestações contra ou em favor de politicas urbanas (muitas vezes lideradas ou impulsionadas por arquitectos) e onde a critica arquitectónica, urbana e académica se alastra sempre dos campos artístico e estético para o ético, o político e o económico.
Motivados por realidades bastante adversas do passado, a criatividade dos arquitectos sul-americanos está, naturalmente, dirigida para combater a falta de recursos e para fazer frente às questões adversas. Enquanto isto é uma característica já implícita nos arquitectos e pensadores latino-americanos, no Primeiro Mundo essa necessidade esteve menos presente, o que proporcionou, simultaneamente, estabilidade e conformismo.
Grupos como os Supersudaca[16] e o Elemental são exemplos deste reconhecido interesse social e crítica interventiva. Os Supersudaca fazem-no de uma forma mais subversiva, através de publicações, apresentações, conferências ou workshops sobre temas arquitectónicos, sociais ou mesmo económicos, sempre com um intuito de formação de conhecimento ou de esclarecimento, seja de arquitectos ou da população em geral. Já o Elemental tem uma forma de actuar mais institucional, com maior enquadramento académico, mais apoios financeiros e, consequentemente, maior projecção internacional e relevância na sociedade Chilena.[17]

*"En este sentido, la arquitectura ya no se ve como mera respuesta a clientes y mercados, autosuficiente y que no se explica a sí misma, sino como una práctica que debe hacer frente a los nuevos problemas que está emergiendo en las sociedades contemporâneas."*[18]

Esta busca da essência nos países em vias de desenvolvimento deve ser sempre mantida com alguma reserva, pois a espontaneidade e a criatividade não foram sempre constantes.
Desde a década de 60, houve períodos em que os latino-americanos, estimulados por uma aparente estabilização económica ou oprimidos pela despolitização académica,[19] foram levados a copiar os sistemas hierárquicos e burocráticos Europeus e Americanos.

[14] **Guevara**, Ernesto (1963) Num discurso durante um encontro de estudantes de arquitectura da União Internacional de Arquitectura, em Havana. In Jornal dos Arquitectos, Política, nº 232. p.49
[15] Um exemplo paradigmático desta postura de debate foi a recusa do centro cultural oferecido pelo mediático arquitecto Óscar Niemeyer, para substituir a *"Carcel de Valparaíso"* (uma desocupada prisão de Valparaíso), que propunha a demolição do edificado existente. Apesar do apoio governativo, as várias iniciativas críticas levaram ao abandono do projecto e a um consequente concurso público, que promovia a preservação do património. Este momento no Chile criou um certo paralelismo com o momento da demolição da *Petit Roquete,* mas com um final oposto.
[16] Os supersudaca são um colectivo internacional de reflexão e investigação sobre arquitectura e urbanismo, conformado por arquitectos em diversos pontos do mundo exploram as possibilidades das discplinas, e de uma *"maneira obstinada"* recusam acreditar que o único espaço livre do arquitecto sul-americano seja fazer casas para clientes ricos. (Disponível em http://www.supersudaca.org).
[17] O mediatismo e a postura pró-activa de Alejandro Aravena leva-o regularmente à participação em programas e debates televisivos sobre politicas urbanas e territoriais. Um exemplo desta relevância é a entrevista sobre o polémico Transantiago (disponível em http://vimeo.com/826932), o recente sistema de transportes de Santiago, que desde a sua criação, gerou descontetamente por parte dos ulitizadores.
[18] **Gadanho**, Pedro (2007).
[19] *"As Faculdades de Arquitectura do Chile, e também da Argentina, procuram isolar a produção da arquitectura do seu contexto económico e social na obsessão de despolitizar a universidade levando os alunos a buscas formais seguindo imagens e tendências dos países desenvolvidos, afastando-os das preocupações incómodas como a aplicação dos recursos reais do pais e os interesses da maioria da população."* **Portas,** Nuno (1979). In **Portas,** Nuno (2005) p.301

fig.199 Cristiàn Fernandez Cox: o "Mies Van der Rohe chileno" constrói com uma pesada tecnologia de betão (dir) e cobre com uma cortina de vidro (esq).

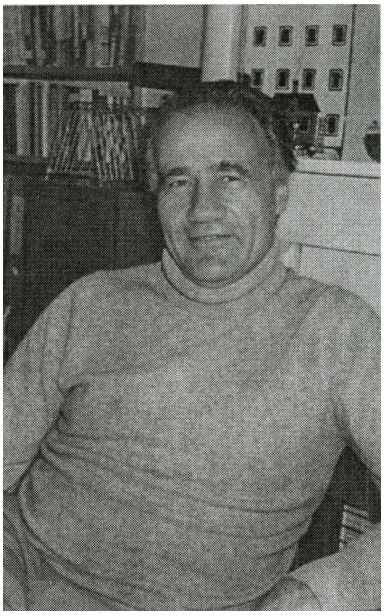


fig.200 (esq) Alejandro Aravena na capa da Revista ICON
fig.201 (dir) John F.C. Turner

Segundo Marina Waisman[20], as consequências desta cópia foram desastrosas: se por um lado levou à insustentabilidade grave dos sistemas habitacionais, sem capacidade de resposta para o crescimento demográfico urbano; por outro, levou a uma desadaptação da população aos modelos, seja de habitação, serviços ou mesmo sistemas urbanos que provinham do exterior.[21]
No entanto, o sentimento actual dos sul-americanos é de alguma revolta contra esses momentos de plágio, que hoje ainda se verificam. O arquitecto e crítico chileno, Cristián Fernandez Cox, define estes instantes como atitudes anti-modernas, contrariadas por alguns arquitectos, grupo onde se insere, que sempre ansiaram por afirmar-se e revelar uma identidade moderna própria: *"the aspiration to a wider level of critical questioning and freedom and the consequent longing to a more effective and active participation in the improvement and development of the world..."*[22]

Como nos alertou Giancarlo de De Carlo,[23] e hoje é reafirmado pelo curador do MOMA, Barry Bergdoll, o lado social do trabalho do arquitecto, devido ao excesso de incidência nas questões estéticas, foi ficando desacreditado no mundo desenvolvido.[24]
Actualmente, a realidade dos países sul americanos está muito próxima da Europeia e Americana, já não se trata do contexto oposto da década de 1960, tendo, por isso, problemas semelhantes. Então, ao analisar a realidade sul-americana, será melhor não partir de pressupostos de diferenças radicais que já não existem, pois corremos o risco das nossas leituras resultarem apenas numa mera referência estética ou linguística.
Torna-se necessário distinguir a América do Sul dos anos 60 da actual: da primeira, em vias de desenvolvimento e rica em lições de participação repescam-se as descobertas e o legado ideológico dos intervenientes; da segunda, muito mais próxima da realidade do Primeiro Mundo, apreende-se o espírito pró-activo e participativo que ainda perdura.

## 3.2. Participação ideológica vs Participação desenhada

A prática da participação é diferente da auto-construção. A primeira envolve uma série de possibilidades que podem ser mais ou menos democráticas, enquanto a segunda é a liberdade máxima da participação do habitante. É um erro pensar que participação é o mesmo que auto-construção, tal como nos esclarece Turner; este pensamento seria o mesmo que assumir que a construção é mais importante que a manutenção, a organização e a participação cívica em planos e infra-estruturas, o que no seu entender não é de todo verdade.
Qualquer que seja "o tipo ou o grau" de participação e decisão do usuário, construindo ou não o seu habitat, esta vai sempre existir durante os momentos de apropriação, mesmo nos planos metodologicamente mais rigorosos e autoritários, como defende Paul Barker: *"The most rigorously planned cities – like Haussmann's and Napoleon III's Paris – have nearly always been the least democratic."*[25]

[20] *"La pérdida esencial que sufren los sistemas de ideas al ser trasladados a estos nuevos medios es, pues, la de su raíz hundida en la realidad. En lugar de constituir el complejo resultado de los debates producidos en torno a las cuestiones planteadas y de las soluciones propuestas, en lugar de exhibir su carácter de polémica entre las ideas y las realizaciones, las ideologías arquitectónicas aparecen como sistemas cerrados, como grandes esquemas conceptuales de valor universal."* **Waisman,** Marina (1985)
[21] Exemplos destes momentos são as políticas de habitação social funcionalistas, criticadas por John Turner (ver p.97), e a segregação urbana do Rio de Janeiro. (ver p.109)
[22] **Fernández Cox,** Cristián (2004).
[23] Ver p. 68
[24] **Prado Coelho,** Alexandra (2010).
[25] **Barker**, Paul: *Thinking the Unthinkable* (2000). In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.10

E como nos relembra Yona Friedman, mesmo que não se promova auto-construção ou não-plano, e todo o processo de edificar se resolva por si: *"Users, once the building exists, learn to play the game."*[26] mantendo-se a cidade como o eterno organismo difícil de controlar e prever, que Patrick Geddes e Alfred Agache[27] imaginaram.
Perante esta inevitabilidade, o que pretendiam a maioria dos reformistas dos sistemas de *housing* e *planning* dos anos 60 foi prever o processo de apropriação e usá-lo na construção. Desejavam estabelecer um diálogo constante e espontâneo entre o *fechado e o aberto,* em que a auto-determinação das pessoas e as comunidades já enraizadas tivessem participação no desenho das cidades e habitações.
A ideia seria prever casos extremos de não adaptação aos modelos normalizados, impedindo a construção informal sem condições que se alastrava por todo o mundo.

Paradoxalmente ao que apregoava De Gaulle,[28] durante as eleições após o Maio de 68, foram as políticas liberais, presentes na maioria dos países, que contribuíram para a anarquia territorial, protagonizada pela gentrificação e pela especulação imobiliária.
Através destas políticas, é possível que o *Non-plan,*[29] desejado por Price, Banham, Hall e Barker, tenha mesmo acontecido em algumas zonas, no entanto, não foi pelos motivos críticos e utópicos que os autores pensaram quando escreveram o artigo homónimo. O mesmo receio de submissão aos interesses económicos, que levou à refutação das ideias destes pensadores, mais tarde revelou-se ineficaz no controlo desses mesmos interesses, provocando o "desejado" *Non-plan* que provocou o caos e a dispersão territorial.

Talvez a forma mais realista de pensar a cidade e a habitação seja a total imprevisibilidade e espontaneidade, mas os últimos anos demonstraram a necessidade do controlo sensato e socializante do advogado, construtor, planeador, arquitecto, etc.[30]
O equilíbrio entre a participação individual e o controlo no planeamento e na arquitectura é difícil de encontrar, e provavelmente nunca tenha sido alcançado. No entanto, o planeamento é uma necessidade elementar, a postura e o método processual de o realizar é que poderá ter diferentes graus e formas de participação e de controlo, e, tal como demonstram as diferentes politicas praticadas na América Latina, poderão moldar-se métodos eficazes que estimulem o interesse, a participação e a construção do habitat.

*"Those who recognize the fact that use-values lie in the relationships between people and things – and not in things themselves – will recognize the significance of alternative means by which alternative ends are sought. This is the issue of economy."*[31]

Turner "hedonista" VS Aravena "capitalista"

A maior diferença entre as práticas de participação na arquitectura dos anos 60 e as práticas que se mediatizam agora, está na abordagem dos sistemas instituídos. Enquanto no tempo de John Turner e Carlos Nelson dos Santos se viviam profundas alterações sociais e económicas, a estabilidade actual conduziu as mais recentes a um conformismo e a um entendimento mais reformista e adaptado à nossa realidade consumista.
John Turner promoveu os valores hedonistas do lar e das relações em comunidade, defendendo

[26] **Friedman,** Yona (2000): *Function Follows Form*. In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.111
[27] Ver subcapítulo **2.1.1.** e **2.2.1**. respectivamente.
[28] Ver p.24
[29] Ver p.53
[30] **Bingre**, Pedro (2008), **Bingre,** Pedro (2009).
[31] **Turner**, John F.C. (1976). p.154

que o valor está no processo de apropriação, auto-construção e habituação. Separando bem, e enfaticamente, os meios e os motivos do resultado final.
Já Aravena, apesar de pensar a arquitectura como disciplina processual e não como um mero produtor de objectos, olha a habitação evolutiva como um processo que valoriza em mais de 100% o produto, tal como a postura chilena implicou, um veículo para a saída da pobreza.
Enquanto Turner, com uma postura inicial anarquista e influenciada por activistas como Jane Jacobs, apareceu como um técnico praticante do descentralizado *site&service* e como um pensante das políticas do *bottom up*, Aravena trabalha tecnocraticamente no mundo capitalista, como ele próprio diz; *"ao surf do capitalismo"*[32], aproveitando factores da sociedade contemporânea para projectar um processo participativo de habitação que é valorizado economicamente, defendendo que se deve encarar a habitação social como um investimento e não como uma despesa estatal, sendo que as condições de desenho é que deverão proporcionar que as propriedades valorizem com o tempo.

Turner apareceu assim como o arquitecto (quase) sociólogo que alertou para as lições que se podem tirar das práticas de participação, Aravena como o arquitecto que é um herdeiro pós-ideológico das práticas dos anos 60, que retira o que lhe interessa para intervir.
Ambos são arquitectos de pesquisa no campo da participação e da auto-construção, ambos procuram motivos e métodos para a abertura processual ao usuário e ambos são grandes intervenientes críticos. No entanto, ainda não se conseguiu clarificar se o filão, repescado e contextualizado pelo Elemental, é apenas uma simples forma de fazer arquitectura e habitação social ou, como alguns prognosticam, uma forma universalista de responder aos modos de vida actuais, ajudando os pobres a resistir à especulação imobiliária e garantindo uma mescla entre o desenho do arquitecto, que se evidencia e mediatiza,[33] e a participação e apropriação do utente que vai habitar uma casa de "classe média."
Se é verdade que o Elemental já garantiu um grande mediatismo e importância internacional, também é verdade que ainda não houve tempo para um diagnóstico conclusivo. Se até agora tudo correu como esperado, a flexibilidade linguística, espacial e metodológica dos projectos respondeu positivamente aos diversos contextos e programas, ainda não se testou em realidades muito distintas da Sul Americana,[34] terá que se esperar por mais experiências e que o factor temporal dite se será um manifesto ou apenas uma ideia que rapidamente se refutará.

## A gradação da Participação

Estas práticas de activismo social, tal como acontece com o excesso de preocupações neo-liberais, podem levar ao esvaziamento da *"matéria central da arquitectura"*, como nos alerta Bandeirinha[35], recorrendo a um texto do arquitecto e pensador urbano Oriol Bohigas sobre os *"equívocos progressistas"* dos anos 60.

[32] **Aravena,** Alejandro (2007). Durante a conferência, Aravena afirma que há dinheiro para fazer habitação, há liquidez, não há é projectos. Estima que seria possível distribuir 1000 euros por família.
Se por um lado o pensamento deste grupo se volta agora para a micro-escala, por outro lado estuda também a macro-escala, realizando mesmo o projecto de uma "megaestrutura," um aqueduto que fornece "estrutura" habitacional às milhões de pessoas que se vão mudar nos próximos anos para as cidades. Desta forma dotaria de infraestruturas e boa localização as pessoas que estavam para vir.
[33] Durante a última década, o grupo Elemental notabilizou-se globalmente: já realizou um concurso internacional para desenvolver os seus princípios e protótipos de habitação evolutiva, que teve grande afluência; foi um grande sucesso na Trienal de Milão ("casas para todos"), em que o principal fabricante de pré-fabricados italiano se mostrou interessado em comprar casas/ideias do Elemental (Aravena, Alejandro - 2008); tem diversas propostas para construir fora do Chile, sendo que já construiu um bairro no México; o seu director executivo, Alejandro Aravena, faz parte dos júris do prémio Pritzker; e, já obtiveram vários prémios de reconhecimento no panorama chileno e internacional, entre eles o leão de prata da XI Bienal de Veneza.
[34] O único projecto internacional do Elemental construído é em Monterrey, México.
[35] **Bandeirinha**, José António (2007). p.53-54

Os desejos individuais mais imediatos das pessoas devem portanto ser controlados, o que coloca o urbanista e o arquitecto numa faca de dois cumes entre o desenhar ou o não desenhar, ou mesmo, o que desenhar.
O Elemental, tal como a referência do PREVI de Lima,[36] admite o desenho de arquitectura, como um definidor de espaço e como uma marca pessoal. A liberdade apropriativa não é, por isso, total, e a "matéria central da arquitectura" não se esvazia. No entanto, como nos é esclarecido por Alejandro Aravena,[37] há um diagnóstico prévio onde se promove a participação das pessoas durante a formulação e a aplicação dos modelos habitacionais, tem o mesmo carácter pedagógico e pensamento social que, por exemplo, Hassan Fathy tentou aplicar em Gurna.[38]
O próprio Carlos Nelson dos Santos admitiu a frustração com a decisão da CODESCO em não construir a nova sede da Associação de Moradores de Brás de Pina, revelando a sua desilusão enquanto arquitecto autor, que mais tarde seria dilatada pela falta de trabalho de arquitectura que o "sucesso" de Brás de Pina terá provocado.
John Turner é, talvez o *participacionistas* estudado ideologicamente mais convicto, fugindo do produto final de arquitectura e baseando-se em princípios de auto-determinação e espontaneidade individual e de pequenos grupos. Acreditava no desenho de assistência simples e pragmático e nas técnicas e tipologias locais, o que fez com que tenha encarado com um certo cepticismo a experiência do PREVI e tenha criticado as políticas e as acções proporcionadas pelo Skeffington Report e o SAR de John Habraken.

*"I am not accusing friends like John Habraken, Frans van der Werf, and Nabeel Hamdi of the perhaps caricaturated opinions I have just described. But I do think that much of the work that they have done in the past conflicts with much of what they say and write – and which I agree."*[39]

Apesar das semelhanças argumentativas entre John Turner e John Habraken, estes pensadores revelaram profundas diferenças no plano prático. Pois embora o SAR desenvolvesse mecanismos de abertura às escolhas e decisões do habitante, partia de um sistema que se baseava em metodologias standard de conformação tipológica e sistemas construtivos de pré-fabricação, longe da auto-construção livre desejada por Turner.
Neste sentido, e apesar de ambas necessitarem da participação do utente e, normalmente, prestarem assistência à construção do habitat, existe uma marcada diferença entre o *site&service* defendido por Turner e os sistemas participativos do SAR e do Elemental, formas mais paternalistas, em que a grande variável não são princípios antropológicos ou sociológicos, mas imposições governamentais e esquemas económicos capitalistas.
Enquanto o *site&service* consiste no desenho do chão e na espera que a habitação nasça e cresça a partir do seu habitante, a habitação evolutiva indica uma imposição e uma visão do arquitecto desenhador. No entanto, como se percebeu durante os anteriores capítulos, a participação não pode ter uma classificação linear e objectiva, uma vez que só possivelmente através de uma tabela de participação e decisão, como a que desenvolveu Turner, [40] se conseguirá avaliar, de forma relativa, o nível de democracia de um projecto.
É de entendimento geral que quanto maior for a liberdade, maior é a distribuição de poder do

[36] Ver subcapítulo **2.3.2.**
[37] Quinta Monroy, documentário del proyecto en Iquique, Chile (2007).
[38] Há um paralelismo na importância do pátio/praça do projecto de Iquique e na Gurna de Fathy. Os dois percebem a opção da praça como um espaço mais nobre, mais comunitário e mais fácil de se vigiar. Conseguindo manter a rede social e todo o frágil sistema económico das famílias que aí residiam.
[39] **Turner**, John (1984): *Commentary on SAR.* In **Hatch**, C. Richard (1984). p.61
[40] Ver p.98

arquitecto pela população. Logo, também maior será a apropriação e a responsabilidade das pessoas. Daí que a matéria de Oriol Bohigas se vá esvaziando e se possa chegar a uma linha ténue entre o que é um projecto de arquitectura ou urbano e o projecto de activismo social.

*"Estes ímpetos demissionários, que começavam a ser comuns na época, eram, na maior parte das vezes, provocados pela ampliação das expectativas em torno dos objectos concretos da disciplina, quer sob o ponto de vista social, quer mesmo sob o ponto de vista metodológico. Visto sob outra perspectiva, mais distanciada, prefigurar-se-ia um corpo disciplinar a tal ponto hesitante e enfraquecido que os profissionais mais empenhados só conseguiam justificar a sua actividade na medida da contribuição, directa e imediata, para o alcance de objectivos sociais muito mais abrangentes e complexos do que aqueles que a Arquitectura sempre se propusera a atingir."*[41]

## Arquitectos demissionários

Nesta linha ténue, tanto John Turner como Carlos Nelson dos Santos penderam para o lado das Ciências Sociais. Turner tem uma perspectiva mais humanizada e uma abordagem mais pragmática dos problemas da habitação, enquanto Nelson dos Santos tem um interesse maior nos movimentos sociais urbanos, nas teorias que implicam perceber a urbe, tendo em conta que nas suas favelas não existia tanto o problema da apropriação, mas o da integração urbana.
Mais que uma busca de habitação evolutiva ou auto-construção, Nelson dos Santos, procura perceber a capacidade de integração da população mais pobre nas práticas urbanas quotidianas: possuir um terreno, transportar-se e fazer uso de equipamentos colectivos e de infra-estrutura urbanística.[42]
Estes arquitectos transformaram-se em especialistas de outros campos, como sociologia, antropologia, economia... deixando de lado a sua disciplina e a ferramenta básica do desenho, lançando a dúvida sobre a capacidade de resposta da arquitectura perante os problemas que lançavam as suas retóricas.

*"Young architects who confront social issues often abandon both architecture and urban design, frustrated by their irrelevance – as practised by many professionals – to real urban problems. They embrace instead social or systems planning, or projects which demand social and communal concern rather than Professional service. This is wasteful and should be necessary. For the best thing an architect or urban designer can offer a new society, apart from a good heart, is his own skill, used for the society, to develop a respectful understanding of its cultural artefacts and a loving strategy for their development to suit needs and way of life of its people."*[43]

As práticas actuais, como o *do-tank* Elemental, aparentemente, procuram contrariar a tendência denunciada por Denise Scott Brown e José António Bandeirinha, recorrendo menos a seminários ou intervenções teóricas e académicas, como fizeram Nelson dos Santos ou Turner, e intervindo activamente na sociedade.
Tanto Scott Brown, como Giancarlo de Carlo,[44] alertaram para o desperdício em que se pode tornar a não actuação social do arquitecto. Hoje, Alejandro Aravena, afirma que o arquitecto tem a obrigação de contribuir com o projecto e a síntese para a luta social.[45]
O chileno declara que o preço que paga o arquitecto actual pela sua liberdade artística é a sua irrelevância social, defendendo que os campos de interesse da arquitectura não interessam

[41] **Bandeirinha**, José António (2007). p.53
[42] **Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981).
[43] **Scott Brown,** Denise (1969): *On Pop Art, Permissiveness and Planning.* In **Scott Brown,** Denise (2009). p.59
[44] Ver p.69
[45] *Quinta Monroy, documentário del proyecto en Iquique,* Chile (2007).

fig.202 Anna Heringer: Centro de formação de electricistas

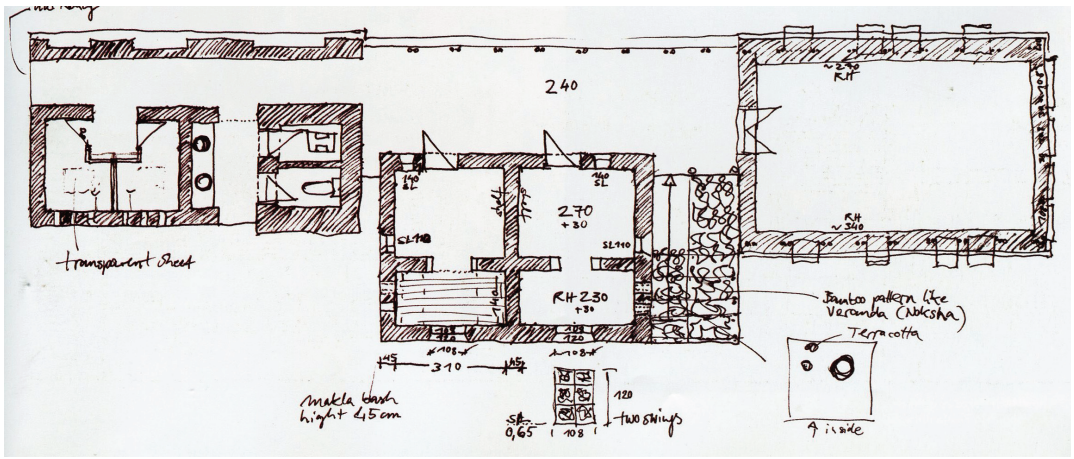



fig.203 Anna Heringer: Centro de formação de electricistas - planta à mão levantada

fig.204 Anna Heringer: Centro de formação de electricistas - construção usando métodos e recursos locais

directamente à sociedade e que este, em vez de complicar respostas para os problemas simples, deveria simplificar respostas directas para as questões complexas.[46]
Neste sentido, a postura de Alejandro Aravena revela ambiguidade e contradição. O seu discurso, em alguns momentos extremista, demonstra uma postura pró-activa e uma intenção de ligar directamente a arquitectura à realidade politica e social, afastando-o mesmo do campo do desenho e de domínios como a estética e empurrando-o para a mesma demissão revelada por Scott Brown e Bandeirinha; simultaneamente, a sua prática e postura enquanto profissional, tanto no Elemental como em projectos particulares, demonstra exactamente o contrário, figurando actualmente na elite mais mediatizada do meio arquitectónico.
O arquitecto, como praticante de uma disciplina híbrida entre a ciência e a arte precisa ter uma postura menos radical, tal como alguns arquitectos dos anos 60 demonstraram, necessita contribuir de uma forma interdisciplinar, formando habitantes informados e garantindo produtos, ou processos criativos, abertos e acessíveis a todos.
Segundo o pensador urbano François Ascher, neste *"contexto marcado pelas incertezas de toda a espécie"*,[47] é necessário actuar com uma abordagem reflexiva em relação às realidades que enfrentamos, não se deve impor modelos pré-estabelecidos ou as nossas visões, pois só assim se conseguirá responder às necessidades dos usuários ou habitantes.

*"Y como la preocupación sobre los recursos y la falta de ellos es, tal como ya hemos dicho, global – y que algunos posicionamientos filosóficos y sociales se vuelven también como modas colectivas que, más que nunca, no conocen fronteras – debemos enfatizar que las actitudes descritas aqui no se está haciendo visibles solo en lugares donde la emergência se siente con mayor urgência."*[48]

## Práticas actuais de participação

Como afirma o arquitecto Pedro Gadanho, em situações adversas são mais comuns os casos onde a tecnologia (de sobrevivência) coincide com as técnicas tradicionais, só assim, a *segunda era da tecnologia,* exposta por Banham,[49] poderá trabalhar em conjunto com a arquitectura e o urbanismo, formando uma vontade colectiva para a melhoria das condições de vida.
Estas situações "emergentes" podem ter vários estádios e realidades bem distintas, e apesar de se apoiarem nas experiências desenvolvidas nos anos 60, alastram o campo de acção e diversificam as formas de intenção.

*"Nous cherchons à améliorer les conditions de la vie rurale au Bangladesh à travers une architecture fraîche, sensible et régionanle. Celle-ci incitera les populations à redécouvrir leurs méthodes de construction traditionelles sans les habitudes rustiques mais pour une architecture contemporaine."*[50]

O caso da arquitecta austríaca Anna Heringer, com trabalho no Bangladesh e reconhecimento no campo da arquitectura sustentável, é um exemplo de união entre o pensamento sustentável e universalista, a auto-construção e a arquitectura vernacular e identitária.
Tal como John Turner[51] e Hassan Fathy, Heringer percebe a importância da participação colectiva na construção dos equipamentos para a requalificação de uma comunidade, trabalhando,

[46] *Quinta Monroy, documentário del proyecto en Iquique, Chile* (2007).
[47] **Ascher**, François (2001). p.58
[48] **Gadanho**, Pedro (2007).
[49] **Banham**, Reyner (1975). p.329/330
[50] **Heringer**, Anna (2009). In **Aubertin,** Christophe (2009).
[51] *"It is tradition a tradition in Peru, for example, for local communities, whether rural villages or urban settlements of the kind described, to build their own schools and for the Ministry of Education to staff them."* **Turner**, John F.C. (1976). p.151

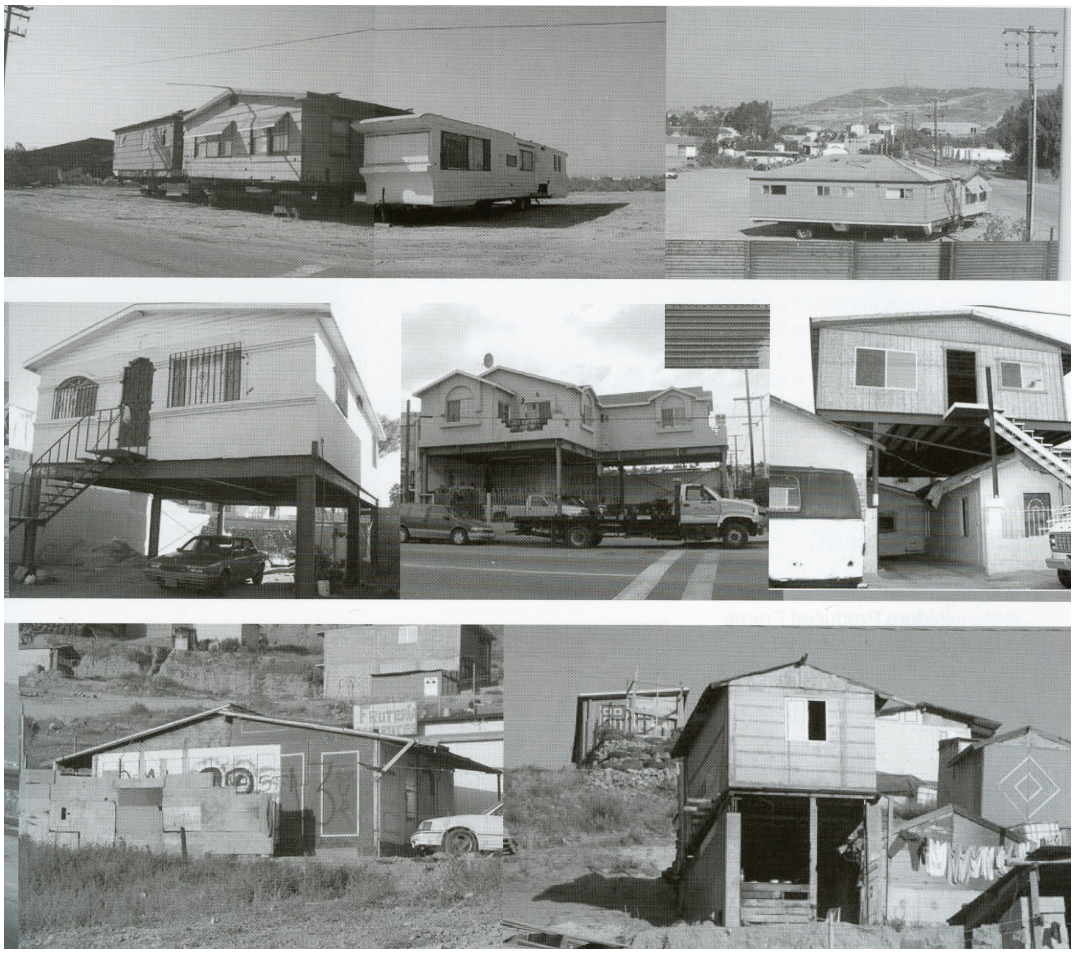


fig.205 Teddy Cruz: Exemplos de aproveitamento e reciclagem do desperdício do súburbio de San Diego.

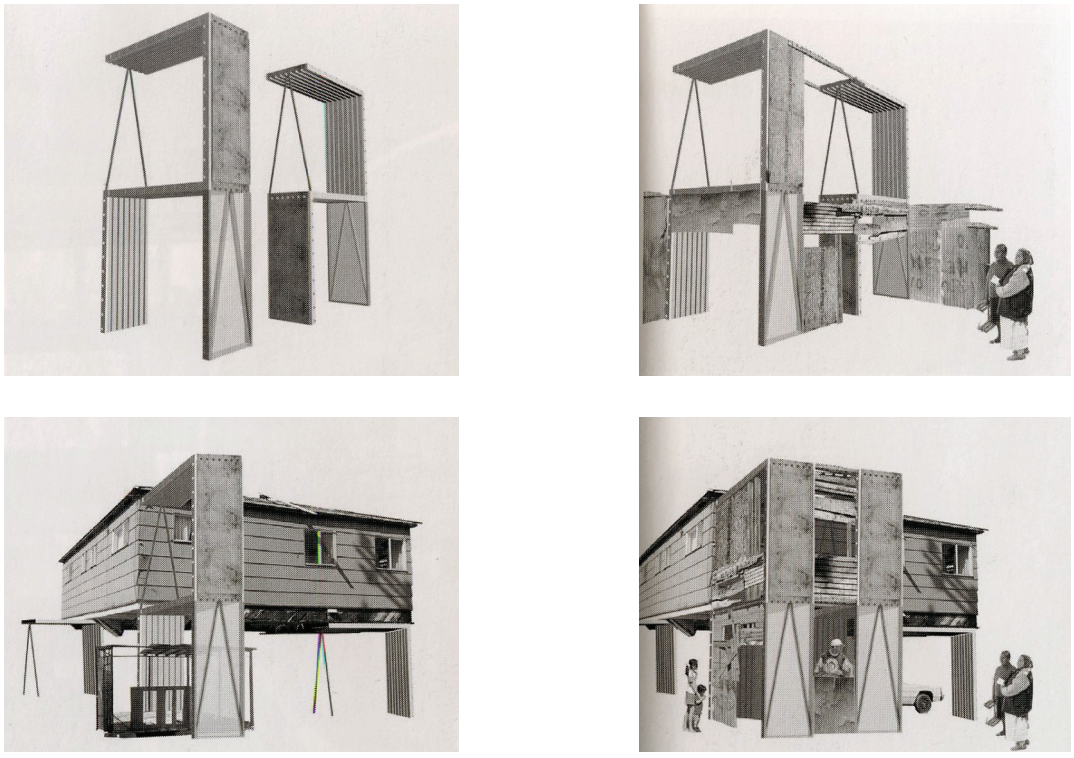


fig.206 Teddy Cruz: processo de trabalho da "Maquilladora Produced Frame"

assim, com desenhos simples, à mão levantada, e aplicando materiais e métodos tradicionais. Mesmo mantendo uma linguagem marcadamente contemporânea, tal como o Elemental, parece unir a sua autoria e criatividade projectual à apropriação comunitária e identidade regional, atribuindo aos projectos uma estética muito própria.
Segundo o crítico Dominique Gauzin-Muller, o trabalho de Anna Heringer foi um modelo que provocou uma radical transformação no colectivismo local.

*"Anna's aim was to make people proud for their own culture and increase their inventiveness in using local resources (...)"*[52]

Outra realidade bem distinta, é encarada pelo arquitecto Teddy Cruz, que lança uma lição sobre o desperdício dos países desenvolvidos e as "emergências" dos países em desenvolvimento.
A trabalhar na fronteira mais movimentada do mundo, entre San Diego (EUA) e Tijuana (México), tenta criar um subúrbio a partir do lixo do outro. A ideia é reconstruir o subúrbio dos mexicanos, agora pobre e pouco organizado, com os materiais e espaços desperdiçados no rico e esbanjador subúrbio americano.
Teddy Cruz, através de uma reciclagem de materiais, de ideias e de formas urbanas, pretende auxiliar e conformar estas duas realidades díspares.
Esta reciclagem é realizada segundo os princípios de uma micro infra-estrutura de produção de habitação e planeamento urbano: a *Maquilladora Produced Frame*[53], que permite a indeterminação e prática da construção evolutiva.[54]

*"while the "human-flow" travels northbound in search of dollars, "infrastructural waste" moves southbound to construct an insurgent, cross-border urbanism of emergency."*[55]

Tal como o grupo Elemental, trabalha em continuidade com a política governamental, armando projectos de habitação que incluem comunidades desfavorecidas. Em colaboração com a Casa Familiar,[56] pretende formar um sistema que consiga antecipar, organizar e promover a densidade habitacional. Sugerir um modelo, para que esta torne uma coreografia social e possibilite a comunidade e o espírito de vizinhança.

*"In this context, density is not just an amount of "units per acre", it is an amount of "social exchanges per acre."*[57]

Teddy Cruz coloca a arquitectura ao serviço das novas formas de vida e novas comunidades suburbanas. Mas, segundo a curadora de arquitectura Tracy Myers[58], o que mais fascina na obra dele é o processo base e a sua natureza, não o resultado. Uma união entre o pragmático e o funcional, mas ao mesmo tempo visionário. Uma confirmação que pode existir uma postura artística, critica e, ao mesmo tempo, socialmente activa.

[52] **Gauzin-Muller**, Dominique (2008).
[53] **Cruz**, Teddy (2008). In Revista MONU.
[54] *"These small migrant dwellings are brought to the border on wheels, Imported into Tijuana and assembled above one story steel frames."* **Cruz**, Teddy (2008).
[55] **Cruz,** Teddy (2008): *Cross-Border Suburbias.* In **Blauvelt,** Andrew, ed. (2008). p.121
[56] *" (...) our colaboration with Casa Familiar has been grounded on the shaping of counter political and economic frameworks that can, in turn, yeld tactical housing projects (...)"* **Cruz**, Teddy (2008).
[57] **Cruz**, Teddy (2008).
[58] **Myers,** Tracy (2007): *Introduction, a conversation with Andrew Blauvelt and Tracy Myers.* **Solomon**, Katherin, In **Blauvelt,** Andrew, ed. (2008) p.20

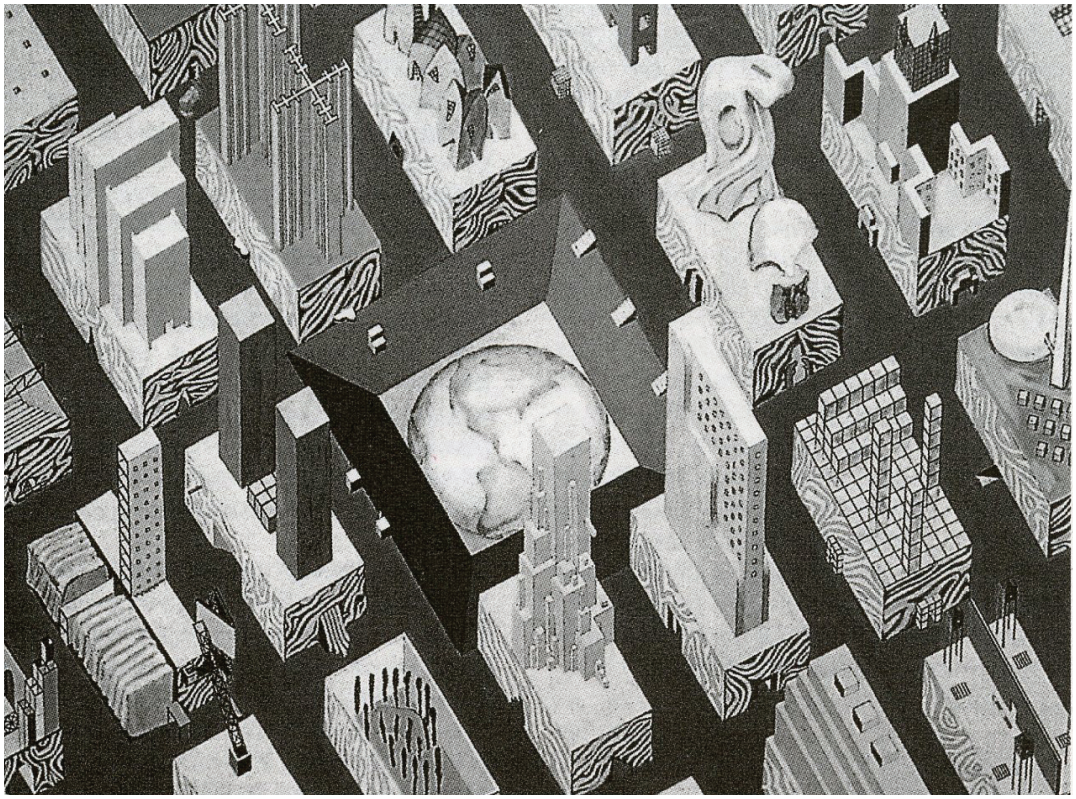


fig.207 OMA: A cidade do globo cativo (1972)

Segundo Chinedu Umenylora,[59] não é certo que os projectistas possam desenhar boas comunidades, no entanto poderão assistir e promover que elas se desenhem autonomamente.[60]
A grande vantagem da auto-construção é a capacidade de criar trabalho, educação e sentimentos de comunidade e identidade, através da difusão de conhecimentos arquitectónicos. No entanto, isto só acontecerá montando um sistema de *bottom-up,* com workshops e "clínicas de consulta", só assim se torna possível estabilizar uma interacção entre o construtor/habitante e o arquitecto/advogado que apoia o desenho.

Temos, necessariamente, que distinguir as novas práticas de participação das descobertas sociológicas, urbanas e arquitectónicas de John Turner ou Carlos Nelson dos Santos; no entanto, estes novos arquitectos poderão também estabelecer renovadas visões sobre realidades normalmente desprezadas e propositadamente esquecidas, o que, no momento de crise que vivemos, poderá contribuir para renovação da crítica social do meio arquitectónico e da postura do arquitecto na sociedade.

## 3.3. Participação na cidade consolidada

Na cidade consolidada o lugar da participação na construção do habitat é cada vez mais reduzido. Se por um lado o espaço urbano contemporâneo se caracteriza pela constelação de hiperarquitectura e pela ausência de espaço público qualificado, prenunciados por Rem Koolhaas,[61] por outro lado, a especialização dos laços afectivos identificada por François Ascher,[62] diminui o contacto das pessoas na vida pública. Sobra, assim, pouca margem para a mobilização, o colectivismo e o *"Le droit a la Ville"* que proclamou Henri Lefebvre.

*"Not all architecture, not all program, not all events will be swallowed by Bigness. There are many "needs" too unfocused, too weak, too unrespectable, too defiant, too secret, too subversive, too weak, too "nothing" to be part of the constellations of Bigness."*[63]

No entanto, tal como pressagia Koolhaas, vai sempre existir o lugar à subversão e às ínfimas vontades dos habitantes. E é nestas vontades que está a indeterminação do organismo urbano, que excede símbolos e significados unos, e que é provocada pelos desejos múltiplos e infinitos dos seus habitantes.
Segundo François Ascher, cada vez mais a cidade é determinada por estes desejos, a espontaneidade urbana é a resposta ao quotidiano, logo, evidencia a participação das pessoas, que se tornou uma das exigências da sociedade contemporânea.
Por este motivo, as políticas urbanas que exageram no controlo, como o *New Urbanism* americano,[64] e que normalmente possuem soluções inadaptáveis, dificilmente servirão para

[59] Chinedu Umenylora é um arquitecto que explora o papel da sua disciplina como um corrector de capacitação. Trabalhou, normalmente, em projectos de pequena escala, promovendo a auto-construção e o desenvolvimento do sentimento comunitário. Já foi premiado com uma medalha do RIBA.
[60] **Umenylora**, Chinedu*: Empowering The Self-Builder* (2000) In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.210
[61] **Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995).
[62] **Ascher**, François (2001). p.59
[63] **Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995). p.516
[64] Segundo Ascher o New Urbanism Americano remete para três tipos de práticas: estilo estético, do tipo contextual e muitas vezes pastiche e kitsch; o desenho urbano, de ruas, de espaços públicos e de alta densidade; e modos de urbanização, baseados na mistura funcional e social, no uso de transportes públicos e na luta contra a expansão urbana. Consiste numa tentativa de formular uma carta de urbanismo, com princípios longe de serem inovadores, mas que rompem com as formas urbanas com que cresceram as cidades dos Estados Unidos.

fig.208 (esq) Bairro da Sé.
fig.209 (dir) edifício em processo de reabilitação com o apoio da SRU (Avenida da Ponte)

fig.210 (esq) Cartaz do colóquio: Report.
fig.211 (dir. cima) fotografia tirada durante a parte da tarde do colóquio.
fig.212 (dir. baixo) fotografia tirada durante o workshop de desenho para crianças, do GRUA

requalificar as formas urbanas que surgiram de forma espontânea. E como indica Ascher, deverá acabar-se com a nostalgia da cidade densa e contínua, pois a cidade de hoje é composta por múltiplos espaços, velocidades e telecomunicações variadas.
Neste sentido, a visão do planeador urbana não deve ser imutável, deve ser reflexiva da realidade em que actua, e, tal como fizeram os projectistas do *Favela-Bairro*, articular experiências e vontades dos habitantes. Só após vários avanços e recuos se deve montar uma estratégia pragmática e oportunista que responda às necessidades das metápoles.[65]
Então, como nos indica Ascher, como proclamava Paul Davidoff e desejava Denise Scott Brown,[66] o planeamento deve ser um processo, nunca um produto concluído, que se deve desenvolver de forma natural e reflexiva, com a participação de todos os actores urbanos.

*"Under the seeming disorder of the old city, wherever the old city is working successfully, is a marvellous order for maintaining the safety of the streets and the freedom of the city."*[67]

## O "regresso à baixa"

Como nos aponta Jane Jacobs é na cidade histórica que o processo participativo de fazer cidade é mais natural. No entanto, no caso dos centros históricos da maioria das cidades portugueses este processo foi desvirtuado pelo abandono urbano.
No caso da cidade do Porto,[68] o sociólogo Virgílio Borges Pereira apelida este estado de "(e)terna anomia",[69] caracterizada pela divisão entre classes, pela desertificação e pelo envelhecimento da população, que provocou a solidão quotidiana, o confinamento doméstico e o aumento da insegurança.
Apesar da participação na cidade ser identificada como uma exigência de uma sociedade democrática, a cidade do Porto e o seu centro histórico não transmitem essa necessidade, sofrendo cada vez mais com a individualização e a especialização dos laços afectivos, factores que dificultam o encontrar de uma vontade colectiva de requalificação urbana.
Por este motivo, é difícil imaginar a aplicação dos sistemas evidenciados neste trabalho no centro histórico portuense; todavia não parece de todo inviável, parecendo mesmo urgir, a necessidade da criação de novos sistemas ou mecanismos que, com os mesmos princípios participativos, desenvolvam as capacidades construtivas dos habitantes, promovam o colectivismo, a apropriação espacial, a pró-actividade e até o empreendorismo e investimento de capital.

A formação e o sentido pedagógico seriam lógicas fundamentais para afastar os habitantes dos dispositivos e das rotinas do consumismo e do capitalismo e para promover um *sistema de reabilitação participativa* que para além dos benefícios económicos, materiais, simbólicos e sociais que poderia provocar, garantisse um desenho sustentável da cidade e da cidadania.
Só através desta formação seria possível fomentar uma postura pró-activa dos habitantes, que ultrapassasse rapidamente os processos burocráticos e formalistas centralizados[70] e desman-

[65] *"vastos territórios à escala dos quais se organiza a vida urbana, doméstica e económica, formando um espaço urbanizado extenso, descontínuo, heterogéneo, poli-nuclear, que integra no mesmo conjunto cidade densa e neo-rural, pequena cidade, vila e subúrbio."* **Ascher**, François (2001). p.105

[66] **Scott Brown,** Denise (2009). p.33

[67] **Jacobs**, Jane (1961). p.58

[68] A cidade do Porto aparece como exemplo demonstrativo, por ser a cidade que habito e por ser o caso de estudo onde incidiram os debates e as actividades do grupo GRUA - Grupo para a Revitalização Urbana Agora. (ver anexo 1, p.183)

[69] **Pereira,** Virgílio Borges (2010) Durante o colóquio organizado pelo grupo GRUA: *RePort: colóquio sobre reabilitação urbana e impacto social.* (18/3/2010).

[70] Segundo Manuel Fernandes Sá, a maior parte das participações de um projecto aparece depois de este ter sido aprovado e, normalmente, são reivindicações de cariz individual. Nestes casos a participação é mal feita, uma vez que esta deve existir durante processo. Para este arquitecto, apenas muito recentemente, após aplicação da nova legislação, é que se começou a fazer uma participação mais válida. (**Fernandes Sá,** Manuel, comunicação pessoal, 18/11/2010)

fig.213 (esq) Interior do "emparcelamento"do quarteirão do Corpo da Guarda.
fig.214 (dir.) Edifício do quarteirão do Corpo da Guarda (em reabilitação)

fig.215 (esq) Casa da Rua Nova, Guimarães - edifício de origem medieval (onde funcionou o GTL)
fig.216 (dir) Edifício em reabilitação no Largo do Toural, Guimarães

fig.217 Casa para alugar, no Lardo do Toural, em Guimarães.

telasse a alienação provocada pelos "mitos" urbanos, como o automóvel, as cidades modelo, os programas de embelezamento do centro histórico ou os nódulos de arquitectura de alta qualidade.[71] Para o italiano Giancarlo De Carlo estes mitos apenas fomentam a fragmentação social e a segregação urbana do espaço físico e quotidiano, logo, torna-se fundamental não apostar em incentivos que possam levar a uma "nobilitação"[72] ou "turistificação" urbana.[73]

*"Bom, só há uma maneira: é seduzir. Vamos seduzir as pessoas para a operação de reabilitação. Vamos explicar-lhes que, tal como o sistema político e económico diz, a propriedade privada é dos privados, a pública é pública. Ou seja, a câmara toma conta, reabilita, intervenciona e dá o exemplo, do ponto de vista formal e do modelo arquitectónico, nos espaços da sua competência, e os privados têm de reabilitar os seus edifícios. Porque é este o nosso entendimento: os privados têm que ser responsabilizados pelo seu património. Nós podemos ajudar."*[74]

Deve-se combater todos os pré-conceitos, mas se queremos reabilitar o centro histórico, tal como nos diz a arquitecta responsável pelo Gabinete Técnico Local (GTL)[75] de Guimarães, Alexandra Gesta, devemos replicar as práticas dos processos históricos, de forma a manter a identidade e as estruturas morfológicas e sociais que lhe são inerentes.
A sedução deve, então, induzir para uma reabilitação caso a caso,[76] como defende Manuel Fernandes Sá, e aí é que poderia actuar o *sistema de reabilitação participativa*, apoiado no encontro flexível entre a oferta e a procura, fugindo dos actuais projectos que mimetizam a oferta já existente em outros bairros da cidade.[77]
Segundo François Ascher existe uma parte da população que *"gosta mais da cidade"*[78] e que está pronta a sacrificar a superfície habitável para viver no centro. Logicamente, esta será a parte a mais susceptível a intervenções urbanas que envolvam a participação. Contudo, a complexidade actual não compactua com estereótipos, tornando necessário entender as várias formas de vida e perceber que as classes sociais se fundem e se dividem por ocupações e tempos livres e não permitem tipologias espaciais muito definidas.
Para tornar possível a implementação de um *sistema de reabilitação participativa* é fundamental uma transversalidade dialogante entre instituições, sejam elas académicas, públicas ou privadas, e as várias municipalidades, facto que raramente aconteceu.[79] Só com esta transversalidade se conseguiria gerir proactivamente os recursos de forma persistente, munir o sistema de massa crítica e legitimar a intervenção.

[71] **De Carlo,** Giancarlo (1980).

[72] Como teme Nuno Grande, a projecção mediática actual da baixa e a promoção imobiliária, se não for controlada, poderá levar a uma "nobilitação" da baixa portuense. (colóquio: *RePort,* 18/3/2010)

[73] Álvaro Domingues sugere a necessidade de diminuir a fasquia das expectativas para o centro histórico, já que com a exposição actual poderá resultar uma *"turistificação"* da Baixa, onde as iniciativas, privadas ou públicas, não sendo articuladas entre todos os actores e instituições, poderão não possuir um carácter que lhes permita perceber a lógica global em que se inserem. (colóquio: *RePort*, 18/3/2010)

[74] **Gesta,** Alexandra (2006).

[75] O Gabinete Técnico Local de guimarães foi criado em 1981, no âmbito do Programa da Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD), e serve de apoio à Câmara Municipal na conservação e sustentação do património urbano.

[76] Fernandes Sá, Manuel, comunicação pessoal, 18/11/2010 - (ver pag.18)

[77] Caso flagrante deste mimetismo é a intervenção no quarteirão do Corpo da Guarda, apoiada pela Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU-Porto Vivo), a empresa de capitais públicos, do Estado (IHRU) e da Câmara Municipal do Porto, que tem como missão conduzir o processo de reabilitação urbana da Baixa Portuense.

[78] François Ascher pensa que este grupo está em expansão, estimando que cerca de 40% da população já vive segundo estes princípios. (**Ascher**, François - 2001. p.59)

[79] *"No caso português, além dos receios regionais e apesar da favorável dimensão relativa dos nossos municípios, a intermunicipalidade raramente deu provas convincentes de solidariedade e de aproveitamento das economias de escala para a gestão urbana."* **Portas,** Nuno (2001) In **Ascher**, François. p.14

fig.218 Cartaz do workshop: “don’t forget, it’s TOO LATE!” do grupo chileno supersudaca, na Culturgest, Porto.

fig.219 Intervenção dos Free: “Não podes comprar um mundo novo (isto é felicidade/tu não estás perdido).”

Conformada esta transversalidade, a arte, os movimentos criativos e a Universidade poderiam ter uma grande relevância na formulação deste sistema. Como certifica a curadora Tracy Myers,[80] o facto dos artistas ou dos arquitectos verem potencial em algo, muda e sugere às pessoas várias formas de viver e dar valor ao seu habitat, sendo, por isso, necessário aproveitar esses estímulos criativos; não apenas através de pequenas intervenções do espaço público ou de microempresas, mas embeber novas ideias, simples e eficazes, na economia, nas relações sociais, nas rotinas e nas políticas da cidade.

Um exemplo desta capacidade artística é a recente iniciativa da Culturgest: *"When Guests Become Host,"* que tenta promover uma nova forma de olhar o centro do Porto.[81]

Desta acção destacam-se os Supersudaca pelo workshop *Too late!*, que promovem uma nova visão de rituais, lugares e acontecimentos que foram deixando de se afirmar na cidade, lançando uma alternativa à identidade rótulo da cidade turística.

Mas a iniciativa que mais interessa perceber para a formulação do *sistema de reabilitação participativa*, é a do conjunto WochenKlausur, que trabalharam de uma forma mais concreta os problemas sociopolíticos, lançando o debate sobre o *"Património Desocupado."*[82] Propondo para o centro do Porto, um modelo de recuperação das habitações, em que estudantes recuperariam as casas em troca de habitação gratuita.

Este debate relança a importância de um tipo de ocupação controlado, em que uma camada social minoritária, poderia provocar dinâmicas de desenvolvimento e novos sistemas económicos, mais informais mas ao mesmo tempo mais sustentáveis.

A utilização da auto-construção no centro seria uma grande novidade e, provavelmente, complicada de implementar, mas desde que existisse uma boa estrutura de apoio e a assistência, talvez fosse possível. E, tal como nos casos de participação estudados, talvez conseguisse lançar novos paradigmas nas lógicas de habitar do centro, que hoje, dificilmente promovem a apropriação espacial e a vida em comunidade.

*"Unless there is a social force counterbalancing the power of capital and of the state, no sensitive planning, no large-scale architectural creativity can be implemented."*[83]

## A qualidade urbana da Cova da Moura

Actualmente um dos locais em Portugal onde se vive mais de perto este sentimento comunitário e as dinâmicas urbanas provocadas pela auto-construção e pelo associativismo é o Bairro da Cova da Moura, na Amadora.[84]

O bairro possuí características urbanas muito semelhantes a algumas favelas do Rio: está isolado em relação à cidade em volta, limitado pela larga e extensa Avenida da República e por extensos blocos habitacionais limítrofes; tem um privilegiada situação topográfica; e é morfologicamente marcada pela informalidade.

[80] **Myers,** Tracy (2007): *Introduction, a conversation with Andrew Blauvelt and Tracy Myers.* **Solomon**, Katherin, In **Blauvelt,** Andrew, ed. (2008) p.19-20

[81] Esta iniciativa contou com a participação dos já mencionados Supersudaca, dos WochenKlausur, um conjunto artístico alemão que promove a crítica e o debate de paradigmas sociopolíticos estabelecidos, e dos Free, que aplicaram uma intervenção artística no comercio tradicional da baixa portuense, com slogans provocantes, promovendo um novo mundo para ocupar o mesmo lugar. A curadora da exposição foi Danielle Van Zuijler.

[82] O debate *Património Desocupado* foi uma conversa entre uma jornalista, Patrícia Maria Carvalho, um sociólogo, Paulo Castro Seixas e um arquitecto, Nuno Valentim.

[83] **Castells,** Manuel (1984): *Commentary on Bologna/Orcasitas/SAAL.* In **Hatch**, C. Richard. p.284

[84] O Bairro da Cova da Moura situa-se numa quinta ocupada clandestinamente, situada entre a Buraca e a Damaia. A sua ocupação foi iniciada na década de 1960, com a chegada de alguns retornados e imigrantes. Hoje é um um bairro com cerca de 6000 habitantes, em que 50% tem menos de 20 anos, definido pela auto-construção dos habitantes e algumas infra-estruturas e equipamentos, que se desenvolveram a partir da organização da população.

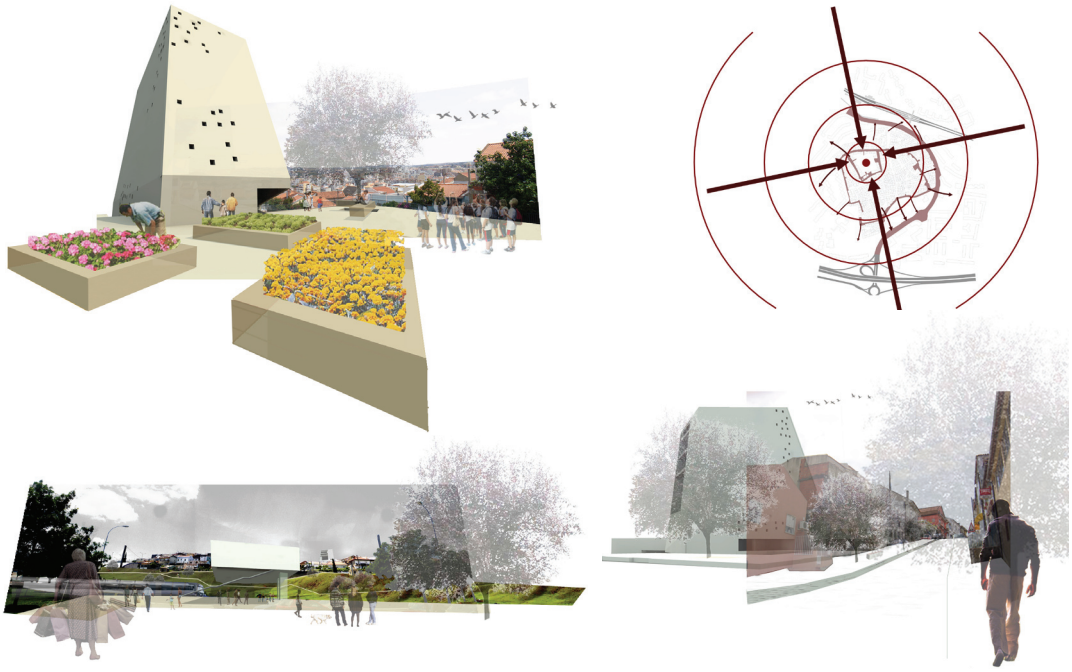


fig.220 (dir.cima) Esquema conceptual do projecto"Kozé Culturas" (concorrente na Trienal, 2010) - A ideia era "coser" a Cova ao resto do território, através de uma intervenção urbanística que partia de um edfício central de agregação comunitária e se desenvolvia concêntricamente ao longo da peculiar estrutura urbana.
fig.221 (esq.cima+esq. baixo+dir.baixo) Imagens da proposta.

fig.222 (esq) Vendedores de rua na Cova da Moura.
fig.223 (dir) Festa na Associação Moinho, Cova da Moura.

fig.224 Miúdos a jogar junto à creche e à Associação Moinho, Cova da Moura.

Até muito recentemente, era conhecido pela insegurança e pelo tráfico de droga; no entanto, actualmente, talvez motivado pela conjuntura da crise e o súbito interesse nas práticas da participação, gerou-se um peculiar interesse por este pedaço da cidade.[85]

*"A house can be a home if and only if it is minimally accessible, provides minimum shelter, and a minimum security of tenure. But, as the cases show and as everyone's own experience shows, these limits are immensenly variable."*[86]

A "Casa" alcança uma posição de excelência neste contexto, as suas qualidades, sejam elas estéticas, de conforto ou funcionais. Definem e moldam, não apenas a sua aparência, mas todas as pessoas que têm por ela um sentimento de pertença e que não vivem nela, mas habitam-na.
São as casas, ilegais e auto-construídas que formam a riqueza e imprevisibilidade espacial única do Bairro, próprias de uma *promenade architectural* que se percorre instintivamente, definindo diversos arruamentos que se podem dividir hierarquicamente: uma importante *radial*, duas *transversais Norte/Sul* e em pequenas ruas de pouca definição, perfiladas por largos ou cruzamentos que vão albergando uma viva mescla de culturas.
A proximidade entre as pessoas, as dificuldades sociais partilhadas entre todos os habitantes e o isolamento acentuam o sentimento de comunidade, a ajuda mútua e a solidariedade.
Consequentemente, a relação directa da casa com a rua, os espaços interiores exíguos e esta convergência social levou a apropriação do espaço em torno da habitação; consequentemente a rua torna-se no espaço de convívio e de trocas sociais por excelência.

*" There is a short word for this assumption of support: trust. The trust of a city street is formed over time from many, many little public sidewalk contacts."*[87]

Jane Jacobs fala-nos de um equilíbrio harmonioso e inexplicável, que a cidade, aparentemente desordeira, parece garantir. Esse equilibro é garantido por várias variáveis que em conjunto, formam as nossas cidades: a privacidade, os diferentes tipos de relacionamentos, as obrigações sociais, as viagens, os favores mais quotidianos, etc.
À imagem das *favelas* no Rio, também o bairro da Cova da Moura, desordeiro, como a cidade que Jacobs enfatiza, promove as relações quotidianas, ao contrário do processo actual de enfraquecimento. E tal como nas *favelas,* o problema da Cova da Moura não está nas habitações, mas na integração urbana do bairro.
Se olharmos para a forma de intervir de Nelson dos Santos, ou mais recentemente do *Favela-Bairro*, percebemos que a solução para o bairro não está num sistema de *top down*, mas num sistema de *bottom up,* que promova o controlo da especulação e a integração urbana da Cova com os bairros circundantes.
Assim sendo, a melhoria das condições de habitabilidade na Cova da Moura implica as casas que já existem, construídas e mantidas pela autodeterminação da população, mas essencialmente, implica espaços e equipamentos colectivos de qualidade e um investimento claro no desenho do espaço público.
A Cova da Moura é hoje um lugar que confirma a validade do pensamento participativo formulado na década de 60, por Henri Lefebvre, Chombarte de Lauwe, John Turner, Carlos Nelson dos Santos, Giancalro de Carlo, Aldo Van Eyck...

[85] Este interesse evidencia-se nos recentes documentários sobre o Bairro e no concurso académico de reabilitação da Cova da Moura para a Trienal de arquitectura de 2010, no qual tive a oportunidade de participar. (ver anexo2, p.187)
[86] **Turner**, John F.C. (1976). p.97
[87] **Jacobs**, Jane (1961). p.70

# Considerações Finais

Segundo Giancarlo de Carlo, toda a sociedade se conserva contra a participação: os políticos porque estimula a intervenção e crítica directa, colocando em questão o sistema de representação e delegação; os administradores locais porque pode provocar conflitos com programas estabelecidos; os administradores públicos e técnicos oficiais porque altera a sua rotina e a sua postura burocrática; os profissionais porque destrói os privilégios da sua especialização, tornando-os desnecessários; os académicos porque teriam que rever o seu modo de ensino e de pesquisa...

*"To the others change is unwanted, least it should somehow undermine the status quo that holds their world together. We in the richer nations must work together with our struggling partners in order to achieve change for the better, and the leaders of struggling nations must focus on the plight of their impoverished people."*[88]

Como indica o arquitecto Chinedu Umenylora, para resolver os problemas actuais devemos ter uma postura pró-activa e aberta à alteração para melhor, sempre com o objectivo de ajudar a criar comunidades que sejam fontes de riqueza e igualdade, coisa que, segundo Alejandro Aravena, nunca foi alcançado. [89]
A participação pode levantar problemas como a qualidade do ambiente urbano, ou a qualidade do edificado, e, neste campo, a assistência técnica de arquitectura é fundamental, com mais ou menos decisão, dependendo do caso e do contexto. Então, os princípios ideológicos e os valores criativos do arquitecto devem ser ferramentas indissociáveis de qualquer projecto, mas para criar cidade e arquitectura que responda às necessidades reais dos habitantes, o arquitecto deve manter uma postura interdisciplinar e aberta a opiniões e sugestões, demonstrando o tal carácter "esquizofrénico" identificado por Denise Scott Brown.[90]

*"Cultural innovation, grassroots mobilization, and political change could produce a major leap forward to a new urban frontier – with the understanding that only if people control the city, will cities actually be built for people."*[91]

Analogamente ao que é o mencionado por Alejandro Aravena, os *think-tanks* conseguem actuar sozinhos e moldar novas formas de pensar, mas os *do-tanks* necessitam da mobilização de grupos, de modo a fortalecer-se e a intervir socialmente. Só com o apoio dos habitantes e um imaginário colectivo, é que se pode garantir que as boas ideias não fiquem reféns das utopias intelectuais e ganhem forma e presença.
Segundo Ascher, devemos entender a participação como uma necessidade às exigências da sociedade contemporânea, não como alternativa, mas como complemento aos sistemas representativos, com actores preparados para a reflexão que deve advir desta participação.

[88] **Umenylora**, Chinedu (2000)*: Empowering The Self-Builder* In **Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors. p.210
[89] **Aravena**, Alejandro (2007).
[90] Ver pag.35
[91] **Castells**, Manuel (1984): *Commentary on Bologna/Orcasitas/SAAL.* In **Hatch,** C. Richard. p.285

O "neo-urbanismo" que este pensador defende é portador de uma atitude ambiciosa, de mais conhecimentos e mais democracia, necessitando, por isso, de uma nova postura ética e deontológica no planeador, sem arquétipos e tipologias pré-definidas, uma postura de negociação em relação à regra estabelecida, *"da solução ad hoc em relação à norma."*[92]

*"Falar de democracia participativa não faz portanto grande sentido. Contudo, é preciso insistir na importância crescente deste "momento participativo", que se inscreve igualmente numa redefinição das formas de construir o interesse geral."*[93]

Só através da participação e apropriação espacial se pode combater o declínio da cidade "enterrada" por Rem Koolhaas,[94] vendo a arquitectura não como um mero exercício inocente, ou o arquitecto como um herói neutro que deixa a sociedade acontecer, mas como uma disciplina que poderá formar e potenciar novas formas de formação e actuação cívica.
Se cada vez mais nos culpamos pelo individualismo e sedentarismo social que criámos ao longo dos últimos anos, talvez seja hora de *"visitar aqueles lugares nos quais não se compreende bem onde termina o desenho do arquitecto e começa a apropriação do utente. Nesses lugares, a cidade realmente aconteceu."*[95]
São estes lugares que mais facilmente proporcionam o reflectir sobre as nossas próprias formas de vida. Tal como inspiriram os pensadores da década de 1960, talvez inspirem os arquitectos contemporâneos a pensar em renovadas formas de potenciar a autodeterminação, que cada vez mais parece rarear nos tempos que vivemos.

Tal como desejou Giancarlo De Carlo, no inicio dos anos 80, quando já se expirava o momento áureo da arquitectura da participação, talvez os novos pensamentos provocados pela precariedade das respostas arquitectónicas aos problemas reais e quotidianos das pessoas, gere um repensar do processo criativo arquitectónico, e quem sabe o trabalho do arquitecto produza soluções cada vez menos rígidas e inalteráveis e comece a extrair soluções de confrontos e mind-stormings com clientes, usuários ou habitantes.
Só assim se conseguirão provocar novas práticas que proponham a participação "democrática" das pessoas, alcançando-se novos limites para os processos arquitectónico e urbanístico, e até novos quotidianos, mais humanistas e colectivos.

*"I believe that architecture in the future will be characterized by an increasing participation of the user in its organizational and formal definition. But, in an effort not to confuse my predictions with my hopes, I ought rather to say that in my opinion contemporary architects must do everything possible to make architecture less and less the represention of its designers and more and more the represention of its users."*[96]

[92] **Ascher**, François (2001). p.89
[93] **Ascher**, François (2001). p.130
[94] **Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995). p.1264
[95] **Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006).
[96] **De Carlo,** Giancarlo (1980). p.395

# Anexos

ITINERÂNCIAS
colóquio

# RePort

## "Sorria está na baixa"

Vitório Vasconcelos Leite e Tiago Trigo

*"RePort: Colóquio sobre reabilitação urbana e impacto social"* é o nome de um evento promovido pelo G.R.U.A. (Grupo para a Revitalização Urbana Agora!) que, dando continuidade a preocupações já expressas pelo corpo discente e docente da FAUP em iniciativas anteriores[1], procurou reunir um conjunto de intervenientes que permitisse debater a série de transformações urbanas que actualmente ocorrem na cidade do Porto e, ao mesmo tempo, proporcionar e amplificar um desejado encontro entre esta e a própria Universidade.

Partindo do centro histórico, área que mais investimentos e projectos atrai, mas não restringindo o debate a esta zona, procurou-se conhecer as novas propostas de reabilitação da cidade, que em muitos dos casos representam um campo de oportunidades díspares, com problemas sociais e demográficos evidentes.

Neste contexto, importa frisar que, como referiu Virgílio Borges Pereira, "a (e)terna anomia" do centro alcançou um ponto de abandono urbano extremo caracterizado pela divisão entre classes, com consequências para a coesão social, mas também, fruto da sua desertificação e envelhecimento, a solidão quotidiana, o confinamento doméstico e o aumento da insegurança.

É por isso, que, contrariamente a algumas das propostas apresentadas pela Porto Vivo – SRU[2], encarar o mercado imobiliário como âncora poderá não ser suficiente, já que mais do que atrair novo público é premente fixar na zona os descendentes dos actuais moradores.

Não o fazer será incorrer em erros do passado, como a "state police gentrification"[3], referida pelo sociólogo como um erro fomentado pela pressão de investidores privados.

Em primeiro lugar, será necessário combater pré-conceitos. Se nos lembrarmos que, tal como dizia Carlos Guimarães, "a noção de Património é algo imposto", pois o conjunto urbano que o conforma não foi pensado na sua origem com tal preponderância, poderemos mais facilmente compreender que, como referia o arquitecto Souto de Moura, equiparar o património arquitectónico ao "património familiar"[4] será condição necessária para aumentar a consciencialização em torno dele e assim criar uma noção de "emergência" arquitectónica.

G.R.U.A., Colóquio "Re-Port", Porto, 2010.

Uma destas emergências é a perversão actual do crescimento "lote-a--lote" que seguia os eixos pré-determinados do desenho da cidade "agor histórica por parte da SRU já que a sua actuação assenta numa lógica de intervenção "quarteirão-a-quarteirão" que, embora mais imediata, implica uma intervenção que não mantém a morfologia original e, em muitos casos, incorre mesmo no emparcelamento ou na fragmentaç de edifícios para adequação às tipologias tidas como necessárias[5].

Também relevante é o facto de se associarem tais necessidades a um público-alvo de recém-licenciados que, segundo descrito no Masterplan da SRU, possui um "elevado poder económico a médio prazo" ficando no ar a dúvida se este será um erro na definição do próprio públic alvo ou uma ambígua imprecisão na definição das suas características.

Esta afirmação, aliás, parece dar seguimento a uma outra, evidenciada durante o colóquio, em que Arlindo Cunha, presidente da Porto Vivo, definia a Baixa como "roupa de marca" – com isto querendo dizer tratar-se de algo com projecção mediática –, metáfora que todavia facilmente poderá ser associada, como dizia Nuno Grande, a uma 'nobilitação' da zona, o que poderá dificultar a sua apropriação devido ao desajuste entre a oferta e quem procura já que, na sua opinião, será os novos agregados familiares – "jovens casais, famílias monoparentais e homossexuais" – que terão interesse em ocupar espaços de configurações mais reduzidas.

Torna-se portanto obrigatório conciliar estas duas esferas, definindo com clareza o público-alvo e eliminando os preconceitos existentes que insistem em associar, mesmo contrariando casos recentes[7], áreas de habitação reduzida a falta de procura comercial, algo que não é sinónimo e que leva a que se adoptem modelos tipológicos baseados em políticas de mercado neo-liberais que mimetizam a oferta já existen em bairros nobilitados na beira-rio e na frente atlântica, desvirtuando o carácter actual da zona histórica que, pela originalidade, poderia constituir uma oportunidade de mercado.

Tal postura vem contrastar, por exemplo, com o modelo de intervenção na cidade de Guimarães, onde não é permitida a adaptação tipológica do centro histórico já que, segundo refere a arquitecta Alexandra Gesta "se as pessoas querem o centro têm de o querer de verdade, não pode fingir"[8].

No contexto do Porto, ainda assim, bem longe de "adoptar", o verbo reinante é "adaptar".

Esta adaptação traz também consigo o tema do estacionamento muitas vezes precocemente, e de forma errada, assumido como absolutamente necessário. Nesta área a própria SRU é contraditória, referindo no Masterplan a necessidade de "facultar aparcamento aos residentes com aumento da oferta"[9] mas, ao mesmo tempo, "alargar os passeios e preterir os automóveis relativamente aos peões"[10,11].

Acresce a isto que, em todas estas transformações, subsiste o traço comum de políticas "fachadistas" que, de forma silenciosa porque



Artigo sobre o RePort - Arq/a, 80/81, Maio/Junho de 2010

Intervenções no centro histórico do Porto.

pouco evidente, vão minando a cidade real, como é exemplo a actual transformação do antigo Palácio das Cardosas ou a mudança prevista para o Mercado do Bom Sucesso.

A nota dominante do colóquio, ainda que de dissonância entre as propostas apresentadas e o universo docente e discente da faculdade, prova que apenas mobilizações deste tipo poderão contribuir tanto para um esclarecimento das actuais políticas de reabilitação como para a formação de uma massa crítica capaz de reivindicar a execução rápida dos planos de reabilitação, acelerando para isso os seus processos de debate e divulgação, para que se evitem posteriores retrocessos na sua execução.

Tal como sugeriu Álvaro Domingues, é necessário diminuir a fasquia das expectativas para o centro histórico, já que desta exposição poderá resultar uma 'turistificação' da Baixa onde as iniciativas, não sendo articuladas entre todos os actores e instituições, poderão ganhar um carácter experimentalista que não permita perceber a lógica global em que se inserem.

Por outro lado, num âmbito mais vasto, não se poderá continuar a menosprezar o diálogo intermunicipal sobre estas transformações, algo que segundo Paulo Valença é inexistente, para que não se acabem anulando mutuamente.

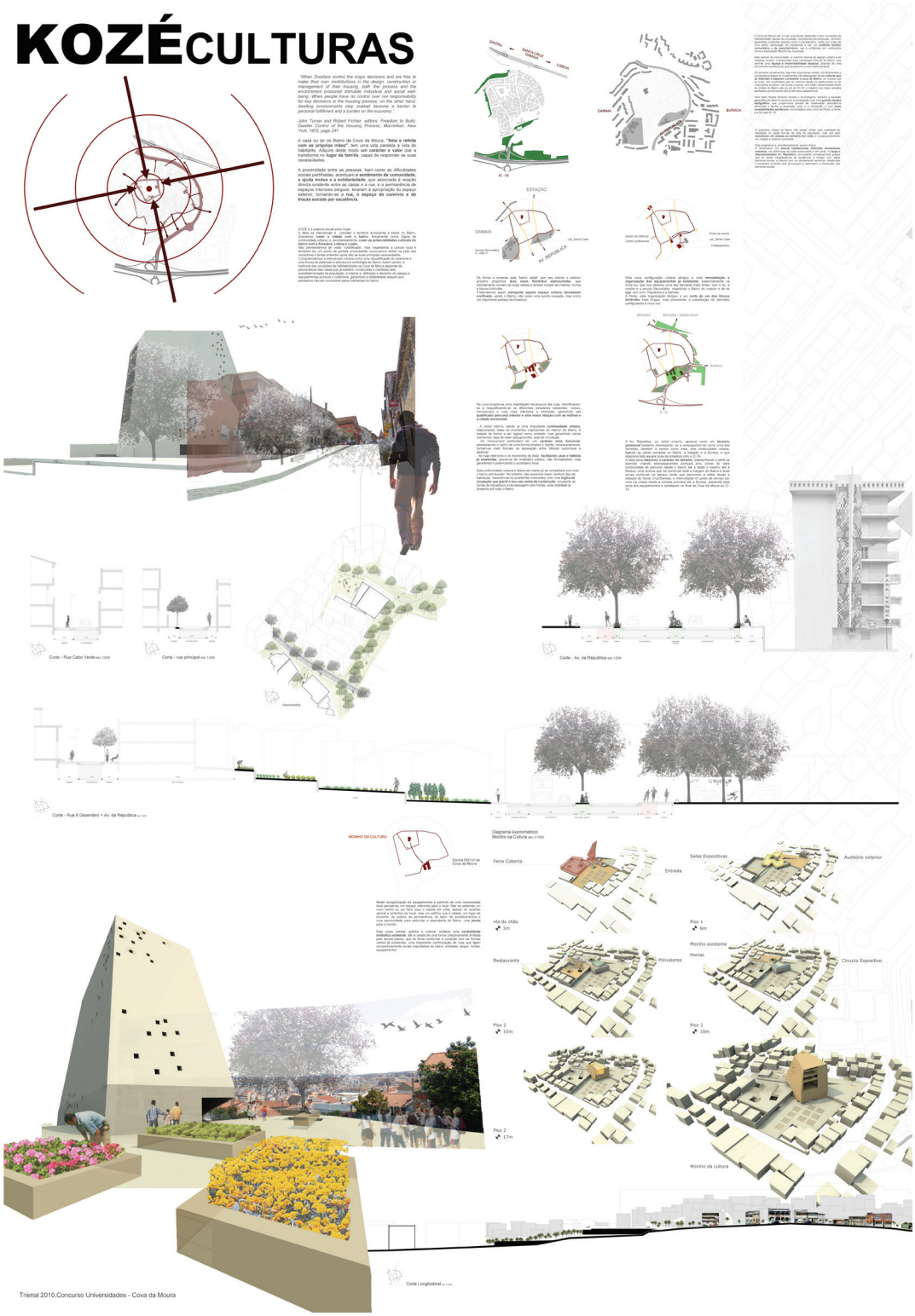
Apenas com informação se poderá assistir ao envolvimento de todos os actores que intervêm na mudança de uma cidade que, basta recordarmo-nos do episódio Coliseu/IURD, regista episodicamente fenómenos de grande participação que contrastam com períodos de maior apatia geral.

É também da arquitectura e dos arquitectos a responsabilidade de, muitas vezes, reduzirem as suas propostas à busca de lugares com qualidade espacial, esquecendo-se da necessidade de neles tornar mais evidente as ideias e os princípios que pautam a sua formação e actuação cívica.

RePort. 17.03.2010. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) Carlos Guimarães, Arquitecto - Paulo Valença, Arquitecto (Porto Vivo) - Virgílio Borges Pereira, Sociólogo - Rui Loza, Arquitecto - Nuno Grande, Arquitecto - Álvaro Domingues, Geógrafo - Pedro Guimarães e Tiago Castro Santos, Arquitectos (NOVOPCA) - Braz Pereira, Gestor (Porto Vivo) - Marta Campos, Arquitecta (Arquitectos Sem Fronteira Portugal) ■

1 São disto exemplo os ciclos "Porto Redux" (2008), "Inner City" (2009) e "Partip(acção)" agora (2009).
2 Sociedade de Reabilitação Urbana - empresa de capitais públicos, do Estado (IHRU) e da Câmara Municipal do Porto, que tem como missão conduzir o processo de reabilitação urbana da Baixa Portuense.
3 Conceito de políticas estatais de enobrecimento urbano que normalmente resultava na expulsão de moradores pertencentes a classes sociais menos favorecidas, revitalizando-se posteriormente tais áreas que, subitamente, viam o seu valor imobiliário aumentar.
4 Metáfora utilizada durante a conferência *Urbi et Orbi*, do ciclo "Olhares Cruzados" realizado na Universidade Católica do Porto em 18 de Março de 2010, em que se dizia que a cura da doença de um familiar era sempre encarada como algo prioritário, tal não acontecendo no caso da arquitectura, em que muitos edifícios ficavam eternamente em lista de espera.
5 Esta adaptação está prevista no Masterplan da SRU – Porto Vivo, 2005 p. 9.
6 Masterplan da SRU - Porto Vivo, 2005, p. 10.
7 É disto exemplo a segunda fase da construção do Bairro da Bouça, projecto de Álvaro Siza Vieira, alvo de grande procura apesar de se tratarem de apartamentos de dimensões mínimas.
8 «Política e cidadania: entrevista a Alexandra Gesta», in *Arquitectura e Vida*, nº 70, Abril de 2006, p. 36.
9 Masterplan da SRU - Porto Vivo, 2005, p. 18.
10 Masterplan da SRU - Porto Vivo, 2005, p. 20.
11 Esta contradição é ainda mais evidente quando se olha para as imagens do painel de promoção imobiliária que cobre o edifício a ser reabilitado na rua Mouzinho de Silveira, e quando se repara no estacionamento apresentado pela SRU – Porto Vivo e descrito pelo artigo de Pedro José Barros, no semanário Grande Porto de 19 de Março, depois de uma entrevista a alguns dos intervenientes do colóquio: "Estacionamento "faraónico" da Porto Vivo gera polémica"- "Numa primeira fase, a ideia é construir uma infra-estrutura para 400 lugares, a concluir nos próximos três anos, desde a zona do Largo de São Domingos, local onde se localizará a entrada e saída dos automóveis, até meio da Rua das Flores".

# Cova da Moura




Cartaz participante no concurso da Trienal de Arquitectura: Falemos de Casas (Junho de 2010)

Estação Intermodal
Hortas
Moinho da Cultura
Ecoponto
Lote habitacional a Construir
Edifício de Saúde
Edifício Profissionalizante
Polidesportivo
Lar de Idosos
Escola
Planta
Corte Longitudinal
Trienal 2010,Concurso Universidades - Cova da Moura

# Bibliografia


**Abalos**, Iñaki (2003). *A boa-vida – visita guiada às casas da modernidade.* Barcelona: editorial Gustavo Gili, SA. Casa

**Abrams**, Charles (1966). *Housing in the Modern World, man's struggle for shelter in an urbanizing world.* Londres: Faber and Faber Limited.

**Aguirre Arias**, Beatriz, **Castillo Fernández,** Simón (2004). *El espacio público moderno. Sueños y realidades de Karl Brunner en Santiago de Chile, 1929-9134.* Revista Electrónica DU&UP. Diseño Urbano y Paisaje Volumen, nº3.

**Andreoli,** Elisabetta, **Forty**, Adrian (2004). *Arquitectura Moderna Brasileira.* Londres, Nova Yorque: Phaidon Press Limited.

**Ascher**, François (2001). *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico.* Lisboa, 2010: Livros Horizonte.

**Ascher,** François (2005). Le mouvement dans les sociétés hypermodernes. Consult. em 20 de Junho 2010, disponível em http://www.lemonde.fr/savoirs-et-connaissances/article/2005/12/29/francois-ascher-le-mouvement-dans-les-societes-hypermodernes_725360_3328.html

**Aravena,** Alejandro (2002). *El lugar de la arquitectura.* Santiago do Chile: ARQ edições.

**Aravena,** Alejandro (2004). *Elemental, Building Innovative Social Housing in Chile.* Harvard Design Magazine, On Public Service, nº21.

**Aravena**, Alejandro (2006). *"Quinta Monroy", Elemental, Iquique.* Revista Casabella, 742.

**Aravena,** Alejandro (2007) *Charla de Alejandro Aravena en los Quintos Encontros Internacionales de Arquitectura en Santiago de Compostela* (Consult. em 15 Outubro 2009), disponível em http://www.vimeo.com/649598

**Aravena,** Alejandro (2008) *Elemental canal 13, Trienal de Milan* (Consult. em 20 de Outubro 2009), disponível em http://www.vimeo.com/1073609.

**Aravena,** Alejandro (2009). *Conjunto habitacional "Quinta Monroy", Elemental, Iquique* Revista ARQ/A, Espaços Públicos, 73.

*Atelier 5, Einfuhrung von* (2000). Basileia: Birkhauser – Verlag fur Architektur.

**Aubertin,** Christophe (2009). *Architecture High Low-Tech, Centre de formation pour électriciens et trois maisons, Bangladesh.* Ecologik, architecture, ville, société, énergie p.40-49

**Bandeirinha**, José António (2007). *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

**Banham,** Reyner (1975). *Theory and Design in the First Machine Age.* Londres: The Architectural Press.

**Banham,** Reyner (1976). *Megaestructuras, futuro urbano del pasado reciente* (Ramón Font trad.). Barcelona: Gustavo Gili.

**Bartsch**, Hans-Werner, **Buschmann,** Martha, **Stuby,** Gerhard, **Wulff,** Erich (1976). *CHILE, livro negro.* Portugal: editora Liber.

**Biagi**, Marco (2007). *Alejandro Aravena, progettare e costruire.* Milão: editora Electa.

**Bingre**, Pedro (2008) *1965: O ano da morte do urbanismo português. A figura do loteamento privado e o seu efeito sobre o território*. Jornal dos Arquitectos, Política, nº 232. p.18-21

**Bingre,** Pedro (2009) *A galinha dos ovos de cimento.* Arquitectura 21, Crise, nº2. p.24-25

**Blauvelt,** Andrew (ed.). (2008). *Worlds Away, New Suburban Landscapes.* Minneapolis: Publicações do Walker Art Center.

**Bo Bardi,** Lina, **Van Eyck,** Aldo (1997). *Museu de Arte de São Paulo, 1957-1968.* São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, Editorial Blau.

**Browne,** Patricio (2003). *Formal o informal?* ARQ, Arquitectura, Diseño, Urbanismo, Chile. Lecturas politicas, nº53. p.48-51

**Capela**, José (2008) *Arquitectura Politica.* Jornal dos Arquitectos, Política, nº 232. p.30, 31 biblio

**Castells,** Manuel (1973). *Movimiento de pobladores y lucha de clases en Chile*. Revista *EURE*, Volumen 3, n°7,. pp. 9-35.

**Castillo Couve,** Maria José (2009) *Producción y Gestión Habitacional de los Pobladores. Participación desde abajo en la construcción de vivienda y barrio en Chile*

**Castillo Velasco**, Fernando (1971). *Experiencias de un arquitecto: Entrevista a Don Fernando Castillo Velasco, por Adriana Valdés.* Revista Aisthesis, nº6. P-123-128

**Castillo Velasco**, Fernando (1994). *Renovación urbana en periferia central de Santiago de Chile: Comunidad Andalucía, Proyecto Gestión y Construcción.* Santiago do Chile: ICI.

**Castillo Velasco,** Fernando (2007). *entrevista 110.* Revista Cientodiez, discussón, difusión y critica de arquitectura, Politica: 1 Poder, volume 6. Consult. 15 de Maio de 2010, disponível em: http://cientodiez.cl/revistas/vol06/Fernando%20Castillo%20Velasco.html

**Conde,** Luiz Paulo, **Magalhães,** Sérgio (2004). *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Viver-Cidades. Centro de estudos

**Cook,** Peter, editor (1972) *Archigram.* New York, 1999: Princeton Architectural press.

**Cruz,** Teddy (2008). *Cross-Border Suburbias.* Revista MONU, Border Urbanism, 8. p.70-81

**Damer,** Seán, **Hague**, Cliff (1971). *Public Participation in Planning: a Review.* Liverpool: University Press.

**Davidoff,** Paul (1965). *Advocay and pluralism in planning.* In The City Reader. Edição de Richard LeGates e Frederic Stout. (1996) Londres, Nova Yorque: Taylor and Francis Group. p.424-433

**Davidoff,** Paul (1967). *Democratic Planning.* In (Re)reading perspecta, The First 50 years of the Yale Architectural Journal. Edição de Stern, Robert, Plattus Alan e Deamer Peggy (2004). Cambridge: The MIT Press. p.248-250

**De Carlo,** Giancarlo (1980). *An Architecture of Participation.* In (Re)reading perspecta, The First 50 years of the Yale Architectural Journal. Edição de Stern, Robert, Plattus Alan e Deamer Peggy (2004). Cambridge: The MIT Press. p.396-400

**Debord**, Guy (1967). *A sociedade do espectáculo.* (Railton Sousa Guedes trad.) Brasil: ebooks-brasil.com

**Delimbeuf,** Katya (2009). *Entrevista a Alejandro Aravena.* Jornal Expresso, Revista Única, nº1925. p.78-81

**Eco,** Umberto (1962). *A obra aberta* (João Rodrigo Narciso Furtado, trad.). Lisboa: Difel.

**Fathy,** Hassan (1969). *Arquitectura para os Pobres, uma experiência no Egipto Rural* (Joana Pedroso Correia trad.). Lisboa: Argumentum.

**Fernández Cox,** Cristián (2004). *Cultural Assertiveness, an effective and practical attitude towards an identity in architecture.* Consult. 18 de Janeiro de 2010, disponível em http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.055/515.

*Ferias Libres como pégolas urbanas* (2008). Consult. 10 de Novembro de 2009, disponível em http://www.vimeo.com/753366.

**Ferreira**, José Medeiros (1994). *História de Portugal, Oitavo Volume: Portugal em Transe (1974-1985).* Círculo de Leitores.

**Forray,** Rosanna (2007). *Participación: compartir los poderes de decisión y acción sobre la ciudad*. Edição de Maria José Castillo y Rodrigo Hidalgo: 1906-2006. Cien años de politica de vivienda en Chile. UNAB-UC, GEO Libros, Santiago. p.129-149

**Furtado**, Gonçalo (2009). *Breves notas sobre o Encerro, o espaço público na condição urbana contemporânea.* Revista ARQ/A, Espaços Públicos, 73.

**Furtado,** Gonçalo, **Povoas**, Rui (eds.) (2009). *Cedric Price's Generator: The Frazers' Collection.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

**Gadanho**, Pedro (2007). *Resurgirá de nuevo el sur? (sobre la emergência de la emergência).* Revista 2GDossier, Iberoamérica, arquitectura emergente.

**Garcia-Huidobro,** Fernando, **Torriti**, Diego Torres, **Tugas**, Nicolas (2008) *!El Tiempo Construye! El Proyecto Experimental de Vivienda (PREVI) de Lima: génesis y desenlace.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

**Gauzin-Muller**, Dominique (2008). *La beauté n'est pás un luxe, mais une nécessité.* Ecologik, Architectures et urbanisme eco-responsables, 1. p.63-72

**Grande**, Nuno (2005). *Arquitectura & Não.* Casal de Cambra: edição Caleidoscópio, SA.

**Grande,** Nuno (2007*) A (infra) estrutura como instrumento hedonista: de Cedric Price a Rem Koolhaas.* Jornal dos Arquitectos, Infra-estruturas, nº 225. p.50-53

**Grande**, Nuno (2008) *Simpatia pelo Diabo: Arquitectura e Contracultura à volta de 68*. Jornal dos Arquitectos, Política, nº 232. p.32-35

**Grande**, Nuno (2009) *Como arquitectos, devemos procurar ser.* Consult 20 Agosto 2010. Disponível em http://www.revarqa.com/content/1/302/nuno-grande/

**Grande**, Nuno (2009) *Arquitecturas da cultura: politica, debate, espaço – Génese dos grande Equipamentos Culturais da Contemporaneidade Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura a apresentada ao Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

**Gesta,** Alexandra (2006). *Guimarães, Política e cidadania*. Arquitectura e Vida, nº70. p.33-38

**Guarneri,** Andrea Bocco (2003). *Bernard Rudofsky, A Humane Designer.* Viena: SpringerWien-NewYork.

**Habraken,** Nicholas John (1962). *El diseño de soportes.* Barcelona, 1979: Editorial G.Gili.

**Hatch**, C. Richard (1984). *The Scope of Social Architecture*. Nova Yorque: editado por Van Nostrand Reinhold.

**Hidalgo,** Rodrigo (2007). *Cien años de politica de vivienda social, cien años de expulsión de los pobres a la periferia de Santiago.* Edição de Maria José Castillo y Rodrigo Hidalgo: 1906-2006. Cien años de politica de vivienda en Chile. UNAB-UC, GEO Libros, Santiago. p.51-63

**Hubner**, Peter (2008). *Construire ensemble selon Hubner.* Ecologik, Architectures et urbanisme eco-responsables, nº1.

**Huizinga**, Johan (1938) *Homo Ludens.* (João Paulo Monteiro trad.) São Paulo: Editora Perspectiva

**Hughes**, Jonathan, **Sadler**, Simon, editors (2000). *Non-Plan, essays on freedom participation and change in modern architecture and urbanism.* Oxford: Architectural Press.

**Innerarity**, Daniel (2009). *Recuperar el porvenir.* Consult. 18 Maio 2010, disponível em http://www.elpais.com/articulo/opinion/Recuperar/porvenir/elpepiopi/20090517elpepiopi_4/Tes

**Jacobs**, Jane (1961). *The death and life of great american cities – the failure of town planning.* Middlesex, England: Penguin Books.

**Judt,** Tony (2005). *Postwar; A history of Europe since 1945.* London: Penguin Press.

**Judt,** Tony (2010). *Revolutionaires.* Consult. 25 Julho 2010, disponível em *http://www.nybooks.com/blogs/nyrblog/2010/feb/10/revolutionaries/*

**Kampfner,** John (2009). In Courrier Internacional, Janeiro 2010, n 16.

**Koolhaas,** Rem, **Mau**, Bruce (1995). *Small, Medium, Large, Extra-Large, Office for Metropolitan Architecture.* Rotterdam: Edited by Jennifer Sigler, 010 Publishers.

**La Grange,** Christian (2008). *Habitat Plume, mobile, léger, écologique.* Editora Terre vivante.

*La Renca, Inauguración del proyecto, Antumalal* (2008). Consult. 10 de Novembro de 2009, disponível em http://www.vimeo.com/1154704.

**Lamers-Schutze,** Petra (Coord.). (2006). *Teoria da Arquitectura – Do Renascimento até aos nossos dias.* Colónia: editorial Taschen.

**Lamas,** José M. Ressano Garcia (1989). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.* Porto, 2004: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

**Langworth**, Richard (2008). *Democracy is the worst form of Government...* In Churchill by Himself: The Definitive Collection of Quotations. Consul. Consult. 25 Agosto 2010. Disponível em *http://richardlangworth.com/2009/06/democracy-is-the-worst-form-of-government/*

**Lebesque,** Sabine, **Fentener van Vlissingen**, Helene (1999). *Yona Friedman, Structure Serving the Unpredicable.* Roterdão: Nai Publishers

**Machado,** Rodolfo, editor (2003). The Favela-Bairro Project, Jorge Mario Jáuregui Architects. Harvard Design School.

**Matos**, Helena (2009) *Ser Rico à Esquerda.* Jornal dos Arquitectos, Ser Rico, 235. p.21

**Magalhães**, Sérgio (2002). *Sobre a Cidade, habitação e democracia no rio de Janeiro.* São Paulo: Proeditores Associados Ltda.

*Montaje Prototipo Trienal de Milan (2008).* Consult. em 20 de Outubro 2009, disponível em http://www.vimeo.com/1123031.

**Montaner**, Josep Maria (2001). *Depois do movimento moderno, Arquitectura da segunda metade do século XX.* Barcelona: Gustavo Gili.

**Montaner,** Josep Maria (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

**Montero,** Marta Íris (2001). *Burle Marx, El paisaje lírico.* Cidade do México: Gustava Gili, SA.

**Moreira,** Fernando Diniz (2008). *Le Corbusier na Terra das "serpentes gigantes" sobre paisagem e arquitectura moderna.* Cadernos de Arquitectura e Urbanismo, volume 15, nº16. p. 60-77

**Mumford**, Eric (2000). *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960.* Massachusetts: MIT Press.

**Neto,** Pedro (2009). *Bairro de lata: Inspiração em tempos de crise?* Prova Final para Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

**Oliveira,** Olívia (2006) *Lina Bo Bardi, Sutis substâncias da arquitetura.* São Paulo: Editora Romano Guerra. M.B.20.3

**Paz Branco**, J.; *Auto-Construção, Alguns conselhos e indicações.*

**Pérez de Arce**, Rodrigo (2003) *El médio y la mensaje.* ARQ, Arquitectura, Diseño, Urbanismo, Chile. Lecturas politicas, nº53. p.11-14

**Pérez de las Heras,** Nerea. (2009) *En Lisboa la cuestión es el tiempo y no el diñero. Experimenta 09 certifica el "revival" de la fabricación artesanal.* Consult. 18 Março 2010, disponível em http://www.elpais.com/articulo/Tendencias/Lisboa/cuestion/tiempo/dinero/elpeputec/20091001elpepitdc_1/Tes.

**Pérez**, Fernando, **Aravena**, Alejandro, **Quintanilla**, Chala (1999). *Los hechos de la arquitectura.* Santiago do Chile: ARQ edições.

**Portas**, Nuno (1987). *Conceitos de Desenvolvimento Urbano.* Jornal dos Arquitectos, da TRAÇA ao TRAÇADO, 56/57.

**Portas**, Nuno (2002). *A habitação colectiva nos ateliers da Rua da Alegria.* Jornal dos Arquitectos, A questão do alojamento 1, 48-52.

**Portas,** Nuno (2005). *Arquitectura(s), História e Critica, Ensino e Profissão.* Porto: editor e coordenador Manuel Mendes, FAUP.

**Portas**, Nuno, **Grande**, Nuno (2006). *Entre a crise e a critica da cidade moderna, a experiência portuguesa no contexto Internacional.* Lisboscópio, representação oficial Portuguesa na 10ª exposição internacional de Arquitectura – Bienal de Veneza. p. 65-77

**Prado Coelho,** Alexandra (2010). *Chegou ao fim a era dos arquitectos-estrela.* Jornal O Público, Caderno P2, Ano XXI, nº7354. p.4-5

*Quinta Monroy, documentário del proyecto en Iquique, Chile* (2007). Consult. 10 de Novembro de 2009, disponível em http://www.vimeo.com/673851.
**Richardson**, Phyllis (2007). *XS Green: Big Ideas, Small Buildings.* Editorial Thames & Hudson.

**Risselada,** Max, **Heuvel**, Dirk van den (2005) *Team 10, 1953-1981, in search of a Utopia of the present*. Rotterdam: Nai Publishers.

**Rosas,** Fernando (1994). *História de Portugal, Sétimo Volume: O Estado Novo (1926-1974).* Círculo de Leitores.

**Rosas,** Fernando (2007). *Lisboa Revolucionária 1908-1975*. Edições Tinta da China.

**Rossi,** Aldo (1966) *A Arquitectura da Cidade.* Lisboa, 2001: Edição Cosmos.

**Rudofsky,** Bernard (1964). *Architecture Without Architects, A Short Introduction to Non-Pedigree Architecture.* Albuquerque: Imprensa da Universidade do Novo México.

**Rykwert,** Joseph. (1974). *La casa de Adán en el paraíso.* Barcelona: Gustavo Gili Edições, 2ª edição.

Sadler, Simon (1999). *The Situacionist City.* Cambridge/Massachusetts: The MIT Press.

**Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1981). *Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiros: Zahar Editores S.A.

**Santos,** Carlos Nelson Ferreira dos (1988). *A cidade como um jogo de Cartas.* São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda.

**Scott Brown,** Denise (2009). *Having Words.* London: AA Publications.

**Smithson,** Alison and Peter (2005). *The Charged Void: Urbanism.* New York: The Monacelli Press, Inc.

**Steele,** James (1997). *An Architecture for People, The Complete Works of Hassan Fathy.* London: Thames & Hudson. A.63.6

**Strauven,** Francis (1998). *Aldo Van Eyck, The Shape of Relativity.* Amsterdam: Architectura & Natura.

**Távora,** Fernando (1962). *Da organização do espaço.* Porto: Faup Publicações.

**Tafuri,** Manfredo (1985). *Projecto e utopia, arquitectura e desenvolvimento do capitalismo.* (Conceição Jardim e Eduardo Nogueira trad.) Lisboa: Editorial Presença

**Teotónio Pereira,** Nuno (1999). *Tempos, Lugares, Pessoas.* Matosinhos: Contemporânea, Jornal Público.

**Teotónio Pereira**, Nuno (1996). *Escritos (1947-1996, selecção).* Porto: Faup publicações.

**Turner,** John F.C., **Fichter**, Robert, editors (1972). *Freedom to Build, Dweller Control of the Housing Process.* New York: The Macmillan Company.

**Turner**, John F.C. (1976). *Housing By the people: towards autonomy a building environments.* Nova Iorque: Marion Boyers.

**Turner,** John F.C. (2002). *Reflections on scale and subsidiarity in urban development and poverty alleviation: A personal view of development by people.* Actas do the Urban Fórum 2002: Tools, Nuts & Bolts, at the World Bank, Washington DC.

**Tuscano,** Clelia (2003). *Giancarlo de Carlo and the italian context of Team 10*. Consult. 20 de Fevereiro de 2010, disponível em http://www.team10online.org/research/papers/delft2/tuscano.pdf

**Vasquez Z.**, Claudio (1992). *Monografia de Fernando Castillo Velasco* Trabalho de mestrado, dirigido Humberto Eliash Díaz, apresentado à Escola de Arquitectura da Pontifícia Universidade do Chile.

**Vidotto**, Marco (1997). *Alison + Peter Smithson. Obras y proyectos.* Barcelona: editorial Gustavo Gili, SA.

**Villaverde Cabral**, Manuel (2008). *Maio de 1968, uma revolução cultura.* In Visão história, nº1, p.98. Consult. 20 Julho 2010, disponível em http://www.scribd.com/doc/2829283/Maio-de-1968-Manuel-Villaverde-Cabral-

**Villaverde Cabral**, Manuel, **Costa**, Hélder (2008). *Maio de 68, Villaverde Cabral e Hélder Costa recordam "a festa".* Consult. 15 Agosto 2010, disponível em http://tv2.rtp.pt/noticias/?article=165605&visual=3&layout=10

**Wainwright**, Oliver (2010). *"It's hard to break a building that is already broken".* Icon, Janeiro. p.32tó-34.

**Waisman,** Marina (1985). Revista Summarios, 94.

**Zerán,** Faride (1998). *Tiempos que muerden: biografia inconclusa de Fernando Castillo Velasco.* Santiago do Chile: LOM.

## Filmografia

*It's a Wonderful life.* Realização de Frank Capra. RKO Radio Pictures, 1946. DVD.

*The Dreamers.* Relização de Bernardo Bertolluci. Fox Home Entertainment, 2003. DVD.

*La société du spetacle.* Realização de Guy Debord. Gaumont/Columbia/Tristar Home Video, 1973. DVD

*Taking Woodstock.* Realização de Ang Lee. Universal Studios Home Entertainment, 2009. DVD.

*12 Angry Men.* Realização de Sindey Lumet. MGM, 1957. DVD

## Links

http://www.cddc.vt.edu/sionline/index.html (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.thetinylife.com (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.infrastructurist.com (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.team10online.org/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.independentgroup.org.uk/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.cobra-museum.nl (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.jannieuwenhuys.com (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.theresponsivecity.org/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://archigram.westminster.ac.uk (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.alejandroaravena.com (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.elementalchile.cl/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.supersudaca.org (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.minvu.cl (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.plataformaarquitectura.cl (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.plataformaurbana.cl (Consultado em Agosto de 2010)
http://cientodiez.cl (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.portovivosru.pt/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.moma.org (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.byrnearq.com/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.habraken.com/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.jauregui.arq.br/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.archdaily.com/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.público.clix.pt/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.iadb.org/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.rightlivelihood.org/turner.html (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.pps.org/jjacobs-2/ (Consultado em Agosto de 2010)
http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/detail/155399.html (Consultado em Agosto de 2010)
http://vimeo.com/826932 (Consultado em Agosto de 2010)
http://culturgest.pt (Consultado em Agosto de 2010)
http://wochenklausur.at (Consultado em Agosto de 2010)
http://trienaldelisboa.com (Consultado em Agosto de 2010)

# Fontes de imagens

capa - esquisso de Yona Friedman. In Hughes, Jonathan, Sadler, Simon, editors (2000). p.110

fig.1 (14) http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/revolucionario68.jpg (Consult. Agosto de 2010)
fig.2 (14) http://www.compositiontoday.com/articles/berio.asp (Consult. Agosto de 2010)
fig.3 (14) http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/revolucionario68.jpg (Consult. Agosto de 2010)
fig.4 (22) http://dynamite.terra.com.br/blog/jukebox/post.cfm/maio-de-68-e-a-internet-devoradora
fig.5 (22) http://www.uff.br/obsjovem/mambo/images/stories/revolucionario68.jpg (Consult. Agosto de 2010)
fig.6 (22) Lamas, José M. Ressano Garcia (1989). p.393
fig.7 (28) Debord, Guy (1967). capa
fig.8 (28) http://libcom.org/library/society-of-the-spectacle-debord (Consult. Agosto de 2010)
fig.9 (30)Sadler, Simon (1999). p.60
fig.10 (30)Sadler, Simon (1999). p.79
fig.11 (32) Blauvelt, Andrew (ed.). (2008). p.103
fig.12 (32) Blauvelt, Andrew (ed.). (2008). p.110
fig.13 (32) Blauvelt, Andrew (ed.). (2008). p.54
fig.14 (36) Blauvelt, Andrew (ed.). (2008). p.174
fig.15 (36) http://www.infrastructurist.com/2009/02/10/how-to-save-the-suburbs (Consult. Agosto de 2010)
fig.16 (36) http://www.thetinylife.com/tag/little-boxes/ (Consult. Agosto de 2010)
fig.17 (36) Blauvelt, Andrew (ed.). (2008). p.174
fig.18 (38) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.60
fig.19 (40) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.31
fig.20 (40) Smithson, Alison and Peter (2005). p.28
fig.21 (40) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.33
fig.22 (40) Vidotto, Marco (1997). p.107
fig.23 (40) Smithson, Alison and Peter (2005). p.75
fig.24 (42) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.139
fig.25 (42) http://www.independentgroup.org.uk/ (Consult. Agosto de 2010)
fig.26 (42) http://www.independentgroup.org.uk/ (Consult. Agosto de 2010)
fig.27 (42) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.82
fig.28 (44) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.56
fig.29 (44) Strauven, Francis (1998). p.164
fig.30 (44) Strauven, Francis (1998). p.155
fig.31 (44) http://www.essential-architecture.com/STYLE/STY-127.htm (Consult. Agosto de 2010)
fig.32 (44) http://www.jannieuwenhuys.com/i-paint-the-way-i-laugh/ (Consult. Agosto de 2010)
fig.33 (46) Strauven, Francis (1998). p.147
fig.34 (46) Strauven, Francis (1998). p.387
fig.35 (46) Strauven, Francis (1998). p.384
fig.36 (46) Habraken, Nicholas John (1962). p.63
fig.37 (46) Habraken, Nicholas John (1962). p.48
fig.38 (46) Habraken, Nicholas John (1962). p.51
fig.39 (46) Habraken, Nicholas John (1962). p.179
fig.40 (46) Habraken, Nicholas John (1962). p.165
fig.41 (48) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.185
fig.42 (48) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.185
fig.43 (48) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.185
fig.44 (50) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.225
fig.45 (50) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.226
fig.46 (50) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.225
fig.47 (50) http://www.audacity.org/SM-26-11-07-01.htm (Consult. Agosto de 2010)
fig.48 (50) Banham, Reyner (1976). p.87
fig.49 (50) Furtado, Gonçalo, Povoas, Rui (eds.) (2009). p.28
fig.50 (50) Furtado, Gonçalo, Povoas, Rui (eds.) (2009). p.58
fig.51 (52) Hughes, Jonathan, Sadler, Simon, editors (2000). p.3
fig.52 (54) Hughes, Jonathan, Sadler, Simon, editors (2000). p.17
fig.53 (54) http://bombsite.com/issues/91/articles/2713 (Consult. Agosto de 2010)
fig.54 (54) Banham, Reyner (1976). p.56
fig.55 (54) Lebesque, Sabine, Fentener van Vlissingen, Helene (1999). p.30
fig.56 (54) Lebesque, Sabine, Fentener van Vlissingen, Helene (1999). p.31
fig.57 (56) Lebesque, Sabine, Fentener van Vlissingen, Helene (1999). p.32
fig.58 (56) http://www.revelinnewyork.com/blog/08/31/2009/archigram 56 (Consult. Agosto de 2010)
fig.59 (56) http://www.revelinnewyork.com/blog/08/31/2009/archigram (Consult. Agosto de 2010)
fig.60 (56) http://archigram.westminster.ac.uk/project.php?id=56 (Consult. Agosto de 2010)
fig.61 (56) Cook, Peter, editor (1972) p.53
fig.62 (58) Hughes, Jonathan, Sadler, Simon, editors (2000). p.109
fig.63 (58) Hatch, C. Richard (1984). p.56
fig.64 (58) Hatch, C. Richard (1984). p.56

fig.65 (58) Hatch, C. Richard (1984). p.49
fig.66 (58) Hatch, C. Richard (1984). p.60
fig.67 (60) Hatch, C. Richard (1984). p.49
fig.68 (62) Bandeirinha, José António (2007). p.56
fig.69 (62) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.201
fig.70 (62) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.217
fig.71 (64) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.222
fig.72 (64) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.221
fig.73 (64) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.223
fig.74 (64) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.223
fig.75 (64) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.221
fig.76 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.222
fig.77 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.106
fig.78 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.106
fig.79 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.108
fig.80 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.125
fig.81 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.127
fig.82 (66) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.86
fig.83 (70) Rudofsky, Bernard (1964). capa
fig.84 (70) Guarneri, Andrea Bocco (2003). p.50
fig.85 (70) Rudofsky, Bernard (1964). p.54
fig.86 (70) Guarneri, Andrea Bocco (2003). p.96
fig.87 (70) Guarneri, Andrea Bocco (2003). p.154
fig.88 (72) Rudofsky, Bernard (1964). p.51
fig.89 (72) Risselada, Max, Heuvel, Dirk van den (2005). p.22
fig.90 (74) Fathy, Hassan (1969). p.27
fig.91 (74) Fathy, Hassan (1969). p.26
fig.92 (74) Fathy, Hassan (1969). p.77
fig.93 (76) Fathy, Hassan (1969). p.64
fig.94 (76) Fathy, Hassan (1969). p.80
fig.95 (76) Fathy, Hassan (1969). p.19
fig.96 (76) Fathy, Hassan (1969). p.23
fig.97 (78) Fathy, Hassan (1969). p.115
fig.98 (78) Steele, James (1997). p.176
fig.99 (78) Steele, James (1997). p.114
fig.100 (78) Abrams, Charles (1966). p.112
fig.101 (78) Abrams, Charles (1966). p.112
fig.102 (82) Portas, Nuno (2002). p.50
fig.103 (82) http://www.byrnearq.com/
fig.104 (84) Rosas, Fernando (1994). p.553
fig.105 (84) Ferreira, José Medeiros (1994). p.27
fig.106 (86) Bandeirinha, José António (2007). p.385/386
fig.107 (86) Bandeirinha, José António (2007). p.410/412
fig.108 (92) Bandeirinha, José António (2007). p.45
fig.109 (92) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.41
fig.110 (100) Montaner, Josep Maria (2001). p.130
fig.111 (100) Montaner, Josep Maria (2001). p.130
fig.112 (96) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.113 (96) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.114 (96) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.115 (96) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.116 (98) Turner, John F.C. (1976). 139
fig.117 (98) Turner, John F.C. (1976). 63
fig.118 (98) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.119 (100) Atelier 5, Einfuhrung von (2000). p.57
fig.120 (100) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.43
fig.121 (100) Montaner, Josep Maria (2001). p.133
fig.122 (100) Montaner, Josep Maria (2001). p.133
fig.123 (100) Strauven, Francis (1998). p.546
fig.124 (102) Strauven, Francis (1998). p.547
fig.125 (102) Strauven, Francis (1998). p.547
fig.126 (102) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.86
fig.127 (102) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.50
fig.128 (102) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.16
fig.129 (104) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.17
fig.130 (104) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.43
fig.131 (104) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.47
fig.132 (106) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.32/33
fig.133 (106) Garcia-Huidobro, Fernando, Torriti, Diego Torres, Tugas, Nicolas (2008). p.32/33
fig.134 (108) Montero, Marta Íris (2001). p.46
fig.135 (108) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.42
fig.136 (22) Lamas, José M. Ressano Garcia (1989). p.275

fig.137 (110) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.46
fig.138 (110) Andreoli, Elisabetta, Forty, Adrian (2004) p.25
fig.139 (110) Andreoli, Elisabetta, Forty, Adrian (2004) p.35
fig.140 (110) Bo Bardi, Lina, Van Eyck, Aldo (1997). p.5
fig.141 (112) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.31
fig.142 (112) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.37
fig.143 (114) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.39
fig.144 (114) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.39
fig.145 (114) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.39
fig.146 (116) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.68
fig.147 (116) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.69
fig.148 (116) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). p.73
fig.149 (118) Santos, Carlos Nelson Ferreira dos (1981). capa
fig.150 (120) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.69
fig.151 (120) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.61
fig.152 (120) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.61
fig.153 (120) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.47
fig.154 (122) Machado, Rodolfo, editor (2003). p.138
fig.155 (122) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.79
fig.156 (122) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.25
fig.157 (122) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.143
fig.158 (124) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.85
fig.159 (124) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.85
fig.160 (124) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.85
fig.161 (124) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.103
fig.162 (126) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.86
fig.163 (126) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.86
fig.164 (126) Conde, Luiz Paulo, Magalhães, Sérgio (2004). p.106
fig.165 (126) Magalhães, Sérgio (2002). p.63
fig.166 (128) Turner, John F.C., Fichter, Robert, editors (1972). 293
fig.167 (130) Bartsch, Hans-Werner, Buschmann, Martha, Stuby, Gerhard, Wulff, Erich (1976). p.131
fig.168 (130) Zerán, Faride (1998). p.98
fig.169 (130) Zerán, Faride (1998). p.26
fig.170 (130) http://www.plataformaurbana.cl
fig.171 (130) http://www.plataformaurbana.cl
fig.174 (134) Zerán, Faride (1998). p.64
fig.172 (134) Castillo Velasco, Fernando (2007).
fig.173 (134) Zerán, Faride (1998). p.64
fig.175 (134) Castillo Velasco, Fernando (1994). p.32
fig.177 (134) Castillo Velasco, Fernando (1994). p.34
fig.176 (134) Castillo Velasco, Fernando (1994). p.34
fig.178 (136) Montaner, Josep Maria (2008). p.142
fig.179 (136) Montaner, Josep Maria (2008). p.142
fig.180 (136) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.181 (140) Aravena, Alejandro (2009).
fig.182 (140) Aravena, Alejandro (2009).
fig.183 (142) Aravena, Alejandro (2009).
fig.184 (142) Biagi, Marco (2007). p.93
fig.185 (142) Biagi, Marco (2007). p.93
fig.186 (142) Biagi, Marco (2007). p.93
fig.187 (142) http://www.elementalchile.cl/viviendas/quinta-monroy/quinta-monroy/# (Consult. Agosto de 2010)
fig.188 (142) http://www.elementalchile.cl/viviendas/quinta-monroy/quinta-monroy/# (Consult. Agosto de 2010)
fig.189 (144) Aravena, Alejandro (2009).
fig.190 (144) http://www.elementalchile.cl/viviendas/renca/renca/# (Consult. Agosto de 2010)
fig.191 (144) http://www.elementalchile.cl/viviendas/renca/renca/# (Consult. Agosto de 2010)
fig.192 (144) Biagi, Marco (2007). p.102
fig.193 (144) Biagi, Marco (2007). p.102
fig.194 (146) http://www.elementalchile.cl/viviendas/renca/renca/# (Consult. Agosto de 2010)
fig.195 (146) Monterrey - http://www.elementalchile.cl/viviendas/monterrey-las-anacuas/#
fig.196 (146) Monterrey - http://www.elementalchile.cl/viviendas/monterrey-las-anacuas/#
fig.197 (146) Ferias libres - http://www.elementalchile.cl/publicos/ferias-libres/ferias-libres/
fig.198 (146) Ferias libres - http://www.elementalchile.cl/publicos/ferias-libres/ferias-libres/
fig.199 (146) Ferias libres - http://www.elementalchile.cl/publicos/ferias-libres/ferias-libres/
fig.200 (154) aravena - http://www.archdaily.com/wp-content/uploads/2009/06/536994254_aa-cover.jpg
fig.201 (154) Hughes, Jonathan, Sadler, Simon, editors (2000). p.10
fig.202 (160) Aubertin, Christophe (2009).
fig.203 (160) Aubertin, Christophe (2009).
fig.204 (160) Gauzin-Muller, Dominique (2008).
fig.205 (162) Cruz, Teddy (2008).
fig.206 (162) Cruz, Teddy (2008).
fig.207 (164) Montaner, Josep Maria (2001). p.234
fig.208 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro

fig.209 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.210 (166) Arquivo pessoal
fig.211 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.212 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.213 (168) http://www.portovivosru.pt/
fig.214 (168) http://www.portovivosru.pt/
fig.215 (168) http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/147
fig.216 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.217 (166) Fotografia cedida por Catarina Ribeiro
fig.218 (170) http://culturgest.pt
fig.219 (170) http://culturgest.pt
fig.220 (172) arquivo pessoal
fig.221 (172) arquivo pessoal
fig.222 (172) http://trienaldelisboa.com
fig.223 (172) http://trienaldelisboa.com
fig.224 (172) http://trienaldelisboa.com